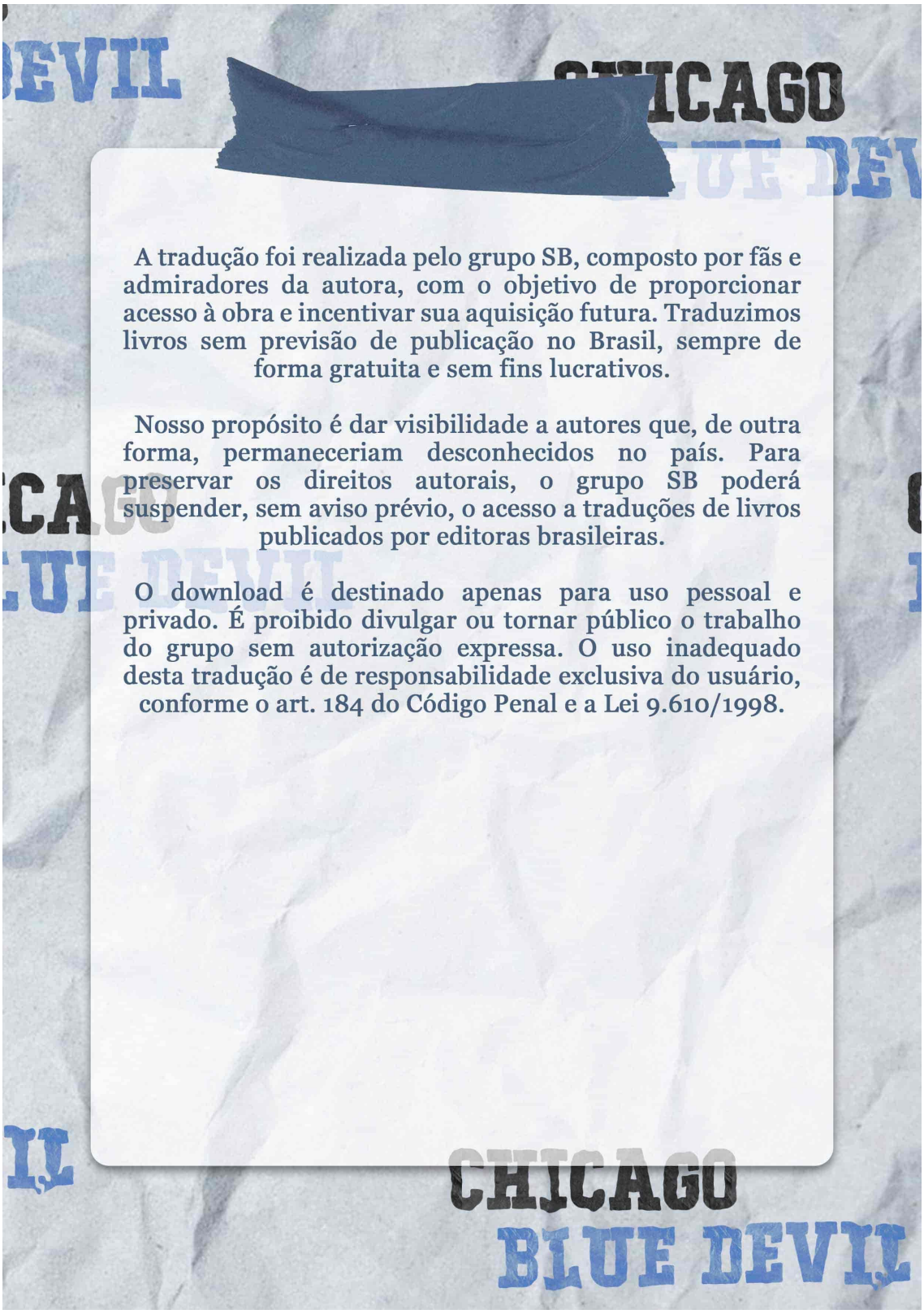

CHICAGO
PLAY THE GAME
USA TODAY BESTSELLING AUTHOR
S.J. SYLVIS

PLAY THE GAME





A tradução foi realizada pelo grupo SB, composto por fãs e admiradores da autora, com o objetivo de proporcionar acesso à obra e incentivar sua aquisição futura. Traduzimos livros sem previsão de publicação no Brasil, sempre de forma gratuita e sem fins lucrativos.

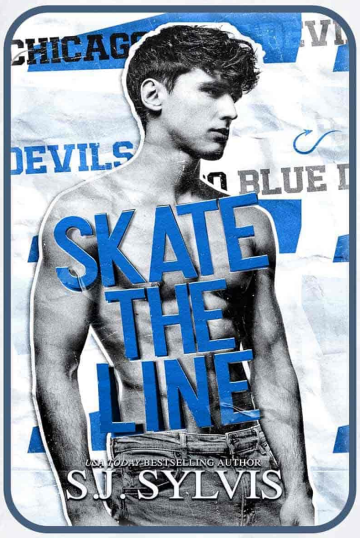
Nosso propósito é dar visibilidade a autores que, de outra forma, permaneceriam desconhecidos no país. Para preservar os direitos autorais, o grupo SB poderá suspender, sem aviso prévio, o acesso a traduções de livros publicados por editoras brasileiras.

O download é destinado apenas para uso pessoal e privado. É proibido divulgar ou tornar público o trabalho do grupo sem autorização expressa. O uso inadequado desta tradução é de responsabilidade exclusiva do usuário, conforme o art. 184 do Código Penal e a Lei 9.610/1998.

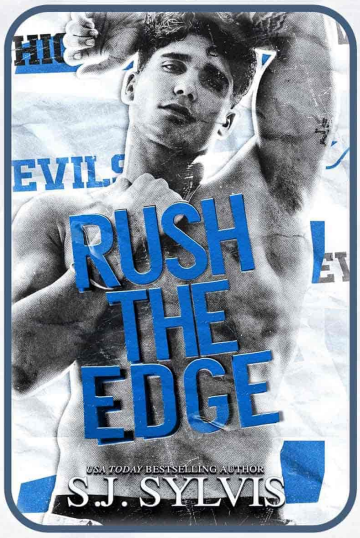
#1


CHICAGO
PLAY THE GAME
USA TODAY BESTSELLING AUTHOR
S.J. SYLVIS

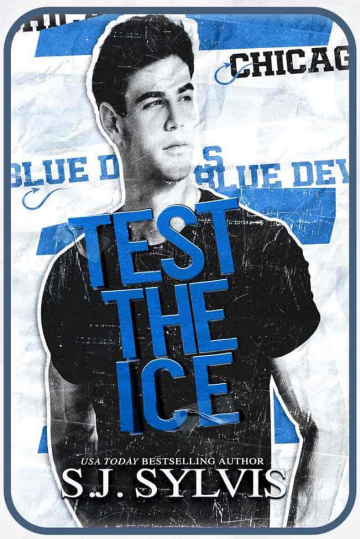
#2


SKATE THE LINE
USA TODAY BESTSELLING AUTHOR
S.J. SYLVIS

#3


RUSH THE EDGE
USA TODAY BESTSELLING AUTHOR
S.J. SYLVIS

#4


TEST THE ICE
USA TODAY BESTSELLING AUTHOR
S.J. SYLVIS



Não há nada errado em jogar o jogo, exceto quando você sabe que está prestes a perder.

Quando era pequena, sonhava em ser muitas coisas. Uma fotógrafa de vinte e cinco anos lutando para pagar as contas com uma montanha de dívidas judiciais não era uma delas. Tomar decisões duvidosas também não.
Depois de pendurar a câmera, começo um emprego que detesto e que me faz questionar minha moral todos os dias. Até que dou de cara com o mais novo bad boy goleiro de Chicago, cuja reputação é um trem descarrilado, Emory Olson.

Num ato desesperado para quitar minhas dívidas, encurralo Emory e tento explorá-lo. Quando meu plano dá com a cara na parede, não só ganho um novo inimigo de olhos azuis gélidos e talento para o jogo, mas um homem agora em missão com um plano insano próprio.
Case comigo.

Os termos são simples: eu me caso com Emory e finjo ser a esposa apaixonada diante da imprensa para limpar a imagem dele, e ele quita minha dívida quando o serviço acabar. Mas agora, em vez das contas me manterem acordada à noite, me pego fantasiando sobre meu marido falso e seu olhar diabólico.
Ele me manda jogar o jogo, mas quando as linhas começam a se borrar e seus toques demoram, não sei mais o que é real ou falso. A atração escaldante e a química ardente entre nós não cabem mais na caixa.

Emory Olson diz que nunca perde, e ao fim do nosso jogo de casamento, tenho quase certeza de que não sou exceção.

para minhas meninas TU <3

Prólogo

Emory

Porra.

Um par de olhos estreitados me encara do outro lado da mesa, e meu estômago se contrai. O ar fica preso em meus pulmões, e tudo o que quero é soltar uma enxurrada de palavrões no espaço vazio entre nós. É uma suposição comum que goleiros de hóquei têm temperamento forte, e eu não sou exceção. No entanto, considerando as últimas semanas, faço o meu melhor para me controlar e não me meter em problemas ainda maiores.

— Então? — pergunta Joseph Curry, meu novo agente, com sua assistente ao lado.

Pisco várias vezes antes de abrir a boca, deixando minha voz rouca ecoar contra seus ouvidos.

— Bem — retruco —, não tenho muita escolha, não é?

A assistente de Curry se sobressalta em sua cadeira. Não lhe dou atenção, pois, após as recentes acusações, tenho dificuldade em confiar em qualquer mulher.

— Na verdade, não — responde Joseph, deslizando um papel sobre a mesa.

Assim que leio a oferta, solto um riso de desdém. É a única oferta, então ele está certo. Não tenho escolha.

O bônus de assinatura é razoável, e o salário é mais do que a maioria das pessoas ganha em uma vida inteira. Não está muito longe do que me ofereceram no início do último ano, mas o Chicago Blue Devils não tem nenhum prestígio. Eles não são tão respeitados quanto outros times da liga, e têm uma reputação — uma que agora eu encaixo, porque também tenho um histórico.

No último mês, não apenas me vi algemado, mas agora carrego uma carga de agressividade e ressentimento correndo pelas veias.

Fui dispensado do New York Coyotes por minhas *péssimas* escolhas, e, para piorar, metade das coisas que saíram na mídia nem são verdadeiras.

Flashes daquela noite surgem enquanto encaro o contrato sob meus dedos. A lembrança da música alta do clube se mistura com as batidas do meu coração, e olho para as pequenas cicatrizes no meu antebraço, causadas pelos estilhaços de vidro que voaram pelo ar durante a confusão em que fui arrastado *e* culpado.

— Tudo bem — rosno finalmente, afastando os pensamentos com um movimento brusco da cabeça.

Minha assinatura é apenas um borrão enquanto empurro o papel pela mesa lisa da sala de conferências.

Levanto-me abruptamente, e embora Joseph devesse se intimidar com meu corpo de 1,85 metro e meu olhar furioso, ele imita meus movimentos e estende a mão para um aperto.

Minha mandíbula se trava enquanto aperto sua mão com força, e a assistente, tímida, fala atrás de mim:

— Vou enviar o cronograma de treinos e uma lista de casas disponíveis na região.

Ela continua falando e dando instruções enquanto me viro de costas. Antes que a porta bata, ouço-a gritar:

— O Chicago Blue Devils está feliz por tê-lo no time!

Um som sarcástico escapa de mim, porque *claro* que estão. Fui escolhido na primeira rodada do draft, logo após a universidade, e fui um dos primeiros novatos a ter um tempo considerável no gelo durante a temporada. Sou habilidoso, e sei disso.

Mas talento não vale nada quando sua reputação está completamente destruída. Meus pais continuam me lembrando que poderia ter sido pior, que a liga poderia ter me banido por completo, mas optaram por não fazer isso — o que é ótimo, considerando que levei a culpa por uma briga que não tinha nada a ver comigo.

Minha irmã diz que eu deveria agradecer às estrelas por ainda haver um time que me quer, e todos os meus ex-colegas de Bexley U, incluindo o noivo da minha irmã e meu melhor amigo, concordam — mesmo acreditando na minha versão da história, que a mídia finge não existir.

Eu deveria apenas jogar o jogo e ser grato por ainda estar na liga profissional, mas estou furioso e me sinto enganado.

A única coisa que consigo pensar em fazer com esses dois sentimentos é colocá-los todos no gelo.

Então, sim, o Blue Devils *deveria* estar feliz por me ter, porque vou destruir cada maldito time que enfrentarmos nesta temporada.

Um

Scottie

Encontro o olhar de Kitty — sim, esse é o nome verdadeiro dela, acredite ou não - pelo espelho.

— Como está lá fora? — pergunto.

Ela revira os olhos verdes brilhantes, delineados com carvão.

— Lotado. É melhor você ir logo, ou Russ vai vir aqui te dar uma bronca.

Que se dane o Russ.

Um suspiro suave escapa dos meus lábios pintados, e uma pontada de decepção cresce a cada turno que faço no Cat House.

Não se engane com o nome, achando que é algum tipo de santuário para gatinhos.

É mais um santuário para homens excitados que gostam de se satisfazer assistindo mulheres em postes, que lançam sorrisos sedutores em sua direção. Minhas colegas merecem o Oscar por fingirem interesse diante de seus membros semi-erguidos e sorrisos nauseantes.

Os nervos corroem minha pele exposta, e meus olhos marejam quando vejo meu reflexo. Estou usando apenas um sutiã rosa minúsculo e uma calcinha combinando. Sou totalmente a favor de apoiar outras mulheres. Se o objetivo de vida delas é ser dançarina exótica, então eu as apoiarei dia após dia.

Para mim? Não é um objetivo ou um sonho. É um pesadelo. Assim como essa peruca castanho avermelhada na minha cabeça.

A única vantagem? Dinheiro rápido.

— Quer uma carreira? — Chastity despeja um pó branco sobre sua penteadeira, e eu rapidamente desvio o olhar.

Kitty a repreende com um suspiro exasperado.

— Você sabe que Cherry não usa esse tipo de coisa.

Afasto qualquer memória que tenta surgir. Se não me fizesse parecer louca, eu tamparia os ouvidos com as mãos, como fazia quando criança. Assim, poderia bloquear o som de inalação, mas, em vez disso, mantenho-me composta, com as mãos ao lado do corpo, equilibrando-me em saltos altos demais.

O cheiro do perfume de Chastity corta seu aroma alcoólico, e ela funga mais algumas vezes antes de se aproximar e passar o braço pela minha cintura. O cinto de castidade metálico dela bate contra meu quadril enquanto ela balança a chave na frente do meu rosto.

— Sabe o que vai nos render boas gorjetas?

Russ coloca a cabeça na porta do camarim, sem nenhum respeito pela nossa privacidade. Por outro lado, estamos seminuas no palco, então dou um desconto.

— Além desse cinto de castidade atraente que você está usando? — ele diz, intrometendo-se na nossa conversa.

Chastity joga o cabelo por cima do ombro e cora com o elogio meia boca.

— É uma ideiazinha inteligente para combinar com meu nome artístico, não acha?

Ela não espera a resposta de Russ. Em vez disso, vira-se para mim e balança a pequena chave dourada na minha frente novamente. Meus olhos acompanham o movimento, como se fosse um pêndulo.

— Coloque isso entre seus seios.

— O quê? — Encaro seu rosto cheio de maquiagem.

Ela arqueia uma sobrancelha e sorri com malícia.

— Se quer mais gorjetas, coloque isso entre esses seios maravilhosos e deixe que eles peguem para abrir meu cinto.

Russ bate palmas.

— Isso é brilhante pra caralho. Tem um grupo inteiro de jogadores de hóquei lá fora que vai pirar. Eles vão adorar roçar nesses seios.

Jogadores de hóquei.

— E a regra de não tocar? — pergunto, claramente em pânico.

— Pare de pressioná-la a fazer coisas que ela não quer — Kitty empurra Russ para o lado. Ela arranca a chave da mão de Chastity e a coloca entre seus próprios seios.

Solto o ar, e fica óbvio para todos no camarim que estou desconfortável. Meu chefe cruza os braços e me lança um olhar de desaprovação, mas mal sabe ele que eu me olho com decepção todos os dias, então meus sentimentos não estão nem um pouco feridos.

— Levante a cabeça, Cherry — ele repreende, colocando a mão na minha lombar.

Minha coluna se endireita com seu toque. *Tire as mãos de mim.*

Ele me empurra antes de sussurrar no meu ouvido:

— Você queria ganhar dinheiro rápido, então vá lá e trabalhe.

Depois que ele passa por mim, sacudo a sujeira que ele deixou para trás e faço exatamente o que ele diz, porque, por mais que eu o odeie, ele está certo.

Preciso do dinheiro, e preciso agora.



— Ela não parece com as outras.

Mordo a língua até sentir o gosto de sangue. Minhas mãos agarram o poste, e uso meu abdômen para girar, virando as costas para o grupo de atletas.

Há três tipos de homens que vêm ao Cat House: os canalhas casados que querem trair suas esposas, os solteiros que vêm sozinhos e têm "pervertido" escrito na testa, e os que estão celebrando algo. Seja um aniversário, despedida de solteiro ou uma noite entre amigos, estão sempre meio bêbados e, na maioria das vezes, barulhentos.

Encontro o olhar de um dos jogadores de hóquei, que, por acaso, está sem um dente da frente, encarando diretamente meus seios quando giro. Ele cutuca o amigo com o cotovelo e, *ótimo*, agora os dois estão me encarando.

— Ela parece doce, mas também sexy.

— Ela não pertence a um poste.

— Então, onde ela pertence?

Eu gostaria de saber o mesmo.

Meus ouvidos se aguçam enquanto giro novamente. Outro grupo de caras grita do outro lado do palco, e um pequeno sorriso surge em meus lábios quando vejo um cara abrindo o cinto de castidade de Chastity.

O jogador sem dente responde ao amigo:

— Ela parece pertencer à minha cama.

Reviro os olhos enquanto eles riem. Mantenho as costas voltadas para eles de propósito, porque preciso ajustar minha expressão antes que, sem querer, mostre o quanto estou irritada por estar dançando no palco de lingerie.

— Cadê o cara novo hoje à noite?

— O cara novo? — O tom de Sem-Dente é carregado de sarcasmo. — Não finja que não sabe o nome dele. Ele é o melhor goleiro da liga agora e está treinando com a gente há um mês.

Emory Olson.

Sempre há um toque de nostalgia quando penso em hóquei. Era uma das poucas coisas que eu tinha em comum com meu pai, e é a única coisa que consegui manter protegida dos problemas na minha família. Depois de todos esses anos, mantive meu interesse vivo e ardente, porque isso me faz acreditar que ele ainda está aqui. É meu pequeno segredo.

— Ah, O'Brian? É esse o nome? — Há um toque de sarcasmo na voz do homem, e me viro para ver seu rosto. — Espera. É Owen? O'Gregory?

— Olson — digo, incapaz de seguir meu plano de fingir ser uma dançarina obtusa sem interesse em hóquei. Não é a primeira vez que não sigo um plano, então não é surpresa.

As sobrancelhas de Sem-Dente sobem até a testa, e seus dentes brancos — exceto pelo da frente, que falta — parecem ainda mais brancos sob as luzes estroboscópicas.

— Olha só! Ela entende de hóquei?!

Todo o grupo de homens robustos grita e vibra, e eu giro no poste para esconder minhas bochechas coradas. Dinheiro é jogado no chão abaixo de mim, então pelo menos isso é bom.

O cara sério no fundo do camarote, que parece entediante de tão entediado, fala:

— Eu disse que ela não era como as outras.

— Não é todo dia que uma dançarina sabe algo sobre hóquei — diz Sem-Dente, parecendo mais interessado do que antes.

Minha panturrilha envolve o poste, e eu me inclino para trás, com os olhos fixos no homem que apoia os cotovelos na mesa. Sua boca se abre, e me preparo para o insulto, porque já posso dizer que ele é mais arrogante que os outros.

— Deve ser uma vadia de puck[1].

Meu olho treme.

— Não a chame assim — outro diz. — Elas preferem ser chamadas de coelhinhas de puck.

Quase engasgo de raiva.

O ar fica preso no meu peito, o que, infelizmente, faz meus seios se projetarem ainda mais. Agarro o poste com mais força, como se fosse minha tábua de salvação. Giro meu corpo, fingindo que estou chutando seus rostos com a perna de fora.

— Olson não seria pego morto aqui. Ele está se mantendo na dele, tentando consertar sua má reputação.

Os homens riem, e me lembro de ter ouvido recentemente alguns rumores sobre sua briga com a polícia há pouco tempo. Estava em todas as notícias.

— Essas acusações são absurdas — diz o sério.

— Pelo menos ele não a engravidou. Você sabe tudo sobre essa vida de pai solteiro, não é, Volkova?

Rhodes Volkova.

— Cala a boca, porra — ele retruca.

— Se ele a tivesse engravidado, ela teria ficado com todo o dinheiro dele — alguém diz.

— Não existe *ela*. Isso foi um boato. Ele foi dispensado dos Coyotes por causa da prisão e da agressão — corrige Volkova, enquanto continuo dançando e eles falam sobre o novo colega de time.

Depois de muitas piadas mal feitas e testes sobre meu conhecimento de hóquei, o time se levanta para ir embora, e eu desapareço no camarim com um sutiã tamanho B cheio de dinheiro. Volkova me jogou uma nota de cem com um rápido revirar de olhos enquanto arrastava um de seus colegas mais bêbados para fora.

Encaro Benjamin Franklin e juro que ele está me julgando pela ideia que se insinua em minha mente como uma raposa sorrateira. Chupo meu lábio com sabor de cereja e dobro a nota ao meio, deixando o plano desagradável desaparecer com a moral mais elevada do que aquela com a qual fui criada.

Não posso — meu celular apita, e meu olhar cai na notificação.

Um gole lento desce pela minha garganta quando aperto o play no correio de voz. No momento em que ouço sua voz, aperto a nota

de cem na minha mão suada.

— *Oi, mana.*

Apago a mensagem sem nem pensar.

O instinto de lutar ou fugir entra em ação, e, agora, fugir vence.

Conto o dinheiro que ganhei esta noite. É uma boa quantia, mas não o suficiente.

Ele está me sangrando, e eu estou deixando.

Mas o que uma garota pode fazer quando as taxas legais continuam se acumulando e ganhando juros? As contas atrasadas estão se empilhando, e com seus correios de voz cada vez mais desesperados, não tenho escolha.

A nota de cem que Volkova jogou como troco chama minha atenção novamente. Balanço a cabeça e desviei o olhar quando ouço Chastity, Rosie e Kitty entrarem no camarim com seus próprios maços de dinheiro.

— Ganhou bem hoje, querida? — pergunta Rosie, tomando um gole de uma água com gás que, a essa altura, deve estar sem gás.

— Rosie. — Minha boca se move mais rápido que meu cérebro. — Pode cobrir meu turno na quinta-feira?

Você não pode fazer isso, Scottie.

— Claro, se eu conseguir uma babá. Por quê? Tem um encontro quente com um daqueles jogadores de hóquei que você estava encantando lá fora? — Ela mexe as sobrancelhas, e meu rosto fica vermelho.

— Algo assim.

O peso do medo cai sobre meus ombros, mas quanto mais encaro Benjamin, mais leve me sinto.

— Nesse caso — ela ri —, eu te cubro.

Sorrio e conto meus ganhos novamente. Imediatamente pego meu celular e abro o cronograma de jogos do Chicago Blue Devils. Vou depositar o dinheiro amanhã e comprar um ingresso até o fim da noite.

Dois

Emory

A pista de gelo é meu lar, mesmo que eu esteja praticamente cercado por estranhos.

O time me recebeu de braços abertos — se é que se pode chamar assim os olhares desconfiados e as piadas sobre minha prisão.

É o início do terceiro período, e estamos vencendo por 2 a 0. Não deixei um único disco passar, e o orgulho infla meu peito. Posso ter decepcionado meu antigo treinador e time, talvez até meus pais, mas, agora, estou provando meu valor.

É disso que se trata esta temporada.

Estou aqui para limpar minha imagem destruída. Preciso manter a cabeça baixa, aperfeiçoar meu jogo, fortalecer esse time e, *com sorte*, receber uma oferta ainda melhor no futuro.

No entanto, depois de treinar com esses caras durante o verão, percebi que eles são muito bons. O único problema — nosso problema — é que ainda não estamos trabalhando juntos como um time.

Temos Malaki, um dos patinadores mais rápidos da divisão central. Ele é falante e faz piadas demais, mas tem habilidades. Depois, há Rhodes, que é mais parecido comigo do que qualquer outro no time. Falamos a mesma língua, descrita pela maioria do time como “homem das cavernas”. Trocamos poucas palavras, mas

ele é o colega com quem tenho mais proximidade. É um ala esquerda fenomenal, e sua mentalidade me lembra muito Theo Brooks — que está arrasando na Conferência Leste, como fazia na universidade. Rhodes é o capitão, e, embora eu esteja com os Devils há pouco tempo, sei que é um título merecido. Ele faz as coisas acontecerem, sabendo quando acender a raiva e quando acalmar os ânimos.

E então, há o próprio demônio: Kane.

Ele é um novato, mas seu conhecimento do jogo pode rivalizar com o do meu melhor amigo, Ford. Cresci com Ford e nunca pensei que encontraria alguém que entendesse de hóquei como ele, mas Kane é perspicaz e consegue prever para onde o disco vai antes mesmo do arremesso.

Ele é jovem, no entanto, e explosivo.

Os árbitros já tiveram que interromper quatro brigas, e ele esteve no meio de todas elas.

Meu olhar está fixo no centro do gelo, e flexiono a mandíbula enquanto espero pelo face-off.

Malaki patina até mim, e já posso dizer que ele tem alguma piada na manga.

— Escute... se alguém estiver me atacando lá fora, espero que você faça um *Olson*.

Finjo indiferença.

— E isso seria...?

Malaki mastiga a ponta de seu protetor bucal azul e mal consegue falar sem sorrir.

— Quando você pega alguém e joga... como fez naquele bar na última primavera.

Minha expressão permanece firme por trás da máscara, mas quero agarrar Malaki e jogá-lo. Se estivéssemos no treino, eu faria exatamente isso.

— Saia daqui antes que eu jogue *você*.

Malaki começa a patinar, rindo. Antes que se afaste demais, digo que é melhor ele ganhar o face-off, ou realmente vou jogá-lo.

Não é surpresa quando ele vence. O disco escapa para a esquerda, e uma onda de adrenalina toma conta de mim. Sinto-me letal. Minha máscara está bem posicionada, o taco parece leve em meu aperto, e meus olhos acompanham o jogo. Mentalmente, não consigo me desligar, mesmo que tentasse.

A energia flui até a ponta dos meus dedos quando os Florida Fins roubam o disco e avançam para a nossa zona. Meu coração acelera, e um rosnado divertido sai do meu peito enquanto eles se aproximam.

Eu desafio vocês.

Minha mão direita voa para cima, e a multidão ruge.

Bloqueio.

— Tentem de novo — murmuro.

Rhodes me lança um aceno curto, e é o maior elogio que receberei dele, então guardo isso no bolso para mais tarde.

O resto do jogo é como o início. Nossa defesa precisa de ajustes sérios, porque, no final, estou exausto. Meus ombros doem de tensão, e minhas coxas tremem pelos movimentos rápidos que usei para bloquear os discos. Um dos quarenta e um arremessos passou, e eu deveria estar eufórico por termos vencido, mas estou irritado com aquele que deixei escapar.

Meu time se aproxima e bate em meu capacete como forma de dizer *bom jogo*, e eu aceno para cada um deles. Os Fins já foram para o vestiário com o rabo entre as pernas. Os torcedores estão agitados, batendo no vidro enquanto seguimos para o vestiário.

— Mano — Kane ri baixinho quando tiro o capacete e o encaro. — Eles têm algemas.

— O quê? — A palavra sai cortante da minha boca.

Examino a multidão e travo a mandíbula de propósito para não ficar boquiaberto com a audácia.

Os torcedores estão de pé, com os olhos fixos no time. Embora alguns agitem pompons azuis e brancos e aqueles barulhentos irritantes, há um número considerável deles balançando algemas enquanto gritam: *Olson*! *Olson*! *Olson*!

Rhodes passa patinando.

— Veja como um elogio — ele resmunga antes de seguir.

Malaki mal se contém.

— Algumas mulheres estão usando algemas felpudas, só para você, cara. — Ele se junta à multidão, erguendo o taco bem alto. — Olson, Olson, Olson!

Jesus do caralho. Ele está atiçando-os.

— Quer que eu te jogue? — retruco. — Porque juro por Deus que vou.

Malaki para de patinar bem antes de entrarmos na saída do gelo.

— Por que aquela garota parece tão familiar?

Alguém ri atrás.

— Você provavelmente a viu em seus sonhos.

— Espera, não é a dançarina? Aquela que sabia tudo sobre hóquei? Nós a testamos na outra noite.

Não consigo evitar olhar para Malaki como se ele fosse um idiota.

— Enquanto ela dançava, você a testou?

Ele assente vigorosamente.

— Sim, por quê? Isso é estranho?

— De forma alguma — respondo.

— Não é ela. Ela tinha cabelo ruivo. — Kane passa pela saída em seguida.

Sigo a linha de visão deles, e, embora saibamos que apenas alguns segundos se passaram, parece uma eternidade.

Ela é o completo oposto do que eu esperava. Todos aqueles filmes pornôs que Ford e eu assistíamos escondidos na adolescência criaram uma imagem muito detalhada de como uma dançarina *deveria* ser, e não é nada como a mulher nas arquibancadas, com o lábio brilhante preso entre os dentes brancos.

Ela é suave nos lugares certos, com curvas sutis. Seu cabelo loiro cai atrás dos ombros, revelando um busto médio, quase todo coberto por uma camiseta dos Blue Devils que já viu dias melhores, e seu rosto em formato de coração está livre da maquiagem pesada que muitas mulheres usam.

Ela é bonita.

Na verdade, não. Ela é *linda* pra caralho.

Mas é uma mulher, e, ultimamente, mal confio em um punhado delas, então continuo patinando até chegar à saída. Passo direto por

Malaki enquanto ele tenta chamar a atenção dela, e mantenho os olhos fixos à frente de propósito.



— Tenho algo para você — diz Malaki.

Bato a porta do meu armário.

— Seja o que for, não quero.

Alguns colegas riem baixinho enquanto saem do vestiário com rostos corados e arrogância nos ombros.

Ganhamos um jogo, e eles já estão agindo como reis.

Estão se precipitando.

Antes de Rhodes sair para buscar a filha, ele chamou minha atenção e balançou a cabeça. Ele leu minha mente, e está claro que concorda comigo. Tenho certeza de que o treino será divertido esta semana, enquanto ele e o treinador trazem os mais jovens de volta à realidade para humilhá-los.

Malaki joga um pedaço de papel no meu peito. Baixo a cabeça lentamente e encaro sua mão pressionada contra meu coração acelerado.

— Mano, pega isso. Confia em mim.

Arranco o papel de seu aperto, e seu sorriso é francamente assustador.

— Se isso for algum mandado de prisão falso idiota, vou te enfiar num armário.

Ele fica sério.

— Caramba. Queria ter pensado nisso. Foi uma oportunidade perdida, com certeza.

Abro o papel lentamente, com um público. A maioria dos jogadores veteranos já saiu do vestiário porque não se importa. São os mais jovens que estão totalmente engajados.

Quando finalmente registro o que tenho nas mãos, um suor frio percorre meu pescoço.

Meus dedos se fecham contra o papel de chiclete, e eu rosno baixinho.

De jeito nenhum.

— Vai aparecer? — Malaki baixa a voz. — É daquela dançarina inteligente. Mas ela disse: *Não é o que você pensa*.

Meu olhar o encara.

— Entendido — ele diz antes de virar as costas e ir para seu próprio armário.

Não é o que você pensa. Aposto minhas patins da sorte que é *exatamente* o que penso.

No corredor silencioso, abro a palma novamente e releio o bilhete.

Encontre-me nos banheiros da ala oeste, nível F. -Cherry

Suspiro e enfio o bilhete no bolso.

Mas, por algum motivo, em vez de ir para o carro, viro e sigo para as escadas.

Três

Scottie

Puxo as mangas pretas transparentes até onde consigo e as prendo às palmas com dedos trêmulos. Será um milagre se Emory Olson, um dos melhores goleiros da divisão, realmente aparecer por causa de um bilhete escrito à mão num papel de chiclete que encontrei no fundo da minha bolsa.

Você pensaria que alguém com um plano tão elaborado para resolver os problemas de sua vida viria preparada, mas não. Um papel de chiclete e uma caneta emprestada de um torcedor próximo, e foi isso que escrevi, amigos.

Caminho até o espelho no banheiro silencioso e sopro as bochechas rosadas antes de deixar o ar escapar. Meus olhos azuis se enchem de medo e receio, mas afasto esses sentimentos e me encho de confiança.

Emory Olson não é um cara bom, se os rumores forem verdadeiros, e, considerando que seu time anterior o dispensou, diria que a maioria deles é. Por isso, não me sinto mal com isso. Estou *cansada* de pessoas podres conseguirem o que querem, enquanto pessoas como eu, que se esforçam ao máximo para fazer o que é certo ou fazer a diferença, ainda são pisoteadas.

A mulher calejada que me encara no espelho assente.

— Você consegue, Scottie — digo.

— Então Cherry não é seu nome verdadeiro? — O escárnio cortante dele envia uma onda de medo pela minha espinha. — Quem diria?

Um grito escapa da minha boca, e minhas mãos caem na pia de porcelana para me apoiar. No exato momento em que vejo Emory Olson encostado na parede de azulejos, com os braços cruzados sobre o peito, esqueço imediatamente o objetivo.

Meus lábios se abrem, e a única coisa que sai é ar quente.

Não me intimido com homens, mas seria uma grande mentirosa se dissesse que Emory Olson não me deixa um pouco nervosa.

Sem o vidro da pista como barreira, fico inquieta. Ele é muito mais alto e largo do que imaginei sob os equipamentos, e há tantas tonalidades diferentes de azul em seus olhos que não consigo identificar a exata. Quando ele levanta uma sobrancelha na minha direção, sua mandíbula parece dez vezes mais firme, e a barba rala ao longo da borda só acentua o quão atraente ele realmente é. Exceto que o ar ao seu redor é denso de arrogância, e ele me olha como se eu devesse beijar o chão que ele pisa.

— Estou ficando impaciente — ele diz.

Saio do meu torpor, e uma onda de desafio desce pelas minhas pernas para me ancorar.

Minha confiança é instável, na melhor das hipóteses, mas empurro a pia e endireito os ombros.

— Você se lembra de mim?

Emory não hesita.

— Não.

Não é um bom começo.

Pensei que ele me examinaria com mais atenção e tentaria lembrar de uma memória que sei que não existe, mas ele parece completamente à vontade, e isso faz o ambiente girar.

— Bem... — *Droga*. — Deveria.

Meu rosto cora, e quero sair correndo deste banheiro como uma donzela em perigo, porque todo esse esquema é um ato de puro desespero, e estou falhando miseravelmente.

— Deveria? — Emory pergunta com um tom preguiçoso. Ele se afasta da parede, e o silêncio é tão grande que se poderia ouvir um alfinete cair.

Porra.

Tropeço nas palavras, mas consigo pegar meu celular enquanto Emory reduz o espaço entre nós. Ele cheira bem, como um homem recém-banhado que usa um perfume caro. Não é nada como os homens com quem cresci.

Ele está a poucos passos de mim quando rapidamente amplio a foto e viro o celular para que ele possa ver bem. Ele para no meio do passo e olha mais de perto. Engulo em seco e espero sua reação.

Mandíbula travada.

Têmporas pulsando.

Olhar estreito que encontra o meu. Minha mão aperta o pequeno dispositivo enquanto espero.

— Isso é falso — diz ele, com a voz baixa e letal.

— É mesmo? — questiono.

Claro que é. O Photoshop é meu confidente mais confiável. Foi o que me ajudou durante meus anos de adolescência. Eu passava horas

montando fotos que tirava do meu entorno para fazer a realidade parecer muito melhor do que era.

Emory dá um passo mais perto após parecer superar o choque. Recuo enquanto ele continua avançando até meus calcanhares baterem na parede. Ele se aproxima como um vilão, com o rosto ficando mais vermelho a cada segundo.

Engulo em seco e levanto o queixo para enfrentar seu olhar. Já encarei homens muito ruins antes — homens corruptos, que se aproveitaram de mulheres, burlaram a lei e escolheram drogas acima de tudo. Ainda assim, olhar nos olhos de Emory Olson me faz perder toda a capacidade de falar.

Ele é intimidador, mas também há algo atraente nele. Parte de mim quer correr, mas a outra quer usar minha mão suave para suavizar seus traços pétreos.

— O que você quer? — Ele me encara tão intensamente que preciso inclinar ainda mais a cabeça para encontrar seus olhos. Uma de suas mãos pressiona a parede ao lado da minha cabeça, e eu me pressiono ainda mais contra os azulejos.

Querer?

É mais uma necessidade.

— Dinheiro — respondo baixinho.

Emory ri. Ele sussurra: — *Inacreditável pra caralho*.

A cabeça dele cai, e sinto o cheiro de seu xampu. Preciso de todo o meu autocontrole para não inspirar novamente. Quando ele volta a atenção para mim abruptamente, o humor desapareceu por completo.

— Dinheiro? Você quer meu dinheiro?

Não digo nada, mas, novamente, não é uma questão de querer. É uma necessidade. Uma necessidade desesperada. Caso contrário, eu não me rebaixaria tanto.

— Você acha que pode me escrever um bilhete num papel de chiclete idiota... — Sigo seus movimentos quando ele alcança o bolso e puxa meu bilhete antes de amassá-lo e deixá-lo cair no chão entre nós. — E criar uma foto *photoshopada* de mim me aproveitando de você para me chantagear e me forçar a te dar dinheiro?

Bem, quando ele coloca assim...

Não. Parece tão ruim quanto antes.

Meu estômago se enche de medo, e minha confiança está tremendo. Aqueles valores morais com os quais devo ter nascido — porque Deus sabe que não os aprendi com minha mãe — começam a surgir e... *que porra estou fazendo*?

— Qual é o seu plano, Scottie? — O olhar de Emory se estreita ainda mais, e não consigo falar. — Se eu não entregar minhas informações bancárias, você vai correr para a mídia com essa foto e, o quê? Dizer que eu me aproveitei de você? Arruinar minha vida porque você está cansada da sua? — Ele zomba, e mordo a parte interna da bochecha para evitar que meus lábios tremam. — É isso que você quer? Arruinar minha vida e reputação ainda mais? Eu nunca te conheci, e você quer arruinar minha vida? Típico pra caralho.

Meu Deus. O que estou fazendo?

— Eu... — Minha boca se abre, mas nada sai, porque estou envergonhada. Não importa o motivo pelo qual preciso do dinheiro. Nenhuma desculpa que eu possa inventar tornará isso aceitável.

— Vou trabalhar! — exclamo. É uma tentativa patética de aliviar minha culpa e consertar a situação, mas tento mesmo assim.

— Trabalhar?

Assinto.

— Você pode me pagar por algo. O que quiser. Sou sua.

A testa de Emory se franze. Ele abaixa a mão da parede e cruza os braços.

— Uma dançarina oferecendo fazer o que eu quiser? Parece uma armadilha.

Minha mandíbula cai, e eu suspiro.

— Não! Eu... — Balanço a cabeça. — Não foi isso que quis dizer...

Alguém pode, por favor, entrar neste banheiro, me empurrar para uma cabine e me afogar na privada para acabar com meu sofrimento? Foi um plano terrível, construído a partir de desespero e medo. Não posso nem ficar brava com o julgamento dele.

— Você deve ser uma pessoa bem ruim para me procurar especificamente e ameaçar me chantagear por dinheiro sem nem me conhecer.

Minhas bochechas queimam. Recuso-me a olhar no espelho, porque sei que ficarei mortificada.

Tento justificar a situação.

— Há rumores.

— E você acredita neles? Você é bem corajosa por estar sozinha num banheiro comigo se realmente acredita no que a mídia está dizendo.

Sei que os rumores não são verdadeiros. Bastaram dois segundos olhando nos olhos dele para saber que são verdades fabricadas, se não mentiras completas.

— Eu... — Finalmente me forço a encará-lo novamente, e o desgosto estampado em seus traços me deixa atordoada. — Desculpe-me... — Balanço a cabeça. — Não sei o que estou fazendo.

Encontro seus olhos mais uma vez antes de sair correndo do banheiro em disparada. Meu nome ecoa atrás de mim, mas continuo, porque, que diabos eu estava pensando?

Quatro

Emory

— Bela casa, cara.

Viro a câmera e me jogo no sofá. Minha irmã, Taytum, e Ford dividem a tela, e posso perceber que ela está deitada em cima dele, o que ainda me causa um certo desconforto, em parte porque sei que meu melhor amigo está com minha irmã, e em parte porque acho que a maioria dos relacionamentos hoje em dia é ilusória e falsa.

Não me entenda mal, se alguém merece amor verdadeiro, são eles. Só acho que isso é algo raro hoje em dia.

— Precisa de um toque feminino. — Taytum desvia o olhar do espaço aberto atrás de mim para o meu rosto. — Mamãe não fez o suficiente quando esteve aqui.

— O quê? Está ótimo. — Olho ao redor da minha nova casa, grato por finalmente ter encontrado uma após meses de busca. Finjo não me importar com o fato de estar quase vazia, mas, se minha mãe me perguntasse mais uma vez o que achava da cor sálvia, eu teria colocado uma placa de "à venda" no quintal.

— Talvez algumas fotos de família ou algo assim. Pendure nas paredes? Está meio... frio. — A boca de Taytum forma uma linha reta, como se estivesse tentando não ferir meus sentimentos.

Isso começou depois do fiasco da última temporada.

Eu estava um pouco irritado, e isso fez com que todos pisassem em ovos ao meu redor. Para ser honesto, prefiro os comentários sarcásticos dela do que essa tentativa de poupar meus sentimentos.

— Frio? — repito, olhando para as paredes nuas. Dou de ombros e volto a atenção para minha irmã. — Eu gosto do frio.

Ela ri com um revirar de olhos e desce de Ford. Ele a observa se afastar na tela, e escolho ignorar, porque, se eu disser algo, ele só vai me chamar de amargurado.

— Como está o novo monitor dela? — pergunto.

Não posso questionar minha irmã sobre sua diabetes, porque ela fica frustrada, então pergunto a ele.

Ele esfrega a mão no rosto.

— Está bom. Leva um tempo para se acostumar.

Eu rio.

— Ainda bem que ela tem você para lembrar de verificar os níveis, não é?

Taytum grita de outro cômodo:

— Não preciso de lembretes!

Ford e eu compartilhamos um meio sorriso, e ele olha para cima da tela e pisca para minha irmã. No meio da ligação, começo a reunir meu equipamento para o treino. Ford fala sobre a agenda deles e faz algumas perguntas aqui e ali sobre meus novos companheiros de time.

Dou uma resposta vaga, mas ele percebe que algo está me incomodando.

— Desembucha — diz ele.

— O quê?

— O que está te incomodando? É porque eu não estou no seu time? — Ele suspira dramaticamente. — Não se preocupe, *Emory Bemory*. Também sinto sua falta.

Eu rosno.

— Você está em outro estado e ainda consegue me irritar.

Ele ri, e eu apoio os cotovelos no balcão da cozinha, depois de encostar o celular contra a caixa de cereal meio aberta.

— Aconteceu algo mais? — ele pergunta, ficando sério. — Está na mídia de novo?

— Ainda não — murmuro.

— O que isso quer dizer?

Observo Ford se mover pela casa, provavelmente para me tirar do alcance da minha irmã. Espero até ouvir o clique da porta para deixar um suspiro escapar dos meus pulmões tensos.

Desde que Cherry — ou Scottie, seja lá como ela quer ser chamada — me mostrou uma foto falsa de mim agarrando uma garota de lingerie com o mesmo tom de cabelo loiro brilhante que o dela, estou no limite. Quem ela pensa que é? Porque, pela nossa breve conversa, realmente não consigo decidir se ela é uma interesseira egoísta sem respeito pelos outros, ou se estava agindo fora de seu caráter. Será que foi desafiada a me encurralar em um banheiro e me ameaçar? Isso está mexendo com minha cabeça, e eu não gosto disso.

Ela estava determinada, mas tímida. Resiliente, mas ainda disposta a ceder. Todos os seus traços eram delicados, mas havia

uma muralha sólida de dureza em seus olhos. Não consegui parar de pensar nela ou naquela maldita foto por dias.

— Você está contemplando algo ou tendo um derrame?

Balanço a cabeça com o sarcasmo de Ford. Minhas mãos repousam planas no balcão liso, e eu o coloco a par rapidamente, esperando que ele consiga dar sentido a isso.

Ele pisca algumas vezes antes de assobiar.

— Parece uma oportunidade perdida.

Meus dedos pressionam a pedra do balcão.

— O quê?

— Quero dizer, ela provavelmente faria um fodido trabalho.

Ouço um suspiro.

— Ford!

E eu achando que ele estava nos dando privacidade para a conversa. Estava errado.

Ele ri alto e grita por cima do ombro para minha irmã:

— Estou brincando, baby!

— Se você fizer uma piada sobre minha irmã te fazendo um boquete, eu juro que pego um voo agora e te estrangulo.

Ford ri ainda mais.

— Vocês dois são muito sensíveis.

A tela fica embaçada, e o rosto da minha irmã aparece. Há linhas de preocupação em sua testa, então é óbvio que ela está muito mais preocupada que meu melhor amigo.

— Ela apagou a foto?

Dou de ombros.

— Ela pediu desculpas e depois correu.

— Ela pediu desculpas?

Assinto.

— Sim, foi uma confusão do caralho.

Ford puxa o celular de volta.

— Você deveria ter feito um acordo com ela. Pagá-la para ajudar a consertar sua imagem de merda.

A voz de Taytum está mais distante agora.

— Pare de dar conselhos ruins pra ele! Emory, você precisa garantir que a foto foi apagada e que ela não vai fazer algo por desespero, porque parece que ela está desesperada por dinheiro, ou talvez seja uma coelhinha de puck que gosta de usar jogadores de hóquei para ganhar dinheiro.

Não discuto com minha irmã. Mas algo me diz que ela está errada.

Ford tenta se defender enquanto sigo para a porta.

— Conselho ruim? Lembra quando eu disse para o Theo fingir namorar a Claire pra afastar as coelhinhas de puck na faculdade? Olha eles agora! Apaixonados e felizes.

— Um verdadeiro cupido — digo, com sarcasmo total. — Falo com vocês depois. Tenho que ir pro treino. Boa sorte amanhã — digo a Ford.

Antes de desligar, minha irmã grita para eu garantir que a foto não vai aparecer em algum lugar e piorar minha reputação.

Taytum está certa.

Essa foto aparecendo é a *última* coisa de que preciso.



O treino é tão cansativo quanto eu sabia que seria. O treinador e Rhodes gritaram com os jogadores mais jovens para colocá-los em ação — exceto comigo, porque, embora eu ainda seja considerado jovem, sou muito mais humilde que eles, graças ao amadurecimento forçado que acabei de passar. Mesmo assim, estamos todos pingando de suor no final.

Temos um jogo fora em dois dias. Estamos invictos, mas é o início da temporada, e um recorde invicto não é comum na liga profissional. Vamos perder eventualmente, e não é o pessimista em mim falando. É apenas a verdade.

Malaki me alcança enquanto seguimos para o vestiário.

— Vai com a gente hoje à noite?

Eu o encaro.

— Você acha que é uma boa ideia eu sair pra festejar com tudo o que está acontecendo?

— Acho que é melhor você se enturmar um pouco com o time.

O vestiário está cheio de homens trocando o equipamento de treino. Estamos todos cansados e suados, mas eles estão animados com os planos para a noite, para comemorar o aniversário de Kane. Alguns tentam convencer o capitão a sair com eles também, mas Rhodes tem uma boa desculpa — uma filha de cinco anos sem mãe e um problema com babás que desaparecem.

Malaki me dá uma cotovelada.

— Vamos lá, cara. Só faça uma aparição.

Mexo os dedos depois que minhas luvas caem no chão.

— Quando e onde? — pergunto, totalmente irritado, mas também sei que entrosamento com o time não é algo para pular fora. Levei alguns anos na faculdade para entender a importância disso, mas o hóquei não é um esporte de um homem só, mesmo que minha posição no gelo seja um pouco mais isolada que as demais.

— Clube de strip. — Kane mexe as sobrancelhas.

Meu peito se aperta.

Fico imediatamente tenso. No último outono, eu teria aproveitado a oportunidade, mas agora há uma resistência que não existia antes. A ideia de sair com o time me deixa inquieto de todas as formas erradas, mas, mesmo assim, concordo.

Se nada mais, talvez eu coloque os olhos numa certa diaba de olhos azuis e deixe um bilhete para ela, assim como ela deixou para mim.

Cinco

Scottie

O Cat House está lotado.

As outras garotas estão empolgadas. Observo com admiração enquanto suas roupas ficam um pouco mais reveladoras e sua maquiagem um pouco mais ousada. Elas me dizem que estão apenas interpretando um papel, mas mal sabem que, eu no palco com uma peruca ruiva, já é atuação suficiente da minha parte.

Estou prestes a subir novamente quando Chastity se aproxima e enfia a mão no bojo do meu sutiã de renda. Ela pega um punhado e levanta meus seios um pouco mais.

Eu suspiro, e ela pisca. Seus cílios postiços são tão longos que parecem lagartas peludas.

— Consiga essas gorjetas, querida, ou você vai trabalhar aqui por muito mais tempo do que quer.

A validade do conselho dela é inegável.

Ela está certa. Preciso me organizar.

O que é um pouco de strip em comparação com a agonia e a culpa que serei forçada a carregar se não fizer tudo o que puder para ajudar William?

Não é *tão* importante assim.

Uma voz assombrosa sussurra em minha mente, vinda do meu passado, mas eu a afasto rapidamente e começo a trabalhar.

As luzes estão azuis hoje, e isso me lembra do jogo de hóquei. Só falta uma pista de gelo com alguns jogadores de hóquei mal-humorados, e seria exatamente o mesmo cenário. Até a música é animada.

Evito todos os olhares desejosos grudados nas minhas pernas nuas enquanto caminho pela plataforma até meu lugar. Minhas mãos agarram o poste, e, assim que a batida da música começa, eu pulo e envolvo a perna ao redor dele com um arco sensual nas costas.

Alguns dólares são jogados aos meus pés, mas os ignoro e escuto a música, me perdendo nela em vez de focar no que estou fazendo, porque a única coisa que o strip me lembra é da minha mãe, e eu jurei que nunca acabaria como ela.

Olhe no espelho, Scottie.

Meu coração bate mais forte enquanto giro e me movo mais rápido. O clube está enchendo mais rápido que o normal, mas isso significa mais gorjetas, e é por isso que estou aqui.

— Sua vez, garotinha.

Viro-me e pressiono minha coluna contra o poste. Olho para baixo e vejo Russ sorrindo como um pervertido. Ele me lembra um cara assustador que dirigiria uma van branca cheia de doces por uma rua lotada de crianças.

— No camarote quatro. Sua vez. — Ele levanta uma sobrancelha, como se estivesse esperando que eu o desafiasse.

Deus, não.

Viro-me rapidamente e fixo o olhar no camarote quatro. Encaro o poste bem no meio da mesa. Minhas pernas tremem, e rezo para

não torcer o tornozelo. Olho de volta para meu chefe com uma recusa na ponta da língua.

— Vou te demitir se você recusar — ele avisa.

Cerro os dentes e consigo soltar um meio insulto.

— Vai me demitir se eu te xingar na minha cabeça durante todo o caminho até lá?

O lábio de Russ se contrai.

— Não, mas prefiro que seja em voz alta. Isso é como uma conversa picante pra mim.

Ele se aproxima para me ajudar a descer, mas um pequeno rosnado escapa. Suas mãos pousam nos meus quadris mesmo assim, e preciso de todo o meu autocontrole para não chutá-lo. Afasto suas mãos da minha cintura quando meus saltos tocam o chão, e corro para o camarote quatro antes de ter que suportar mais momentos com as mãos de Russ em mim.

Se Chastity visse isso, ela o esbofetearia.

Mas Chastity e Russ têm uma relação estranha de chefe e funcionária. Ela pode se safar com isso.

Eu não.

— Lá está ela — diz uma voz familiar.

Paro no meio da subida para a pequena plataforma. Minhas mãos quase escorregam no poste, mas minha coluna trava e me impede de cair. Por cima do ombro, vejo dois Blue Devils se aproximarem da mesa com seus sorrisos diabólicos. *Por favor*, *não*.

Minhas bochechas queimam. Viro-me, deixando minha palma deslizar contra o poste de metal para me guiar. Quando os encaro, sorrio docemente.

— Então, isso foi ideia de vocês?

Seus sorrisos atrevidos se transformam em sorrisos completos.

— Nossa garota favorita, com um vasto conhecimento de hóquei, dançando na nossa frente? — Eles se aproximam, e meu coração está na garganta. *Por favor, não deixe Emory aparecer*. — Quem mais nós quereríamos?

— Bem... — Minha perna se curva contra o metal frio, e tenho que me conter fisicamente para não bater o rosto no poste e me nocautear. — Aqui estou.

— Sim, aqui está você.

Meus cílios grossos se entrelaçam quando ouço sua voz.

Um calor percorre meu corpo, e meus membros parecem pesar mil quilos cada.

Viro-me ligeiramente, pressionando-me contra o poste para me equilibrar. Nossos olhos se encontram, e meus lábios se abrem. Emory Olson desliza para o camarote abaixo e me encara com sua mandíbula firme como pedra. Sua língua escapa da boca, e ele umedece os lábios, como se estivesse esperando que eu fizesse algo.

Fico congelada.

Minhas mãos agarram o poste para me apoiar, e minha caixa torácica se expande com uma lufada de ar.

Ele está zangado.

Seus olhos azul-escuros se estreitam, e quanto mais o encaro, pior me sinto. O julgamento é cristalino. Se eu pudesse espiar dentro de sua cabeça por um segundo, tenho certeza de que minha autoestima seria destruída.

— Que bom que você veio, cara. — Malaki envolve o braço ao redor do pescoço largo de seu companheiro de time e desvia a atenção de Emory de mim.

Agarro a distração como uma tábua de salvação e rapidamente giro, dando as costas para eles.

Um sorriso hesitante toca meus lábios quando encontro os olhares sedutores dos outros Blue Devils que se acomodam no camarote. Se eu não conseguir uma quantidade ridícula de gorjetas com isso, juro que vou considerar vender fotos de pés.

As próximas músicas passam rapidamente, e tento focar na batida e no modo como meu corpo precisa se mover para continuar atraindo a atenção dos homens, mas a única coisa em que consigo pensar é em Emory e nos insultos silenciosos que se acumulam em sua cabeça toda vez que o encaro.

— Então, me diga, Cherry... — Kane, que descobri ser um verdadeiro cabeça-quente no gelo, se recosta no couro vermelho do camarote. — Esse é seu cabelo de verdade?

Droga.

Ele sabe.

Como uma mariposa atraída pela chama, meus olhos encontram os de Emory por um segundo. Sua sobrancelha se arqueia, e um gole quente desce pela minha garganta. Algo estala, e de repente sinto que preciso provar que ele estar ali não me incomoda nem um pouco.

Viro-me para Kane.

— Então, *me* diga, Kane... Você é sempre um cabeça-quente no gelo? — Pulo e faço um giro de gancho até parar na frente dele. Inclino-me um pouco. — Você deveria trabalhar na sua defesa.

As luzes azuis refletem nos dentes brancos de Kane, e seus companheiros riem baixinho. Alguns jogam algumas notas de vinte aos meus pés, e eu rio de forma brincalhona.

Kane se endireita um pouco.

— Acho que preciso de alguém pra aliviar a tensão antes dos jogos. — Minha risada desvanece. Um arrepio percorre minha pele quando sua mão se estende. — Conhece alguém que toparia isso? — Quando seus dedos quentes envolvem meu tornozelo, meu coração para.

Basta uma rápida viagem pela memória, e estou em espiral.

Seis

Emory

Meu braço parece ter vontade própria. Ele se descruza, e minha mão agarra o pulso de Kane com uma rapidez fulminante.

— Não — a palavra sibila entre meus dentes. Sai como uma repreensão, mas é mais um aviso amigável — pelo menos é o que digo a mim mesmo.

O pulso de Kane se flexiona sob meu aperto, e eu arqueio uma sobrancelha para ele.

— Você não quer tocar alguém como ela. — Meu coração bate forte, e quero alcançar dentro do peito e apertar o músculo até ele relaxar. — Confie em mim — acrescento. — Não toque nas mulheres deste lugar.

Ouço Scottie inspirar bruscamente, e cometo o erro de olhar para ela. O que eu espero é um olhar sujo carregado de ressentimento, mas o que recebo é algo que me irrita ainda mais.

Medo.

Pânico.

Terror.

Quando ela encontra meu olhar, algo se prende no meu peito, e isso me irrita tanto que meus dedos começam a apertar ainda mais o pulso de Kane.

— Você está certo — ele concorda, puxando o braço de volta.

Forço-me a desviar o olhar de Scottie. Aceno para Kane com nossa conversa silenciosa, e o resto do show que nossa stripper particular apresenta é um pouco menos arriscado que antes. Os movimentos de Scottie estão bruscos em vez de fluidos, e está claro que o flerte de Kane a afetou de alguma forma.

Não me importo em descobrir por quê.

A única coisa que quero saber é se ela apagou a foto de nós dois. Então, jogarei ela da minha mente como se fosse lixo.

— Cherry. — Malaki se inclina sobre a mesa e tamborila os dedos contra o vidro brilhante. — O que você gosta de fazer por diversão?

— Está tentando chamar uma stripper pra sair? — Hayes sorri por cima do copo de cerveja gelado. Ele é o que chamamos de reserva — só joga se alguém se machuca.

Malaki sorri.

— Por quê? Você estava planejando chamar ela pra sair?

A voz suave de Scottie interrompe a conversa deles.

— Posso dizer que não saio com jogadores de hóquei por diversão, então é melhor vocês superarem isso.

Meu riso sarcástico faz todas as cabeças girarem na minha direção. Scottie para no meio de um giro.

— Tem algo a acrescentar, Senhor Rabugento? — pergunta Hayes.

Dou de ombros e aparentemente fico mais à vontade no assento. Recuso-me a desviar o olhar da pequena diaba de olhos azuis enquanto seu leve franzir de testa se intensifica.

— Ela faz outras coisas com jogadores de hóquei por diversão, e definitivamente não é *sair*.

De repente, Scottie e eu somos os únicos na sala. Parece que ela está fazendo algum tipo de show só para mim quando envolve a perna longa no poste e arqueia o corpo esguio para trás, colocando-se *bem* na minha frente. As pontas de seu cabelo ruivo falso tocam a borda da minha cerveja quase intocada, e seu doce perfume faz minhas narinas se dilatarem. Engulo o nó apertado na garganta quando, sem querer, deixo meu olhar descer para seus seios. São um punhado cada, e sua pele parece sedosa e suave.

Odeio que ela tenha me deixado sem fôlego mais de uma vez agora.

Também odeio que eu possa sentir meu corpo reagir quanto mais nos encaramos.

Ela me tem pela garganta.

Mas estou prestes a ter *ela* pela garganta.

A música termina, e é hora de ir, mas não antes que os caras tentem convencer Cherry a dar uma dança no colo de Kane pelo seu aniversário.

— Vai contra as regras do clube. — Ela dá um leve dar de ombros. — Desculpem-se, Devils.

Todos, exceto eu, jogam dinheiro aos pés dela, e ela alegremente recolhe o dinheiro com a mão e sai para os fundos.

Todos os clientes do clube a observam ir, apesar de haver várias strippers seminuas ao redor. Duas das mulheres estão fazendo algum tipo de show com um cinto de castidade do outro lado da sala, mas até o público delas dá uma rápida olhada em Scottie em sua lingerie branca minúscula.

Ela é um demônio disfarçado de anjo.

Reviro os olhos porque ela definitivamente não é um anjo.

O time se amontoa nos carros, e, depois de garantir que ninguém está dirigindo bêbado, espero alguns minutos até o estacionamento estar quase vazio e volto para dentro.

Estou calmo ao entrar no Cat House pela segunda vez. Dou uma rápida varredura no ambiente e não encontro Scottie em lugar algum, então sigo casualmente para os fundos. Sabendo que não sou o cara mais discreto da sala, encosto-me na parede e finjo esperar pelo banheiro até que ninguém preste atenção em mim, e é quando começo a abrir portas aleatoriamente.

Para a maioria, eu pareceria um pervertido tentando um momento a sós com uma stripper. Talvez até um *stalker*. Mas no momento em que Scottie põe os olhos em mim, ela sabe exatamente por que estou aqui.

— Quer conversar? — pergunto, não dando a ela chance de recusar.

Ela ainda está com sua lingerie branca minúscula, mas tirou a peruca, e seus cabelos loiros caem graciosamente sobre os ombros. Faço o meu melhor para tocar apenas seu pulso delicado e nada mais. Puxo-a atrás de mim e nos enfio em uma sala vazia ao lado do banheiro. Viro as costas para o sofá de couro preto no canto e brevemente me pergunto como seria se eu segurasse uma luz negra contra ele.

Se me esforçar o suficiente, aposto que posso sentir o cheiro de fluidos corporais cobrindo-o.

O pulso de Scottie acelera sob meus dedos quando ela olha do sofá para meu rosto. Algo brilha em seus olhos, e isso me irrita.

Como ela ousa me olhar como se *eu* fosse o de moral questionável?

Um riso rouco escapa da minha boca.

Seu engolir é alto o suficiente para ecoar pela sala. Meu aperto afrouxa, e ela imediatamente puxa o pulso do meu alcance. Assim que ela recua, eu avanço. Ela bate na porta, e eu a prendo ali com um leve inclinar da cabeça.

— Você parece assustada. — Prendo seu braço acima da cabeça. — Preocupada que suas mentiras sujas se tornem realidade?

Os ombros de Scottie se endireitam, e seu queixo forte se torna mais firme. O esforço que ela coloca em seus traços para parecer indiferente é meio… *admirável*?

Passo rapidamente por essa sensação e olho para seu peito que sobe. Seus seios macios sobem e descem rapidamente, e meus olhos descem pelo seu umbigo até a curva de seus quadris.

Por que ela tem que ser tão atraente pra caralho?

Ela é inegavelmente linda, e eu não suporto isso.

Ouço sua boca se abrir, e volto a atenção imediatamente.

— O que você quer? — ela sussurra.

Ignoro completamente sua pergunta, porque ela não está em posição de fazer uma, e pego minha mão livre e a coloco em sua clavícula. Um engolir quente desce pela minha garganta quando arrasto meu dedo pelo centro de seu decote, roçando na renda delicada de seu sutiã.

— Pensei que a cor branca simbolizasse inocência. — Seguro sua cintura e a pressiono ainda mais contra a porta. Há um puxão na minha outra mão do pulso preso dela, mas ela não é páreo para minha força, e ela sabe disso.

— Você e eu sabemos que você não é inocente, não é? — Ela encara meu sorriso provocador, e finalmente cedo em responder sua pergunta, porque quanto mais fico sozinho com ela nesta sala com minhas mãos em sua pele quente, mais questiono meus próprios desejos.

— Quero que você apague a foto de nós dois. — Alterno minha atenção entre seus olhos e espero por algum sinal de que ela não é apenas mais uma mulher indigna de confiança que quer arruinar minha vida por diversão.

— Eu apaguei. — Ela diz com um toque de firmeza na voz, e isso me provoca.

Inclino-me mais perto e ignoro o perfume doce dela. Seu narizinho bonito se franze quando suspiro com irritação. Dou um leve aperto em seu tronco, e algo selvagem floresce em seus olhos azuis.

— E você espera que eu acredite em você, Scottie?

Quando sua mão livre agarra meu pulso, é como um soco rápido no estômago. Sua palma é tão pequena que ela nem consegue envolver os dedos ao redor, mas, mesmo assim, me sinto preso pra caralho. Scottie levanta o queixo com confiança, e não consigo parar de encarar seus lábios vermelhos brilhantes.

— Você não tem escolha a não ser acreditar em mim... — Vejo rapidamente seus dentes brancos quando ela chupa o lábio inferior e o solta com um *estalo*. — *Olson*.

Ela está mexendo com minha cabeça, e eu não gosto disso.

Com a cabeça ainda erguida como uma pequena rebelde desafiadora, libero seu braço rapidamente e prendo seu queixo com

um aperto firme. Ela tenta se afastar de mim, mas falha. Encaro-a de cima, e nossas bocas estão tão próximas que sinto seu gosto na minha língua.

— Se eu vir essa foto circulando por aí, saberei de onde veio. — Faço uma pausa para me recompor, porque se eu me mover um centímetro, minha boca estará na dela. — E você vai se arrepender de postá-la.

Afasto-me um momento depois, e Scottie expira, como se estivesse prendendo a respiração o tempo todo em que a mantive presa. Ela rapidamente sai do meu caminho, e eu agarro a maçaneta com tanta força que a madeira range.

Antes de cruzar a porta, hesito.

Consigo manter as costas para ela quando um sorriso sarcástico surge em meu rosto. Uma nota de um dólar farfalha entre meus dedos enquanto a tiro do bolso e jogo aos pés dela.

É humilhante, e sei que a envergonhei.

Um suspiro quente e raivoso atinge minhas costas, e juro que ele me segue até meu carro.

Sete

Scottie

Meados de outubro em Chicago significa uma coisa para mim: temperaturas mais frias despontam sobre as copas das árvores cor de cobre, e é hora de começar a economizar cada centavo para a conta de eletricidade no inverno.

Com William fora, pelo menos posso manter o aquecimento do apartamento no mínimo quando não estou em casa, para evitar que fique ligado constantemente, mas, com as contas se acumulando, as mensagens de voz ansiosas dele pedindo que eu coloque mais dinheiro em seus livros, e as taxas do advogado, um pequeno ajuste no termostato não vai fazer muita diferença.

Olho para a TV e digo a mim mesma para desligá-la para economizar eletricidade, mas, com o jeito que minha vida está ultimamente, é melhor me permitir pelo menos um pequeno pedaço de tranquilidade, e, graças ao meu pai, assistir hóquei me acalma mais do que eu gostaria de admitir — mesmo que eu ouça o nome *Emory Olson* repetidamente pelos comentaristas.

— Ugh. — Pego o controle remoto e aperto o botão de mudo para ignorar o constante lembrete do goleiro idiota com quem arrumei briga.

Sem pensar, passo a ponta do dedo pelos lábios, como se ainda pudesse sentir o hálito dele roçar neles. Ao mesmo tempo, observo com admiração enquanto ele bloqueia um disco a 144 quilômetros

por hora vindo direto para ele. Ele o pega com facilidade e o joga para o árbitro sem cuidado enquanto a câmera dá um zoom em seu rosto suado. Ele ajusta a máscara, e um calor gira em meu estômago quando vejo seu pomo de Adão subir e descer. O olhar de Emory se fixa na pista enquanto ele se posiciona. Não há nem um brilho de vida em seus olhos enquanto ele se prepara para o resto do jogo. É como se o hóquei fosse algo natural para ele, instintivo.

Meu pai provavelmente o chamaria de *joia*, querendo dizer que ele é um jogador de hóquei fodidamente bom.

Mas eu, infelizmente, agora conheço Emory fora da rede, e sua personalidade carrancuda precisa de um trabalho sério.

Em sua defesa, ele tem todo o direito de me odiar, mas ignoro esse pequeno deslize como se nada tivesse acontecido.

Desmuto a TV e começo a juntar alguns casacos velhos de William que terei que substituir eventualmente. A recente mensagem de voz dele ecoa na minha cabeça, e meu estômago se aperta. É difícil lembrar como era a voz dele antes de ser condenado. Agora, quando penso em sua voz, tudo o que ouço é angústia, medo e o som de correntes de uma prisão ao fundo.

As taxas legais continuam acumulando juros, e embora o advogado diga que acredita que meu irmão foi condenado injustamente, ele não vai pedir um recurso até que eu pague as dívidas atrasadas, então minhas preocupações estão se acumulando junto com as contas.

Empilhando os casacos uns sobre os outros, começo a enfiá-los em uma sacola e me concentro nos sons das lâminas dos patins no gelo, na multidão rugindo e na excitação do comentarista enquanto o

jogo termina com o goleiro dos Devils — *que não deve ser nomeado* — conseguindo quase um shutout pela segunda vez na semana.

Minha atenção é capturada quando os sons do jogo desaparecem e novas vozes chegam aos meus ouvidos. É a transmissão pós-jogo, e, claro, o primeiro tópico é Emory.

— *Os Devils têm sorte de ter Emory Olson no elenco este ano.*

— *Apesar de seu histórico e das novas alegações, ele está jogando como se nada tivesse acontecido. Parece que ele está tentando se provar na liga, e devo dizer, está funcionando.*

— *Novas alegações?*

— *Nossa, Jerry não sabe.*

Viro-me lentamente para ver um grupo de homens bem-informados em seus ternos caros sentados à mesa com papéis à frente e uma tela mostrando o placar dos Devils ao fundo. Todos riem, e aquele que parece saber das fofocas tem uma expressão de desconforto no rosto. Meu dedo aperta o volume, e a tela corta para uma imagem de uma postagem em rede social que parece claramente falsa.

— *Aparentemente, essa mulher disse que, ontem à noite, Emory a levou para sua casa e se aproveitou dela. A polícia foi envolvida, mas não houve detalhes específicos.*

— *Bem, considerando que ele não está usando algemas, deve ter sido outra alegação sem substância real.*

— *Acho que ele ainda jogaria um bom hóquei mesmo algemado.*

Cada homem ri novamente enquanto eu desabo no sofá da sala ao lado de uma pilha de casacos gastos. Cubro a boca com a mão

trêmula. Não sou de deixar uma ameaça pairar, então pego a pilha de casacos junto com minhas chaves e saio correndo pela porta.

Não tem como eu deixar Emory Olson pensar que *eu* comecei esse boato, porque é exatamente o que parece.



O estacionamento está praticamente vazio quando chego à arena. Meu carro, que precisa desesperadamente de uma troca de óleo, range quando desligo a ignição. O ar fresco gira ao meu redor como algum tipo de aviso. Vejo o carro de Emory imediatamente: um Audi caro, completamente preto. *Parece apropriado*. Depois que ele me prendeu em uma sala privativa no Cat House naquela noite, espiei pela porta dos fundos e o vi sair. Ele acelerou em seu carro caro, e eu o amaldiçoei o tempo todo.

Meu coração dispara a cada poucos segundos com cada passo na direção do carro dele. Já fui ameaçada muitas vezes na vida, então não entendo por que estou tão nervosa quando se trata de Emory. Um cara como ele, cercado de riqueza e com um ego maior que o estado inteiro, não pode fazer muito contra uma garota como eu. Não é como se ele fosse fazer amizade com os canalhas desta cidade que já têm meu nome em seus caderninhos pretos com um grande círculo ao redor.

Hesito quando chego ao carro dele. Há uma dor no centro do meu peito. Não ficaria surpresa se meu coração batesse tão forte que saísse do peito e caísse aos pés dele. Na ponta dos pés, espio pelas

janelas escuras para ver se ele está dentro, mas sei que não está quando ouço o som de cascalho sendo esmagado atrás de mim.

Giro com as mãos erguidas como um escudo, por um instinto enterrado nas profundezas das minhas memórias. Um som estrangulado preenche o espaço vazio entre nós, e as sobrancelhas de Emory se franzem com minha reação. Sua confusão não dura muito quando um riso rouco corta o choque de me ver ao lado de seu carro.

— Veio me roubar? — ele zomba, passando por mim como se eu nem existisse.

Deixo a provocação passar e engulo meu orgulho.

— Não fui eu. — Girando sobre o asfalto solto sob meus sapatos, observo Emory abrir a porta do carro para jogar sua bolsa dentro. Minha guarda cai quando sinto o cheiro fresco de banho dele.

Uau.

Emory Olson é todo homem. Ele é um animal no gelo, mas parece um modelo da Calvin Klein fora dele. Seu terno o veste perfeitamente, abraçando seus bíceps e coxas de forma impecável. Ele deixou a frente da camisa branca desabotoada, apenas o suficiente para que eu possa ver sua pele bronzeada. Minha boca seca.

Sua beleza é intimidadora, especialmente quando ele me olha com um toque de raiva.

Por que o acho ainda mais atraente assim?

Deveria ser preocupante que uma pequena parte de mim goste de irritá-lo.

Uma respiração trêmula escapa da minha boca quando volto à realidade.

— Eu não criei aquele perfil falso e disse aquelas coisas. — Cruzo os braços sobre meu casaco. — Não fui eu.

Minha voz ganha força no final da frase enquanto tento me defender, e começo a soltar mais desculpas, dizendo que estive no trabalho a noite toda e que não tive tempo de criar mais fotos de nós dois.

A sobrancelha de Emory se ergue, e uma mecha de seu cabelo úmido cai em sua testa.

— Pode respirar antes de desmaiar?

Faço imediatamente o que ele diz e inspiro uma golfada de ar fresco. No momento em que atinge meus pulmões, vou para outra rodada de desculpas. Estou em pânico. As ameaças e preocupações estão se acumulando, e, de repente, estou sufocando.

— Juro, não fui eu! Apaguei a foto de nós dois, e deixei tudo isso pra trás. Só vim aqui pra te dizer que não comecei mais nenhum boato...

Emory dá um passo à frente, e suas mãos envolvem minha cintura.

Minhas costas batem na lateral do carro dele, e, de repente, esqueço meu próprio nome.

Oito

Emory

— Respire — exijo.

Estou olhando para seu rosto pálido e impondo uma calma a ela da melhor forma possível. Scottie está completamente descontrolada, e sinto uma certa pena dela. As pontas grossas de seus cílios roçam uns nos outros quando ela me encara com seus grandes olhos azuis. Uma rápida chicotada de algo quente atinge a parte de trás do meu pescoço, então retiro minhas mãos de sua cintura e dou um passo para trás.

Uma rajada de seu hálito quente e doce atinge meu rosto quando ela expira, e preciso de todo o meu autocontrole para não inspirar o ar como um pervertido do caralho. *Controle-se pra caralho*.

— Eu sei que não foi você. — Reviro os olhos.

Estou irritado. Não gosto que ela me deixe todo confuso por dentro, e somando isso à louca de ontem à noite, é uma receita para um humor de merda. Estive a um disco perdido de quebrar meu taco ao meio durante o jogo.

Scottie me encara com olhos inocentes como os de uma corça, e isso é uma contradição em si.

— Você acredita em mim? — ela pergunta com uma timidez na voz que ainda não ouvi.

Minha testa se franze.

— A menos que você possa se transformar em uma mulher de cabelo loiro descolorido com seios falsos e precisando de um psiquiatra, sim, eu acredito em você.

Fico de pé com o braço na porta aberta e encaro Scottie. Ela está usando jeans folgados com buracos nos joelhos e um casaco grosso que precisa ser fechado se ela pretende se manter aquecida. Não há um pingo de maquiagem cobrindo sua pele lisa, e é uma pena o quão enganadora ela pode ser, porque é linda. Como alguém que parece tão inocente, com traços perfeitamente colocados e os mais bonitos, pode ser tão traiçoeira?

Após alguns segundos de silêncio entre nós, suspiro e explico melhor.

— Ela apareceu na minha casa, então sim, sei que não foi você. Chamei a polícia para escoltá-la para fora da minha propriedade. — Faço uma pausa quando nossos olhares se encontram. — A menos que você a tenha contratado para fazer o serviço sujo por você?

Scottie parece ofendida, e tenho que me conter para não sorrir, porque, no final das contas, realmente não é algo para brincar. A frustração ainda corre pelas minhas veias, e embora Scottie não seja nada como a mulher na minha casa, a verdade permanece: ela tentou me chantagear. E isso me dá um bom motivo para colocá-la na minha lista negra com o resto das mulheres com quem entro em contato.

Devagar, começo a entrar no carro para me distanciar dela, porque, conhecendo minha sorte, um jornalista com sede de drama vai pular dos arbustos e tirar nossa foto para criar uma história sobre eu estar saindo com uma stripper.

Se ao menos Scottie fosse Miss América ou algo assim, então eu aproveitaria a oportunidade para limpar minha imagem como Ford sugeriu, para parar os boatos que estão danificando ainda mais minha reputação.

Antes de bater a porta, Scottie se move para bloqueá-la. Seus olhos estão arregalados de preocupação.

— Você deveria instalar um alarme se ela sabe onde você mora.

Minha expressão se estreita. Ela realmente espera que eu aceite conselhos dela? Quando não digo nada, ela continua a tagarelar com mais conselhos *excelentes*.

— Eu pegaria um com câmera para você ver quem está na porta. Ela pode ter dado seu endereço ou postado nas redes sociais. — Ela dá de ombros e coloca uma mecha solta de cabelo claro atrás da orelha, como se estivesse envergonhada.

Meu peito faz algo estranho, e isso não me agrada, então bufo com irritação.

— Espero que ela não tenha dado *a você* meu endereço. — A testa de Scottie se franze. Inclino-me para fora do carro para que ela ouça a tensão na minha voz. — Quem sabe o que uma mulher como você faria se soubesse onde eu moro.

Sua mandíbula cai, mas ela fecha os lábios assim que fecho a porta. Meu carro ganha vida, e eu acelero uma vez enquanto a encaro pela janela. Seu revirar de olhos é tão atraente que quero pisar no acelerador de novo, mas antes que eu consiga, ela vira e sai pisando forte na direção do próprio carro.

Eu deveria ir embora e esperar que essa seja a última vez que entro em contato com ela, mas algo me mantém dentro do meu Audi

com o motor ligado. A cada poucos segundos, dou uma olhada no espelho retrovisor para ver para onde ela está indo.

Antes que eu possa me conter, engato a ré e saio devagar depois que ela acelera. Sigo seus faróis traseiros como um stalker completo, porque há algo *tão* atraente pra caralho nela. Scottie é ousada, mas há algo abaixo da superfície que contradiz isso.

Quero saber por que ela estava tão desesperada por dinheiro a ponto de me atrair para um encontro em um banheiro vazio apenas para se desculpar segundos depois. Ou por que ela veio até aqui em uma noite fria, bem depois do pôr do sol, para limpar seu nome e me oferecer conselhos sobre um sistema de segurança.

E para onde diabos ela está indo agora?

Meu pé brinca com o freio enquanto sigo seu carrinho triste que está a um buraco de perder um pneu. Mantenho distância suficiente para que ela não perceba que estou vários carros atrás, mas quanto mais avançamos para o centro, mais meu Audi se destaca como um polegar dolorido.

Meu agente me avisou que essa parte de Chicago não era para os fracos de coração e reiterou que eu deveria evitá-la a todo custo. A estrada está ficando mais escura com postes quebrados, e as calçadas estão cheias de ervas daninhas brotando pelas muitas rachaduras. As casas estão deterioradas ao ponto de demolição, a maioria com janelas quebradas e plásticos voando com as rajadas de vento.

O suor cobre minhas palmas enquanto agarro o volante e estaciono ao lado, recusando-me a ir mais longe. Aperto os olhos quando Scottie parece ter a mesma ideia e estaciona vários carros à minha frente.

Observo-a sair do carro carregando algo nos braços.

Um cobertor?

Uma barraca?

Porra, ela é sem-teto?

Sento-me um pouco mais ereto no assento e quase saio do carro para segui-la, mas ela para bem no meio de um grupo de pessoas paradas no meio da rua. É como uma cena de filme: uma lata de lixo de aço com um pequeno fogo dentro queima forte, e o que parecem ser vários sem-teto se amontoam ao redor para pegar um pouco de calor.

Seus rostos se iluminam quando veem Scottie, como se ela fosse a pequena lua em sua noite escura. Minha mandíbula cai com confusão quando a vejo distribuindo... *casacos*?... para cada um deles. Ela até ajuda alguns enquanto eles lutam para vestir os casacos quentes sobre seus corpos ossudos.

Jesus.

O que há com essa mulher?

O ar fresco da noite envolve meus ombros tensos quando saio do carro e me encosto no capô. Verifico minhas costas algumas vezes para garantir que ninguém esteja se aproximando de mim, e continuo a observar Scottie distribuir casacos para os sem-teto. Alguns estão deitados na calçada fria, e meu coração se aperta quando ela pega o tecido e o estende sobre seus corpos adormecidos.

Abaixo-me quando ela gira e segue para o carro, mas devagar me levanto quando a vejo pausar no meio do passo. Ela olha por cima do ombro, e sigo sua linha de visão com um estranho senso de proteção guiando meus movimentos.

Para minha surpresa, é uma mulher severamente desnutrida. Seus braços estão expostos, e parecem palitos de dente. Ela sorri quando Scottie se vira completamente, e mesmo da distância que nos separa, conto vários dentes faltando.

Os passos de Scottie são hesitantes enquanto ela se aproxima. Meu punho se fecha quando ela recua bruscamente depois que a mulher tenta alcançá-la, mas no fundo, sei que Scottie é muito mais resiliente do que eu inicialmente pensei. As mãos da mulher baixam, e ela acena na direção de Scottie.

O que acontece em seguida me confunde pra caralho.

Os ombros de Scottie são expostos primeiro, depois seus braços nus. Ela tira o casaco e o estende para a mulher pegar.

Assim que a mulher o tem, minha pequena culpada corre de volta para o carro.

Ela já se foi há muito tempo antes que eu entre no meu.

Durante toda a volta para casa, não consigo parar de imaginar todos os tipos de cenários diferentes sobre Scottie — todos os quais me fazem querer descobrir mais.

Nove

Scottie

— Como você está?

Faço uma careta para mim mesma no espelho com a quantidade de blush nas minhas bochechas e tento esfregar para misturar um pouco mais. Meu irmão demora demais para responder minha pergunta, e o calor começa a descer pelo meu corpo quase nu.

— *William*. — Há um tom autoritário na minha voz que adquiri no momento em que praticamente o adotei.

— Estou...

Baixo a mão, esquecendo completamente minhas bochechas rosadas demais.

— Ei, fale comigo.

— Preciso de mais dinheiro — ele solta.

Meus lábios se abrem, e quero ficar brava e ressentida, mas como posso? Dizer que meu irmão é ingênuo é colocar de forma leve. Ele não entende pistas sociais como os outros, e a única pessoa a culpar por isso é minha mãe. Eu posso não ter notado o álcool que ela consumiu durante a gravidez porque era jovem demais para perceber, mas ao longo dos anos, pesquisei o suficiente para saber quem é a responsável.

O único problema em suspeitar que William tem Transtorno do Espectro Alcoólico Fetal é que é altamente complicado de

diagnosticar, especialmente se você não tem plano de saúde. Para piorar, a única defensora que William tem sou *eu*. Ainda me lembro do momento em que me reuni com o diretor e o orientador da minha escola no ensino médio durante as conferências. Eles esperavam um pai ou mãe, não a irmã pouco mais velha de William, que ainda era uma estudante.

O TEAF requer múltiplas avaliações. É uma doença complexa, e agora que William é um adulto legal e está na prisão, as chances de alguém ouvir meus apelos por ajuda se foram até que eu pelo menos consiga tirá-lo de lá.

Algo precisa mudar. Caso contrário, William continuará trilhando o caminho errado, e eu estarei endividada pelo resto da vida, passando todos os dias tentando protegê-lo de pessoas que o usam e abusam dele. Alerta de spoiler: os homens dentro daquela prisão usarão qualquer um que puderem, e infelizmente, William é o elo mais fraco.

— O que você quer dizer com precisa de mais dinheiro? — pergunto, erguendo o dedo para Kitty.

Ela se aproxima para misturar meu blush um pouco mais e ajusta a alça rosa do meu sutiã.

— Me dê um segundo — sussurro.

— Eu cubro você. — Kitty desaparece, e sei que é para distrair Russ antes que ele venha me caçar para subir no palco.

— Meu amigo Ike precisa de dinheiro — diz William.

A raiva surge.

— Bem, diga ao seu *amigo* para arrumar o próprio dinheiro.

— Mas eu devo a ele.

Não precisa ser um gênio para entender que dever a alguém na prisão não é bom. Assim como não precisa ser um gênio para reconhecer que esses amigos de William o estão manipulando e — ah, é isso — *usando*-o, o que ironicamente é a mesma coisa que o levou à prisão.

Pressiono a ponte do nariz.

— O que você quer dizer com deve a ele? Só porque alguém diz que você deve, não significa que realmente deve.

— Ele me protegeu.

Meu coração afunda. *Eu deveria ser quem o protege*.

Quando não digo nada, William pigarreia, e juro, ele ainda soa como aquele menininho de oito anos que chegou em casa nu porque um garoto na escola o manipulou para tirar as roupas das costas.

— Alguém estava mexendo comigo, e Ike interveio. Scottie, eu estou... estou com medo. Não gosto daqui.

Baixo a cabeça e fecho os olhos. Dou a mim mesma aproximadamente três segundos para me recompor, e então levanto e equilibro a voz.

— Eu sei que não gosta. Estou fazendo tudo o que posso para te tirar daí, mas com as taxas do advogado, manter um teto sobre minha cabeça, me alimentar e colocar dinheiro nos seus livros, é... Não consigo acompanhar.

— Cherry! — Eu sobressalto. *Merda*. — Escute, preciso ir. Vou ver o que sobrou para colocar nos seus livros amanhã. Verifique depois. Eu te amo. Lembre-se do que te ensinei sobre as pessoas, ok?

— Scottie, espere.

Mordo o lábio inferior e corro para a porta lateral. Russ vai vir me pegar a qualquer segundo.

— Se alguém aparecer—

— Cherry. Suba no palco! O que você está fazendo? — Russ aparece na curva do corredor, vermelho e suado.

Encerro a ligação rapidamente, não porque tenha medo do meu chefe, mas mais porque não posso perder meu emprego.

Não agora, de qualquer forma.

— Desculpe — murmuro.

Ele xinga baixinho e resmunga algo sobre eu ter sorte de ser gostosa. Meu estômago revira, e me pergunto o que Russ faria se eu vomitasse nos sapatos dele. Na verdade, ele provavelmente ainda me mandaria subir no palco e depois me forçaria a limpar meu próprio vômito após o turno.

Puxo a cortina, endireito os ombros e rapidamente me transformo em *Cherry*, *a Stripper*, em vez de *Scottie*, *a Desesperada*.



Uma hora resta até o fim do meu turno e estar livre. Russ sempre me coloca no primeiro turno e guarda as veteranas para as horas tardias, sabendo que são elas que estão dispostas a ir além. Para fazer o quê? Não sei exatamente. Mas considerando que é atrás das portas marcadas como *privado*, tenho uma boa ideia.

— Ei, querida? — Viro e encontro a testa franzida de Chastity a uma curta distância entre os postes.

— Sim? — respondo ofegante.

— Um cara está perguntando por você.

Olho rapidamente ao redor do Cat House, navegando entre as luzes estroboscópicas que me dão dor de cabeça, e meio que espero ver um dos jogadores de hóquei, mesmo que eles tivessem um jogo.

— Onde?

O lábio inferior de Chastity se projeta.

— Hmm, não sei para onde ele foi. Ele ficou te encarando por um bom tempo, no entanto. Estou surpresa que você não o notou.

Claro que não notei. Eu me fecho completamente toda vez que estou no palco.

Surpreendentemente, a hora seguinte passa voando, e embora Chastity e eu tenhamos ficado de olho no homem misterioso, ambas saímos de mãos vazias. Desço do palco com o sutiã cheio de dinheiro e praticamente pulo para o carro após me trocar. Secretamente verifico as estatísticas do jogo de hóquei no celular e sorrio para mim mesma quando vejo que os Devils venceram novamente. Não querendo usar muito dos meus dados, desligo rapidamente o telefone e o guardo na bolsa.

O estacionamento está escuro e sinistro porque Russ é preguiçoso demais para trocar as lâmpadas lá atrás, e é mesquinho demais para contratar segurança para nos acompanhar até os carros. Alguns diriam que Russ não se importa com as funcionárias, e enquanto caminho para o carro no breu total sem um pingo de proteção, diria que estão certos.

— Sovino do caralho — murmuro baixinho.

Normalmente, tenho uma das outras garotas comigo, e ocasionalmente dou carona para elas, mas esta noite sou só eu.

Abro a bolsa para pegar as chaves, mas paro assim que ouço o som de cascalho sendo esmagado. Olho para baixo, e estou no asfalto liso sem nem uma pedrinha por perto.

— Tem alguém aí?

Sério, *Scottie*?

De repente, sou a estrela de um filme de terror. Agora quem não está lendo as pistas sociais corretamente?

Agarro firmemente as chaves e deslizo a mais pontuda entre o primeiro e o segundo dedo enquanto fecho o punho. Rapidamente reviso a lição vaga que meu pai me ensinou quando era jovem sobre como socar corretamente, e embora tenha tido que me apegar à memória algumas vezes ao longo da vida, não é uma habilidade que possuo naturalmente.

Posso fingir, no entanto.

Giro com o vento, segurando a mão no peito e olhando ao redor. Shutter, o gato de rua que não desaparece porque continuo a alimentá-lo, corre para o beco com medo, e isso faz os pelos da minha nuca se arrepiarem.

— Scottie Monroe?

A voz vem da esquerda, e giro um pouco rápido demais e perco o equilíbrio. Duas mãos me pegam pelos braços, e quando nos encaramos, um calafrio corre até as solas dos meus pés. Seus olhos brilham com algo perigoso, e a primeira coisa que noto é a tatuagem que aparece da gola da camisa de manga longa.

— Tire as mãos de mim — exijo, orgulhosa de soar confiante. Todos aqueles anos repelindo os namorados da mamãe estão valendo a pena. Felizmente, não foi tudo em vão.

O homem ri, e soa como se tivesse a garganta cheia de cascalho solto.

— Relaxe, princesa.

Rosno e afasto suas mãos de mim. Ele cede de boa vontade, mas entre risos entrecortados, consegue me informar por que está no meu local de trabalho.

— Estou aqui para garantir que você recebeu a mensagem de pagar.

Meu primeiro pensamento é minha mãe. Mas ela está longe demais para se lembrar que tem uma filha na metade do tempo, então isso deixa uma pessoa. Penso na ligação de William, e há uma tristeza persistente que não consigo afastar.

— Deixe-me adivinhar. — Sinto-me derrotada. — Você conhece Ike?

Ele estala o dedo para mim.

— Pode apostar.

— Amanhã. — Engulo meu orgulho. — Vou adicionar dinheiro nos livros de William amanhã.

O cascalho range, e empurro meu punho com a chave apontando como uma arma no espaço vazio entre nós.

— Não se aproxime mais.

Minha visão fica borrada, e meu coração dispara. O calor se acumula no meu baixo ventre, mas estou com frio ao mesmo tempo. As mãos do cara se erguem em defesa, mas quando olho de volta

para seu rosto, percebo que ele não está olhando para mim. Está olhando por cima do meu ombro.

Suspiro de alívio.

Já era hora de Russ começar a ser um chefe decente.

Baixo a mão e espio por cima do ombro. Exceto que não me deparo com meu chefe viscoso que aparentemente ainda não se importa comigo ou com as outras garotas caminhando para os carros à noite.

É Emory Olson.

E pela primeira vez desde que o conheci, ele não está me olhando com aquele toque familiar de vingança. Está olhando para o estranho em vez disso.

Dez

Emory

Scottie realmente acha que pode machucar alguém com as chaves no punho assim? Parte de mim quis ficar nas sombras um pouco mais para vê-la tentar um golpe, mas meu corpo reagiu sem a aprovação do meu cérebro.

Os brancos de seus olhos crescem quando continuo a diminuir a distância entre nós. Seus lábios macios se abrem com confusão, e espero que ela tenha alguma inteligência por trás daquele rosto bonito, porque se ela não jogar junto, posso acabar na mesma situação de antes de me mudar para Chicago.

De jeito nenhum.

Agarro o pensamento como uma tábua de salvação, porque não devo nada a essa pequena trapaceira enganadora, mesmo que ela distribua casacos para sem-teto após o anoitecer. Uma boa ação não anula o resto.

Meu braço desliza ao redor de sua cintura, e embora ela esteja tão tensa quanto o poste com a luz quebrada a três metros atrás de nós, ela não me empurra ou tenta me acertar com a chave em vez do estranho.

— Algum problema aqui? — pergunto, encarando o homem à frente de Scottie.

— Você é o guarda-costas dela ou algo assim? — ele brinca, enfiando as mãos nos bolsos.

Meu coração dispara, e se Kane não sair por aquelas portas da frente logo, vou dar uma surra nele — companheiro de time novo ou não. Honestamente, o técnico provavelmente me agradeceria depois, porque Kane tem sido um verdadeiro desastre ultimamente. Ele joga um bom hóquei, mas está meio louco na cabeça — por isso tive que sair da cama logo após cair no sono para vir buscar esse idiota bêbado. Ele me ligou porque sabia que eu viria, sendo o novato e tudo mais.

Ter energia para ir a um clube de strip após um jogo apertado como o que tivemos é quase inédito. Mas, por outro lado, os fãs rotularam Kane como um animal, e ele faz questão de provar que estão certos.

— Guarda-costas? — repito, puxando Scottie um pouco mais para perto. Minha mão grande cobre seu punho trêmulo, e eu o empurro lentamente para baixo. Mesmo nas sombras, vejo o fogo brilhando forte em seus olhos azuis, mas eu estava certo: ela tem cérebro, porque me deixa assumir o controle total da situação. Volto-me para o homem e o observo avaliar meu porte antes de me encarar novamente.

Levanto uma sobrancelha, e sei que ele está pensando com muito cuidado no que dizer em seguida.

Scottie pigarreia, o que atrai o olhar dele de volta para ela.

— Amanhã — ela diz.

O que é amanhã? Ela vai se encontrar com ele amanhã? Quem é esse canalha? O namorado dela?

Minha mandíbula estala. Vim até aqui porque aparentemente não aprendi minha lição da primeira vez que me meti em uma discussão ou altercação que não tinha nada a ver comigo, mas agora que estou aqui, sou rapidamente lembrado por que deveria soltar a mão armada de Scottie e ir embora.

Quando começo a afrouxar meu aperto, o homem começa a recuar.

— Amanhã — ele repete, olhando de Scottie para mim. Meu peito relaxa assim que ele desaparece na noite densa, e finalmente solto a mão dela. Ela se vira tão rápido quanto, e seus olhos brilhantes, cobertos de maquiagem, se estreitam em mim, como se *eu* fosse o problema.

— O que você está fazendo aqui? — ela dispara.

Um riso sarcástico escapa da minha boca.

— Aparentemente, protegendo você.

Seu olhar irritado não faz nada além de fazer meu lábio tremer.

— Como é? — Os braços de Scottie se cruzam, escondendo parte de seu moletom desgastado do Chicago Blue Devils. O logotipo antigo do time está desbotado e gasto, e se eu fosse um homem melhor, tiraria meu casaco e daria a ela, porque a vi doar o dela para uma mulher sem-teto na outra noite, mas isso pareceria uma trégua, e eu não quero que ela tenha a ideia errada.

Se eu der um centímetro, ela provavelmente tentará tomar um quilômetro, e não estou realmente no clima de dar.

Não com ela.

— Eu não precisava da sua ajuda! — Ela joga os cabelos cor de areia por cima do ombro com atitude.

Estalo a língua.

— Hmm, sim, você precisava. — Aponto o queixo para o conjunto de chaves ainda em sua mão. — Você ia... acertar ele com a chave?

Suas bochechas ficam vermelhas de calor.

— Isso não é da sua conta.

De repente, sou recebido por suas costas enquanto ela começa a se dirigir ao estacionamento dos fundos. Seus quadris balançam por alguns passos antes que ela repense andar na mesma direção do cara misterioso. Ela se vira, e nossos olhos se encontram.

— Por que você está aqui?

— Isso não é da *sua* conta — repito.

Seus ombros caem lentamente, como se sua guarda estivesse baixando. Eu deveria virar e entrar para buscar Kane, deixando-a com suas próprias armas para o que quer que espreite na escuridão, mas minha boca se abre, e ela revela imediatamente que estou curioso.

— Era seu namorado?

Scottie parece chocada.

Levanto uma sobrancelha.

— E não diga que não é da minha conta.

Ela cruza os braços novamente, e se não estava claro antes — quando ela estava pronta para socar um homem — que ela é ardente, a postura que ela me dá agora deixa isso evidente. Seu quadril se projeta com atrevimento, e a confiança em seu tom é *tão* atraente que sinto vontade de derrubá-la alguns degraus.

— Mas realmente não é da sua conta — ela diz.

Agarro a nuca e dou um aperto.

— Sim, mas você tentou me chantagear, então acho que você meio que me deve... — Seus olhos se estreitam. — Não concorda?

O silêncio é compartilhado entre nós, e quanto mais nos encaramos, mais sinto que temos um ao outro em um mata-leão. Tenho que me forçar a não desviar o olhar e permitir que meus olhos percorram seus traços suaves e corpo perfeito, porque isso daria a ela a ideia errada, e eu não posso deixar isso acontecer.

Scottie é a primeira a ceder. Seus braços caem ao lado do corpo em derrota.

— Não — ela sussurra. — Ele não é meu namorado.

Nesse momento, há uma comoção atrás de mim, e lá vem Kane — voando como um maldito pássaro na calada da noite. Ele cai com um baque no cascalho. Aperto a ponte do nariz e xingo baixinho.

Formado na universidade e entrando no profissional, você pensaria que esse comportamento pararia. Eu era festeiro e frequentemente encontrava uma garota nova todo fim de semana enquanto estava na Bexley U, mas amadureci.

Infelizmente, Kane não.

Rosno para o leão de chácara.

— Cuidado! — Se ele machucar Kane, teremos um tempo ainda mais difícil com nossa agenda.

— Diga a ele para manter as mãos no lugar, e eu terei.

A irritação roça a superfície, e com os passos leves de Scottie atrás de mim enquanto caminho até Kane, não posso evitar a próxima coisa que sai do meu cenho franzido.

— Não finja estar protegendo as garotas agora quando nem consegue acompanhá-las até o carro na calada da noite. — Aponto o queixo para Scottie, sabendo que ela está atrás de mim, e me ocupo em ajudar Kane a se levantar.

Ele está gemendo e reclamando de músculos doloridos, que provavelmente são do jogo e não do aspirante a lutador de WWE que acabou de jogá-lo no chão duro.

— Vamos, seu idiota do caralho — murmuro, passando um braço ao redor de seu tronco.

Ignoro Scottie e o leão de chácara tendo uma conversa sussurrada. Tenho certeza de que ela está dizendo que está bem e que não precisa de alguém para acompanhá-la até o carro à noite após o turno, mas eu discordo.

Estou respirando pesadamente quando consigo colocar Kane no assento do passageiro do meu carro, e quando me viro, lá está ela, de pé com os braços cruzados sobre o peito e um olhar de quem sabe de algo em seu rostinho bonito.

— Então é por isso que você está aqui.

Agarro a parte superior da porta e permito que minha raiva com Kane alimente meu tom.

— Achou que eu estava aqui por você ou algo assim?

Os olhos de Scottie se estreitam por uma fração de segundo.

— Claro que não.

Rio sarcasticamente baixinho.

— Foi um olhar de decepção que acabei de ver no seu rosto?

Ela ofega, e tenho que me forçar a não sorrir.

— O quê? Não!

Dou de ombros.

— Ainda bem que vim. Caso contrário, você provavelmente seria presa por acertar um homem com uma chave ou...

O resto da minha frase desaparece com a rajada de vento, porque, quem quer que fosse aquele homem, ela sentiu a necessidade de se proteger. Há uma urgência em pressioná-la mais, mas me recuso a parecer interessado, porque *não estou*.

Scottie e eu voltamos nossa atenção para Kane, porque ele coloca a cabeça para fora do carro, e seu olhar bêbado pousa nela.

— Emory. Essa é sua... namorada? Apresente-me. Ela é gostosa.

— Pelo amor de Deus — murmuro.

É como se Ford e eu nunca tivéssemos ido para lados opostos dos Estados Unidos. De alguma forma, ainda estou lidando com um idiota.

— Só... cale a boca — enfatizo, empurrando seu peito para fazê-lo sentar de volta no assento.

A mão dele cai no meu pulso, e eu o flexiono sob seu meio aperto.

— Espera. Ela é sua *esposa*? Você é casado, não é? Queria ter uma esposa. Espera, por que há tantos rumores sobre você e outras mulheres, então? Isso não faz sentido. Você está traindo-a?

Uma onda de algo quente percorre meu corpo. Irritação? Vergonha? Raiva? Por cima do ombro, olho para Scottie, e quando nossos olhares colidem, rapidamente fecho a porta em Kane e contorno a frente do meu carro.

Logo antes de escapar para o assento do motorista, ouço sua voz suave, livre de qualquer raiva ou atitude.

— Obrigada.

As moedas no console central do meu carro chacoalham quando bato a porta. Cerro os dentes.

Kane murmura sob o hálito.

— Ela parece doce. Gosto dela. Não a traia.

Preciso de todo o meu autocontrole para não socá-lo diretamente no queixo.

Também preciso de todo o meu autocontrole para não me socar no queixo, porque, em vez de sair acelerando do estacionamento e deixar Scottie em paz, aperto os olhos na escuridão e observo-a caminhar até seu carro merda para garantir que ela chegue lá em segurança.

Onze

Scottie

Quatro xícaras de café, um banho frio e um biscotti depois, e ainda estou exausta da minha aventura noturna com um goleiro carrancudo que me irrita de todas as formas. Minhas mãos tremem demais para passar o batom, então o entrego a Hunter com um suspiro.

— Nervosa hoje à noite?

— Não — tento responder com a boca formando um O enquanto ela espalha o batom nos meus lábios. Quando termina, falo normalmente. — Estou cansada, então bebi cafeína demais.

— Você deveria experimentar anfetamina, garota — diz Hunter.

Kitty aparece para me defender, como de costume.

— Ela não usa essas coisas, e todas nós sabemos disso. Para de pressioná-la.

Hunter revira os olhos.

— Foi só uma sugestão. Relaxa.

— Foi uma sugestão idiota — murmura Chastity de alguns espelhos adiante.

Apesar do estigma que as strippers carregam, elas não são tão ruins quanto as pessoas pensam. Todas nós temos nossas próprias histórias e motivos para acabar no Cat House. A maioria das

mulheres nos odeia — ou a ideia de nós — e os homens nos olham como se fôssemos sua próxima refeição, mas isso paga as contas.

Mais ou menos.

Minha conta bancária está um pouco mais vazia agora que fui forçada a colocar mais dinheiro nos livros de William por causa do visitante de ontem à noite.

Arrepios cobrem meus braços.

Esfrego as pequenas bolinhas na minha pele e me preparo para o turno, tentando ao menos ignorar o vazio no meu estômago. O medo ferve sob meus nervos, e permanece ali pelas próximas duas horas enquanto me movo sedutoramente, sendo agraciada com notas de dólar.

O aluguel está quase vencendo, estou vivendo de macarrão instantâneo, a água que sai da pia da cozinha tem um gosto estranho, e recebi outro aviso do escritório de advocacia.

— Estou bem — murmuro baixinho para mim mesma. Minhas mãos caem no poste, e faço um giro de gancho para trás enquanto observo Chastity desaparecer com um homem de cabelo com gel e um terno que poderia pagar meu aluguel por um ano em uma das salas privativas. A inveja se faz presente. Se eu estivesse disposta a fazer isso, ganharia muito mais dinheiro.

Mas eu nunca faria.

— Você *está* bem — murmura um homem.

Nossos olhos se encontram, e já posso dizer que ele é viscoso.

Propositalmente, fico do lado esquerdo do poste, caso ele tenha alguma ideia louca e tente me tocar.

Ele resmunga quando não respondo.

— O quê? Sem agradecimento?

Sorrio, e sei que parece flerte, mas por dentro, imagino-me levitando sobre o bar e chutando-o bem na boca com meu salto.

Meu cabelo longo toca o chão da plataforma quando inclino os quadris para o teto em um gancho interno. Assim que sinto o poste pressionar a lateral do meu tronco, envolvo a perna interna e deslizo a mão contra o metal para girar lentamente para o outro lado do poste. Um fogo percorre-me quando sinto um puxão no meu cabelo ruivo falso, e quase escorrego quando percebo que é o homem.

— Há uma regra de não tocar — lembro, sentindo o sangue subir à cabeça.

Ele puxa mais forte, enterrando os dedos sob meu cabelo.

— Nenhuma das outras garotas me diz para não tocar.

Esse idiota.

O pânico surge, e procuro freneticamente por Chastity no Cat House. Ela quebraria o braço desse cara se precisasse. Harry, meu leão de chácara favorito, está na porta de costas para mim, e *merda*, *só solta*.

Um palavrão ameaça cortar meus lábios cerrados, e há um instinto prometendo se mostrar se ele não me soltar nos próximos segundos, o que provavelmente me levaria a ser demitida, e então eu estaria realmente sem sorte.

Abro a boca para tentar convencê-lo a me soltar, mas antes que eu consiga dizer uma palavra, ele o faz por conta própria. Respiro aliviada e fico tentada a pegar seu copo de shot e engolir o licor antes de batê-lo na cabeça dele, mas, em vez disso, jogo limpo e sorrio docemente.

— Obrigada.

Ele se recosta no assento e cruza os braços sobre sua barriga de cerveja evidente.

— Agora você me deve.

Emory surge na minha cabeça com a recente lembrança dessas mesmas palavras saindo de sua boca. Embora não esteja orgulhosa disso, e não admitiria em voz alta, continuo pensando nele enquanto recebo ordens de um cliente que precisa ser expulso por sequer pensar que eu lhe devo algo. Imaginar Emory é muito melhor que a alternativa.

— Mostre seus melhores movimentos, bebê.

A música muda, e sei que é minha deixa para descer e fazer uma pausa. Deslizo por ele, mas quando sua mão se estende e envolve minha cintura, paro de respirar.

— Quer ir para uma sala privativa?

Minha recusa corta meu pânico antes que eu tenha espaço para pensar.

— Não.

— Não?

Se eu não estivesse irritada e tentando manter a calma, riria da audácia desse homem.

— Ela não pode ir para uma sala privativa com você.

Giro com um rodopio, fazendo com que as mãos calejadas do homem rocem contra minha pele nua. Piscar através do meu choque não ajuda minha confusão nem um pouco. Emory está a não mais que um metro de mim com uma mandíbula tensa e um olhar fixo na mão contra minha cintura.

— Por que não pode? — o homem pergunta, me apertando um pouco mais forte.

Passo pelo olhar mortal de Emory e tento captar o olhar de Harry, mas com a altura e os ombros largos de Emory, não consigo ver nada, mesmo com saltos.

— Porque... — Emory dá um passo à frente, e meu coração dispara. — Eu já a reservei para a noite.

— O quê?! — deixo escapar.

Há um beliscão na minha pele do homem me apertando mais forte, e eu me encolho. A sobrancelha de Emory se arqueia, e juro que sua mandíbula fica afiada como uma faca.

— Solte-a.

A violência paira em seu tom, e a única coisa que passa pela minha cabeça é a voz dos comentaristas esportivos e como eles constantemente mencionam a prisão de Emory por agressão que o trouxe para minha cidade natal.

Estou a segundos de pisar no dedão desse homem com meu salto, mas ele prova que é mais esperto do que parece, porque a solta no último segundo. Tropeço para frente, aterrissando com um baque contra o peito duro de Emory. Ele coloca as mãos nos meus antebraços, segurando-os com firmeza. No entanto, por algum motivo, eles parecem seguros.

Olho por cima do ombro, e o homem bufa, como se estivesse esperando que eu recusasse ir para a sala privativa com Emory.

O que eu faço.

Mas não porque estou trocando-o pelo pervertido atrás de mim.

Viro-me para Emory. Ele está usando um boné, provavelmente porque as pessoas estão começando a reconhecê-lo, mas ainda posso ver o desafio em seus olhos azuis.

— Não vou para uma sala privativa com você — digo baixinho.

Seus lábios tremem.

— Vai sim.

— Eu *não* sou esse tipo de mulher, apesar de onde trabalho. — A raiva aquece minha pele, e, pelo visto, Emory gosta de me ver toda irritada.

O ar deixa meus pulmões quando suas mãos descem pelos meus antebraços e pousam nos meus quadris. Ele me puxa para mais perto, e todo o Cat House desaparece.

Meu coração dispara com seu toque, e quando ele se inclina para sussurrar no meu ouvido, eu apago.

— Você vai para aquela sala comigo, ou eu te deixo com ele, Rogue[2].

Tenho que me forçar a falar.

— Rogue?

Uma rajada quente de seu hálito atinge o lado do meu rosto com seu riso profundo.

— Sim, *Rogue*. Você é minha pequena trapaceira, Scottie, e não esqueça que você me deve.

— E você acha que vou te pagar com sexo?! — Tento manter a voz baixa, mas estou quase histérica.

As pessoas estão começando a notar nosso abraço, e se eu não fosse tão teimosa, apenas o seguiria para aquela sala idiota e

recusaria lá, mas sou obstinada, e isso é algo que nunca mudará.

Emory se tensa.

— O quê? Não. *Jesus*. Você pode apenas confiar em mim e aceitar que estou tentando te ajudar?

— Não confio em ninguém.

— Nem eu — ele retruca. — Especialmente em você. Mas você não tem escolha. Suas opções são limitadas.

Olho por cima do ombro mais uma vez, e leva apenas meio segundo para ceder a Emory.

— Tudo bem — sibilo.

Emory bufa.

— Não foi tão difícil, foi?

Reviro os olhos, e os dele brilham. Os músculos ao longo de sua mandíbula tremem antes que um engolir desça por sua garganta.

— Agora pegue minha mão e me leve para uma das salas.

Faço o que ele diz, mas murmuro baixinho.

— Você é tão mandão.

— Não sou mandão. Só sei o que quero.

Uma enxurrada totalmente desnecessária de borboletas enche meu estômago enquanto entro em um mundo completamente fictício de pura besteira onde um cara como Emory Olson *jamais* gostaria de uma garota como eu — uma com bagagem suficiente para nos pesar tanto que nem conseguiríamos mexer um dedinho do pé.

Controle-se, Scottie.

Emory obviamente quer algo de mim, e ele já deixou claro que não é me forçar à prostituição.

Sacudo a cabeça rapidamente para Chastity quando ela me lança um olhar estranho enquanto arrasto Emory para uma sala privativa. Assim que entramos, solto sua mão, e ele fecha a porta, trancando-a atrás de nós.

É a mesma sala em que nos encontramos na primeira vez que ele me encurralou no meu local de trabalho. Acho que é a nossa coisa. Eu o encurralei na arena de hóquei, e ele me encurrala no clube de strip. Que dupla.

Engulo em seco assim que ele se vira para mim. Seu ego ocupa toda a sala, e quero implorar por espaço para respirar, mas ele não me dá nem um centímetro.

— Câmeras — solto.

Ele vira o boné para trás e exibe cada um de seus traços pétreos.

— O quê?

Aponto o queixo para o canto da sala.

— Há câmeras aqui, então, se você tentar algo, terei provas.

Emory abaixa a cabeça e ri baixinho.

— Você é toda sobre provas, não é, Rogue?

O insulto dói porque não estou orgulhosa do que fiz — ou tentei fazer —, mas é merecido, então não digo nada.

Emory avança lentamente em minha direção, e fico completamente imóvel. Se estivesse trancada nesta sala com qualquer outra pessoa, entraria em pânico. Mal conheço Emory, e há uma hesitação persistente, mas ele não desperta memórias indesejadas de estar em uma sala trancada com um estranho. Não me sinto segura, mas também não me sinto ameaçada.

— As câmeras são para sua proteção ou para seu chefe se excitar com as garotas seduzindo outros homens? — pergunta Emory, parado a não mais que trinta centímetros de mim.

Não posso evitar rir. As sobrancelhas de Emory se erguem.

— Posso garantir que é o último. Russ não se importa com nossa proteção.

O ranger da mandíbula de Emory ecoa pela sala quase silenciosa. Seus olhos cortam para a cadeira no centro do ambiente.

— Então acho que é melhor darmos um show para esse idiota.

Ele deve ver o protesto no meu rosto, porque antes que eu possa recusar, ele se aproxima, segura meu queixo e inclina meu rosto para o dele.

— Você estava desesperada o suficiente para destruir minha carreira por dinheiro, então não me diga que não está desesperada o suficiente para me dar uma dança no colo para calar seu chefe, para que eu possa te dizer exatamente por que estou aqui.

Minha voz falha com um desespero evidente.

— Por que você está aqui?

Emory sorri, e odeio que seja tão atraente. Fico para trás e o observo caminhar até a cadeira. Quando ele se senta, de alguma forma parecendo mais atraente que qualquer homem no Cat House, com seu boné virado para trás, moletom preto casual e jeans, ele ri.

— Dance, e eu te conto.

Doze

Emory

Estou calmo, sereno e controlado.

Meu coração está batendo forte no peito, mas isso é só porque quero estrangular o chefe de Scottie, pois que tipo de homem coloca câmeras nas salas privativas para assistir às strippers com seus clientes? Tudo o que consigo imaginar é um homem suado com o pau na mão, se masturbando enquanto observa um monte de monitores em seu escritório abafado.

O acelerado do meu coração não tem nada a ver com Scottie parada na minha frente usando apenas duas peças de tecido muito reveladoras. Uma para seus seios redondos e empinados, e a outra mal cobrindo sua bunda perfeita. Admito que ela está escondendo mais de si mesma do que algumas das mulheres neste estabelecimento, mas provavelmente é por isso que os olhos de todos os homens são atraídos para ela em vez das outras.

Pelo menos ela deixa algo para a imaginação.

Não muito, mas há uma parte sombria de mim que implora para ver seus mamilos escondidos pelo material rendado.

Afasto o pensamento e volto ao foco.

— Dance, pequena Rogue. Ou seu chefe vai ficar decepcionado. — Inclino-me para trás na cadeira um pouco mais e abro as pernas, parecendo relaxado e completamente indiferente a ela parada ali

seminua. Minhas coxas estão tensas do treino, e há um nó no meu pescoço maior que o que se formou no meu estômago quando tomei a decisão de voltar aqui para propor uma ideia absolutamente insana.

Quando Ford diz que uma ideia é louca, você sabe que está bem perto de ser certificável.

Mas tempos desesperados pedem medidas desesperadas.

De repente, as luzes diminuem, e Scottie solta um suspiro trêmulo. A música começa a tocar de algum lugar, e volto a imaginar seu chefe sentado à mesa com a mão nas calças. Ele claramente está pronto para um show se está controlando as luzes e a música.

Scottie avança lentamente pelo chão, e para minha surpresa, mantém os olhos fixos nos meus. Eles brilham com algo selvagemente convidativo, e é como se, de repente, ela tivesse ligado um interruptor. Suas mãos pousam nos meus ombros, e ela monta nas minhas pernas. Seus quadris começam a balançar para frente e para trás, e preciso de toda a minha força de vontade para não agarrá-la firmemente pela cintura e sucumbir à sensualidade que ela exala.

Que se dane por ser tão atraente pra caralho.

Não desvio o olhar, porque que tipo de homem eu seria se recusasse um desafio? Scottie dançando sobre mim é como meu próprio teste para o paraíso. Se eu cair na tentação, vou direto para o inferno.

Meu olhar preguiçoso cai diretamente nos seios dela se derramando do sutiã escuro, e tenho a súbita vontade de arrancar aquela peruca ruiva falsa para ver suas ondas loiras. *Merda*. Forço-

me a imaginar o chefe dela à mesa com a mão nas calças para manter meu pau sob controle. Lembro-me silenciosamente do quão traiçoeira essa coisinha sexy pode ser e continuo com o verdadeiro motivo de estar aqui.

— Me diga por que você precisa de dinheiro. — Não é uma pergunta, e espero uma resposta.

— Você vai me dizer por que está aqui? — ela rebate, balançando com a música. As luzes baixas a pintam em sombras sedutoras, acentuando os vales e curvas de seu corpo, e não consigo parar de encarar.

Cerro os dentes.

— Assim que você me disser por que precisa de dinheiro.

Scottie para de se mover por um segundo, e meu coração salta uma batida.

— Esse não era o acordo.

Inclino-me ainda mais para trás no assento, e isso a traz acidentalmente para mais perto.

Ops.

Minhas mãos pousam em seus quadris por reação. Encaro-a de cima e forço as palavras a saírem.

— Vire-se.

Ela quer recusar. Há uma faísca de desafio nela que quero atiçar da pior forma, mas em vez de me dizer não, ela segue minha ordem, e odeio pra caralho que isso me excite.

Inclino a cabeça para trás após uma rápida olhada em sua bunda. As calcinhas são cortadas no lugar certo, e a curva de suas nádegas faz minhas mãos formigarem.

— Você precisa de dinheiro por causa daquele cara de ontem à noite?

Scottie pausa por um segundo rápido antes de balançar com a música novamente.

Estendo a mão e dou um leve puxão na peruca ruiva dela, e ela me lança um olhar mortal por cima do ombro. Sorrio.

— Você me viu jogar hóquei... Eu me recuso a perder. Então responda minha pergunta.

As costelas de Scottie se expandem com uma respiração pesada logo antes de ela tirar a peruca e jogá-la no chão. Ela envia suas ondas loiras caindo pelas costas com uma inclinação da cabeça. Meu estômago se contrai quando ela apaga o espaço entre nós e senta no meu pau semi-ereto, roçando-se sobre mim.

Eu deveria dizer para ela parar.

Deveria apenas pegá-la pela mão e nos levar para fora deste estabelecimento, porque não há como ela escolher trabalhar como stripper depois que eu apresentar meu acordo, mas caramba, não quero que ela pare.

Tenho me divertido demais com esse joguinho que estou jogando, e faz tempo demais desde que tive meu pau em uma mulher. Minha mão resolve o problema, mas é difícil lembrar disso com ela assim.

— Preciso de dinheiro por muitos motivos — ela finalmente responde. — Agora me diga o que você quer e por que está me forçando a dar uma dança no colo.

Bufo.

— Não estou te forçando a fazer nada. Minhas mãos nem estão em você.

Na verdade, estão atrás da minha cabeça enquanto me recosto na cadeira e a deixo fazer o que quer. Parece um pouco degradante fazê-la dançar em vez de apenas expor meus planos antes de sairmos pela porta da frente, mas não posso facilitar *tanto* assim para ela.

Não depois que ela tentou me forçar a dar dinheiro.

Scottie gira com a mudança da música e me encara através de cílios grossos ao redor de seus lindos olhos azuis. Seu lábio desaparece atrás dos dentes, e quero borrar o batom vermelho de seus lábios da pior forma, porque por mais sexy que ela esteja assim, gostei mais dela com quase nenhuma maquiagem e usando um moletom desbotado dos Blue Devils.

Aponto o queixo e encaro diretamente seus olhos. Minhas mãos saem devagar de trás da cabeça, e as descanso em sua cintura. As dela pousam nos meus ombros e eventualmente vão para minha nuca, onde ela agarra as pontas curtas do meu cabelo.

Meus dedos cravam em sua barriga nua enquanto as palavras saem da minha boca.

— Case-se comigo.

Scottie congela. Suas sobrancelhas se franzem, e há um leve estalo de seu lábio escorregando de trás dos dentes.

Leva apenas alguns segundos para que todo o seu corpo se tensione. A linda cor azul de seus olhos endurece para gelo, e ela rosna.

— Você está brincando? Isso é algum tipo de vingança?

Seu hálito quente abana meu rosto com seu bufo raivoso. Agarro-a com mais força e a puxo para perto.

— Sente-se — exijo.

— Não.

Por que essa palavra é tão atraente saindo de sua boca? Seu desafio é uma tentação como nenhuma outra.

Forço-a a sentar no meu colo, e estou preparado para que ela grite ou me dê um tapa, mas solto as palavras rapidamente antes que ela possa fazer algo.

— Não estou brincando. Apenas me ouça, Scottie. Você pelo menos me deve isso.

Observo seus ombros delicados relaxarem, e ela se move para frente sobre meu pau, apagando a maior parte do espaço entre nós. Seus dedos cravam no meu cabelo novamente, e ela puxa com mais força.

— Ok. Mas eu vou morder você se estiver só brincando comigo, Olson.

Um riso escapa da minha boca.

— Mantenha-se movendo sobre mim, ou seu ex-chefe não vai se excitar com nosso pequeno show.

— *Ex*-chefe? — ela pergunta, roçando sobre mim um pouco mais rápido.

Minha atenção cai no vazio entre nós, e há uma parte de mim que se pergunta se ela está tão excitada quanto eu. Não admitirei em voz alta, porque há uma parte profundamente enraizada de mim que a odeia, mas aparentemente há uma linha muito fina entre ódio e desejo.

Faço meu caminho de volta ao rosto dela e mantenho o olhar fixo.

— Se você vai ser minha esposa, não vai trabalhar aqui.

— Quem disse que vou ser sua esposa? — ela bufa levemente, puxando as pontas do meu cabelo novamente.

Meus dedos retaliem, e aperto seus quadris.

— Seu desespero. Você precisa de dinheiro. Eu preciso de uma esposa. Então estou aqui para fazer um acordo.

Scottie se inclina e move a boca para o lado do meu pescoço, ainda encenando seu pequeno show. Sua boca vai para minha orelha.

— Por que você precisa de uma esposa?

— Para parar todos os boatos idiotas — respondo, encarando diretamente a maçaneta da porta, rezando para que o chefe dela entre aqui e me force a parar esse joguinho de gato e rato que estamos jogando. — Preciso de alguém para ajudar a consertar minha reputação. Se eu tiver uma esposa, e alguma história elaborada sobre nossa vida e relacionamento, isso vai parar as fofocas e as mulheres que não param de inventar boatos para tirar dinheiro de mim.

Scottie se afasta imediatamente, porque obviamente toquei em uma corda sensível. Eu quis, esperando que a lembre do motivo inteiro pelo qual estamos nessa situação para começar.

— Você acha que uma stripper do Cat House se casando com você é a solução final? — Sua confusão é válida.

Balanço a cabeça.

— Acho que uma mulher que distribui casacos para sem-teto tarde da noite, que se apaixonou por um cara cabeça-quente como eu

e esperou até que eu terminasse a universidade e alcançasse meus sonhos, é.

Claro que já elaborei metade da nossa história.

Se eu quiser que isso funcione, tenho que estar preparado para levar até o fim.

Surpresa percorre seus traços.

— Como você sabe...

Eu a interrompo.

— Não importa. Sim ou não, Scottie?

Tenho que admitir, essa provavelmente é a forma mais romântica que alguém já pediu uma mulher em casamento. Uma dança no colo forçada em um clube de strip, com um acordo pré-nupcial, NDA e um contrato esperando para ser assinado no meu carro.

O que posso dizer?

Sou romântico no fundo.

Treze

Scottie

Meu estômago despenca.

Case-se comigo.

Sonhei com essas duas palavras desde que me lembro. Quando brincava de faz de conta quando criança, quase sempre acabava encenando minha cena favorita. Aquela em que minha Barbie — com a mão meio mastigada pelo animal de estimação do dono anterior — se casaria com Ken, e eles viveriam felizes para sempre. Mas isso era tudo faz de conta, e qualquer que seja esse plano que Emory conjurou em sua cabeça é exatamente isso: faz de conta.

Saio rapidamente do colo de Emory, quase caindo com meus saltos idiotas. Estou cheia de inquietação, e minhas bochechas estão quentes de humilhação.

— Saia daqui — exijo, desejando que meu tom estivesse cheio de fúria em vez de constrangimento. Meus braços se cruzam assim que as narinas de Emory se dilatam. — Eu entendi — digo. — Você ainda está bravo com o que eu fiz. Mas minha vida *não* é uma piada, então pare de brincar comigo e saia.

Lá vem a fúria.

Minha voz sobe, e meu coração bate com frustração. Não é nem direcionada a ele. Estou brava por ter tido que colocar dinheiro nos livros de William que estava guardando para as taxas do advogado.

Estou brava por ainda me sentir mal por ver minha mãe na outra noite. Estou brava por ter sido atingida no rosto esta manhã com água do vazamento no meu teto. E para piorar... estou com uma fome do caralho.

Os olhos de Emory descem preguiçosamente pelo meu corpo antes de voltarem e encontrarem meu olhar flamejante. Algo indecifrável passa por seu rosto, e a única coisa que faz é aumentar minha confusão.

— Isso não é uma piada, e não estou brincando com você.

Bufo.

— Você quer que eu seja sua *esposa*? — A palavra sai da minha boca como se fosse veneno. Mal consigo dizê-la. — Você está louco?

Ele sorri.

— Todos os goleiros são loucos.

É verdade. Eles têm uma má reputação, e a de Emory só piora. Mas *ainda assim*.

— Você obviamente não tem problema em inventar coisas... — Ele dá de ombros. — E claramente não é difícil *photoshopar* fotos.

Não é fácil para a maioria, mas para alguém que aprendeu fotografia sozinha e leu todos os livros que a biblioteca oferecia, é.

Emory se levanta lentamente, e meus braços caem ao lado do corpo.

— O que eu ganho com isso? — pergunto, odiando que esteja realmente considerando. *Eu sou a louca*? Não posso casar aleatoriamente com um jogador de hóquei profissional e seguir com toda essa história inventada sobre nós.

Posso?

Emory exibe um sorriso atrevido, mas a única coisa em que consigo me concentrar é na cor azul de seus olhos. Ou ele é um mentiroso muito bom, ou é realmente tão louco quanto eu.

— Dinheiro.

A palavra flutua de sua boca sem esforço, e sinto o estresse derreter do meu corpo. Seria uma tola se não aceitasse sua oferta — se fosse real.

— E você espera que eu acredite em você? — Olho ao redor da sala procurando uma câmera, além da que Russ provavelmente está encarando com raiva porque não estou mais me esfregando em Emory. — Não confio em você.

O riso de Emory ecoa pela sala.

— E você acha que eu confio em você?

Ai.

Estreito os olhos para esconder minha mágoa.

— Mas você quer se casar comigo?

Seu aceno é mais um golpe rápido.

— O contrato está no carro.

Oh, Deus. Ele *está* falando sério.

Meus olhos saltam de um para o outro entre seus azuis afiados. Estou equilibrada na beira da insanidade e realmente considerando isso.

Emory dá um passo em minha direção, e assim que sua mão envolve minha cintura, arrepios voam para minha pele. Fogo percorre minhas veias. Se eu disser sim, será como fazer um acordo com o diabo.

Ele me encara com seu olhar de aço.

— Qual vai ser, Rogue?

Engulo em seco, mas não consigo desviar o olhar.

— Ou você sai comigo, ou pode ficar aqui e dançar. Não é vida ou morte... — Pisco devagar. — Mas parece que é para você.

Nesse momento, a porta se abre com força. O aperto de Emory na minha cintura se intensifica, mas ainda consigo girar e encontrar o rosto suado de Russ. Ele olha de mim para Emory antes de pousar de volta em mim com um cenho franzido.

— O que você está fazendo? — ele dispara.

Meus lábios se contraem em um rosnado com seu tom. Esse seria o momento perfeito para acertá-lo bem nas bolas, exceto que, se toda essa coisa com Emory não der certo, terei que rastejar de volta para ele pedindo emprego, porque não há muitos outros trabalhos — que sejam legais — que paguem como o strip.

— O que parece? — Cruzo os braços porque Russ olhou para meus seios transbordando três vezes nos últimos dez segundos.

— Parece que você não está agradando um cliente. — As pupilas de Russ se dilatam com raiva.

Sinto a mão de Emory se apertar contra mim quando seu hálito quente acaricia o lado do meu pescoço.

— Qual vai ser, Scottie? Sim ou não?

Peso rapidamente minhas opções. Ficar aqui e me escravizar enquanto repelindo homens viscosos sem respeito por mim, ou ir com Emory e aturar seu ego opressor e sorriso irritante.

Meu estômago despenca até o chão, e minha independência vai em seguida.

Viro a cabeça, e nossos lábios estão a um sopro de distância.

— Sim.

O sorriso de Emory envia algo excitante para o meu peito. Ele remove seu aperto em mim e pega minha mão, puxando-me para passar por Russ.

— Ei, espera. Você não pode simplesmente levá-la! — Russ agarra o bíceps de Emory, e isso o para no lugar.

Bem devagar, Emory se vira e encara meu agora ex-chefe. O ar fica frio, e Russ empalidece.

— Você não é dono dela. — Russ me olha por cima do ombro antes que Emory ria e termine sua frase. — Eu sou.

Minha coluna se endireita, e se o aperto de Emory na minha mão não fosse como um cadeado, eu o arrancaria e diria a ambos que nenhum deles é dono de mim.

Em seguida, estou sendo arrastada pelo corredor escuro com Russ desaparecendo atrás. Quando viramos a esquina, tento arrancar minha mão da de Emory, mas ele me pressiona contra a parede antes que eu tenha chance. Meu pulso é preso acima da cabeça, e sua palma me envolve pela cintura para me manter imóvel.

— Tem algo a dizer, Rogue?

Sibilo baixinho.

— Você *não* é dono de mim, Olson.

Seu sorriso me irrita, e de repente estou repensando meu futuro.

— Você é meio fofa quando está brava.

Meu peito se expande com frustração. Antes que eu possa dizer qualquer outra coisa, Emory solta minha cintura e coloca a mão no meu rosto. Seus dedos se perdem no meu cabelo, e quando seu

polegar traça gentilmente meus lábios, esqueço completamente que acabei de concordar em ser a esposa falsa desse homem egocêntrico e irritante.

— Vamos esclarecer uma coisa, bebê. — Borboletas flamejantes enxameiam meu estômago. Emory pressiona o polegar contra minha boca com força e apaga meu batom vermelho-cereja. — Se você vai assumir meu sobrenome, não vai mais trabalhar para aquele homem. Entendeu? — Minha cabeça cai para frente com um puxão no cabelo, e desejo poder retrucar com algum tipo de recusa ou insulto, mas ele me tem em suas garras.

Após alguns segundos, ele finalmente me solta, e ofego por ar. Não percebi que estava prendendo a respiração até que minha visão começa a se endireitar. Sua mandíbula se trava enquanto espera minha conformidade, que me recuso a dar.

— Amanhã. Uma hora. Na arena. E traga uma caneta.

Pisco duas vezes, e ele já está no meio do corredor, caminhando para a porta dos fundos, me deixando parada ali com batom borrado e pensamentos girando.

Scottie Olson.

Acho que tem um som agradável.

Catorze

Emory

— Posso falar com você por um momento, cara?

Rhodes limpa o suor da testa com as costas da mão e olha ao redor do vestiário esvaziando antes de me dar um sutil aceno com o queixo. Interpreto isso como sua versão de *sim*, então espero um pouco mais, e quando a maioria dos meus companheiros de time se vai, viro-me e encaro meu capitão, que está encostado impacientemente nos armários com os braços cruzados.

Ele levanta as sobrancelhas para mim.

— Você acha que esse time tem potencial?

Rhodes estreita o olhar. Ele está tentando me decifrar, provavelmente se perguntando aonde essa conversa vai levar, mas mesmo assim morde a isca.

— Há dois meses? Não. Mas agora? — Ele dá de ombros. — Talvez.

Assinto e esfrego as costas dos meus ombros doloridos antes de entrar no cerne da questão.

— Quero ajudar a elevar a reputação desse time.

Rhodes ri.

— Acho que você baixou mais um nível quando foi contratado.

Verdade.

— Acho que tenho um plano para ajudar minha reputação, o que espero que leve a ajudar a reputação do time.

Rhodes suspira.

— Mal posso esperar para ouvir isso.

A única pessoa que sabe da minha proposta a Scottie é Ford, o que por sua vez significa Ford e Taytum, que provavelmente está tendo um ataque com a ideia. Isso ou eles fizeram alguma aposta para ver quanto tempo dura até explodir na minha cara. Rhodes é o capitão do time. Se eu tiver sua aprovação, sei que ele ajudará a manter o time na linha se acontecer de reconhecê-la. Scottie é um mistério. Não a encontrei nas redes sociais, mas isso não significa que ninguém a reconhecerá, com ou sem o cabelo ruivo e o poste de strip.

— Vou me casar.

Rhodes pisca. Dou mais alguns segundos, e não, essa é a única resposta que recebo.

— Vou me casar para ajudar minha reputação e, espero, parar os boatos. As mulheres aleatórias espalhando mentiras sobre mim precisam acabar. Elas estão aparecendo na minha casa, e a mídia está correndo com cada mentira do caralho, me pintando como um monstro enlouquecido com temperamento ruim que maltrata mulheres. Nosso time está cheio de desajustados — digo. — E depois de conhecer os caras e aprender suas habilidades no gelo, é completamente fodido. Podemos ser bons. Não precisamos ser a piada da liga profissional. Porque, acredite ou não, somos.

Faço uma pausa e espero para ver se Rhodes tem algo a adicionar. A única coisa que ele faz é piscar novamente, mas juro que

posso ver suas engrenagens girando.

— Preciso da sua ajuda, no entanto — acrescento.

Rhodes se afasta dos armários e endireita os ombros.

— Deixe-me perguntar uma coisa.

Assinto.

— Você está realmente tentando reconstruir a reputação desse time, ou só está preocupado consigo mesmo e para onde vai depois que seu contrato acabar?

— Ambas — respondo com honestidade. — Mas quem sabe, talvez eu fique aqui se conseguirmos nos organizar.

Sinto-me como uma criança, como se estivesse pedindo sua permissão. Meu peito se enche de esperança e desespero enquanto espero que ele grunhe algo. Ele ou vai confirmar que sou absolutamente louco pra caralho, ou vai pular no trem da loucura comigo.

— Por que está me perguntando? — ele finalmente pergunta, sentando-se no banco.

Suspiro.

— Porque você é o capitão. Esses caras te idolatraram.

— Mas o que isso tem a ver com você se casar? — Rhodes balança a cabeça. — Eu nem sabia que você tinha uma namorada.

Lá vamos nós.

— Essa é a questão. Não tenho.

O silêncio enche o vestiário. Todos se foram, mas com nossas duas personalidades na mesma sala, está lotado de tensão.

— Bem, então... — Ele balança a cabeça. — Sim. Não entendo.

— É um casamento por contrato.

Volto a atenção quando Rhodes ri. É um riso profundo, mas ele joga a cabeça para trás e continua a gargalhar. Eu o encaro, e ele balança a cabeça.

— Essa é uma ideia terrível. Você é ainda mais louco do que eu pensava.

— Eu pago a ela, e ela vai atuar como minha esposa. Vai vir aos jogos e sentar com as outras esposas, postar toda aquela besteira ridícula de relacionamento nas minhas redes sociais, ficar ao meu lado em alguns eventos... — Dou de ombros porque, verdadeiramente, o que poderia dar errado?

— Pelo menos vai calar a mídia e sua fixação constante na minha vida pessoal. Consertar minha reputação é um passo mais perto de consertar a reputação desse time. — Quando nossos olhares se encontram, acrescento mais para ajudar meu caso. — Pense nisso. Ninguém leva esse time a sério, mas imagine quando continuarmos a dominar, e eles perceberem que estavam errados sobre nós. Jogadores vão querer estar nesse time em vez de serem forçados a entrar nele.

Rhodes pensa por alguns momentos, e verifico a hora. É quase uma, e tenho a sensação de que minha nova noiva é pontual. Não que eu me importe em fazê-la esperar um pouco. É bom deixá-la suar um pouco.

— Isso vai acabar mal — ele diz.

Levanto uma sobrancelha.

— Isso significa que você está dentro?

Rhodes se levanta e pega sua bolsa. Quando começa a passar por mim, pausa, e seu aceno sutil é a única resposta de que preciso.

— Me diga o que precisa que eu faça, mas quando acabar como sei que vai, não venha correndo para mim pedindo ajuda.

Meu lábio se ergue.

— Você deveria ter mais fé no seu goleiro.

Ele me dá uma olhada de cima a baixo.

— O que precisa que eu faça?

— Apenas garanta que o resto do time vá junto se a reconhecerem.

Rhodes revira os olhos, e tenho quase certeza de que murmura algo baixinho antes de sair do vestiário.

Pego minhas coisas e sigo na mesma direção porque há um contrato que precisa ser assinado.

Eu estava certo.

Scottie está me esperando com uma careta fofa no rosto. Há um ar frio que chicoteia as pontas de seu cabelo, enviando as mechas longas voando atrás dela, revelando seus ombros tensos.

— Que bom que você veio — digo, aproximando-me do meu carro.

Scottie se afasta da porta do motorista, e tenho que me conter para não sorrir com o som de seu rosnado feminino.

— Você está atrasado.

— E mesmo assim, você esperou — retruco. — Só reforça meu ponto.

Scottie dá um passo para longe quando estendo a mão ao redor dela para abrir o carro. Ela cheira a mel e algo doce. Não gosto disso.

— Que ponto? — ela pergunta.

Agarro a porta, meio dentro do assento do motorista.

— Que você é tão desesperada quanto eu pensava.

Um ofego escapa de sua boca.

Mantenho meu sorriso arrogante para mim e aponto o queixo para o lado do passageiro.

— Entre.

Ela murmura algo sobre eu abrir a porta do carro para ela, e eu rio. Se isso fosse um encontro, eu seria um cavalheiro e faria exatamente isso. Mas no momento, o contrato não está assinado, e não há uma única pessoa ao redor para testemunhar nada. Tenho aproximadamente vinte minutos até ter que atuar como seu marido.

Quando estamos ambos dentro do carro, sinto como se estivesse sendo sufocado por seu perfume doce. Isso mexe com minha cabeça por alguns segundos antes que ela pigarreie, e eu recupere a consciência.

Certo. *Contrato*.

— Tenho que dizer... — Acomodo-me no assento, abrindo um pouco as pernas enquanto lhe dou um olhar de lado. — Não estou surpreso em ver que você apareceu.

Scottie me encara, parecendo tão pequena no assento do passageiro. A princípio, ela parece brava, talvez até um pouco ofendida. Mas consigo ver através de seu olhar pétreo. Há uma suavidade ali. Algo triste... e frágil.

Isso mexe com minha cabeça assim como o cheiro de seu perfume persistente no interior do meu carro.

Rapidamente, estendo a mão para frente e pego os papéis que meu advogado redigiu. Scottie se mexe no assento e os encara como se fossem um convite para o inferno, e para ela, pode muito bem ser.

Nós mal nos conhecemos.

Ela é uma stripper precisando de dinheiro, e eu sou um jogador de hóquei profissional com uma conta bancária robusta e um desespero por uma reputação melhor.

O topo do contrato tem as palavras *Casamento por Conveniência* em negrito. Um engolir grosso desce pela minha garganta antes de jogar os papéis no colo dela.

Espero que ela esteja pronta para jogar o jogo.

Quinze

Scottie

Contrato de Casamento por Conveniência Acordo entre duas partes para todos os fins e propósitos de um casamento legalmente vinculante.

Este acordo feito no dia 14 de outubro do ano de 2024 para terminar exatamente um ano a partir da data da assinatura. Entre _____ doravante chamado o "Noivo" e _____ doravante chamada a "Noiva."

O Noivo e a Noiva entram neste acordo para prover as circunstâncias relacionadas ao seu casamento; e ambos leram e concordaram com as seguintes condições por meio de iniciais em cada item ou parte.

1. Noiva concorda em não mais ser empregada no estabelecimento intitulado Cat House.

2. Noiva concorda em se mudar para a casa do Noivo localizada em 76 Hart St. Chicago, IL até o fim da data do contrato.

3. Noiva e Noivo ambos concordam em se engajar em toque físico e agir com afeição quando em público.

4. Noiva e Noivo ambos concordam em não se engajar em toque físico com ninguém além um do outro, desde que não seja de maneira sexual.

5. Noiva concorda em assumir as contas de redes sociais do Noivo e postar conteúdo apropriado semanalmente sobre seu relacionamento, desde que seja de maneira positiva.

6. Noiva pode ter rédea livre na casa e fazer o que quiser, a menos que uma saída seja necessária e/ou um jogo, desde que não viole a cláusula #4.

7. Noivo concorda em pagar à Noiva US$ 2.500 no primeiro dia de cada mês para uso pessoal.

8. Noivo concorda em cobrir o custo de vida para ambas as partes, incluindo, mas não limitado a hipoteca, água, eletricidade, mantimentos e quaisquer outras contas domésticas.

9. Noivo concorda em pagar à Noiva US$ 100.000 ao fim do contrato, além do valor mensal da mesada.



Scottie Monroe Emory Olson

Releio o contrato várias vezes e tento ignorar o constante mexer do meu futuro marido sentado ao meu lado.

Emory se inclina sobre o console central e aponta para o número um.

— Isso também se aplica a qualquer outro clube de strip. Achei que estava implícito, mas... — Ele dá de ombros. — Posso pedir ao advogado para adicionar se você quiser.

Viro-me e o encaro.

— Não será necessário.

O contrato amassa na minha mão enquanto absorvo o resto das estipulações do nosso casamento. Virei e me revirei a noite toda, desviando das pequenas gotas de água que continuavam pingando na minha testa do vazamento no teto. Percebo que sou louca. Estou praticamente me casando com um estranho por dinheiro, e isso parece perigosamente perto de prostituição.

No entanto, aqui estou, no carro dele, com uma caneta na mão trêmula.

Aponto para o número três. Meu coração bate descontrolado, e ignoro completamente a vozinha no fundo da minha mente que quer me fazer acreditar que estou excitada com a ideia dele me tocar. Isso certamente não pode ser o motivo de eu estar me sentindo agitada de repente.

— E quando não estivermos em público? — pergunto.

Suas sobrancelhas se unem.

— Você está me perguntando se espero que você se entregue para mim atrás de portas fechadas?

Meus lábios se abrem, e nada sai da minha boca.

Ele alisa a testa e me mostra aquele sorriso arrogante dele.

— Ou você está *pedindo* que eu te toque atrás de portas fechadas?

— O quê? — exclamo. — N-não. — Tropeço nas palavras, e a caneta escorrega dos meus dedos suados. Deveria tomar isso como um sinal e sair do carro dele, recusando assinar o contrato, mas quando tomo uma decisão, me atenho a ela. Meu pai sempre me ensinou a fazer uma escolha e me comprometer com ela. Nunca volto atrás na minha palavra. Nunca.

Emory ri, e isso me irrita instantaneamente. Ele estica as pernas musculosas novamente e encara o para-brisa. Olho para a barba rala ao longo de sua mandíbula antes que ele se vire e nossos olhares colidam.

— Não vou te tocar a menos que você me peça. Os boatos que você ouve não são verdadeiros. Esse é o motivo inteiro pelo qual preciso de uma esposa e para a mídia acreditar que estou em um relacionamento comprometido.

Relaxo um segundo depois e expiro. Emory semicerra os olhos, e posso dizer que está tentando me decifrar.

Boa sorte, no entanto. Nem eu consigo me decifrar.

— Tudo parece bem — finalmente digo.

Emory assente bruscamente e se inclina sobre o console para o meu espaço. Eu caio de atenção para sua boca e congelo. *Ele vai me beijar*?!

No último segundo, ele estica a mão para baixo e pega a caneta que está aos meus pés. Cerro as coxas e rezo para que ele não me toque, porque claramente estou fora de mim. Rapidamente arranco a caneta de sua mão, rabisco minhas iniciais em cada local indicado antes de assinar desajeitadamente o final, e empurro o papel de volta para o colo dele.

Ele me entrega mais duas folhas de papel: um NDA e um acordo pré-nupcial.

Assino ambos de boa vontade porque não só estou envergonhada por me casar com um homem por dinheiro, mas não quero nada dele depois que tudo estiver dito e feito.

Sou uma garota simples.

Tudo o que quero é que meu irmão seja cuidado e que eu esteja confortável o suficiente financeiramente para finalmente trabalhar em construir um portfólio de fotografia em vez de tentar constantemente fazer as contas fecharem.

Estou *tão* cansada pra caralho.

— Bem, isso deve bastar — anuncia Emory, reunindo os papéis e guardando-os.

Assinto e coloco a mão na porta para escapar.

— Quando eu me mudo?

— Agora. Temos um compromisso na prefeitura em poucas horas.

Paro com um pé no pavimento.

— Eu te sigo até sua casa e ajudo a pegar suas coisas.

O pânico surge.

— Hum, não. Eu cuido disso.

Emory olha de mim para o meu carro e de volta para mim.

— Você mora em uma caixa de papelão? Porque é só isso que vai caber naquele balde de ferrugem minúsculo.

Minhas bochechas flamejam.

— Eu cuido das minhas coisas. Apenas me dê o endereço da sua casa.

Emory estende a mão.

— Desbloqueie seu telefone e me dê.

Deus, ele é mandão.

Coloco meu telefone em sua mão e observo seu rosto se encher de confusão.

— Como diabos você consegue ver algo nessa tela?

— São só algumas rachaduras.

Emory me mostra meu telefone, como se estivesse enfatizando o quão insana eu sou.

— Só algumas rachaduras? — Ele não espera que eu responda. Em vez disso, balança a cabeça em descrença e, suponho, digita seu número nos meus contatos antes de devolvê-lo.

— Pronto. Agora você tem meu número e endereço.

Assim que estendo a mão para o telefone, os dedos de Emory se fecham nos meus e os prendem. Eu ergo o olhar para o dele.

— Essa é informação privilegiada. Não compartilhe com ninguém.

Não posso evitar o riso que sai da minha boca. Seus dedos se apertam, e faíscas sobem pelo meu braço.

— Você não é o papa, Olson.

Sua sobrancelha se arqueia com um desafio.

— Bem, eu não gostaria que minhas informações caíssem em mãos erradas e outra stripper aparecesse do nada, me explorando por dinheiro de novo.

Ugh. Arranco meu telefone de seu aperto apertado, e ele solta a mão no colo. Seu sorriso me irrita absolutamente, a ponto de eu praticamente mergulhar para fora do carro dele. Antes que eu escape, ele se inclina e me encara de cima com um sorriso atrevido e olhos azuis provocadores.

— Vejo você em casa, pequena esposa.

Capturo um rápido vislumbre de sua piscadela quente antes de bater a porta, e é a única coisa em que penso durante toda a volta

para o meu apartamento.

Dezesseis

Emory

Que amadora.

Parece que minha pequena Rogue não é tão astuta quanto pensei.

É claro que ativei os serviços de localização dela e os compartilhei comigo antes que ela saísse — de forma bastante agressiva — do meu carro e fugisse para o dela.

A pequena Miss Independente fez quatro viagens do apartamento para o carro, e a cada vez, tenta rearranjar seus pertences para que caibam. Não está funcionando, e, nesse ritmo, vamos nos atrasar para nosso compromisso.

Suspiro com irritação e abro a porta, deixando o vento fresco de Chicago invadir o carro. Assim que meu pé toca o pavimento rachado, sinto olhos em mim.

Esse é o tipo de bairro sobre o qual meu agente me avisou.

Prédios dilapidados. Alguns sem-teto vagando por aí. Crianças sem sapatos correndo pela rua, perseguindo uma bola que desesperadamente precisa ser enchida. Veículos que, de alguma forma, estão em pior estado que o de Scottie, estacionados ao lado da estrada. Não é tão ruim quanto o acampamento de sem-teto para o qual segui Scottie outro dia, mas é um segundo lugar bem próximo.

Assim que entro no complexo de apartamentos, um fedor de mofo me acerta em cheio no rosto. É como o porão da vovó Lottie de novo. Quando Taytum e eu éramos mais novos, eu a convencia a brincar de esconde-esconde lá embaixo. Exceto que eu nunca ia procurá-la.

Ford sempre era o que voltava para buscá-la.

Subo as escadas correndo, sabendo que Scottie deve estar em um dos andares superiores, considerando o quão vermelha e suada ela fica cada vez que vai para o carro. Algumas baratas desgarradas fogem, evitando meus pés grandes. Paro no topo da escada no segundo andar. Escuto atentamente por alguém bufando e ofegando, mas ouço alguns palavrões em vez disso.

— *Meu Deus*.

Abafa um riso na garganta e pressiono os lábios.

— *Preciso me exercitar mais*.

Como se girar em um poste não fosse exercício?

— *Ai. Merda*!

Antes que eu possa me conter, viro-me na direção dos adoráveis palavrões de Scottie. Sigo o eco de algo caindo e a encontro no chão sujo, segurando o tornozelo com força. Seus olhos se arregalam, e ela tenta rapidamente se levantar.

— O q—o que você está fazendo aqui? — ela gagueja, tentando afastar o cabelo suado do rosto.

Reviro os olhos e vou direto para ela.

Ela está meio bagunçada, e não sei se sinto pena dela ou se estou divertido com ela.

Talvez um pouco dos dois.

Em vez de responder, inclino-me e a pego nos braços. Naturalmente, ela protesta e bate no meu peito. Ignorando-a novamente, carrego-a pela porta aberta do apartamento, e preciso de tudo em mim para não deixar meu queixo cair.

É aqui que ela mora?

Porra, não é à toa que ela precisa de dinheiro.

Há rachaduras nas paredes, cadeiras de cozinha descombinadas em uma mesa pequena, um sofá solitário e esfarrapado, e nem me faça começar na "cama".

Paro no lugar quando vejo uma panela aleatória no colchão dela.

— Você sabe que isso não é um fogão, certo?

Ela bufa.

— Me ponha no chão.

Coloco-a no balcão da cozinha. Não é grande, mas ela também não é, então cabe perfeitamente.

— Deixe-me ver — exijo.

Os lábios macios de Scottie se franzem, e, sem surpresa, ela mantém as pernas balançando, recusando-se a me mostrar o tornozelo.

— O que você está fazendo aqui?

— Achei que era óbvio. — Gesticulo para seu estado caótico. — Você claramente precisa de ajuda para se mudar para minha casa, e que tipo de marido eu seria se não aparecesse?

Scottie dá de ombros.

— Não sei. Talvez o falso que você é...

Um riso profundo me escapa.

— Não há nada de falso nisso. Os papéis estão assinados.

Isso parece calá-la. Ela quebra nosso contato visual e olha para o lado, como se estivesse repensando nosso esquema. Aproveito a oportunidade para deslizar o sapato dela e examinar o tornozelo machucado.

Unhas pintadas de azul me encaram. Ignoro a maciez de sua perna enquanto agarro sua panturrilha e examino a mancha vermelha se formando na lateral externa do tornozelo.

— Você tem gelo? — Olho ao redor enquanto mantenho sua perna na mão. Observo a pequena geladeira.

— Estou bem. — Scottie tenta puxar a perna, mas aperto os dedos e a impeço. A cozinha é um espaço tão pequeno que consigo alcançar e abrir o congelador enquanto a mantenho presa.

Está completamente vazio.

Sem gelo.

Sem pizzas congeladas.

Nada.

Olho para ela pelo canto do olho. Ela está olhando na direção completamente oposta. Seu lábio inferior cheio está preso entre os dentes enquanto ela morde a carne como se fosse sua única fonte de comida.

Com uma sensação ruim no estômago, fecho o congelador e abro a geladeira.

Jesus.

Há um pacote quase vazio de fatias de queijo, um creme de café com sabor de avelã de marca genérica, algumas laranjas e... um

biscotti pela metade? É pior que um estudante universitário pobre tentando economizar dinheiro.

Isso é apenas... triste.

Fecho lentamente a geladeira e corro rapidamente o olhar pelo seu corpo esguio. Está claro para mim que ela não come fora com frequência — sem mencionar que, obviamente, não tem finanças para isso. Minha curiosidade aumenta ainda mais, mas guardo essa pequena informação no fundo da mente e continuo.

— Bem — suspiro —, acho que podemos colocar gelo na minha casa depois de nos casarmos. — Que suponho que seja a casa dela também.

Scottie me encara, e basta um segundo olhando em seus olhos azuis-bebê para saber que ela tem uma riqueza de problemas presos em algum lugar atrás deles. De repente, quero saber tudo o que há para saber sobre ela. Onde está sua família? Por que ela mora em um buraco? Como uma garota como ela acabou trabalhando no Cat House?

Lentamente, solto sua perna e a deixo balançar ao lado da outra. Meu coração bate mais forte do que deveria quando dou um passo mais perto. Minhas mãos de repente têm vontade própria enquanto sobem pelas pernas dela e pousam em seus quadris.

Seu suspiro doce me pega de surpresa, e cerro os dentes. É difícil manter o foco, e eu *nunca* tenho dificuldade em focar. Um engolir ardente desce pela minha garganta quando a levanto e coloco lentamente seus pés no chão. Minhas mãos demoram um segundo a mais, e odeio que ela perceba.

Afasto-me rapidamente e passo a mão pelo cabelo.

— O que mais você precisa? — Minha pergunta é rouca, e a confunde.

Olho para as linhas franzidas em sua testa e sigo seu olhar.

— Só minhas coisas de fotografia.

— Coisas de fotografia? Você é fotógrafa?

Ela ri sarcasticamente, e, por algum motivo, isso me incomoda.

— Não oficialmente. — De repente, ela parece envergonhada. Um tom rosado tinge as maçãs de seu rosto antes que ela manque até uma câmera preta sobre uma mesinha de cabeceira improvisada, que tenho quase certeza de que é apenas uma caixa de papelão velha virada de cabeça para baixo.

Espero e observo enquanto ela a pega e coloca em um estojo. Há alguns outros itens variados que ela agarra, e então suspira. Ela me olha por cima do ombro. O sol poente brilha pela única janela de seu pequeno apartamento, e o brilho a banha na luz mais suave, fazendo-a parecer menos com a mulher que tentou me chantagear e mais com alguém que é aparentemente... inocente.

Ela manca até os joelhos. Há um farfalhar de papéis antes que ela se levante, segurando uma pilha grossa de fotos nas mãos.

— Tudo bem, estou pronta.

Levanto uma sobrancelha e caminho até ela. Ela sai do caminho quando me abaixo para pegar a mesinha de cabeceira lamentável — porém criativa — e a viro para o lado certo. Abro as abas e jogo a barata no chão, observando-a correr e se esconder.

— Pronto.

Scottie coloca lentamente as fotos e alguns envelopes na caixa, e, embora saiba que não deveria, dou uma olhada.

As fotografias são em sua maioria velhas e desbotadas. Uma chama minha atenção, e não consigo parar de olhar para ela. É um homem vestindo uma camiseta do Chicago Blue Devils, e acho que é a mesma que ela usou no jogo a que veio. Não está nem de longe tão desgastada na foto quanto está agora, porém. Ele está nas arquibancadas da arena, e uma garotinha está em seus ombros, com trancinhas loiras e um sorriso enorme.

Acho que é Scottie e seu pai.

Sentindo que invadi algo que não deveria, e, surpreendentemente, me sentindo um pouco mal por isso, fecho a caixa de papelão.

Quando olho para minha nova esposa, não fico surpreso ao ver que ela está mordiscando o lábio nervosamente. Tento voltar ao meu eu habitual, inacessível e indiferente, e ignoro isso. Scottie e seu hábito nervoso de mordiscar o lábio não vão derreter minha fachada fria.

— Bem, vamos lá. Temos que passar na prefeitura antes de irmos para casa — anuncio.

Querendo endurecer o ponto fraco que começo a sentir por ela, decido fazer uma piada sobre seu lugar.

— Quer levar seu bichinho de estimação?

Confusão atravessa seu rosto.

— Que bichinho?

Gesticulo para o canto do quarto onde a barata correu.

— Sua barata?

Seus olhos ardem de raiva, e eu sorrio o tempo todo enquanto a sigo, mancando, para fora do apartamento imundo.

Dezessete

Scottie

Merda.

Paro e xingo meu tornozelo dolorido quando noto o olhar azedo no rosto do meu senhorio na minha tentativa de sair furtivamente do complexo atrás de Emory.

— O que você pensa que está fazendo, garota?

Nada na minha vida vem fácil.

É claro que Gerald estaria aqui, de todos os dias, para questionar minha mudança.

Pelo menos Emory está lá fora, colocando algumas das minhas caixas no carro dele para que eu possa dirigir até sua casa sem caixas de papelão bloqueando minha visão.

Ou seria *nossa* casa?

Gerald pigarreia com a garganta rouca atrás do acrílico que separa seu escritório da entrada, e eu endireito os ombros.

— Estou me mudando. Minha carta de rescisão está lá em cima na mesa. — Coloco as chaves no balcão com um barulho alto.

— Você não pode fazer isso. Está violando seu contrato de aluguel.

Sinto uma dor de cabeça instantânea. Se eu não estivesse tentando melhorar meu crédito para um dia ser uma adulta responsável e conseguir um empréstimo, deixaria Gerald na mão.

Quero dizer, se eu estava disposta a chantagear um jogador de hóquei profissional aleatório por dinheiro, quem diria que eu não pularia fora de pagar o aluguel para esse cara nojento? Mas mesmo assim...

— Vou pagar o restante do meu contrato de aluguel assim que puder.

— Assim que puder? Isso significa que vai atrasar seus pagamentos de novo? Porque estou te avisando, garota... Vou te mandar para a cobrança—

Interrompo-o antes que Emory volte e se meta em algo que quero que ele fique bem longe.

— Vou pagar na hora.

— É melhor, Srta. Monroe! Ou você vai se arrepender.

Idiota.

Lanço-lhe um olhar fulminante antes de me virar e esbarrar diretamente no peito duro de Emory. Estremeço quando suas mãos caem nos meus braços superiores. Quando o encaro de minha estatura muito menor, ele está encarando meu ex-senhorio. Meu rosto fica em cinquenta tons de vermelho. *Por favor*, *diga que ele não ouviu essa conversa*.

— É Sra. Olson — corrige Emory, calmo como sempre. Seus dedos se apertam contra meus bíceps, e meu coração dá um salto estranho. — Não quero ouvi-lo ameaçar minha esposa novamente.

Esposa.

Uma onda de algo quente corre dos seus dedos envolvendo meus braços até os dedos dos pés.

Fico sem palavras.

É um casamento por conveniência. Uma farsa.

Estamos presos por um contrato idiota, e não há uma gota de amor entre nós, mas sou enganada a acreditar que sua devoção é real.

É um chute rápido bem no meu estômago, porque, meu Deus, como eu desejo ter *uma* pessoa ao meu lado. Pelo menos uma vez.

— Não vejo um anel no dedo dessa garota.

Todo o corpo de Emory se tensiona, e eu entro em pânico.

Empurro seu peito, e ele imediatamente me dá atenção. Raiva gira em seus olhos, e, em vez de serem azul-oceano, estão árticos.

Memórias começam a surgir, e arrepios correm pelos meus braços. O número de vezes que tive que intervir em uma discussão acalorada, impedir alguém de brigar — geralmente alguém tentando machucar William — e bloquear um golpe para que minha mãe não fosse nocauteada é incontável. Cada vez que sou lembrada da violência, meu estômago se contrai.

— Vamos embora — sussurro.

Emory franze a testa e encara Gerald por cima da minha cabeça, depois grunhe. Felizmente, ele se vira, e saímos pela porta, recebidos pelo aroma fresco do outono.

Após alguns segundos dolorosamente constrangedores, Emory finalmente faz a pergunta que não quero responder.

— Quanto você deve?

Sei o valor de cabeça, e na vinda até aqui, calculei minhas finanças para o próximo ano como esposa de Emory Olson, resolvendo tudo.

— Está sob controle — digo.

Olhamo-nos por alguns longos segundos antes que ele aceite minha resposta e comece a caminhar em direção ao seu carro.

— Siga-me até a prefeitura.

Não posso evitar e reviro os olhos.

Ele é tão mandão.

— Você acabou de revirar os olhos?

Cruzo os braços e faço de novo, enfatizando que ele não é o único que pode ser insolente.

Admito, Emory me deixa um pouco nervosa. Ele pode ser intimidador, e a arrogância praticamente exsuda de seus poros. Mas, ao mesmo tempo, ele me intriga, e há uma parte selvagem de mim que quer apertar seus botões como ele faz com os meus.

Seu riso profundo faz meus lábios tremerem, e espero que ele não perceba. Ele balança o cabelo arenoso antes de entrar no carro e acelerar alto antes mesmo que eu chegue ao meu.

Ligo meu carro e acelero também. Por mais embaraçoso que seja, meu carro faz um barulho alto de estalo toda vez que ligo, e uma fumaça cinza sai do escapamento. Olho pelo retrovisor, e Emory está boquiaberto. Ele balança a cabeça um segundo depois e sai.

Quero ser desafiadora e me recusar a segui-lo.

Mas tenho que fazê-lo.

Porque assinei o contrato, e a partir desta noite, estaremos oficialmente casados no estado de Illinois.



— Bem, está feito, seus pombinhos. Vai beijar sua noiva?

Rhodes bufa, e sua filha bate palmas de cima de seus ombros. Meu rosto queima, e estou suando. Não era assim que imaginava meu casamento, mas parece apropriado, porque minha vida é uma piada do caralho.

— Cala a boca — Emory dispara, arrancando o telefone do púlpito de madeira.

Aparentemente, seu amigo, Ford, é um oficial de casamento, e é surpreendentemente legal ter alguém "casando" você por uma chamada de vídeo. Não protestei, porque quanto menos pessoas presentes, melhor.

Rhodes, que sabe do nosso contrato, e Chastity, que gentilmente concordou em estar aqui no último segundo — e foi forçada a assinar um NDA por Emory — são nossas testemunhas. A partir de agora... suponho que sou considerada uma mulher casada.

— Tem certeza de que é isso que você quer? — sussurra Chastity depois de me tirar do enquadramento do vídeo enquanto Emory implora à irmã para ajudar a *vender* nosso casamento para seus pais.

Tenho certeza de que Taytum pensa mal de mim.

Acabei de me casar com o irmão dela por dinheiro. Pelo que ela sabe, sou apenas mais uma mulher interesseira.

Em uma tentativa de praticar minhas mentiras, assinto.

— Sim. Claro que é isso que quero. Além disso, é um pouco tarde demais para mudar de ideia.

Chastity arqueia uma sobrancelha. Ela está vestida de forma casual hoje, e você nunca saberia que ela é uma das principais strippers do Cat House.

— De todas as garotas do trabalho, você é a última que eu imaginaria estar nessa posição.

Pego suas mãos quentes e as aperto.

— E de todas as garotas, eu sabia que você seria a única a entender.

— Quero dizer, se eu tivesse um jogador de hóquei profissional gato me pedindo para casar por conveniência, eu pularia em cima dele na hora.

Solto uma risada e tento escondê-la.

Rhodes xinga baixinho e se afasta com sua filha de cinco anos.

— Mas você? Miss Independente? Estou apenas... surpresa.

Minha voz abaixa.

— Preciso do dinheiro.

— Tanto assim?

O último correio de voz que recebi de William ecoa na minha cabeça, e assinto.

— Ele está disposto a me pagar mensalmente, e receberei um montante considerável depois que nosso contrato acabar. — Será mais que suficiente para reabrir o caso de William. — Além disso, eu odiava aqueles homens me olhando.

Chastity sorri maliciosamente.

— E eu amo isso.

Eu rio, e isso chama a atenção de Emory. Nossos olhares se encontram, e meu estômago se enche de inquietação. *Eu realmente acabei de me casar com ele*?

Sacudo as preocupações.

Não há espaço para arrependimento ou dúvida na minha vida.

— Bem, devemos tirar uma foto para postar nas redes sociais? — Emory está com as mãos nos quadris, esperando minha resposta.

Após um vislumbre da sala em que estamos escondidos, eu rio.

Um casamento rápido na prefeitura com uma stripper, um jogador de hóquei carrancudo e uma criança de cinco anos como testemunhas é absurdo. Emory quer que eu nos pinte como recém-casados apaixonados nas redes sociais dele, e acha que *esse* cenário vai convencer a mídia?

— O que é tão engraçado? — ele pergunta, expressão impassível e tudo mais.

Rhodes bufa novamente e coloca sua filha agitada no chão. Ela pula até Emory, tranças bagunçadas balançando atrás dos ombros, e olha para seu corpo alto.

— Ela precisa de um anel, bobo.

O lábio de Emory se curva.

— Ela precisa?

Ela leva a mãozinha à testa e a bate.

— Você pode ser bom no hóquei, mas acho que não é muito esperto.

— Ellie — Rhodes tenta repreender a filha, mas um riso escapa da minha boca ao mesmo tempo em que Rhodes balança a cabeça em descrença. Os olhos de Emory voam para os meus bruscamente, e cubro os lábios para tentar esconder minha diversão.

Emory suspira, e juro que sinto seu hálito quente do outro lado da sala. Observo-o se abaixar para ficar no nível de Ellie, e, embora sua voz suavize, ainda o ouço.

— Quer ir comigo escolher o anel?

Ela assente tão vigorosamente que pequenos pedaços de cabelo caem de suas tranças bagunçadas e entrelaçadas.

— Papai! Posso?! Posso ir escolher um anel bonito?

Rhodes segura a nuca e a aperta.

— Posso te fazer companhia enquanto eles vão — brinca Chastity, meio de zombaria.

— Você vem comigo — digo a ela, salvando Rhodes do aneurisma que ele está prestes a ter.

A mandíbula de Emory se tensiona.

— E você vai aonde?

Cruzo os braços e levanto uma sobrancelha para meu novo marido e seu tom insolente.

— Comprar um vestido.

Suas sobrancelhas se franzem.

— Já estamos casados. Por que você precisa de um vestido?

— Para nossas fotos de casamento.

Sua mandíbula relaxa, e eu suspiro. Gesticulo para a sala e paro no papel de parede descascando, que parece saído diretamente dos anos 1960.

— Se você quer que eu venda nosso casamento para a mídia, vamos precisar de algo mais que um casamento rápido na prefeitura em uma sala que fede a mofo.

Emory faz uma careta, mas, no final, murmura a palavra *ok*.

Aceno um adeus para Ellie, e ela me dá um joinha antes de murmurar:

— Vou escolher um anel bem grande!

Dou uma risadinha suave. Emory me pega sorrindo, e algo passa pelo seu rosto que não consigo decifrar, mesmo que tentasse.

Quando todos se vão, olho para Chastity.

— Pronta?

— Onde vamos comprar um vestido?

Pego minhas chaves na mesa.

— No brechó, obviamente.

Dezoito

Emory

O anel no meu dedo é pesado.

Uma pequena caixa preta está no balcão, e está mexendo comigo. Continuo encarando-a, como se fosse desaparecer.

Sei que a mídia vai perder a cabeça quando a primeira foto de Scottie e eu surgir — isso é... se ela algum dia voltar para casa.

Meu pescoço estala com um movimento brusco quando ouço o ronco de um escapamento ao longe. Meus nervos se acalmam imediatamente. Verifico a hora no celular, ignorando as mensagens do meu agente e dos meus pais, demonstrando sua confusão e preocupação com meu recente casamento, e caminho até a janela. Encaro-a como um stalker desequilibrado, observando Scottie estacionar paralelamente na rua.

— Pelo menos ela sabe fazer isso — murmuro.

Ela fita minha casa, e mesmo à distância, vejo que está mordiscando o lábio inferior novamente. Estou casado com ela há menos de vinte e quatro horas, e já conheço seus tiques nervosos.

Quando ela sai do carro, caminho até a porta da frente e chego antes dela.

Ela pula com o punho cerrado no ar, prestes a bater.

— Sabe... você não precisa bater, considerando que esta é sua casa pelos próximos doze meses.

Um ano.

Vou viver com ela por um ano inteiro.

Dividindo a cama.

Merda.

Os avisos de Rhodes estão começando a soar verdadeiros. Não pensei isso direito.

— Ah, bem, não me senti à vontade para simplesmente... entrar. — O cabelo loiro de Scottie cai atrás dos ombros enquanto ela inclina a cabeça para olhar a casa. Ela pisca algumas vezes, maravilhada, e gostaria de poder ouvir o que passa pela sua mente. Depois de ver onde ela morava, isso provavelmente parece exagerado.

As casas em Chicago não são o que estou acostumado. Praticamente não há quintal, e eu poderia cuspir e acertar a varanda do vizinho. A minha é uma das casas mais caras do mercado e maior que as demais ao longo da rua. Ela se ergue até as nuvens e fica bem acima da árvore de corniso na frente, que minha corretora elogiou como se eu me importasse com seu ciclo de florescimento.

— Vou mandar fazer uma chave para você. — Outra coisa que não pensei direito. — Vamos pegar o resto das suas coisas antes que alguém te veja parada aí toda desajeitada.

Scottie estica o quadril.

— Não estou parada aqui desajeitadamente.

— Você está olhando para minha casa como se fosse um castelo. — Em uma tentativa de feri-la, porque odeio que meu pulso acelere quando ela está por perto, digo algo que sei que vai insultá-la. — Mas para você, provavelmente é.

Seus olhos flamejam, e eu me deleito com a súbita onda de adrenalina.

— Você é um babaca. — A tentativa de resposta dela me faz rir.

Seus quadris balançam com uma atitude ardente enquanto ela vai para o carro, mas eu a alcanço rapidamente, puxando-a de volta no último segundo antes que ela morra aos meus pés. A buzina do Mercedes soa enquanto passa voando, e os dedos de Scottie cravam no meu antebraço enquanto somos quase atingidos. Sua respiração está irregular e desigual, então mantenho meus braços ao redor de sua cintura, puxando-a para meu peito.

— Insultar seu novo marido não é muito gentil. Especialmente depois que ele acabou de salvar sua vida.

Seu queixo delicado se inclina, e ela me encara.

— Bem... — Ela faz uma pausa. — Você me insultou primeiro.

Não posso evitar e rio novamente da sua imaturidade. Retiro a mão de sua cintura, ansioso para colocar espaço entre nós. Começo a atravessar a rua até o carro dela. Por cima do ombro, grito para ela:

— Certifique-se de olhar para os dois lados dessa vez.

Minha boca se contrai quando ouço ela murmurar algo baixinho. A porta do carro range alto, fazendo um bando de pássaros voar. Balanço a cabeça diante da audácia do carro dela, meio que sentindo pena dela, e vou pegar suas caixas.

Antes que minhas mãos toquem o papelão, Scottie se coloca na minha frente e me empurra para o lado.

— Eu pego.

Grunho quando seu traseiro roça em mim. Dou um passo para trás e olho para seu bumbum redondo e perfeito nas calças jeans

apertadas que ela está usando o dia todo. Minha virilha formiga, e é então que percebo que terei que me lembrar constantemente que essa mulher tentou me chantagear e arruinar minha carreira.

— Tudo bem.

Dou um passo atrás e descanso o antebraço na porta do passageiro. Observo com divertimento enquanto ela empilha várias caixas uma sobre a outra, a ponto de não conseguir enxergar. É quase doloroso ficar ali e não fazer nada. Após testemunhar alguns passos trêmulos dela, percebo que não me importo se ela não quer que eu pegue suas caixas. Vou pegá-las mesmo assim, porque, até agora, nas últimas horas, ela caiu sobre o tornozelo e quase foi atropelada por um carro.

Pego as três caixas de suas mãos e ignoro seu pequeno bufar de raiva.

— Para de agir como uma pirralha — digo por cima do ombro.

Scottie fecha os olhos com força antes de se virar e pegar mais uma coisa no carro. Quase a provoco novamente, mas assim que estamos dentro da minha casa e a porta se fecha, de repente me dou conta da situação em que nos encontramos.

Meu amplo espaço de conceito aberto parece de repente menor.

O ar está tenso, e ambos estamos nervosos.

Nossos passos ecoam enquanto Scottie me segue até as escadas como um patinho.

Quando abro a porta do nosso quarto, ela entra hesitante e olha rapidamente ao redor.

Meu quarto é maior que o apartamento inteiro dela, mas mantenho a boca fechada e a observo enquanto ela absorve o

ambiente.

— Você pode ficar com o lado esquerdo.

Scottie gira como o vento. O saco do vestido estala em seu braço, e seus olhos se arregalam.

— Espera, o quê?

Aponto com a cabeça para o lado esquerdo da cama, colocando as caixas no chão.

— Eu durmo do lado direito, então você pode ficar com o esquerdo.

Suas sobrancelhas se juntam.

— Não vou dormir na cama com você.

Estou começando a achar que ela só gosta de discutir comigo.

— Bem, divirta-se dormindo no sofá, então. Não tenho quarto de hóspedes.

Em um aparente choque total, sua mandíbula relaxa, e seus longos cílios tremulam uns contra os outros.

— Como você não tem um quarto de hóspedes?! Esta casa é enorme.

— Não é tão grande assim — digo. — E deixe-me corrigir. Tenho outros quartos, mas estão sem mobília, então ou você dorme na cama comigo, no sofá lá embaixo, ou no chão. Você escolhe.

Eu tenho um quarto de hóspedes totalmente mobiliado, cortesia da minha mãe, mas finjo que não tenho só para irritar minha nova esposa e o horror em seu rosto ao pensar em dormir ao meu lado.

Ela revira os olhos azuis, e isso faz algo comigo.

Com irritação, viro-me para deixá-la desfazer as malas sozinha. Antes de ir muito longe, paro na porta e seguro o topo da moldura para me acalmar. Minhas costas estão viradas para ela, e meus dedos cravam na madeira.

— O anel está no balcão.

Meus músculos se tensionam quando ouço seu suspiro sarcástico.

— Que romântico — ela murmura.

Enquanto desço as escadas, espero silenciosamente a cada passo que tomei a decisão certa ao me casar com uma stripper pobre, com o que parece ser um grande coração e uma língua sarcástica, para consertar minha reputação quando tudo estiver dito e feito.

Dezenove

Scottie

O café está muito amargo, e eu gostaria de ter um biscotti para acompanhar, mas não há melhor maneira de acordar do que com uma cafeteira fervendo e alguns alongamentos rápidos para aliviar meus músculos doloridos de dormir no sofá.

É um sofá confortável, muito mais macio que o meu sofá de brechó com costuras rasgadas. Já dormi em lugares piores, mas fiquei encolhida de lado a noite toda e, aparentemente, não me mexi um centímetro, o que causou um nó no meu pescoço.

Olho ao redor da minha nova casa, sentindo-me mais uma intrusa do que qualquer coisa.

Foi apenas uma noite, mas acordei com a mesma sensação pesada no estômago, revirando silenciosamente meu novo nome.

Scottie Olson.

A pequena caixa preta no balcão de mármore brilhante continua atraindo minha atenção, e juro que ela está se aproximando. Olho para as escadas sinuosas, tentando ouvir se meu novo marido está acordado, e volto para a caixa.

Está se aproximando, ou estou louca?

Com mãos trêmulas, coloco a xícara de café no balcão e lentamente alcanço a caixa.

O veludo é macio contra meus dedos enquanto passo pelas bordas, sentindo a fenda.

Meus joelhos estão fracos, e começo a suar.

Apenas segurar algo tão importante... e caro... me faz sentir uma criminosa. A menor semente de culpa se planta no meu peito, mas a arranco um momento depois quando penso em William atrás das grades por algo que ele não fez. *Nunca perca o foco*. É algo que meu pai costumava dizer, e se eu me esforçar o suficiente, posso ouvir sua voz me encorajando.

Isso é por William e pelo que resta da nossa família. Além disso, não é como se eu fosse apenas uma aproveitadora. Já tenho uma agenda completa planejada, com datas e tudo, para postar nas redes sociais de Emory, anunciando nosso casamento e relacionamento daqui para frente.

Inspirando rapidamente, abro a caixa e fico paralisada.

Encaro o grande diamante solitário e cada pequeno grupo que está perfeitamente alinhado na fina faixa de ouro. Meus lábios se abrem diante da beleza estonteante do anel. É simples e delicado, mas com o tamanho, certamente faz uma declaração.

Não posso usar isso.

Viro-me e coloco as costas para a sala de estar. Parece que os móveis estão observando minha reação, e não gosto de como isso me faz sentir.

A caixa se fecha com um estalo, e passo os dedos pelo veludo novamente, apenas para abri-la e olhar novamente.

Usar algo tão valioso parece errado, considerando como cresci. Sem mencionar minha dívida e quanto dinheiro preciso levantar

para reabrir o caso de William... É antiético.

— Você deveria ter visto o anel que Ellie tentou me convencer a comprar.

Fecho a caixa com força e viro rapidamente, batendo as costas na borda afiada do balcão, mas escondo a dor.

O lábio de Emory se contrai, mas, pela primeira vez, ele não me insulta.

Ele entra mais na cozinha, vestindo calças de moletom cinza-escuras e um moletom preto. Pega minha xícara de café do balcão e a bebe de um gole só. Minha mandíbula relaxa quando ele levanta a mão e limpa o excesso de líquido da boca.

— Obrigado pelo café.

Meus lábios se fecham com força, e minha testa franze.

Grosseiro.

Emory contorna o balcão e pega um recipiente na geladeira, depois o coloca no micro-ondas. Observo cada movimento dele e me pego imaginando como alguém tão grande pode se mover com tanta graça. Ele faz a cozinha parecer menor, mas tenho a sensação de que isso tem mais a ver com seu ego do que com sua estatura corporal.

Sem olhar para o que está fazendo, ele pergunta:

— Como foi o sofá?

— Ótimo — minto.

Preciso de tudo em mim para ficar reta e não massagear o nó no meu pescoço.

Emory assente e me encara entre grandes mordidas de ovos. Meu coração bate mais rápido quanto mais ele me olha, e odeio não conseguir ler sua mente. A casa parece apertada, como se as janelas

fossem estilhaçar a qualquer segundo, então finalmente desvio o olhar e quebro nosso intenso confronto visual.

— Eu... — Pigarreio. — Tenho uma agenda para postar nas redes sociais sobre nosso casamento e nosso futuro relacionamento.

— É mesmo? — ele brinca.

Sei que ele está sorrindo, apenas pelo tom de suas palavras. Um calor sobe pelas minhas costas quando deslizo meu celular pelo balcão.

Ele o pega no último segundo.

— Não é à toa que seu celular está rachado.

— Outra pessoa rachou meu celular. — Fecho a boca com força diante da audácia do meu cérebro permitir que isso saísse.

Ele me examina.

— Quem rachou seu celular?

Dou de ombros, tentando esconder minha mentira.

— Só caiu no trabalho uma noite.

Que desculpa patética, e se Emory é tão esperto quanto parece, ele vai ver através dela.

Ele combina seu riso leve com um balançar de cabeça, e sei que estou certa. Ele não insiste, porém.

Movo-me sobre meus pés descalços, esperando que ele termine de olhar a agenda, torcendo para que ele aprove. Uma parte de mim sente que ele é meu chefe. É um acordo mútuo. Nosso “casamento” é uma conveniência para nós dois, mas não posso evitar a parte profundamente enraizada em mim que está constantemente tentando agradar outras pessoas.

Aprendi com minha conselheira do ensino médio, quando ela me incentivou a ir ao seu escritório após ouvir sobre minha vida familiar, que a negligência infantil pode se transformar em traços como agradar pessoas, baixa autoestima e desconfiança em quase todos os relacionamentos futuros.

Infelizmente, ela estava certa.

Emory finalmente desliga a tela do meu celular.

— Parece bom para mim.

Um suspiro de alívio escapa da minha boca.

— Ótimo. Vamos tirar nossas fotos de casamento hoje.

Há uma leve onda de excitação com a ideia. Não tirei fotos há tanto tempo que meus dedos coçam para segurar minha câmera por alguns segundos, me perdendo no momento. Pode ser um casamento falso, mas vou capturar cada momento fingido e torná-lo crível.

Emory me tira dos meus pensamentos.

— Tenho treino.

Certo. Jogador de hóquei profissional... como se eu pudesse esquecer.

— Vamos fazer depois, então. Você tem um terno? — Balanço a cabeça. Claro que ele tem. Ele os usa em todos os jogos... não que eu tenha notado.

Após colocar o recipiente no lixo, Emory contorna o balcão da cozinha e aponta com a cabeça para as escadas.

— Estão no armário. Escolha o que quiser. — Ele faz uma pausa ao meu lado, e eu viro lentamente. Com um olhar preguiçoso, ele me examina da cabeça aos pés, e de repente me sinto constrangida.

Recuso-me a deixar que ele veja que me deixa desconfortável, assim como me recuso a seguir um caminho de autoconsciente porque estou tão acostumada a não ser boa o suficiente.

Quando ele encontra meu olhar novamente, pisca.

— Te vejo depois do treino, esposa.

Meu estômago dá um salto, e minhas bochechas ardem.

Não digo nada porque estou em choque com a forma como sua piscadela enviou uma linha de fogo direto pela minha espinha.

Sou claramente impressionável quando se trata dos olhos azuis de Emory e seu sorriso provocador. Eu poderia facilmente me encontrar em um mundo de decepção ao permitir que eu acredite que há algo mais do que apenas um casamento por contrato entre nós dois. Não há espaço para coração partido na minha vida, porém.

A porta se abre, e observo Emory sair de casa, bolsa de hóquei a tiracolo.

Logo antes de ele desaparecer, ele se inclina para trás e me pega encarando.

— Ah, e nem pense em penhorar esse anel por dinheiro.

Encaro-o, e sua risada o acompanha pelo resto do caminho até a porta.

Deixa pra lá.

Não sou impressionável quando se trata do meu novo marido.

De jeito nenhum.

Vinte

Emory

O time ficou confuso quando cheguei ao treino com um anel no dedo.

A maioria manteve suas suspeitas para si, apenas me lançando olhares de canto, mas depois que Malaki não parava de cutucar, Rhodes acabou puxando-o de lado e o fez calar a boca.

Afinal, foi ele quem me entregou o bilhete embrulhado em chiclete naquela primeira noite e reconheceu Scottie imediatamente, mesmo quando Kane discutiu sobre a cor do cabelo dela. Antes de sair para casa, levei-o até meu carro e entreguei um NDA. Ele assinou de bom grado, mas não antes de fingir estar magoado por eu não confiar nele.

Ele disse algo sobre querer o mesmo que eu — uma reputação melhor para o time — e reiterou que todos estamos aqui para fazer um trabalho.

Aparentemente, no momento, o meu é brincar de me fantasiar com minha nova esposa para posar diante da câmera dela para nossas fotos de casamento falsas.

Suspiro ao abrir a porta da frente, içando a bolsa de hóquei mais alto no ombro. A casa cheira... doce. Há um leve aroma floral pairando pelo espaço aberto, e, claro, é um perfume agradável para

voltar após um longo dia no gelo, mas me irrita na mesma medida, porque sei que é *ela*.

— Você está atrasado.

Viro o pescoço para a sala de estar e quase perco o equilíbrio.

Meus joelhos fraquejam, e levo um soco no estômago com sua aparência.

Que porra é essa que eu me meti?

Lá está minha nova esposa, presa por um contrato fingido, usando um vestido de noiva que realça cada curva deliciosa de seu corpo e destaca quão tragicamente bela ela realmente é. Com olhos azul-claros brilhantes e maçãs do rosto que reluzem sob a luz natural da sala, fico meio sem palavras.

Isso me surpreende. Pisco algumas vezes antes de finalmente falar.

— O q—o quê? — Seguro minha bolsa com mais força e me arranco do transe que ela me colocou.

— Você está atrasado — ela repete.

É difícil ignorar a atitude em seu tom, e meu olho tremula.

— Você é minha esposa há vinte e quatro horas e já está ficando brava porque não cheguei em casa na hora? — Grunho e viro as costas para ela, odiando que vê-la em um vestido de noiva me deixe todo confuso.

A seda de seu vestido faz um barulho que chama minha atenção enquanto seus pés batem contra o piso de madeira. *Sem sapatos*? Recuso-me a olhar para seus pés fofos.

— Preciso de luz natural para nossas fotos! — Há uma urgência em seu tom que me faz virar de volta. Sua mão cai no meu antebraço,

e ela desliza minha bolsa do ombro, deixando-a cair com um baque no chão.

Minha testa franze enquanto olho para sua pequena palma segurando meu braço.

— Vamos!

— Aonde? — Deixo-a me puxar pela casa até as escadas porque estou simplesmente confuso.

Ela se vira e olha por cima do ombro delicado. O vestido revela um pouco de pele, e odeio que pareça tão macia. Também odeio que eu me lembre de como ela se sentiu no meu colo naquela noite em que a pedi em casamento... a palavra *pedi* sendo ostensiva em todos os sentidos.

— Para se trocar! — Ela me solta, e um pedaço de seu cabelo loiro preso cai em seu rosto. — Vai!

No momento em que passo à frente dela, ela me empurra por trás.

— Você é mandona — digo por cima do ombro.

Pego-a com o quadril esticado e os braços cruzados sobre os seios levemente expostos.

— Bem... quem é mandão reconhece outro.

Com uma risada silenciosa, viro-me e subo as escadas correndo.

— E raspe o rosto! — ela grita lá de baixo.

Reviro os olhos e vou direto para o banheiro pegar minha navalha, conforme o pedido da minha *esposa*.



— Certo. Onde você me quer? — Pareço irritado e impaciente, mas devo admitir, é meio divertido observar Scottie analisar o espaço e testar sua câmera, apenas para se afastar com a testa franzida e os lábios apertados.

Ela me silencia sem nem olhar na minha direção. Há uma pequena linha entre suas sobrancelhas, e quando ela chupa o lábio com seus dentes brancos brilhantes, não consigo evitar encará-la.

— Isso não vai funcionar! — Ela bufa e bate no queixo com os dedos.

Ignoro seu pequeno chilique e corro os olhos por seu corpo esguio. Ela é pequena, mas ainda tem curvas notáveis, e o vestido de noiva parece que foi feito para ela.

Em meio à Scottie reunindo sua câmera e o tripé, deixo escapar uma pergunta que está me incomodando.

— Onde você conseguiu esse vestido?

E se ela já foi casada antes?

Penso no homem que a estava tratando como uma boneca de pano no Cat House. Minhas orelhas ardem, e faço a próxima pergunta antes que ela possa responder a primeira.

— Você já foi casada antes?

Scottie para o que está fazendo e imediatamente me olha. Leva exatamente três segundos para ela explodir em risadas. Algo se move no meu peito, e minhas orelhas esfriam. Mantenho os lábios retos, mas ouvir sua risada faz minhas bochechas tremerem.

Sinto vontade de sorrir, o que é irritante.

— O que é tão engraçado? — pergunto, seguindo-a enquanto ela arrasta o tripé escada acima. — E aonde estamos indo?

Pego o equipamento dela, e surpreendentemente, ela me deixa carregá-lo. Provavelmente é por causa do vestido de noiva apertado que não permite muito movimento, mas, pela primeira vez desde que a conheci, ela não está me afogando com sua independência.

— Vamos para o seu quarto.

Meu lábio se curva no canto.

— Nossa, já? Pensei que você pelo menos esperaria nosso aniversário de uma semana.

Scottie para bem na minha frente, e a próxima coisa que sei é que levo uma cotovelada nas costelas.

— Ai, porra. Estava brincando. — Esfrego o lugar onde ela me acertou e continuo a segui-la até meu quarto.

— Não foi engraçado — ela diz, com a expressão mais séria possível.

— Mas perguntar se você já foi casada antes é?

Scottie tenta pegar o tripé das minhas mãos, mas eu o puxo de volta. Levanto uma sobrancelha, e ela suspira.

— Não — ela responde. — Nunca fui casada. Não tenho tempo para namorar, quanto mais encontrar um homem disposto a casar com uma stripper pobre com trauma de infância suficiente para pesar um caminhão.

Scottie fecha os lábios com força e rapidamente desvia o olhar. Tenho a sensação de que ela não queria dizer a segunda parte daquela frase. Antes que eu possa comentar, ela arranca o tripé da minha mão, e observo em silêncio enquanto ela o monta novamente e testa a iluminação.

— Tudo bem, está pronto. Não temos muito tempo antes que a iluminação desapareça, então vamos. — Minha noiva acena a mão para mim, e, por despeito, me movo bem devagar. Suas mãos caem nos quadris quando ela faz biquinho, e encaro o dedo que deveria estar usando um anel.

— Então, você penhorou o anel ou...

Fogo queima em seus belos olhos azuis. Ela bufa e sai pisando forte com os pés descalços, apenas para voltar alguns segundos depois com o anel pendurado no dedo mindinho. Ela mexe na câmera novamente e corre para o lugar perto da janela.

— Venha ficar bem aqui. — Ela gesticula ao lado dela.

Atravesso o carpete do meu quarto e ajusto o terno azul-marinho que estava na cama quando saí do chuveiro. Fico a poucos centímetros e olho para ela toda arrumada.

Ela está linda. Toda brilhante e tal. Se isso não fosse um casamento falso, eu diria isso a ela, mas não lhe devo elogios. Devo a ela um pagamento.

Só isso.

— Quero que você coloque o anel no meu dedo lentamente e olhe para mim o tempo todo enquanto faz isso.

Meus ombros tensionam.

— Tudo bem.

Scottie coloca sua mão quente na minha, e eu a seguro suavemente.

— Vamos — ela sussurra, dando um passo mais perto.

Meu coração bate forte contra as costelas, e é a única coisa que ouço entre os cliques da câmera tirando várias fotos de mim

deslizando lentamente o anel de diamante em seu dedo esguio.

Um engolir áspero desce pela minha garganta.

Isso parece... íntimo.

Scottie corre para verificar a câmera. Seu rosto se ilumina de excitação, e então ela volta para mim, enviando seu doce perfume na minha direção.

— Agora quero que você fique atrás de mim e envolva suas mãos na minha cintura.

Porra.

Estou inquieto, e meus ombros travam quando ela se coloca à minha frente e recua até estarmos colados.

— Assim? — pergunto, voz rouca.

— Sim. — Ela está sem fôlego. Sua caixa torácica se expande na minha pegada, e um fogo se acende no meu baixo-ventre.

Faz meses desde que levei uma mulher para a cama, e meu corpo deixa isso muito claro no momento. Minha mandíbula trava quando Scottie pega meu dedo anelar e começa a mexer o anel além da minha junta. — Faça o mesmo com meu dedo, e finja que está colocando meu anel de novo. Vamos fazer isso ao mesmo tempo e tirar uma série de fotos.

Engulo em seco e faço como ela diz.

A câmera clica, e no exato momento, como se estivéssemos sincronizados, lentamente colocamos os anéis nos dedos um do outro.

Meu pulso está acelerado. Olho para seu pescoço e vejo o pequeno pulsar sob sua pele macia, combinando com a velocidade do meu.

Estamos muito próximos, e não há um pingo de tensão raivosa entre nós no momento.

Não há comentários provocadores ameaçando sair da minha boca, e o ar de atitude que ela geralmente carrega desapareceu.

Não sei se gosto disso.

O cabelo preso de Scottie roça na frente do meu terno, e nossos olhos se encontram.

— Acabamos? — A esperança no meu tom é óbvia.

O lábio de Scottie está preso sob seus dentes, e ela balança a cabeça.

— Agora preciso que você finja que vai me beijar, porque duas fotos nossas colocando anéis nos dedos um do outro não vão ser suficientes se quisermos que o mundo acredite que este é um casamento de verdade.

Minha mandíbula estala.

Com ela nos meus braços, olhando para mim com seus olhos azuis brilhantes, parece real pra caralho.

Vinte e Um

Scottie

Não consigo recuperar o fôlego.

Minhas pernas estão fracas, e sei que tomei a decisão certa ao não usar sapatos sob meu vestido de noiva de brechó, porque já teria quebrado o tornozelo a essa altura.

Emory me deixa nervosa, mas não da maneira que estou acostumada. Em vez de um nó no estômago, estou agitada com pensamentos ansiosos e excitação, o que é conflitante.

O terno que ele está usando foi obviamente feito sob medida para seu corpo e somente para ele. As mangas abraçam seus bíceps grandes, e o colarinho branco impecável bate logo abaixo do pomo de Adão cada vez que ele força um engolir lento.

— Você quer que eu finja que estou te beijando?

Meu coração dispara com a rouquidão em seu tom. Seus lábios perfeitos, cor de pêssego, me deixam em algum tipo de névoa, e não consigo desviar o olhar deles.

Um aceno rápido e único é a única resposta que dou ao meu novo marido.

A mão de Emory cai na minha cintura, e a única coisa separando sua palma da minha pele é a seda do meu vestido de noiva. Engulo em seco quando seus olhos alternam entre os meus.

— Por que não um beijo de verdade? — ele pergunta, puxando-me mais para perto.

Um suspiro apressado escapa dos meus lábios quando engasgo.

A mandíbula de Emory tremula ao lado, e fico sem palavras. Ele se inclina mais, e nossos narizes quase se tocam.

Inclino o queixo, e ele sorri lentamente.

— Com medo de gostar da minha boca na sua, Rogue?

O primeiro clique da câmera ecoa pela sala tensa, e meu coração pula. Os dedos de Emory cravam nas minhas costas, e encaro sua boca antes de subir por seu rosto liso e travar os olhos com ele novamente.

Pensei que sabia o que eram olhos de quarto depois de olhar nos rostos dos homens enquanto dançava no poste. Mas estava errada. Emory me olha como se quisesse me devorar e tomar seu tempo fazendo isso também.

Ele inclina o rosto, e eu o imito. Nossos narizes roçam um no outro, e quase posso sentir seu gosto na minha língua. Meu corpo colide com o dele quando ele me puxa mais para perto, e sua outra mão sobe por cada uma das minhas curvas até roçar meu pescoço. Ele segura meu rosto, e nossos lábios se tocam tão suavemente que me pergunto se imaginei, mas após outro clique da câmera, Emory me tira do meu devaneio.

— Acabamos? — ele pergunta, voz tensa.

— O q—o quê?

— Acabamos com as fotos? — ele repete.

Pisco várias vezes antes que sua mão acaricie lentamente meu rosto, parando bem na minha boca. O calor se espalha quando seu

polegar roça levemente meu lábio inferior.

— Você deveria respirar, Scottie.

No exato momento em que inspiro, meu toque de celular dispara. Pulo para longe e quase tropeço, tentando alcançar meu telefone. Pedras de pavor caem sobre meus ombros, e a leveza que senti quando estava em seus braços desaparece.

Tenso quando aperto os olhos além das rachaduras na tela e vejo o número.

— Eu, uh... tenho que atender isso. — Estou atordoada, e Emory sabe disso.

— Não sei como você consegue ver quem está ligando, mas suponho que isso significa que terminamos nossa sessão de fotos. — Emory se vira e vai para o banheiro principal, e eu saio correndo pela porta do quarto o mais rápido que posso.

Após ouvir a voz automatizada da prisão e dizer “Aceito”, a voz de William chega ao meu ouvido.

— Scottie?

— Estou aqui. — Encosto-me na parede ao lado da porta e mordo o lábio. — Como você está?

Há muito barulho ao fundo da ligação para distinguir o que é o quê, mas quanto mais tempo William fica naquele lugar, mais me preocupo com seu bem-estar a longo prazo.

Olho para a porta do quarto.

William é facilmente influenciável, mas talvez eu também seja, porque, por um segundo, acreditei que Emory queria me beijar tanto quanto eu queria que ele o fizesse.

Embora eu negasse isso até o dia da minha morte.

Fecho os olhos com força e espero pela resposta de William.

— Tudo está... bem.

Não estou convencida.

— O que há de errado? Aconteceu algo?

Um grito ecoa antes que ele responda.

— Não. Só não sei de nada mais. Estou confuso.

Lá vamos nós.

— Me conte o que aconteceu — incentivo, suavizando meu tom.

Ele suspira, mas não diz nada.

— William. — Estou frustrada e preocupada ao mesmo tempo. Parte de mim está brava com minha mãe por me deixar lidar com as repercussões de seu comportamento, e a outra parte está brava com o destino por tirar meu pai, porque ele era a única coisa estável na minha vida. Faz muito tempo que não sinto pena de mim mesma, mas estou tão... cansada.

Olho para meu vestido de noiva e tenho vontade de rir.

O que estou fazendo?

Estou brincando de me fantasiar com um jogador de hóquei profissional e agindo como uma dona de casa por dinheiro para que eu possa pagar a apelação da sentença de prisão do meu irmão, só para ter que descobrir como prepará-lo para ter sucesso na sociedade com uma deficiência que nem está documentada? É simplesmente absurdo.

— Um dos caras me pediu para fazer um favor, e eu fiz.

Favores na prisão. Isso *sim* é absurdo.

— Mas?

— Mas acho que deixei algumas pessoas bravas.

Pinço a ponte do meu nariz.

— William, quantas vezes te disse que seu comportamento e escolhas têm consequências? Você está na posição em que está agora por causa dessas escolhas. Você não pode deixar as pessoas te convencerem a fazer coisas.

Eu estou na *minha* posição por causa dessas escolhas também.

— Eu sei, mas... — Há mais comoção ao fundo, e William parece assustado. — Tenho que ir. Estão cortando meu tempo.

Entro em pânico.

— Eu te amo...

A ligação termina, e me sinto mal.

Seguro meu estômago e deixo o telefone cair no chão. Ele quica no carpete macio, e fecho os olhos. O estresse me impede de me mover, então fico ali, encostada na parede com meus pensamentos girando.

Não sei quanto tempo passou, mas quando minha respiração parece controlada, e meu estômago para de revirar, abro os olhos e procuro meu telefone no chão.

Fico paralisada quando vejo um par de pés masculinos descalços na minha visão periférica.

Como alguém que trabalha seu corpo até o limite do colapso diariamente tem pés tão bonitos?

Viro-me e encaro Emory. Ele está encostado no batente da porta com um ombro, e meu telefone está em sua mão.

É doloroso olhar para ele.

Vergonha mancha minhas bochechas, mas busco a menor quantidade de autoestima que tenho e ajo como se nada tivesse acontecido.

Ele me observa com atenção total enquanto me levanto mais reta. Cruzo os braços sobre o vestido de seda de decote baixo antes de estender a mão.

— Posso pegar meu telefone, por favor?

Seus olhos mostram um desafio.

— Não.

— Não? — questiono, tentando esticar o quadril.

Não funcionou por causa do meu vestido, mas a tentativa estava lá.

A atenção dele cai na minha cintura antes de ele voltar lentamente ao meu rosto.

— Vire-se.

— Como é?

Emory caminha em minha direção com meu telefone ainda em seu aperto firme. Sua mão livre cai no meu quadril, e ele me gira.

— Eu disse vire-se.

Não consigo respirar, e não tenho ideia de por que estou deixando ele me mandar assim. Se fosse qualquer outro homem, eu pisaria no pé dele e o xingaria, mas com Emory, é diferente.

O som do meu zíper ecoa pelo corredor longo e vazio, e meu vestido se solta ao redor dos meus ombros. Um arrepio percorre minha corrente sanguínea quando sinto o leve toque de seus nós dos dedos roçando minha espinha.

— Vá se trocar e me encontre na cozinha.

Abro a boca com uma recusa pronta, mas Emory já está na metade do corredor e descendo as escadas quando me viro, segurando o vestido pela metade.

— Você vai me devolver meu telefone?! — grito, indo para minha bolsa que ainda está intacta no quarto dele.

Emory me ignora, o que não é novidade.

Vinte e Dois

Emory

Seus passos leves chamam minha atenção, mas estou plenamente consciente de cada movimento dela, mesmo quando não está vindo na minha direção.

Faz apenas alguns dias que ela é minha esposa e está morando na minha casa, mas já sinto ela ocupando um espaço que não é necessariamente reservado para ela.

Não apenas na minha casa, mas na minha cabeça também.

— Posso pegar meu telefone, por favor? — Os braços de Scottie se cruzam sobre sua camiseta desgastada do Chicago Blue Devils, que é dois tamanhos maior que ela. Baixo o olhar para suas pernas nuas, e ela tem sorte que consigo vislumbrar os shorts pretos apertados que está usando por baixo. Caso contrário, eu a viraria e a mandaria subir as escadas para exigir que colocasse uma calça.

A última coisa que preciso é da minha esposa falsa andando pela casa sem calça.

Giro o telefone meio quebrado de Scottie no balcão e sorrio.

— Talvez se você pedir com jeitinho.

O revirar de olhos dela me excita.

Meu novo objetivo diário é irritá-la e ver seus olhos azuis se encherem de aborrecimento.

— Olson, me dá meu telefone. — Scottie bate o pé descalço contra o piso de azulejo, e eu dou uma risadinha.

Gosto meio que quando ela me chama pelo sobrenome.

— Tudo bem. — Suspiro.

As sobrancelhas de Scottie se franzem com minha resposta não combativa. Sua atenção cai no telefone que coloquei no centro da ilha.

— Esse *não* é meu telefone.

— É agora. — O telefone antigo dela está na minha mão, e se eu quisesse levá-la ao limite da violência, eu o partiria ao meio. Me contenho, porém. Afinal, preciso da ajuda dela.

— Como assim? — Ela alcança o aparelho.

Percebo que o anel de casamento não está mais no dedo dela, mas não digo nada. Se ela só quer usar o anel de três quilates que deixei a filha de Rhodes escolher quando estamos fingindo, que seja.

— Minha esposa não pode ter um telefone com a tela rachada assim. Então, peguei um novo para você.

O leve suspiro de Scottie preenche o espaço entre nós, mas não o reconheço.

Bato o nó do dedo no balcão.

— Também te coloquei no meu plano, mas você manteve o mesmo número. Transferi tudo depois de falsificar sua assinatura no formulário de liberação e explicar que você era minha esposa. Todas as suas fotos e contatos estão aí também.

A pequena mandíbula dela relaxa em descrença, mas um momento depois, ela a fecha com força e me lança um olhar fulminante.

Uma semana atrás, isso teria me irritado.

Mas agora, só me diverte.

— Não preciso de um telefone novo! — O aparelho desliza pelo balcão liso, e eu o pego com um reflexo rápido. *Nota mental*: *comprar uma capa LifeProof para ela*.

Minha boca se contrai, e eu o lanço de volta para ela. É como se estivéssemos jogando shuffleboard, e ela precisa saber que nunca perco em nada.

— Sim, você precisa.

Linhas de raiva se formam na testa de Scottie, e sua boca fofa se franze de raiva.

— Não posso pagar por um telefone novo, Emory. — Suas bochechas coram.

Pisco através da confusão.

— Espera, o quê?

— Se você vai descontar isso do meu pagamento, eu não quero. Não posso pagar por um telefone novo. Tenho outras coisas para quitar.

Então ela precisa de dinheiro porque está muito endividada?

Scottie empurra o telefone de volta para mim. Eu o prendo sob meus dedos. O balcão que nos separa está agindo como uma barreira maior. Raiva e vergonha emanam do corpo dela, e estou em uma espiral de confusão e curiosidade.

Segurando o telefone com força, contorno o canto e invado o espaço dela. Ela não se move um centímetro. A única coisa que faz é me espiar pelo canto do olho.

— Não vou descontar isso do seu pagamento — digo, voz baixa.

Os ombros dela caem, e a cabeça segue. Se eu tivesse que adivinhar, ela está tentando esconder sua vergonha de mim.

Uma respiração apertada fica presa na minha garganta quando alcanço seu pulso. Viro a mão dela para que a palma esteja voltada para mim, e coloco o telefone novo nela antes de fechar seus dedos ao redor do aparelho e empurrá-lo contra seu peito. O lábio inferior dela fica preso entre os dentes, e é preciso cada grama de autocontrole para não libertá-lo desse hábito nervoso.

Inclino a cabeça. Minha boca está bem ao lado do ouvido dela.

— É inegociável.

Ela se vira, e nossos lábios estão tão próximos que posso sentir seu hálito quente se misturar com o meu. Levanto uma sobrancelha, pronto para ela ficar combativa comigo.

— Não me lembro de ver isso no contrato. — Ela levanta a mesma sobrancelha.

— Se eu estou pagando, que diferença faz? — Afasto-me dela porque, quanto mais respiro seu perfume, mais eufórico me sinto. — Sem mencionar que o contrato diz que sou responsável por pagar as contas.

— É a minha conta. Não sua.

Dou uma risada.

— Você está no meu plano agora, querida. Então, *é* minha conta.

Algo passa pelo rosto dela, e ela dá um passo para trás, mas não antes de olhar para minha boca por um segundo rápido. Ela volta seus olhos azuis-bebê para mim e suspira.

— Tudo bem. Tanto faz.

Sentindo-me vitorioso por ganhar, vou para a geladeira preparar um dos meus jantares prontos, que venho vivendo desde a faculdade, com um passo animado. As refeições são cheias de proteína, e embora sejam caras, é melhor do que tentar cozinhar para mim mesmo com a agenda que tenho durante a temporada.

Merda.

Com as costas viradas para Scottie, percebo que não tenho nada para ela comer, a menos que queira comer um desses, o que é altamente improvável.

Continuo preparando a refeição e coloco-a no micro-ondas. Ela se moveu para o sofá na sala de estar, e parece tão pequena entre as grandes almofadas. Um laptop que parece ter passado por maus bocados está apoiado em suas pernas cruzadas, e há óculos de armação preta pousados na ponta de seu nariz enquanto ela encara a tela intensamente.

O brilho do computador pinta suas maçãs do rosto com uma luz azulada, e é realmente perturbador que eu sinta um aperto no baixo-ventre quanto mais a observo.

Ela é bonita.

Especialmente quando não está fingindo, agindo toda durona e independente.

Quando o micro-ondas apita, Scottie nem se move. Toda a concentração dela está no computador.

Durante todo o tempo que como minha comida, observo-a.

Ela ou não tem ideia, ou está *muito* focada no que está fazendo no computador.

Talvez ela esteja na faculdade? Isso seria um motivo para precisar de dinheiro.

Pigarreio quando termino meu jantar e me levanto para subir.

Já se foram os dias em que eu saía com os caras, ficava bêbado, terminava na cama de alguma garota e ficava acordado até altas horas da noite. Agora, é hora de dormir cedo e treinos matinais antes do sol nascer.

Fico pensando se devo ou não deixar Scottie se virar sozinha. Ela vai encontrar algo para comer se estiver com fome, certo? Ela tem seu cobertor e travesseiro arrumados na ponta do sofá, tudo bem organizado.

Ela está bem.

Como um esquisito furtivo, passo por trás do sofá e sigo para as escadas — mas não antes de dar uma olhada na tela do computador.

Quase caio quando vejo as fotos que ela está editando. Meus pés se recusam a avançar. Em vez de me mover, fico ali e observo enquanto ela dá zoom na minha mão em seu rosto, com nossas bocas quase se tocando. Ela desfoca o fundo do meu quarto para que todo o foco esteja em nós, e devo admitir, a foto está muito boa.

Nós parecemos... *reais*.

— Nossa.

Scottie pula e fecha o laptop com força, como se estivesse assistindo pornô em vez de editando nossas fotos de casamento.

— Meu Deus, faça um barulho na próxima vez!

— Não sei se você ouviria mesmo que eu fizesse. — Dou uma risadinha. — Isso foi uma concentração bem intensa. Fiz uma refeição e comi, tudo isso enquanto te observava, e você não notou.

Seus olhos se arregalam.

— Você estava me observando?

— Isso te incomoda? — Sei muito bem que sim.

Ela se vira para longe de mim.

— Não.

Dou uma risada.

— Você é péssima em mentir.

Seu rosnado fraco chega ao meu ouvido, e sorrio atrás dela.

— Enfim... — Começo a me afastar, deixando-a com seus dispositivos. — Vou dormir.

Os ombros de Scottie relaxam, e ela começa a abrir o laptop novamente.

— Você vai jantar? — pergunto, afastando-me ainda mais.

— Jantar? — ela repete, olhando a hora. — Ah, uh... sim.

Ela está mentindo?

— O que você vai comer? — Encosto-me nas escadas, esperando para ver o que ela vai inventar.

Ela dá de ombros com as costas para mim.

— Vou encontrar alguma coisa.

— Bem, não tem muito. Você provavelmente deveria pegar algumas coisas que gosta no mercado, porque tudo que tenho são refeições prontas e shakes de proteína.

Ela ri levemente.

— Confie em mim, estou acostumada a juntar coisas para fazer uma refeição. Tudo bem.

Minhas sobrancelhas franzem com a resposta dela. Não gosto da sensação que me dá quando penso nela não comendo ou apenas *juntando coisas* para fazer uma refeição.

Com um suspiro pesado, viro-me e me forço a subir as escadas.

Estou na metade delas quando a ouço dizer:

— Boa noite.

Paro por um segundo, mas balanço a cabeça e vou direto para meu quarto, tentando tirá-la da minha mente, porque amanhã, sei que nossa foto estará espalhada por todas as redes sociais, e as fofocas vão se espalhar como fogo.

Prontos ou não, aqui vêm o Sr. e a Sra. Olson.

Vinte e Três

Scottie

Meu telefone novo é bom.

Bom demais.

Finjo estar dormindo quando Emory acordou hoje de manhã e mexeu na cozinha, provavelmente fazendo uma de suas "refeições" que cheiravam intragáveis. Mas tanto faz, não vou colocar um avental e fingir que sou uma esposa dedicada e fazer refeições caseiras para ele. Isso não está no contrato, e não vou agir como se isso fosse algo que não é.

Sopro uma grande quantidade de ar, e meu cabelo solto voa para trás. Fecho os olhos quando clico em "postar" e inspiro todo o ar da sala de estar. Emory entrou na arena para o treino como o goleiro cabeça-quente do Chicago Blue Devils com uma má reputação e rumores ao seu redor, mas ele vai sair com novos rumores que, por acaso, são verdadeiros — como estar casado comigo, a pequena e humilde eu.

As fotos ficaram lindas. Passei horas editando-as e encarando a pura felicidade do que capturei, sabendo muito bem que fotos nem sempre mostram a verdadeira história. Essa é a coisa que amo na fotografia. Pode ser tão subjetiva. As fotos que tenho do meu pai são todas dele sorrindo, mas não mostram a dor e o sofrimento que ele estava enfrentando. Prefiro me lembrar dele como o homem sorridente, assistindo a um jogo de hóquei comigo empoleirada em

seus ombros, em vez do homem frágil que ele se tornou e que depois levou à sua morte.

A vibração do meu telefone chama minha atenção, e fico chocada ao ver quantos comentários se acumularam na foto de Emory e eu em tão pouco tempo. Um após o outro, eles continuam chegando. Mulheres estão desapontadas que Emory está casado, algumas dizendo que não pode ser verdade. Há perguntas sobre sua *garota misteriosa*, nossa história, e até alguns parabéns jogados no meio.

Mantive simples e direto. Uma única foto da mão dele envolvendo minha bochecha enquanto segurava meu rosto firme. O anel de casamento dele é o centro da foto, e pode-se ver um leve ângulo do meu.

Tontura me atravessa quanto mais encaro a tela. Opiniões e rumores inundam a seção de comentários, e rapidamente desligo a tela, levantando-me do sofá para ir à cozinha. Meu estômago ronca, e sei que disse a Emory que encontraria algo para comer ontem à noite, mas estava muito focada em editar para procurar algo na cozinha. Meus olhos caem no cartão de crédito preto no balcão com uma nota escrita à mão.

Para comida. Não coma minhas refeições.

Dou uma risada. Uma coisa é certa: Emory Olson não é romântico.

Ou talvez seja com uma mulher por quem ele realmente está apaixonado.

De qualquer forma, pego o cartão de crédito com um vazio no estômago, odiando que estou usando o dinheiro dele para comprar mantimentos. Não tive problema em tentar chantageá-lo, mas minha

mão treme com seu cartão de crédito. Sinto-me como uma ladra, mas foi isso que assinei, então engulo meu orgulho, pego meu telefone novo e sigo para a porta.



O saco de ração para gatos faz barulho na minha mão enquanto saio do carro e observo o estacionamento. Deixo meu telefone no console central, sabendo que William não vai ligar a essa hora da noite, e caminho em direção à lixeira. A multidão de sempre está no Cat House, e é bom estar aqui sem o estresse de trabalhar no palco, pela primeira vez. Estar casada com Emory e dividir uma casa com ele não é para os fracos, mas é dez vezes melhor do que fazer strip e fingir que os homens que observam cada movimento meu são um impulso para minha confiança, em vez de um ataque a ela.

— Shutter? — Caminho furtivamente atrás do prédio e sacudo o saco de comida. — Sei que você acha que esqueci de você, mas não esqueci.

Não venho aqui há dias, e se Shutter ainda estiver por aí, estará com fome. Russ ficava perguntando quem estava alimentando o gato de rua, e todas nós negávamos, embora as garotas soubessem que era eu. Posso estar casada com um jogador de hóquei profissional agora, mas isso não significa que sou boa demais para alimentar os sem-teto. Isso inclui gatos sem-teto também.

Evitei a casa desde que deixei os poucos mantimentos que comprei na loja, deixando o cartão de crédito de Emory no lugar onde ele o deixou. Deus me livre se ele pensar que fugi com ele. Provavelmente chamaria a polícia.

E tudo bem, vou admitir para mim mesma... estou sendo covarde.

Ambos sabemos que nosso casamento é uma farsa, mas com isso exposto ao mundo, mesmo que apenas nas redes sociais por enquanto, parece diferente.

Não quero enfrentá-lo.

Evitar é a chave.

Suspiro e sacudo o saco novamente. A música de dentro do clube ecoa pelas frestas da porta dos fundos enquanto despejo um pouco de ração para gatos nas pedras, esperando que Shutter saia mais tarde, quando estiver mais quieto e menos assustador.

O cascalho range com o peso de pneus, e olho para o estacionamento, imaginando que homem aparecerá hoje à noite. É um carro chique, elegante e polido, com janelas escuras que se misturam ao céu noturno. As luzes deles se apagam, e quando meus olhos se ajustam, me encosto na parede de tijolos para me esconder.

Nunca esqueceria aquele rosto.

Você pensaria que esses homens muito ricos e atraentes conseguiriam encontrar uma mulher para a noite em vez de vir ao Cat House para ver strippers, mas aparentemente o Sr. Mãos Bobas se excita tocando-nos de forma inadequada e ficando bravo quando não entramos no jogo.

Foi por isso que meu telefone estava rachado antes de Emory substituí-lo.

Fico encostada na lateral do prédio até que ele suma de vista. Parte de mim quer entrar para avisar as garotas, mas após um silêncio percorrer o saguão, elas saberão quem chegou.

Olho para a entrada mais uma vez antes de correr para meu carro. Quando viro a esquina, freio de repente. O asfalto solto é escorregadio sob meus sapatos, e deslizo para trás, soltando a ração para gatos no processo. Pequenos pedaços de Meow Mix em forma de peixe acertam minha pele enquanto caio com um baque no chão duro.

— Por que minha vida é uma piada? — gemo.

— Pelo amor de Deus. — Emory está acima de mim com as mãos nos quadris e um moletom escuro puxado sobre a cabeça, como se estivesse tentando ser discreto. — Vou começar a te chamar de Desajeitada em vez de Rogue.

Sento-me rapidamente, embora minhas costas doam.

— Desajeitada? — exclamo. — Você me assustou! O que esperava?

Ele se abaixa ao meu nível.

— Não esperava que você estivesse aqui, isso é certeza. Não se lembra de assinar o contrato que dizia que você não trabalha mais aqui, Sra. Olson?

Meu nome sai de seus lábios com desgosto, e fico ofendida na hora.

— Claro que me lembro. — Ignoro sua mão esticada e me levanto sozinha.

A cabeça dele cai com uma risada. Quando ele se levanta e me encara, coloca as mãos nos quadris, e tenho quase certeza de que está prestes a me repreender.

— Não estou trabalhando — explico, colocando um pouco mais de ênfase no tom. — Obviamente — murmuro baixinho.

— Então, o que está fazendo aqui?

Imito sua postura e coloco as mãos nos quadris também.

— O que *você* está fazendo aqui?

O olho de Emory tremula, e um silêncio pesado passa entre nós. A essa altura, não sei se nosso pequeno acordo vai funcionar, porque está claro que ambos estamos irritados um com o outro, e discussões ocorrem em todas as nossas conversas.

— Você não estava em casa — ele afirma. — E não estava respondendo ao telefone. — Abro a boca para explicar, mas ele me corta. — Sabia que você estaria aqui. — Ele balança a cabeça com desapontamento, e fico instantaneamente na defensiva.

Bato o pé, e ele parece divertido.

— Em nenhum lugar daquele contrato diz que não posso vir aqui. Tudo o que diz é que não posso trabalhar aqui. — Antes que ele discuta comigo, dou um passo à frente e o encaro com seu meio sorriso. — E só porque estamos brincando de faz de conta e somos considerados marido e mulher para o mundo agora, não significa que tenho que te dar um itinerário de como passo meu tempo. Você não tem jogo hoje à noite, então, até onde me diz respeito, meu paradeiro é irrelevante.

— Você é minha esposa. Seu paradeiro é absolutamente relevante. — Ele faz uma pausa, e juro que ele gosta da nossa pequena briga. — E é exatamente por isso que compartilhei sua localização comigo antes de te dar esse telefone novo.

Fico boquiaberta. *Como ele ousa*?

Uma sequência de palavrões ameaça explodir da minha boca, mas então vejo seus lábios se contraírem, e o encaro com mais força.

— Você está rindo de mim? — O calor cobre minha pele, e quero pisar no pé dele, irritantemente grande.

Seu sorriso me pega de surpresa. A cor branca brilhante de seus dentes se destaca no escuro, e tenho toda a intenção de bufar, mas então ele começa a rir, e fico sem palavras.

— Desculpe-me, mas... — Ele ri novamente. — Você está parada no estacionamento de um clube de strip, gritando comigo e agindo toda autoconfiante, mas a única coisa em que consigo me concentrar é no que parece ser... — A mão de Emory se estende em direção ao meu cabelo, e, em vez de me mover, fico completamente parada. Ele pega algo e o inspeciona. — Ração para gatos? No seu cabelo.

Foco no pequeno pedaço de Meow Mix entre os dedos de Emory e sinto vontade de rir também.

Não rio, porém.

Porque não tem como estarmos na mesma página.

— Não me diga... — Emory estala a língua. — Você é uma louca dos gatos, não é?

Meu cenho quer virar um sorriso. Olho para o beco que Shutter gosta de frequentar. Pisco para estabilizar minha visão e não consigo evitar o alívio que se espalha pelo meu rosto ao ver sua pequena sombra.

— Meu Deus, você é, não é?

Estalo para Emory.

— Shh!

Ele joga as mãos à frente de si em descrença, mas se cala.

Shutter para de repente e encara Emory como se ele fosse um predador, mas quando volta seus olhos amarelos para mim, solta um

pequeno miado.

— Ei, você. — Minha determinação cai, e esqueço tudo sobre minha briga com meu arqui-inimigo. Caminho em direção a Shutter enquanto ele se arrasta lentamente ao redor do prédio. Quando chego perto o suficiente, ele mia mais uma vez e cai de costas, esperando que eu esfregue sua barriga.

Meus dedos passam por seu pelo preto, e abaixo a voz.

— Você achou que eu esqueci de você, não foi?

Ele me dá uma pequena mordida de carinho antes de pular para as quatro patas. Ele corre com passinhos silenciosos até a comida que deixei e começa a devorá-la como se não comesse há dias.

Suspiro com saudade e o observo comer mais algumas mordidas antes de me virar para voltar ao meu carro.

Emory está encostado na minha porta, e estou meio com medo de que um pedaço de ferrugem caia no chão quando ele se afastar.

— Não vamos levar esse gato para minha casa.

Reviro os olhos.

— Como se eu sugerisse isso.

Coloco minha chave na fechadura à moda antiga e abro a porta para voltar à *casa dele*. Emory segura a porta com força quando tento fechá-la. Olho para ele, esperando sua próxima exigência.

— Não quero que você volte aqui.

Sério?

— Estou alimentando um gato de rua, Emory. Não estou vestindo um sutiã e calcinha minúsculos para fazer strip como antes.

— O gato vai encontrar comida em outro lugar.

Que audácia.

— Você não está tentando me dizer que não posso voltar para alimentar um gato de rua, está?

Emory me lança um olhar como se estivesse bravo, mas ofendido ao mesmo tempo.

— Você não está acostumado a uma mulher te enfrentando, está?

Sua risada é alta, e não sei se é sarcástica ou não.

— Na verdade, estou. Minha irmã me enfrenta o tempo todo, mas geralmente não me impede de conseguir o que quero.

Tomo isso como um desafio.

Um sorriso debochado surge no meu rosto.

— Bem, me considere a primeira, porque vou voltar para alimentar o Shutter, quer você goste ou não.

— Shutter? — A cabeça dele cai em descrença. — Claro que você deu um nome a ele.

— Te vejo na *sua casa*. — Provoco, puxando a porta com toda a força.

Meu carro faz um barulho alto quando ligo, e Emory recua como se fosse um tiro.

Para seu crédito, o som se assemelha a um.

Acelero na direção da casa dele, mas não antes de vê-lo olhando para Shutter e toda a ração para gatos que acabei de desperdiçar.

Vinte e Quatro

Emory

O próximo item na minha lista de coisas a fazer pela minha esposa era comprar um carro novo para ela, porque estou realmente apavorado com o que ela dirige por aí. Mas, de alguma forma, em vez de comprar um veículo novo para Scottie, acabei arranjando um maldito animal de estimação para ela.

Estaciono atrás do Honda 1999 dela e sei que ela já está dentro de casa. Provavelmente está fingindo estar dormindo, como hoje de manhã, quando claramente estava me evitando. O miado começa novamente, e viro-me para encarar meu novo companheiro.

— Se você fizer isso a noite toda, vou te levar de volta para a lixeira.

Ele mia novamente, mas prefiro isso ao sibilar que ele fazia quando tentei colocá-lo no meu carro. Acabei recolhendo a ração para gatos que Scottie, muito gentilmente, derramou por todo o estacionamento e atraí o incômodo para o banco de trás.

— Não me morda — aviso, alcançando-o. Ele recua seu corpo magro contra a porta do passageiro com medo, então, em vez de pegá-lo, abro minha porta e saio para a calçada para esperar que ele saia deslizando.

Subo casualmente as escadas da varanda e fico perto da porta com seu olhar focado como laser grudado em cada movimento meu.

Entro pela metade e fico ali, imaginando se ele vai me seguir.

Não sou uma pessoa de gatos.

Também não sou de cachorros.

Na verdade, acho que também não sou de pessoas.

Nunca tive um animal de estimação quando criança porque estávamos muito ocupados. Passávamos todos os nossos dias na pista de gelo, praticando e viajando para torneios de fim de semana, apenas para voltar para casa no domingo e fazer tudo de novo na semana seguinte.

Sinto o cheiro de Scottie no segundo em que entro no hall. Seus Converse brancos gastos estão ao lado da porta, bem ao lado da minha bolsa de hóquei, e escuto atentamente por qualquer movimento. Um bola de pelo preta corre para dentro da casa antes que eu possa fechar a porta. Ele cheira os sapatos de Scottie antes de soltar um miado agudo.

A próxima coisa que sei é que Scottie desliza pelo foyer com meias felpudas cheias de cerejas, uma camiseta oversized e shorts minúsculos. Seu cabelo está em um coque no topo da cabeça, e o sorriso que ela exibe é suficiente para me fazer olhar duas vezes.

Quando ela me vê encarando sua boca, rapidamente conserta o rosto e volta a ser a pirralha desafiadora que é quando se trata de mim.

— Você está tão preocupado comigo indo ao clube de strip que sequestrou o Shutter?

— Sequestrou? Não quer dizer adotou? — Fecho a porta atrás de mim com o pé. Shutter corre para longe, escondendo-se atrás das pernas nuas de Scottie, apenas para me encarar de longe. — Eu te

disse — coloco minhas chaves ao lado das dela na pequena mesa perto da porta —, eu sempre consigo o que quero.

A risada sarcástica de Scottie é quase inaudível. Ela se abaixa e pega Shutter nos braços, e fico um pouco perturbado que ele não sibile para ela como fez comigo.

— O Sr. Arrogante te assustou? — Ela esfrega o nariz no rosto dele. Posso ouvir seu ronronar do outro lado da sala. — Você pegou uma caixa de areia para ele?

Sou rápido em responder.

— Não.

Nem pensei nisso.

Abro a porta atrás de mim.

— Ele é um gato de rua.

Scottie olha para o gato preto em seus braços e começa a falar com ele como se fosse humano.

— Ouviu isso, Shutter? Ele te chamou de gato de rua. Que audácia.

— Estou falando sério, Scottie — digo. — Lá fora. Agora.

Ela revira os olhos, mas, pela primeira vez, eles estão suaves e brincalhões. Talvez eu até diga que há uma faísca de felicidade neles.

Tudo por causa de um gato de lixeira.

— Tudo bum — ela prolonga a palavra enquanto passa por mim. Seu cotovelo roça meu peito com Shutter aninhado em seus braços. Ela o coloca na varanda e olha para ele. — Um segundo.

Fico para trás e observo enquanto ela corre pelo corredor. Ouço-a mexendo na cozinha, e minhas sobrancelhas se erguem quando ela

volta com duas tigelas. Uma está vazia, e a outra tem água. Ela as coloca na frente de Shutter, que espera pacientemente na varanda, e dá um carinho entre suas orelhas. Depois, vira-se e passa pela porta com um pequeno sorriso no rosto.

O ar ao redor dela muda. É como se esse gato tivesse tirado sua casca dura e a substituído por uma versão dela que ainda não vi.

Depois de dar a Shutter mais um olhar fulminante, fecho a porta e sigo para onde Scottie fugiu. Ela está sentada no sofá com seu cobertor e a caneca que Ford me deu de Natal que diz *Eu comi sua irmã*, agindo como se eu não existisse. Ela encara a parede em branco, como se fosse melhor de se olhar ou algo assim.

— Você está propositalmente agindo como se eu não existisse?

Ela se vira para mim.

— Hmm?

Meus lábios se achatam, e suspiro. Vou direto ao ponto.

— Tenho um jogo amanhã.

O vapor flutua na frente de seu rosto vindo da caneca.

— Estou bem ciente.

Seus lábios tocam a borda, e ela suavemente sorve o líquido dentro.

Ela está brincando comigo?

Suspiro alto.

— Espero que você esteja lá. — Meu olhar cai em seu dedo nu. — Com seu anel.

Ela me espreita por cima da borda e me dá um aceno sutil.

— Você tem um assento na área VIP, ao lado das outras esposas.

Isso chama sua atenção. Os ombros de Scottie tensionam, e ela coloca a caneca na mesa de centro.

— O quê? Por quê? Não posso simplesmente sentar na arquibancada e aproveitar o jogo?

Deixo-a por um segundo e vou até minha bolsa.

— Você é a Sra. Olson agora — digo por cima do ombro. — Isso significa que você senta com o resto das esposas.

Há uma discussão esperando para acontecer, mas, em vez de brigar, Scottie se recosta nas almofadas do sofá e me dá um aceno brusco.

— Você está certo.

Minha camisa reserva voa pela sala de estar e cai em seu colo. Seus dedos roçam o material azul lentamente.

— É isso que você vai usar em vez daquela camiseta gasta que você ama tanto.

O dedo de Scottie traça as letras do meu sobrenome com o lábio preso entre os dentes.

— Você lembra da nossa história? — pergunto.

Seu engolir ecoa pela sala antes que ela me prenda com um olhar determinado.

— Sim.

Deslocando-me desconfortavelmente.

— Eu estava... ocupado na faculdade.

Suas sobrancelhas se juntam.

— Ocupado?

Por que me sinto culpado de repente?

Flexiono a mandíbula e vou direto ao ponto.

— Eu transei com muitas mulheres.

A boca dela se abre.

— Oh.

Isso é desconfortável.

— Podemos dizer que foi porque eu estava tentando... te superar?

Ela acena, e seu rosto suaviza.

— Sim, tudo bem. Farei o que for preciso para nos tornarmos críveis.

Viro-me e sigo para as escadas para me afastar dela. Pensei que gostava mais de irritá-la, mas há algo altamente viciante em ela me obedecer com esses olhos bonitos de corça.



Lá vamos nós.

O sangue corre para as pontas dos meus dedos, e o ar gelado da pista esfria minha pele já suada. Na realidade, a multidão é alta e barulhenta, mas quando estou diante do gol, não ouço nada além do meu próprio batimento cardíaco.

Estou completamente focado.

Como sempre.

Até que olho para o telão no meio da arena e vejo o rosto de Scottie no centro. Naquele exato momento, os sons da arena invadem, e seguro meu taco com mais força.

A voz do locutor ecoa pelo meu capacete, e meu pulso acelera. É absurdo como minha vida é uma preocupação no mundo do hóquei. Os fãs se calam para ouvir, porque, aparentemente, minha vida amorosa é mais emocionante do que o jogo que estamos prestes a jogar.

Meu agente diz que ser o assunto da comunidade do hóquei é uma coisa boa, e meu recente casamento e exposição da minha vida privada me tornarão mais desejável para outros times porque trará mais receita, mas ainda é irritante.

Esqueçam minhas estatísticas.

Vamos falar sobre o anel no meu dedo e minha bela esposa na arquibancada, usando meu número nas costas. Não vou contar a ela, mas ela fica bem com minha camisa.

A única coisa boa que está saindo disso é que a mídia está falando sobre a foto de Scottie e eu quase nos beijando nas redes sociais, em vez das recentes acusações contra mim que não podem ser verdadeiras porque estou *casado*.

Balanço a cabeça e dou o sinal para meus companheiros de equipe, que começam a lançar discos contra mim de todos os lados. Com cada bloqueio, começo a me concentrar um pouco mais e paro de pensar no que Scottie está falando enquanto está sentada com as outras esposas.

Não estou preocupado se ela vai se encaixar ou desempenhar o papel.

Já a vi ligar e desligar isso antes. Ela subiu em um palco com saltos altíssimos e uma peruca vermelha. Bastaram alguns minutos com ela para saber que a persona Cherry era apenas uma fachada.

Assim como sua persona de Sra. Olson.

Quando o jogo está prestes a começar e a música de aquecimento diminui, permito-me uma rápida olhada para ela na área VIP à esquerda da pista. Nossos olhos se encontram, e o sorriso que ela me lança é tão crível que quase me vejo caindo por ele também.

Mando uma piscadela rápida para ela, caso outras pessoas estejam nos observando, e então entro na zona.

Minha nova esposa está assistindo.

É melhor eu jogar um jogo dos infernos.

Vinte e Cinco

Scottie

— Então, nos conte! Como você e Emory se conheceram? Não tínhamos ideia de que ele estava em um relacionamento até aquela foto aparecer.

Angela, a de cabelo vermelho brilhante e sardas fofas, se inclina para a conversa.

— O grupo de bate-papo estava explodindo.

Hattie acena, e seu cabelo recém-escovado se move com ela.

— É verdade. Quando há uma garota nova no pedaço, temos que conversar. — Ela ri, e não sei se é bom ou ruim que elas tenham tido um grupo de bate-papo inteiro sobre mim.

— Bem... — Ajeito o cabelo atrás da orelha nervosamente.

A mão dela cai no meu braço.

— Não se preocupe! Não foi nada de ruim! Só queríamos te convidar para sair com a gente. Tendemos a ficar juntas. Sei que não parece, mas é meio difícil ser uma das esposas, especialmente quando há crianças envolvidas.

Nós duas olhamos para o bebê gritando, recusando-se a dormir no canto de trás da área VIP. Há algumas das esposas lá, tentando ajudar a mãe que parece exausta, mas ainda assim linda como sempre.

Elas parecem legais até agora. Acolhedoras, até.

O que é uma mudança em relação a qualquer outra vez que me encontrei no meio de um grupo de mulheres. Não me encaixava com as garotas populares no ensino médio. Ninguém queria ser amiga da garota pobre que estava mais interessada no jogo de hóquei da escola do que na forma como os garotos se alongavam no gelo.

Olho pelo vidro para ver se o jogo começou, porque a única coisa que não preciso fingir hoje à noite é meu amor pelo esporte.

— Quando Emory e eu nos reconectamos, decidimos manter nosso relacionamento privado. Mas depois que a mídia continuou correndo atrás de qualquer rumor que surgisse, decidimos que era hora de acertar as contas e acabar com isso. — Sorrio suavemente. — Não estávamos juntos quando ele estava na faculdade, mas voltamos a nos falar logo após ele se formar.

Odeio que estou mentindo descaradamente, mas é tão fácil fazer isso quando sei que meu futuro depende disso.

— Fiz minhas coisas e meio que observei de longe, deixando-o alcançar seus objetivos, mas quando ele me procurou novamente, foi como se o tempo não tivesse passado.

Angela suspira.

— Isso é... honestamente... tão altruísta.

Rio e me convenço a acreditar na história que sai graciosamente da minha boca para não me atrapalhar no futuro. Viro minha atenção para o gelo, e o resto das esposas faz o mesmo — todas exceto a com o bebê. Ela está mais preocupada em balançar sua filha, que jogou seu laço azul no chão.

Meu coração bate com uma paixão que só senti ao assistir hóquei ou segurar uma câmera. Olho para minha bolsa, desejando tirá-la

para tirar algumas fotos, mas, para meu primeiro jogo como esposa de Emory, decido mantê-la escondida e usar meu telefone. Não sei se Emory me deu um telefone com uma câmera incrível de propósito, mas ele tira fotos bem boas. Já apareci no telão uma vez. Não quero aparecer novamente com minha câmera, chamando ainda mais atenção para mim.

Quando todos estão distraídos, coloco minha mão esquerda no vidro e uso a câmera do telefone para focar na pista. Minha mão está descentralizada e ligeiramente desfocada, mas não tanto que não se possa ver o anel enorme no meu dedo. Pego um clique de Emory tomando água pelo capacete e me lembro de postar a foto após o jogo.

Estou apenas fazendo meu trabalho enquanto as outras esposas estão alheias.

Quando o terceiro período começa, minha voz está rouca, e encontrei um ritmo com todas. Não esperava, mas elas estão tão envolvidas no jogo quanto eu. É a primeira vez que assisto a um jogo com alguém além do meu pai, e estou realmente me divertindo.

Sempre que marcamos um gol, Angela e eu nos cumprimentamos com dois tapas altos e sorrimos para o gelo enquanto o jogador que marcou faz sua celebração. Emory deixou apenas um disco passar, e foi Hattie quem apontou que a câmera estava focada no meu rosto, mostrando-me no telão. Eu estava no meio de uma conversa com Angela e a noiva de um dos jogadores, persuadindo-as de que estava tudo bem. Mergulhei nas estatísticas e tudo mais, incapaz de esconder meu verdadeiro conhecimento do jogo.

Elas acenaram, e seus olhares ansiosos só me incentivaram mais.

Durante o resto do jogo, falamos sobre tudo relacionado ao hóquei, e quando o jogo terminou, eu estava mais próxima delas do que jamais estive de qualquer outra mulher da minha idade.

— Meu Deus, sinto que aprendi tanto com você. — Georgia termina o resto de sua cerveja. Ela está noiva de um dos jogadores novatos e é doce como pode ser.

— E você foi a única que conseguiu fazer a Nola parar de chorar — diz Vivian, olhando para mim como se eu tivesse algum toque materno.

Não tenho. No entanto, não posso evitar sorrir para o rosto inocente embrulhado em um cobertor do Chicago Blue Devils, dormindo pacificamente em seus braços.

— Você não tem filhos, certo?

O rosto de William aparece na minha mente por uma fração de segundo. Ele não é meu filho, mas houve muitas vezes em que senti que ele era.

Balanço a cabeça.

— Você e Emory querem filhos? — A pergunta de Vivian é puramente inocente, mas entro em pânico.

Meu rosto esquenta. Rapidamente volto minha atenção para a arena. Os jogadores já estão fora do gelo, mas, por algum motivo, quero fazer contato visual com Emory, como se ele pudesse me dar uma resposta apenas com um olhar.

— Vivian! — Angela repreende. — Eles acabaram de se casar! Dê a eles um segundo antes de esperar bebês.

— Desculpe-me. Só gostaria que houvesse mais pequenos correndo por aí.

— Rhodes tem uma filha, certo? — pergunto, tentando tirar a atenção de mim e de Emory.

Elas acenam, mas trocam um olhar estranho entre si.

— Ela só vem a alguns jogos. Ele não consegue manter uma babá nem para salvar sua vida, então provavelmente está em casa com alguma babá adolescente aleatória.

— Senhoras, prontas? — Georgia pula em direção à porta da área VIP.

— Prontas? — pergunto.

Angela me puxa com ela depois que pego minha bolsa rapidamente.

— Ocasionalmente, após os jogos, vamos a um clube exclusivo no centro para sair com os caras. Com certeza Emory te contou isso? — Ela se vira para olhar Hattie. — Corbin não passou a mensagem para Emory?

Ela pensa por um momento antes de dar de ombros.

— Acho que sim, mas mande uma mensagem para seu marido e avise que você estará conosco. Ele não pode dizer não se sequestrarmos sua esposa.

Lá está aquela palavra novamente: esposa.

Abro meu telefone, e não é surpresa que o número de Emory esteja programado como *Marido*. Digito uma mensagem rápida e ameaço sua vida por não me contar sobre nossos *planos pós-jogo*.

Vinte e Seis

Emory

Meu telefone vibra enquanto estou trocando de roupa, e espero que sejam meus pais com uma mensagem positiva pós-jogo ou, ultimamente, sua consternação pelo meu casamento. Mas, em vez disso, é Scottie, e já sei o que vem antes de ler a mensagem.

Scottie

Sério? Nenhum aviso?

Sabia que ela ficaria frustrada comigo, mas, em minha defesa, Corbin me puxou de lado segundos antes do jogo e me informou sobre o que fazem depois dos jogos, avisando que sua esposa provavelmente convenceria Scottie a ir.

Emory

Não tive tempo de te contar. Estava um pouco ocupado, caso não tenha notado.

Puxo minha camisa e sacudo o cabelo úmido. Corbin me dá um aceno e diz que nos veremos lá. Isso não é comum após um jogo, mas como o técnico Jacobs nos deu o dia de folga amanhã e temos uma pausa de um dia, aparentemente é uma *coisa*. O time é bem focado no hóquei — todos nós vivemos e respiramos o esporte, como qualquer outro jogador profissional de hóquei que conheci. É nosso sustento. Mas até os veteranos dizem que precisa haver um

equilíbrio entre trabalho e diversão. Não sei se acredito nisso, mas é evidente que minha nova esposa foi persuadida pela esposa de Corbin, então lá vou eu jogar outro maldito jogo.

Scottie

Como eu não notaria? Seu ego ocupou toda a arena.

Rio silenciosamente do insulto de Scottie. Mesmo pelo telefone, ela tem um tom afiado.

Emory

E você gritando meu nome fez o mesmo.

Claro que a vi torcendo do seu assento na área VIP. A arena inteira viu, porque ela apareceu no telão mais vezes do que eu. Sorrio com minha mensagem, e algo quente percorre minha pele. Vejo a bolha dela aparecer, como se estivesse digitando. Quando a mensagem não chega, tomo a iniciativa de provocá-la ainda mais.

Emory

Nada para dizer sobre isso? Fico imaginando onde sua mente foi ao ler essa mensagem.

Duvido muito que ela tenha tido o mesmo pensamento sujo que eu, mas não consigo me conter. Já estou imaginando o nariz dela franzido.

Scottie

Minha mente está cheia de outras coisas. Como o fato de que vou te matar quando te ver.

Estou indo para meu carro quando abro o telefone para responder.

Emory

Amo quando você fala sacanagem comigo.

Não esperava jogar marido e mulher na frente de pessoas tão cedo.

Scottie

Eu precisava de um aviso. Ou talvez de prática.

Meu carro liga, e embora esteja cansado após o jogo, há algo fervendo no meu estômago que se aproxima perigosamente de excitação. Nos últimos meses, não senti o menor arrepio de emoção, exceto quando Scottie entrou na minha vida, o que é preocupante.

Emory

Quão difícil pode ser? Apenas me trate como seu último namorado. Aja como se estivesse apaixonada por mim.

Embora você provavelmente não precise fingir.

Quando Scottie responde, meu carro reproduz a mensagem pelo alto-falante:

Scottie

Seria uma ótima ideia, exceto que nunca tive um namorado! E definitivamente não estou apaixonada por você.

Piso no freio, e o cinto de segurança quase me estrangula.

— O quê? Nunca teve um namorado?

Meu carro repete o que disse em voz alta, e entro em pânico. Estendo a mão e tento clicar em “não enviar”, mas um segundo depois, ouço: *Mensagem enviada*.

Aperto o volante com força. Não só Scottie está despreparada, mas agora eu também estou.

— Aí está ele, pessoal. — Aplausos ecoam quando entro no clube no centro que nunca ouvi falar. Lanço um olhar fulminante para os caras. Não sou de querer atenção, e definitivamente não sou de me gabar para meu time. Só provoco Scottie porque sei que a irrita.

— Uma cerveja para nosso goleiro número um? — Matthew se aproxima e pressiona um copo cheio de cerveja contra meu peito. Seguro-o e começo a procurar por Scottie entre as luzes estroboscópicas.

Isso é quase exclusivo para os casais do time, e para manter a farsa do meu casamento recém-formado, é algo que Scottie e eu precisamos comparecer. Estou acostumado a sair com meus colegas dos Coyotes, mas isso me meteu em encrenca, o que, por sua vez, me levou a este momento.

Alguns goles de cerveja e uma longa conversa sobre o jogo depois, finalmente faço a pergunta que quero a resposta desde que entrei no clube.

— Então, onde exatamente está minha esposa?

Essa palavra está se tornando comum no meu vocabulário.

Corbin acena para as escadas.

— Elas estão comparando o tamanho dos nossos paus na pista de dança.

Dylan ri.

— Não há necessidade. Todos sabem quem tem o maior pau na sala.

Nesse momento, Malaki, que nem está em um relacionamento, senta ao nosso lado, como se estivesse esperando o momento perfeito para se fazer notar.

— Obviamente, todos sabemos que sou eu.

Claro que ele apareceria, mesmo sem ser convidado.

— O único cara solteiro no clube? — brinco. — Faz sentido.

Os caras riem, mas Malaki bufa.

— Não estou pronto para me estabelecer. Isso não tem nada a ver com o tamanho do meu pau. Meu foco é o hóquei. Não... — Ele olha para baixo e faz uma careta de desgosto para todos os nossos dedos com anéis.

— Compromisso, alguém para voltar todos os dias, apoio... amor? — Dylan pergunta.

Malaki estala os dedos.

— Exatamente. Não, obrigado. Só tenho espaço para uma obsessão na minha vida, e é o hóquei.

É então que percebo que vou ter que me recompor, porque até agora, minha nova esposa e eu não fizemos nada além de tirar algumas fotos falsas juntos, trocar mensagens raivosas e nos irritar mutuamente. Minha obsessão também é o hóquei, mas agora vou ter que fazer parecer que é *ela*.

Corbin encosta as costas no balcão.

— Você só não encontrou a garota certa, e como poderia? Sua ideia de sair é visitar o clube de strip toda chance que tem.

Minha mandíbula dói, e encaro Malaki diretamente.

Não fale.

Seu olhar preguiçoso passa por mim, fixando-se em mim por um segundo. Mas então ele dá de ombros.

— Nada de errado com uma garota que sabe dançar.

— Por falar nisso... — Matthew gesticula para a pista de dança, e após alguns segundos procurando, eu a encontro.

Uma música animada ecoa pelos alto-falantes. As mulheres estão dançando juntas como se fossem as únicas no clube. Tenho a forte sensação de que todos os homens aqui, solteiros ou não, estão olhando para elas. Estou em transe demais para notar, porém. Scottie está no meio da pista, girando a noiva de Matthew em um círculo com meu sobrenome colado nas costas dela. As duas estão rindo, e, meu Deus, minha esposa é linda.

Com seu cabelo loiro ondulado esvoaçante ao redor de seu rosto corado, ela está se divertindo como nunca, movendo-se entre as luzes estroboscópicas. Nunca a vi com a aparência que tem agora, e estou cativado.

Ela está bêbada?

Pela primeira vez desde que a conheci, ela não parece tensa ou focada demais para esboçar um sorriso. Em vez de estresse emanando de seus ombros como se fosse toda a sua personalidade, ela está leve. Como um maldito raio de sol no meio de um clube escuro.

Sua risada chama minha atenção novamente, e uma onda de calor corre para as pontas dos meus dedos.

— Ela está acabada agora — Corbin comenta. — Elas aceitaram completamente sua garota no círculo delas.

Não digo nada.

Em vez disso, relaxo no banco do bar e mantenho meu olhar fixo em Scottie, que ainda não me notou. Ou talvez tenha notado e está apenas evitando olhar na minha direção para me provocar.

Fico imaginando o que ela faria se eu me aproximasse por trás, envolvesse minhas mãos na cintura dela e assumisse o papel de parceiro de dança? Ela não teria escolha a não ser seguir o jogo, porque agora temos uma plateia ao vivo.

Antes que eu possa atormentá-la, Hattie, a esposa de Corbin, a puxa pela mão, e elas vão até o barman que carrega uma bandeja de bebidas. Examino cada movimento dela, escolhendo ignorar os homens por perto que não conseguem parar de olhar para o traseiro dela naqueles jeans apertados.

Não há necessidade de ficar com ciúmes.

Sei que no papel ela é minha, mas na realidade, não é.

O lábio inferior de Hattie faz biquinho quando Scottie recusa um shot, o que atiça minha curiosidade. Talvez ela conheça seus limites, ou talvez não beba.

Começo a perceber que não conheço minha esposa muito bem.

Os caras estão no meio de uma conversa sobre o jogo, e aproveito a oportunidade para abrir meu telefone e mandar uma mensagem para Scottie.

Emory

Você não bebe?

Scottie

Depende de que tipo de esposa você quer que eu seja.

Sem olhar para ela, envio outra mensagem.

Emory

Não do tipo bêbada desleixada.

Scottie

Bem, nesse caso...

Juro que o ar no clube fica mais quente. Como uma marionete, sinto um puxão na minha atenção e a encontro me encarando do outro lado do clube. Ela não desvia seus olhos azuis selvagens de mim quando pega o copo de shot da mão de Hattie e o vira em um gole.

Minha sobrancelha se ergue, e minha respiração falha.

Um grunhido profundo vibra no meu peito enquanto digito outra mensagem.

Emory

Você está pedindo por problemas.

O revirar de olhos dela me leva ao limite.

Posso culpar minha exaustão repentina do jogo que acabei de jogar ou o toque de ciúme que reconheço quando vejo o barman olhando para ela por tempo demais. Ou talvez seja o fato de que me encontro em outro clube com meus colegas de equipe, como antes, quando me inseri na merda de outra pessoa e acabei no banco de trás de um carro de polícia.

Emory

Venha aqui e aja como minha esposa, Rogue.

Ou então o barman vai derrubar todos os copos na bandeja quando eu for até lá e calmamente dizer para ele manter os olhos no lugar.

Em vez de agir como um homem das cavernas, tomo outro gole de cerveja e tento relaxar. Tenho uma boa cabeça nos ombros. Sou de aprender com meus erros, então volto minha atenção para Scottie em vez do barman que está me provocando só por existir.

As costas dela estão para mim quando sinto outra mensagem chegar.

Scottie

Não sei se gosto do jeito que você está me mandando fazer coisas.

Não consigo evitar rir. Não sei se já tive uma mulher falando comigo do jeito que Scottie faz. Ela parece tão doce com sua aparência ensolarada. Seu cabelo claro e olhos são atraentes e suaves de uma forma que aproxima todos um pouco mais, mas essa boca vai me deixar completamente louco.

Emory

Não sei se gosto do jeito que você está atraindo atenção de todos os homens neste bar com meu sobrenome nas suas costas.

Sem me dar uma razão para recuar, levanto-me abruptamente e mantenho meu olhar diretamente nela. Posso até ter me levantado no meio de uma conversa com meus colegas, mas não consigo me importar.

Scottie ri de algo que Georgia diz. Ela coloca as mãos nos ombros dela para se equilibrar. Quando Georgia faz contato visual comigo,

sei que ela está avisando que estou prestes a entrar em ação.

Scottie se endireita rapidamente na pista de dança, mas sem permitir que ela se vire ou fuja, deslizo minhas mãos até sua cintura e a seguro.

— Não fuja — sussurro em seu ouvido. — Você é minha esposa, e estamos em público. Lembra?

Ela vira a cabeça ligeiramente e inclina o rosto corado para encontrar o meu. Levanto uma sobrancelha e sussurro em seu ouvido:

— Tem olhos aqui, então é hora de agir como minha esposa.

Olhos demais, se quer saber minha opinião.

— Já ouviu falar em pedir com jeitinho? — Ela diz com uma doçura no tom, mas a conheço bem o suficiente para reconhecer o sarcasmo.

— Pensei que estava sendo gentil quando não te entreguei às autoridades por tentar me chantagear. Pensei que estava sendo gentil quando te salvei daquele clube de strip sofisticado onde você trabalhava.

O cotovelo ossudo de Scottie acerta minhas costelas. Meu estômago se contrai com o golpe, e agora estou irritado.

A música muda para outra canção, e ou é coisa da minha cabeça, ou é do lado provocador.

— Acho que sou eu quem está salvando, Olson.

Lá vai ela de novo, usando meu sobrenome.

— De novo. Você está pedindo por problemas, Rogue.

— O que você vai fazer? Reter meu pagamento? — Ela está agindo com ousadia, então a puxo mais para perto. Levo meu nariz

pelo pescoço dela, repousando bem ao lado de seu ouvido. Sinto seu corpo ficar estranhamente imóvel contra o meu. Não consigo prestar atenção em quem está ao nosso redor porque estou muito investido na nossa guerra. O que deveria ser uma celebração normal de bebidas pós-jogo com o time e outras esposas está se transformando em mais uma briga. Scottie complica as coisas, sempre querendo discutir ou me desafiar, mas não consigo evitar desejar nossas interações ou provocá-la ainda mais.

— Tenho meus modos de te punir que não têm nada a ver com violar o contrato — digo, com a voz rouca.

Os dedos de Scottie pressionam meu pulso, e espero que ela não sinta meu pulso acelerado contra minha pele com cada pensamento sujo que invade minha cabeça.

Ela me tenta ainda mais quando diz:

— Como o quê?

Os pensamentos que passam pela minha cabeça são obscenos, e é uma pena, porque sei que não é onde a mente dela está, especialmente se ela estava dizendo a verdade sobre nunca ter tido um namorado.

Para a mídia, sou um homem obcecado por hóquei e focado no jogo mais do que a maioria na liga, mesmo com minha reputação manchada. Mas, no fim das contas, ainda sou um homem. Um que jurou ficar longe de mulheres desde que algumas mancharam o resto com seus rumores e esquemas — a mulher pressionada contra mim incluída. Sou um homem que não transa com ninguém há o que parece uma eternidade, e, infelizmente, isso está mexendo com minha cabeça.

Scottie não pode ser confiável, mesmo que, no papel, pareça que sim. Não importa que ambos estejamos usando anéis nas mãos esquerdas, dizendo ao mundo e a todos neste clube que somos marido e mulher.

O que temos é um acordo. Há responsabilidades em jogo, e me recuso a deixar suas palavras provocadoras e seu corpo perfeito, que não consigo parar de imaginar nu, me convencerem a cair em uma armadilha que poderia arruinar ainda mais minha reputação.

Então, em vez de listar as formas como eu *gostaria* de puni-la, vou por outro caminho.

— Continue agindo como se não estivesse sendo paga para agir como minha esposa, e você vai descobrir.

Pensei que era a saída fácil. Um aviso que ela acataria porque ambos sabemos que não estou forçando-a a agir como minha esposa. Estou *pagando*-a.

Mas estava errado.

Scottie se vira completamente, e o olhar que passa por seu rosto desperta minha necessidade natural de vencer. O único problema é que minha ideia de vencer, no momento, é beijá-la só para provar um ponto.

Vinte e Sete

Scottie

— Desafio aceito.

Parece que estou flertando, e é por causa do álcool que tomei.

Eu não bebo.

Isso traz muitas memórias indesejadas e desencadeia algo que não quero ter parte. Mas deixe Emory me irritar ao ponto de eu ir contra minhas próprias defesas.

Ele sorri, e é uma mudança agradável do olhar estoico e carrancudo que sempre recebo.

Suas mãos descem um pouco mais, e sua expressão perigosamente quente muda.

— É assim que você quer jogar? — Ele parece animado, e engulo em seco.

Merda.

Mordi mais do que posso mastigar, mas não há como voltar agora. Na verdade, prefiro mastigar meu próprio braço a deixar qualquer um, especialmente Emory Olson, ver qualquer tipo de fraqueza que carrego.

— Yep — respondo, deixando o *P* estalar da minha boca. Aproximo-me dele, e meu estômago dá um salto. — Posso ser sua esposa, mas isso não significa que você pode me mandar ou me insultar a cada oportunidade.

Ele ri.

Minhas narinas se inflam com raiva, e o álcool no meu sistema queima mais forte.

— E as ameaças param agora também.

Emory fecha o espaço entre nós. Nossos corpos se pressionam com força, e provavelmente parece que somos apenas recém-casados, incapazes de manter as mãos longe um do outro, mas mal sabem eles que estamos brigando.

— Você está me tentando, Rogue.

— Te tentando a fazer o quê? — Finjo não estar afetada por sua voz tensa, mas o calor desce pelas minhas costas.

Suas mãos apertam minha cintura, e meu coração pula uma batida. Não me lembro da última vez que fui tocada por um homem da minha idade que não estava jogando notas de vinte aos meus pés enquanto traçava cada curva do meu corpo com seus olhos viscosos.

Posso facilmente sentir-me escorregando para uma fantasia com Emory que simplesmente não existe.

Tudo começou com os assentos na área VIP. Fui forçada a fingir que não tenho uma pilha de dívidas, um irmão condenado que precisa da minha ajuda, um pai morto que me deixou com problemas de abandono, e uma mãe que mal me reconhece e prefere viver com uma agulha no braço do que tentar voltar à realidade.

— Você está me tentando a provar um ponto.

Sua resposta me tira dos meus pensamentos.

— Que ponto?

— Que você é minha.

Abro a boca para discutir, porque é meu padrão, mas ele toma o controle tão rápido que não tenho tempo para pensar.

Emory arrasta a mão pelo meu quadril e me prende contra ele, segurando meu queixo com força suficiente para captar toda a minha atenção.

— Vou te beijar.

Meus olhos se arregalam.

— Prepare-se, porque, lembre-se, todos neste clube acham que eu já te fodi, Scottie. Então, aja adequadamente.

— Emor—

Todos os pensamentos desaparecem.

Ele.

É tudo que sinto.

Sua boca cai sobre a minha, e a princípio, acho que é um choque para nós dois. Há uma eletricidade zumbindo entre nossos corpos, e a tensão é tão forte que meu peito se contrai. Seus dedos apertam meu rosto com mais força enquanto sua outra mão desliza lentamente pelas minhas curvas, como se ele tivesse me tocado um milhão de vezes antes. Justo quando penso que ele terminou e lentamente solta minha boca, ele volta para mais.

Estou à mercê dele.

O calor de sua boca na minha flui livremente pelos meus membros, e me vejo me abrindo para ele. Ele me beija de novo e de novo, varrendo sua língua diabólica para frente e para trás. Ele pressiona os lábios com mais força nos meus, como se alguém estivesse tentando nos separar, e o menor medo escapa ao pensar nisso.

Quando um pequeno som escapa de mim — sem minha permissão —, isso o tira de qualquer feitiço sob o qual estamos. Ele recua, e embora não mostre no rosto, sinto em seu aperto.

Ele está tão chocado quanto eu, mesmo sendo ele quem estava no comando.

E acho que era isso que ele estava tentando me dizer o tempo todo. Sou dele, esteja sendo paga ou não, e ele acabou de provar isso para qualquer um que esteja assistindo.

Após dar uma rápida olhada pelo clube, tenho quase certeza de que todos estavam assistindo.

Malaki mexe as sobrancelhas, e estou suando com a atenção.

Emory pigarreia, e o vejo lutar contra algum tipo de pensamento. Nossos olhos se encontram e, com uma voz rouca, ele diz:

— Já que provei meu ponto, acho que está na hora de ir.

Sua palma quente cai na minha, e dizemos um breve adeus aos colegas de equipe e às esposas. Assim que estamos do lado de fora, o ar fresco cobre minha pele aquecida, e inspiro profundamente. Sinto-me bêbada, e isso não tem nada a ver com o pequeno shot que tomei.

Busco as chaves na minha bolsa, mas tropeço para frente quando Emory puxa a bolsa do meu ombro.

— Você vem comigo.

Um pouco alta pelo beijo, demoro a ser combativa. Sigo-o por uma fração de segundo antes de sair do transe e parar abruptamente no meio da calçada.

Não demora muito para Emory perceber que não estou me movendo. Ele se vira ligeiramente, olhando para minha boca uma

vez antes de passar para meus olhos.

— Scottie, estou cansado. Vamos.

— E o meu carro? — pergunto.

Ele me encara.

— O que tem ele?

Olho ao redor do meu entorno. Já passou do horário comercial, mas a cidade ainda está muito viva. Substituindo veículos elegantes e homens de negócios andando de bicicleta para o trabalho estão Ubers e grupos de estudantes universitários bêbados misturados com sem-teto tentando ganhar um dólar.

— Alguém pode arrombar ou... roubar.

Pode parecer bobo estar apegada a um carro ruim como o que possuo, mas esse pedaço de metal faz parte de mim. Economizei para ele, e ultimamente, é uma das únicas coisas que considero minha.

Estou orgulhosa dele.

A risada de Emory me irrita. Cruzo os braços sobre a camisa que ele me fez usar. Estou a segundos de arrancá-la só para irritá-lo.

— Você está falando sério?

— Sim — retruco. — Você pode ser novo em Chicago, mas eu não sou. O centro é...

Olho ao redor mais uma vez para provar meu ponto, mas fico rígida imediatamente quando reconheço um rosto familiar.

Um arrepio me atravessa.

Meus pensamentos giram fora de controle, e inspiro suavemente. Um tremor sacode meus ossos, e mal ouço Emory quando ele diz:

— Se alguém roubar seu carro, compro um novo para você.

Um vazio se forma no meu estômago quanto mais encaro ela.

Tento evitar os lugares que sei que ela frequenta, porque essas interações ficam comigo por muito mais tempo do que quero. Ver minha mãe no estado em que está crava uma faca tão profundamente que fico me sentindo mal por dias.

Olhe para o lado, Scottie.

— Vamos, Scottie. Não torne isso mais difí—

Corro para frente e quase bato no peito de Emory. Ele me estuda com confusão quando aceno freneticamente.

— Tudo bem. Vamos.

Me inclino nele por apoio silencioso, e embora ele não tenha ideia do motivo, ele permite. A pequena linha de preocupação suaviza depois que ele balança a cabeça, ignorando meu comportamento insano.

Quando chegamos ao carro dele, não brigo com ele por abrir minha porta, o que provavelmente é apenas algo que ele está fazendo porque tantas pessoas estão por aí — a maioria delas tendo ido ao jogo. Viro-me uma vez mais para olhar o grupo de sem-teto perambulando fora da pequena loja de conveniência na esquina, porque não consigo me conter.

Vê-la nesse estado é o que destruiu minha juventude anos atrás, e só piorou desde então. Há uma dor pressionante no centro do meu peito, puxando as paredes que construí ao longo dos anos.

Arranco minha atenção e cravo as unhas no couro do assento do passageiro de Emory. Minha mandíbula dói de pressão, e meus ouvidos zumbem até que a grande mão de Emory pousa no meu

braço. Pulo e faço contato visual com ele. As luzes do painel movem-se contra o lado de seu rosto, e sua expressão franzida me engana, fazendo-me pensar que ele está preocupado. Sua atenção se desloca para além de mim, e ele olha pela janela na direção em que eu estava encarando.

Ele não diz nada.

Em vez disso, ele se inclina para perto e pega o cinto de segurança ao meu lado. Ele o puxa firme contra meu corpo antes de engatar o carro e acelerar em direção à casa dele.

Espero até que meu batimento cardíaco se acalme e eu recupere a capacidade de falar antes de olhar para ele e dizer:

— Você não vai me comprar um carro novo.

Ele bufa.

— Você é impossível.

Dou de ombros e me acomodo no assento.

— Você casou comigo.

Vinte e Oito

Emory

O cheiro de produtos de limpeza misturado com bacon se infiltra por baixo da minha porta fechada, e fico deitado na cama, tentando entender o que diabos Scottie está fazendo lá embaixo. O sol ainda não nasceu, o que significa que é cedo demais, caramba.

Depois de me virar na cama mais três vezes, minha curiosidade leva a melhor. Jogo as cobertas sobre meus músculos doloridos e visto um moletom. Dispenso a camiseta porque é a minha casa, quer Scottie esteja morando aqui ou não, e, honestamente, sinto que preciso equilibrar um pouco o jogo.

O beijo.

O maldito beijo que nasceu de uma rivalidade e da necessidade de estabelecer meu domínio. Ontem à noite, nos vimos em uma competição distorcida sobre quem tem mais poder, e depois que senti ela se abrir para que eu aprofundasse o beijo, não sei se tenho algum poder quando se trata dela.

Estou irritado com isso. Me deixou querendo mais, o que não era o plano.

Desço as escadas uma a uma, contando com a pouca luz do sol da manhã para guiar meu caminho. O cheiro do café da manhã fica mais forte a cada passo que dou em direção à cozinha, e minha boca saliva. Está com um cheiro danado de bom.

Quando meus pés tocam o chão, encaro as faixas brilhantes de madeira abaixo de mim. Vasculho a sala de estar, imaginando se minha mãe fez uma visita surpresa, porque a última vez que minha casa esteve tão limpa foi por causa dela.

A cama de Scottie, também conhecida como meu sofá, está intocada.

Seu travesseiro e cobertor ainda estão bem dobrados na ponta da almofada, e parece que ela até passou o aspirador neles em algum momento.

Minha testa franze. Passo a mão pelo cabelo bagunçado e caminho mais para dentro da sala, chegando à grande abertura da cozinha.

Há um breve engasgo na minha respiração quando a vejo ali, de costas para mim. Ela está na ponta dos pés, alcançando os pratos que estão fora de seu alcance. Parte de mim quer ficar para trás e ver o que ela planeja fazer, mas me vejo avançando. Contorno a ilha e me aproximo silenciosamente por trás dela. Sua bunda, naqueles shortinhos de dormir minúsculos, roça a frente do meu moletom. Contraio o abdômen e me inclino ao lado dela, pegando os pratos que ela está desesperada para alcançar.

O grito de Scottie corta o chiado do bacon, e preciso de todo o meu autocontrole para permanecer impassível. Não haverá reação da minha parte sobre como só agora noto a forma perfeita de seus lábios. E aquelas pernas lisas saindo dos shortinhos de dormir? Não ligo. Seios perfeitos e empinados na borda da regatinha? Nada para ver ali.

— Precisa de uma mãozinha? — resmungo, afastando cada último desejo que tenho pela nossa proximidade.

Os cílios de Scottie tremem várias vezes antes que ela engula. Quanto mais nos encaramos com nada além do chiado do bacon ao fundo, mais perco o controle sobre minha irritação por ela me acordar com o cheiro de uma casa recém-limpa e o café da manhã cozinhando no fogão.

— Ai, merda! — Scottie pula para trás, batendo a bunda no meu pau novamente.

Meu estômago despenca, mas rapidamente a empurro para o lado e pego a frigideira gordurosa do fogão, desligando o gás e eliminando a chama grande. Quando me viro para olhar minha pequena incendiária, ela está inspecionando o braço. Pequenos pontos vermelhos aparecem em sua pele.

— Você está tentando incendiar a casa? — pergunto, pegando o pano de prato.

Molho-o com água fria e pressiono levemente contra o braço de Scottie, ignorando o puxão de sua independência. Meu aperto se firma em seu bíceps enquanto mantenho o pano pressionado em sua pele ligeiramente queimada.

— Não — ela finalmente responde, desviando o olhar. É como se ela não suportasse o fato de eu estar cuidando do braço dela. — Eu só estava...

— Fazendo café da manhã para mim? — Levanto uma sobrancelha antes de remover o pano e inspecionar seu braço.

Ela bufa.

— Quem disse que era para você?

Olho brevemente para a pilha de panquecas ao lado.

— A menos que você planeje comer o peso do seu corpo em panquecas, diria que tem o suficiente para dividirmos.

Depois de ver que o braço dela está bem, solto-o e a observo se ocupar tirando o bacon da frigideira. Com as costas para mim, ela joga uma declaração ridícula por cima do ombro.

— Eu estava fazendo café da manhã para Shutter e para mim. Não para você.

Dou uma risadinha enquanto pego um prato. Com três fatias de bacon e cinco panquecas empilhadas, arrasto um banquinho e me sento. Entre cada mordida de comida, examino a cozinha e o resto da casa.

A conta não está batendo, e eu sou danado de bom em matemática.

— Você dormiu? — Enfio outra mordida de comida na boca enquanto a observo muito de perto.

Apesar das olheiras escuras sob os olhos e do coque bagunçado no topo da cabeça, ela ainda se parece com um raiozinho de sol — mas agora com falta de sono.

Scottie para com a caixa de leite de aveia na mão. *Ela é intolerante à lactose*? Seu olhar desce brevemente para meu torso nu antes que ela murmure:

— Hmm... — Ela dá de ombros e rapidamente se vira para a geladeira para continuar guardando todos os ingredientes que usou.

— Você não dormiu, não é? — Insisto, não deixando que ela escape de me responder. — Você limpou minha casa inteira. — Faço uma pausa, esperando algum tipo de reação dela, mas não recebo nada. — E fez café da manhã para mim?

Ela gira, e me recuso a dar a ela outra chance de negar, porque não há como ela ter feito isso para um gato danado.

— Por quê? — pergunto.

— Não fiz isso por você.

Levanto-me com meu prato vazio e caminho até a pia. Ela não fica ao meu lado. Em vez disso, contorna a ilha e se senta no mesmo lugar em que eu estava.

— Não. Quero dizer, por que você não dormiu?

A boca dela se abre, e não consigo evitar encarar quando ouço sua voz suave.

— Não sei. Eu só... não consegui dormir.

Forçando-me a desviar o olhar, suspiro.

— Talvez se você parar de ser teimosa e dormir em uma cama de verdade, conseguiria descansar.

Ela ri, e isso me pega de surpresa. No meio da lavagem, com as mãos cheias de espuma de sabão, viro o pescoço para observar a risadinha sair de sua boca.

— Confie em mim, não tem nada a ver com uma cama.

Levanto uma sobrancelha, esperando mais resposta do que isso.

— Ah, espera. Esqueci... você não confia em mim. — Seus lábios se achatam antes que ela dê outra mordida na comida, envolvendo os lábios no garfo. Minha boca saliva, e culpo o gosto das panquecas que permanece na minha língua. — Posso dormir praticamente em qualquer lugar — ela adiciona. — Dormi no chão por anos antes de conseguir uma cama.

Fico ali, lavando o mesmo prato por tempo demais, repetindo as palavras dela na minha cabeça.

— O que você quer dizer? — finalmente pergunto.

Scottie parece tão alheia a quão absurda é sua resposta. Ela apenas dá de ombros e repete.

— Você dormiu no chão?

Ela acena lentamente dessa vez. Um tom rosado surge em suas bochechas, e meio que odeio sentir pena dela. Normalmente, escolheria esse momento para provocá-la só para ver seu nariz franzir com irritação, mas não consigo me forçar a fazer isso. Em vez disso, termino de limpar meu prato e o resto da cozinha quando ela sai para a varanda, sabendo que ela fez muito nas últimas horas enquanto eu dormia.

Depois que Scottie volta, tendo tido uma conversa completa com aquele maldito gato da varanda que sibila para mim toda vez que saio de casa, ela coloca as mãos nos quadris e me lança um olhar. Não sei se Shutter deu um discurso motivacional a ela, mas o tom rosado de vergonha em suas bochechas sumiu, e minha esposa atrevida está de volta em ação.

— Está pronto para me levar para pegar meu carro?

Estreito o olhar.

— Você acha que é seguro dirigir quando está acordada há vinte e quatro horas?

O bufar irritado dela envia algo excitante para minha corrente sanguínea. Desço os olhos para a boca dela novamente antes de me repreender e puxar minha atenção de volta para seu lábio projetado.

— Estou bem — ela argumenta com um pequeno pisão de pé. — Além disso, acabei de fazer café da manhã para você.

— Oh, então foi uma propina?

Ela dá de ombros casualmente e apoia o quadril contra a ilha.

— Pode ser.

Rio baixo com a habilidade dela de parecer tão doce em um segundo e esperta no próximo. Juro, ela está me tentando. Me tentando a fazer o quê? Não tenho ideia. Mas minha nova esposa está mexendo com algo dentro de mim que nunca senti na vida.

Nos encaramos do outro lado da ilha. Durante todo o tempo em que estamos em um impasse, não me permito olhar para a boca dela. Minha mandíbula se aperta quando coloco as mãos viradas para baixo no balcão. Tento pressionar a pedra para me dar alguma estabilidade para não me tornar complacente com o jeito que ela está me olhando.

— Vamos fazer um acordo.

Porra, o quê?

— Já temos um acordo — ela retruca. — Eu interpreto o papel de sua esposa, e você me paga, lembra?

— Certo. Exceto que eu não sei nada sobre você, e você sabe tudo sobre mim.

Scottie me olha com desconfiança, mas ainda não briga, então continuo.

— Vou te levar para pegar seu carro...

— E você não vai me comprar um novo — ela me interrompe.

Pelo amor de Deus.

Refaço minha frase.

— Vou te levar para pegar seu carro... e não vou comprar um novo... desde que você comece a responder perguntas.

O rosto de Scottie é de pedra, mas seus olhos contam uma história completamente diferente. O medo neles, por eu fazer algumas perguntas, é ainda mais motivo para perguntar.

— E aí, qual é?

— Posso simplesmente chamar um Uber para pegar meu carro.

Lentamente, olho para a bolsa dela no canto do balcão. Conhecendo-a melhor do que ela pensa, corro até lá, o que não é difícil porque três dos meus passos são cinco dos dela. No último segundo, levanto as chaves dela no ar e observo com divertimento enquanto ela tenta alcançá-las pulando.

Me inclino até o nível dela.

— Lenta demais, querida.

Ela faz biquinho, e seu hálito quente, irritado e com cheiro de panqueca me acerta no rosto.

Meu Deus, que cheiro doce.

— Você é um idiota.

Deslizo as chaves dela no meu bolso e jogo as palavras dela da noite anterior de volta.

— Você casou comigo.

— Não me lembre — ela murmura, seguindo-me em direção à porta.

Quando saímos, algo me acerta nas costas. Viro-me e pego minha blusa amassada antes que caia no chão.

— Vista uma camiseta! — Scottie passa por mim após acariciar Shutter entre as orelhas. — E você tem uma pergunta por dia, então escolha com sabedoria.

Sorrio para mim mesmo e sigo atrás dela, sabendo que venci.

Vinte e Nove

Scottie

Emory

Você dormiu ontem à noite?

Aconchego a cabeça de Shutter com meu queixo enquanto ele se aninha mais perto. Seu ronronar é quase mais alto que o tom de texto do meu telefone. Esfregando a mão em seu pelo preto sedoso, digito uma mensagem rápida para Emory enquanto sorrio para mim mesma.

Scottie

Essa é sua pergunta do dia?

Ele responde em segundos, o que é surpreendente porque ele está prestes a entrar no gelo para um jogo. Já tenho tudo pronto no meu telefone porque, por Deus, não consigo encontrar uma TV na casa dele. Que homem não tem uma TV? Tenho medo de bisbilhotar, com receio de que haja câmeras em algum lugar, então baixei o aplicativo e vou assistir assim.

Emory

Não.

Espero porque sei que ele vai mandar sua verdadeira pergunta em questão de segundos. Ele manteve a palavra e só me fez uma

pergunta por dia desde que me deixou no meu carro e me seguiu de perto até voltarmos para a casa dele, quando fez uma pergunta que fez minhas bochechas arderem de humilhação. Ele não acreditou que eu nunca tive um namorado e achou que eu estava mentindo. Tive que explicar que, embora tenha saído com pessoas antes, nunca estive no tipo de relacionamento onde chocolates, encontros no cinema e carinhos matinais estavam envolvidos. A única vez que vejo essas coisas no meu futuro é se eu planejá-las para manter nosso show de um casamento feliz crível.

Shutter solta um suspiro alto quando Emory manda outra mensagem, claramente irritado que meu telefone está interrompendo seu sono.

Emory

Essa é minha pergunta, e responda rápido porque estou prestes a sair para o aquecimento. Você está deixando o demônio entrar em casa enquanto estou fora?

Meu corpo fica imóvel. Procuro câmeras pela sala com o coração acelerado. Desvio minha atenção para cada canto da sala de estar enquanto estou deitada no sofá com a coluna rígida.

Merda, como ele sabe?

Emory

Saberei se você estiver mentindo.

Sendo minha típica eu atrevida com meu novo marido, tiro uma foto silenciosamente de Shutter no meu peito e envio para ele.

Envio outra mensagem e rolo os lábios enquanto espero sua resposta. Faz muito tempo desde que troquei mensagens assim com

alguém que não fosse relacionado ao trabalho ou ao William. Quase não sei o que fazer com os arrepios que sinto no estômago, esperando ansiosamente por uma mensagem.

Em vez de uma mensagem, uma chamada chega.

Entro em pânico com meu dedo pairando sobre o botão de atender.

A rebeldia que tenho quando se trata de Emory persiste, mas atendo o telefone mesmo assim porque minha curiosidade leva a melhor.

— Alô? — respondo baixinho.

O rosto de Emory aparece porque ele muda para uma chamada de vídeo no último segundo. Suavizo minhas feições para não revelar nada, mas imagine meu choque quando vejo o fundo de um vestiário atrás de seu rosto aparentemente sério.

— Sério? — ele diz, me lançando um olhar. — Tire essa coisa psicopata de... — Ele para, e algo passa pelo seu rosto. — Nossa casa.

Nossa casa.

Por mais que eu queira provocá-lo ainda mais, não o faço, porque não só ele está prestes a jogar contra um dos melhores times da liga agora, mas eu sou sua esposa. A ousadia tem que ficar atrás de portas fechadas, e a flerte tem que surgir.

— Nossa casa é mais quente — digo, aconchegando Shutter novamente.

— Ele é um gato. Ele vai ficar bem. Coloque-o de volta lá fora.

O olho de Emory treme quando sorrio maliciosamente. Sua cabeça inclina, jogando seu cabelo castanho sobre a testa. Sua boa aparência me irrita tanto que não consigo evitar brincar com fogo.

— Me obrigue.

Aperto os olhos e tento dizer algo com meu olhar. Todo mundo tem um equívoco sobre goleiros serem estúpidos e um pouco loucos, mas, na minha opinião educada, goleiros são o completo oposto. Eles estão sempre em guarda, observando o gelo e sabendo para que direção o disco vai antes mesmo que ele vá. Eles sabem quando se envolver e quando ficar para trás e observar, e é exatamente por isso que Emory capta meu tom de flerte imediatamente.

Seu lábio se curva em um sorriso perigoso que se crava no meu peito. Meu coração bate mais forte, e Shutter se estica em cima de mim, provavelmente sentindo o que não admitirei.

— Está me tentando? — Emory pergunta, com a voz cheia de diversão.

Dou de ombros timidamente, e minha jaqueta de algodão cai um pouco do ombro, mostrando minha pele nua. Emory olha brevemente antes de voltar ao meu rosto.

— Parece um desafio — alguém grita do vestiário.

Emory grunhe, o que meio que soa como uma risada.

— O verdadeiro desafio é fazer seu goleiro rabugento amolecer um pouco para esse gatinho doce. — Beijo Shutter na cabeça. — Talvez depois que você ganhar o jogo? — digo, desempenhando meu papel *muito* bem.

Uma sombra de incerteza passa pelo rosto de Emory, e sorrio para ele com um leve suspiro. O rosto de Kane toma a tela da câmera, e rapidamente puxo minha jaqueta de volta para cobrir minha pele.

— Você está torcendo por nós, Esposinha?

— Esposinha? — Ouço o desgosto na voz de Emory e quase reviro os olhos.

Habilidades de atuação estelares.

— Ela não é sua esposa — Emory rosna, claramente tentando encobrir seus rastros.

Kane ignora meu goleiro rabugento.

— Você está nos assistindo?

Aceno. Claro que estou assistindo. Eu os assistia muito antes de conhecer Emory.

— Estou contando com vocês para vencerem, mas os Bears são difíceis. Eles estão previstos para vencer. — Fico séria. — A linha ofensiva deles é sólida, então fiquem de olho no número onze.

Kane vira o pescoço e olha para Emory com confusão.

— Onde você a encontrou? Quero uma.

Emory arranca o telefone da mão dele, e sua expressão é completamente indecifrável. Ele pisca algumas vezes antes que a voz do técnico Jacobs ecoe pelo vestiário.

— Vamos lá, Devils. Saiam para o gelo, porra.

Dou uma risadinha com sua escolha de palavras.

Movo a câmera para baixo para que Emory veja Shutter no meu peito.

— Shutter diz boa sorte.

Ele bufa e faz uma rápida varredura do vestiário antes de parecer altamente desconfortável.

Ele está nervoso pelo jogo?

Espera, por que eu me importo?

— Te ligo depois do jogo — ele diz hesitantemente.

— Tudo bem... — Minhas sobrancelhas se juntam, e sei que ele nota minha confusão.

— Eu...

Por que ele parece estar com dor? E, de novo, por que eu me importo?

— Eu te amo.

Minha boca se abre. Os pensamentos que vêm ao ouvir essas três pequenas palavras me lançam em um frenesi. Fico confusa quando sinto uma pontada de raiva. Isso provavelmente é algo que um terapeuta deveria explorar, mas isso custa dinheiro, então coloco esse pequeno sentimento no fundo da minha cabeça e me escondo dele.

Saio do transe quando Emory pigarreia. Minha pele está quente ao toque, mas forço a resposta apropriada.

— Também te amo.

Nos encaramos por um segundo a mais antes que ele desligue.

Respiro pesadamente por alguns segundos enquanto seguro o telefone no mesmo lugar, e é quando a exaustão me atinge. Sei que não posso me forçar a ficar acordada hoje à noite, porque meu corpo está protestando, mas quando meu telefone vibra, de repente estou bem acordada novamente.

Emory

A TV está no meu quarto.

Oh.

Emory

Mas esse gato é melhor não estar no meu quarto, Rogue.

Levanto-me lentamente com Shutter nos braços e sigo para as escadas. Outra mensagem aparece.

Emory

Pare onde está e coloque-o lá fora.

Meus pés congelam no centro do primeiro degrau. Viro-me lentamente e passo minha atenção pela sala de estar novamente. Emory ou é altamente atento e me conhece muito melhor do que penso, ou está sendo um completo stalker e me observando.

Embora, pode-se realmente considerá-lo um stalker se é a casa dele?

Scottie

Você está me vigiando?

Emory

Você foi quem me disse para instalar câmeras, lembra?

É verdade. Eu disse. Mas isso foi antes de pensar que ele estaria me vigiando!

Emory

Não faça nada que não gostaria que eu soubesse enquanto estiver na minha cama.

Um calor desce pela minha espinha com o pensamento.

Scottie

Você é tão convencido que acha que eu ficaria excitada só de estar na sua cama? 😳

Emory

Não acho, querida. Eu sei.

A resposta dele me irrita tanto que *talvez* eu faça algo na cama dele só para provocá-lo.

Trinta

Emory

— Bem, sua pequena groupie de hóquei estava certa. O número onze nos destroçou.

Viro-me e encaro Kane.

— Groupie de *hóquei*?

— Desculpe-me. Quero dizer, sua *esposa*. — Ele revira os olhos, e minhas orelhas ardem.

Não posso culpá-lo por estar bravo e não escolher suas palavras com cuidado, porque é assim que todos ficamos quando perdemos, mas se ele chamar Scottie de fã novamente, posso partir seu taco de hóquei ao meio e enfiá-lo pela garganta dele. Kane é um punk com pavio curto, e se eu não estivesse tentando consertar minha reputação, não deixaria isso passar.

Basta um olhar meu para que ele saiba que passou dos limites, especialmente na frente do resto do time. Ele vira as costas, e todos nós nos despimos em silêncio, esperando o técnico Jacobs entrar no vestiário e rugir sobre como está desapontado com as jogadas desleixadas que foram executadas. É isso que torna ser goleiro tão difícil. Meus companheiros de equipe praticamente jogam um jogo completamente diferente do meu.

Estou entre as traves, bloqueando chutes com cada grama de determinação que tenho, enquanto eles erram no gelo

repetidamente, permitindo que trinta discos voem na minha cara. Não posso fazer nada a respeito, exceto me mover e bloquear até que eles se organizem.

É sempre fácil culpar quem deixa os chutes passarem, e meu ego não é *tão* grande — exceto segundo Scottie — para pensar que nunca estraguei um jogo por não fazer o meu melhor no bloqueio, mas todos neste vestiário sabem que essa derrota não teve nada a ver comigo e tudo a ver com a falta de comunicação deles.

Estou preparado para uma briga explodir com a tensão enchendo o vestiário. Rhodes e eu fazemos contato visual. Estamos ambos prontos para intervir se necessário, mas espero que todos consigam manter a compostura para que possamos subir no ônibus e ir para o avião antes que fique muito tarde.

Não há lugar como o lar, mesmo que eu o esteja dividindo com uma pequena diaba de cabelos loiros.

Minha cama está chamando meu nome, e é melhor que eu não encontre pelos de gato nela.

Quando o técnico finalmente faz sua presença conhecida, ele apenas fica no meio do vestiário, coloca as mãos nos quadris e balança a cabeça — o que, honestamente, é pior. Não sei se ele esperava alguma resposta ou palavras ásperas entre seus jogadores como no passado, mas o time permanece em silêncio. A maioria deles lança olhares de aço para Rhodes e depois para mim. Quando nenhum de nós diz ou faz algo, eles tomam isso como a deixa para ficarem quietos também.

Nada é dito até entrarmos no avião.

Como capitão, Rhodes se sente obrigado a dizer algumas palavras rudes que pairam entre raiva e encorajamento, mas é só isso.

Meu palpite é que haverá uma tonelada de treinos amanhã durante a prática e talvez alguns ajustes nas linhas.

Quando aterrissamos em Chicago e ligo meu telefone novamente, percebo que esqueci de ligar para Scottie após o jogo. Eu disse que ligaria para ela depois, porque sabia que o time estava ouvindo nossa conversa, mas ela é a primeira coisa que penso quando as rodas do avião tocam a pista.

Releio nossas mensagens, e, estranhamente, elas me afastam da raiva que persiste pela nossa derrota. Depois que o técnico late para estarmos no treino amanhã, subo no meu carro e abro o aplicativo da câmera.

Não foi até estar fora e pensando nela que pensei em olhar a câmera.

Isso beirava o antiético?

Com certeza.

Era algo de stalker?

Porra, sim.

Mas ela meio que pediu por isso quando veio a um dos meus jogos, esperou até que eu estivesse sozinho e me encurralou no banheiro. *Isso* é coisa de stalker.

A empresa de segurança recomendou que eu colocasse câmeras em todos os cômodos da casa, em caso de roubo, mas o verdadeiro motivo pelo qual concordei foi por causa das mulheres loucas

aparecendo na minha porta. Não duvidaria que uma delas entrasse na minha cama nua.

Quando olho as câmeras, porém, não há ninguém na minha casa exceto a pessoa que deveria estar lá.

Meus dedos se apertam quanto mais encaro ela dormindo na minha cama. Ela está usando a mesma coisa que vi mais cedo: shortinhos minúsculos e uma jaqueta fina que mal cobre o ombro. Ela está encolhida em uma pequena bola no lado oposto de onde durmo, com seu cabelo loiro expondo a curva de seu pescoço.

Há um beliscão na minha virilha, e saio do aplicativo da câmera com força demais. Jogo meu telefone para o lado e engato o carro.

Fui eu quem insistiu que ela dormisse na cama comigo, mas isso foi antes de saber como era beijá-la. Agora, não sei se conseguirei dormir com ela ao meu lado, esteja ela acordada ou não.



— Sério?

Um sibilo escapa de Shutter quando subo na varanda. Ele arqueia as costas para mim, e seus olhos verdes brilhantes são mais um olhar fulminante do que qualquer coisa.

Fico feliz em ver que Scottie realmente seguiu meu comando pela primeira vez e o colocou de volta lá fora, mas será que ela de alguma forma informou a ele que eu sou o responsável por seus arranjos de moradia na varanda em vez de dentro da minha casa?

Você pensaria que ele gostaria de mim, já que fui eu quem o resgatou, mas claramente não é o caso.

Quando entro e fecho a porta, dando um dedo do meio para Shutter no processo, noto que o sofá ainda está vazio. A casa está tão impecável quanto estava quando Scottie ficou acordada a noite toda para limpar, e o cobertor e o travesseiro que ela usa não se moveram um centímetro desde que estive fora. Esperava que ela estivesse no seu lugar de direito na sala de estar quando chegasse em casa, para que eu não tivesse que lidar com acordá-la.

Um barulho do andar de cima chama minha atenção. Após deixar minha bolsa perto da porta, tiro os sapatos e sigo para meu quarto. Quanto mais me aproximo, mais reconheço as vozes familiares de alguns dos comentaristas esportivos mais bem articulados da TV.

Eles estão recapitulando o jogo de mais cedo, mas não consigo prestar atenção por causa da mulher dormindo em cima da minha cama. Incapaz de me conter, aproximo-me da borda do colchão e traço a delicada curva de seu ombro nu com um olhar preguiçoso.

Apesar de quão cansado estou, meu pau ainda faz questão de se fazer notar.

Porra. Isso está ficando esquisito.

Viro-me frustrado.

Sinto-me o maior pervertido do mundo por estar no meio do meu quarto com uma semiereção, só de olhar para uma mulher na minha cama.

Especialmente *ela*.

Meus dentes rangem com tanta força que minha mandíbula pulsa.

Olho para a TV em descrença. Como se precisasse do lembrete, uma foto da minha mídia social está no centro da tela atrás de Charles Cannon e Mike Hale.

Scottie deve ter tirado no dia em que fez o café da manhã, sem que eu soubesse.

O foco da foto é ela segurando uma caneca de café com seus biscoitos por perto, mas ao fundo, levemente desfocado, lá estou eu, sem camisa, comendo as panquecas e o bacon que ela fez.

Mike faz uma piada que minha nova esposa deve ser meu amuleto da sorte por causa de como me saí bem no jogo, apesar dos esforços fracassados dos meus companheiros de equipe. Eles mencionam o próximo evento de caridade Hockey Fights Cancer, e uma onda de excitação percorre-me porque ela terá que ir comigo.

Minha excitação não tem nada a ver com querer que ela seja minha esposa de verdade ou algo assim. É só que ela é divertida de estar por perto. Ela não atura minhas merdas, e suas respostas espertas me mantêm alerta.

Se tem algo, estou menos entediado com ela por perto.

Após dar mais uma rápida olhada nela, decido que depois de me preparar para dormir, vou acordá-la.

Olho para o chuveiro, agradecendo silenciosamente por ter me enxaguado no vestiário, porque poderia acidentalmente passar tempo demais lavando meu pau com o pensamento da minha falsa esposa no quarto ao lado mostrando sua pele macia sem ter ideia do que isso faz comigo.

Depois de vestir um moletom e dispensar a camiseta, abro a porta do banheiro e imediatamente caio sobre sua figura imóvel.

Fico sobre ela por um segundo e estendo a mão para sacudi-la e acordá-la, mas em vez de fazer isso, pego o controle remoto e desligo a TV. Em seguida, apago a luz, e decido que se ela não acordar quando eu entrar na cama, esse é o problema dela.

No entanto, quanto mais fico deitado ao lado dela, ouvindo sua respiração suave cercada por seu perfume feminino, mais percebo que é o meu problema.

Trinta e Um

Scottie

Por que não consigo acordar?

Tento me afastar do que está se desenrolando diante de mim, mas não importa o quanto tente me mover, eu não consigo.

Acorde, *Scottie*.

— Mãe, por favor, não faça isso. — Não reconheço minha própria voz. Meu estômago dói, e quando o seguro, parece o braço de uma criança. É uma memória, e sei como isso vai terminar, mas estou com medo de ver.

Acorde, *Scottie*.

Um tremor percorre meu corpo, e eu suspiro.

Jogo os cobertores das minhas pernas e saio da cama, aterrissando com um baque no chão acarpetado.

— Que porra é essa?

Corro.

Não tenho ideia para onde estou correndo, ou do que estou fugindo, mas estou fora.

Viro à direita e corro para a porta mais próxima. Abro-a com força, e está completamente escuro, o que só aumenta meu medo.

Porta errada, *porra*!

Viro-me e corro novamente, mas bato em algo duro.

Mãos me seguram, e eu grito.

— Scottie, se acalme, porra!

Tremo, e minha pele está pegajosa. Quando as luzes acendem, aperto os olhos para evitar o brilho forte. Meus olhos piscam tão rápido quanto tremo, e as mãos nos meus bíceps apertam, puxando minha atenção para a voz áspera me dizendo para me acalmar.

Dois olhos, da cor de uma tempestade no oceano, travam com os meus, e me vejo tentando me afastar porque de repente percebo o quão insana devo parecer.

Meu Deus, que vergonha.

— Me solta — imploro.

Emory, em seu estado sonolento, que é irritantemente mais atraente do que se poderia pensar, balança a cabeça.

— Não. Você está tremendo, pelo amor de Deus. — Sua voz baixa no final, e um engolir pesado é minha única resposta.

Meus olhos marejam, e viro o rosto. Estou mortificada e completamente encharcada de suor. Puxo meus braços fracamente novamente, mas Emory não cede. Em vez disso, ele me arrasta até o chuveiro e me segura com uma mão enquanto alcança o interior e liga a água.

Não demora muito para a água esquentar. Emory e eu estamos cercados por vapor, e mal consigo ficar de pé. Meu peito está cheio de ansiedade, e minhas respirações são rasas, mas ele não comenta sobre isso. Seu olhar cansado desce pelos meus braços quando move os dedos para o zíper da minha jaqueta. Ele a abre, e o ar quente cobre os arrepios na minha pele, revelando uma regatinha curta que só vai até meu umbigo. Quando a jaqueta cai no chão, ele olha

brevemente para o resto de mim antes de desviar a atenção. Encaro sua mandíbula afiada, de repente esquecendo por que estamos no banheiro para começo de conversa.

— Vou sair enquanto você toma banho e se acalma.

Não consigo nem acenar.

Durante todo o banho, afasto os pequenos fragmentos do pesadelo que sabia que viria depois de ver minha mãe na outra noite e foco na água quente batendo contra minha pele.

Quando termino o banho, cheiro mais como homem do que nunca. Pego a toalha mais próxima e olho para minhas roupas suadas no chão. Há uma camiseta pendurada na maçaneta, e não tenho ideia se está limpa, mas ou saio para o quarto de Emory com nada além de uma toalha, ou saio com a camiseta dele que tem zero chance de escorregar do meu aperto trêmulo.

Depois de puxar a camiseta dele sobre minha cabeça, percebo que é mais um vestido em mim, o que é perfeito porque até minha calcinha está úmida de suor, e eu teria que estar realmente desesperada para colocá-las de volta.

Passo os dedos pelo cabelo molhado e finalmente reúno coragem para abrir a porta.

Tenho um pensamento esperançoso de que talvez ele tenha voltado a dormir, mas assim que vejo o brilho da mesa de cabeceira, congelo.

Emory se vira rapidamente, me pegando desprevenida. Sua testa forte franze, e não tenho ideia do que está passando pela cabeça dele. Seu abdômen esculpido está à mostra, e cada um de seus músculos abdominais tremeluz quando ele se tensiona. Quando puxo meu

olhar de volta para o lugar certo — *o rosto dele* — ele está encarando algo diferente: minhas pernas.

Nunca me senti tão autoconsciente na vida. Estou furiosa comigo mesma. Nunca deixo as pessoas verem minhas vulnerabilidades. Só porque Emory é meu marido não significa que ele tem direito aos meus medos mais profundos e obscuros. Minhas fraquezas são melhor deixadas enterradas, assim como minhas preocupações.

Emory eventualmente arrasta sua atenção para encontrar meu rosto, e em vez de dar a ele tempo para fazer as perguntas que sei que ele quer respostas, sigo direto para a porta do quarto.

Antes que eu chegue lá, sua figura alta entra no meu campo de visão, e ele desliza bem na minha frente.

— Vá para a cama, Scottie.

Por um segundo, e quero dizer um segundo *muito* rápido, sinto um puxão entre minhas pernas. Isso me atordoa tanto que quando as mãos de Emory caem nos meus quadris e ele começa a me empurrar para trás, eu deixo.

A parte de trás das minhas coxas bate no colchão, e ele me força a sentar. Ele está tão perto que tudo o que eu teria que fazer é abrir ligeiramente as pernas e ele poderia entrar direto. Então ele perceberia que não tenho calcinha e— *Meu Deus*, *por que quero tentá-lo*?

Olho timidamente para ele porque ele ainda está no mesmo lugar, a apenas um pé de mim. Minha boca se entreabre para uma respiração suave escapar, e a única coisa que consigo pensar é no jeito que ele me beijou na outra noite.

Meu corpo anseia por uma distração que meu subconsciente balança a cabeça, sabendo que minhas habilidades de enfrentamento são completamente insalubres.

— Você vai dormir aqui. — Sua mão calejada cai no meu queixo, e ele inclina meu rosto ainda mais. Minha respiração é, na melhor das hipóteses, errática, e eu não poderia discutir com ele mesmo se tentasse.

Aceno uma vez, e ele tem um olhar maligno no olho.

Olho para sua boca e traço o contorno de seus lábios, lembrando como foi paralisante senti-los me reivindicar na outra noite. Foi o beijo inicial dos beijos iniciais, e pensar que foi falso...

Imagine se fosse real...

Imagine se ele realmente sentisse algo por mim além de desconfiança ou pena...

Fico imaginando como seria ser desejada por alguém tão inabalável quanto Emory Olson. Ele é tão seguro de si — ainda mais no gelo. Quando ele usa um tom que beira a possessividade comigo, encontro-me amando cada inflexão em sua voz.

Depois que aceno, espero que Emory caminhe para o lado dele da cama e me deixe deitar sozinha, mas quando ele se agacha para ficar no meu nível, meu coração cai no fundo do estômago. Suas mãos quentes roçam minhas panturrilhas para girar minhas pernas sobre a cama, mas ele para no último segundo. Seus dedos cravam na minha pele, e quando vejo o olhar de choque no rosto dele, sei que ele sabe.

Seus olhos encontram os meus, e quase engasgo. Com muito medo de rejeição do homem com quem tenho que passar mais 358

dias — não que eu esteja contando — solto uma desculpa.

— Desculpe-me! — Tento apertar minhas pernas, mas ele não deixa, então continuo falando. — Desculpe-me por adormecer na sua cama. Não foi intencional. Terminei de assistir ao jogo, e a próxima coisa que sei, estou tendo um dos meus pesadelos, e correndo contra seu peito, e—

De repente, sou puxada para frente ao ponto de minha bunda mal estar na beira da cama.

— Para. — Emory está quieto, mas seu tom ainda é exigente. — Você é minha esposa. Você deveria estar na minha cama.

— Sou sua esposa falsa — lembro-o. — O que significa que não é sua responsabilidade lidar comigo e meus traumas.

— Assim como não é minha responsabilidade lidar com você usando minha camiseta sem nada por baixo?

O quarto está em chamas.

Meu rosto está em chamas.

E entre minhas pernas está em chamas.

— Certo — sussurro. — Exatamente.

Uma respiração trêmula escapa da minha boca, e odeio que as mãos de Emory ainda estejam em mim. É difícil manter nosso confronto de olhares intacto porque quanto mais o olho, mais atraente ele se torna.

Olhos azuis que escurecem com algo tentador, uma voz rouca que é ao mesmo tempo possessiva e gananciosa, e uma boca que sei que é talentosa... Ele está dificultando meu raciocínio claro.

O estado sonolento em que ele estava há pouco tempo parece mais que ele está drogado com a ideia de me tocar, e isso tem que ser

eu me enganando para pensar algo que não é verdade para me sentir melhor sobre os pensamentos que estou tendo.

— Passa da meia-noite — ele declara. — Então vou usar minha pergunta de amanhã agora.

Preparo-me mentalmente porque sei que ele vai perguntar sobre meu pesadelo.

— Tudo bem — sussurro.

— Você quer que eu faça disso minha responsabilidade? — Emory afrouxa o aperto em minhas panturrilhas e lentamente arrasta as mãos sobre minhas pernas até descansarem em minhas coxas nuas.

— O q-quê?

— Você quer que eu te toque, Scottie? — Há esperança em seus olhos azuis, e quero tanto ceder a ele que dói.

Arrepios explodem sobre minha pele como fogos de artifício, e ele nota. Inspiro fundo quando ele roça os dedos contra minha pele, movendo-se para o interior das minhas pernas. Ele as abre mais, e eu deixo.

— Sim ou não?

Ele está olhando diretamente entre minhas pernas, e sei que preciso dizer não. Isso não faz parte do nosso acordo. Quando não há ninguém por perto, não devemos... *tocar*.

— Isso não está no contrato. — Mal consigo dizer as palavras.

Não há um pingo de humor no rosto dele. Apenas determinação, desejo e algo tão perigoso que não consigo evitar querer acariciá-lo.

— Eu escrevi o contrato. Sei o que está nele. Perguntei se você quer que eu te toque.

Abro a boca, mas meus olhos se fecham quando seu dedo traça o interior da minha perna, aparentemente se aproximando do meu ponto doce.

— Se você não quer que eu te toque, me diga agora. Caso contrário, não conseguirei parar. — Sua mão congela, e quase faço biquinho. — Sou homem, e você está na minha cama, usando minha camiseta sem calcinha, me olhando com esses olhos azuis cheios de desejo.

Pensamentos sobre o que isso significará fazem meu coração bater mais forte e rápido. Estou na beira de um penhasco, e não sei se devo pular. Sempre sei o que quero, mas às vezes o que quero não é o que preciso.

O calor pulsa entre minhas pernas, e tenho a sensação de que ele pode senti-lo.

Ele engole alto, e observo os músculos de sua mandíbula tremeluzirem para frente e para trás.

Quero que ele me toque?

Meu Deus, sim.

Mas o que quero e o que preciso são duas coisas muito diferentes.

Aprendi isso da maneira mais difícil.

Trinta e Dois

Emory

Que porra estou fazendo?

É tudo culpa dela.

Num momento, estou pulando da cama no meio da noite e cuidando da mulher que chamo de esposa enquanto ela parece estar no meio de algum tipo de ataque de pânico, e no próximo, estou ajoelhado no chão entre as pernas dela, implorando silenciosamente para que ela me deixe tocá-la.

É uma ideia péssima, porra.

Eu sei disso no fundo do meu ser.

Mas...

Mas a boceta dela é perfeita. Nunca vi uma mais bonita.

E a pele dela? É macia nos lugares certos e mais lisa que o gelo depois de uma Zamboni.

— Eu quero que você me toque... — A voz dela é viciante, e se for para ser honesto, sinto isso mesmo quando ela está sendo atrevida comigo. — Mas...

Mas?

Ela tem um "mas"?

— Não posso deixar porque isso nunca vai funcionar se começarmos a cruzar linhas, e eu preciso que esse casamento funcione mais do que você imagina.

Por um segundo, o desespero enche cada um dos meus pensamentos. Estou inventando desculpas e até considerando dizer que pagarei mais a ela, o que me faz parar imediatamente.

Ela não é uma prostituta, porra. Que diabos estou fazendo?

O suspiro trêmulo dela me afasta o suficiente para que eu consiga forçar um acordo.

— Você está certa.

Levanto-me rapidamente e viro as costas para ela. Depois de ajeitar meu pau na cintura do moletom, caminho até a luz e a apago.

Estamos envoltos em escuridão, o que é um alívio. Não estou no estado de espírito certo para continuar olhando para ela sentada na beira da minha cama com nada além de uma camiseta. Sempre achei que ela era atraente e sedutora de uma forma agonizante, mas foi o jeito que ela acabou de me olhar que puxou cada último fio de contenção que eu achava que tinha dominado.

Ela não se parecia com a mulher que tentou me chantagear ou com a durona e independente que adora me provocar. Quanto mais tempo passo observando-a, mais percebo que minha percepção pode estar ligeiramente errada.

Testemunhei lados dela que ela não sabe que vi, mas depois de ver seu desejo escondido e descobrir o quão tentadora ela é, percebo que preciso me recompor e focar mais no meu objetivo e menos no meu pau.

Assim que deito na cama, Scottie se move para se levantar. Agradecido pela minha altura e braços longos, agarro o tecido da camiseta dela e a puxo de volta.

— Não vou te tocar. Mas você vai dormir aqui esta noite.

— Não é necessário — ela diz baixinho. — Estarei bem lá embaixo.

Um som sarcástico escapa de mim.

— Não perguntei.

Ela imita o som, mas eu a corto antes que ela possa dizer qualquer outra coisa.

— Vá para a cama e durma, ou vou te seguir lá embaixo e dormir no sofá ao seu lado.

Não me tente, porra, Scottie.

— Não tem espaço no sofá para nós dois.

— Exatamente. — Minha resposta é um aviso, e sei que ela vai obedecer.

O suspiro dela é alto de propósito, e posso sentir seus olhos revirando do outro lado da cama. Depois de alguns minutos dela se mexendo toda, finalmente viro-me para ela e vejo um monte à minha frente.

— O que você está fazendo?

A sombra dela aparece no topo de algum tipo de barreira.

— Construindo uma parede de travesseiros.

A diversão voa para meus lábios, e fico grato que ela não possa ver meu rosto no escuro.

— Nossa, você confia tão pouco em si mesma ao meu lado que precisa criar uma barreira?

— Isso não é para mim. É para você. — A risada dela é atrevida pra caramba, e sei que passamos do momento quente e intenso entre nós.

Sem conseguir me controlar, pego meu braço e empurro todos os travesseiros da cama para o chão.

Ela suspira.

Eu sorrio.

— Vamos ver quem cede primeiro, então, hein?

— Não serei eu!

Rolo para o lado e viro as costas para ela.

— Acho que veremos.

A cama mal se move quando ela também se vira, ficando de frente para o lado oposto.

— Sim, veremos!

Espero até que a tensão se dissipe e o silêncio tome conta para dizer:

— Boa noite, esposinha.

Tudo o que recebo em resposta é um suspiro alto e exasperado.



A água refresca minha pele, e eu sacudo as gotas. Os torcedores estão ansiosos com o placar de dois a dois, e estamos nos últimos minutos do jogo. O treino foi brutal, mas sempre é bom estar de volta na nossa pista caseira com a maioria dos caras aparecendo com a cabeça no lugar depois de dormirem em suas próprias camas.

Minha cabeça está longe de estar no lugar com Scottie por perto, especialmente depois da outra noite, mas estou focado o suficiente no hóquei para que isso não afete minha habilidade no gelo. Vai ser

um dia frio no inferno se eu deixar uma mulher me distrair a ponto de prejudicar meu jogo.

Desvio o olhar para os assentos da área VIP por um segundo, e lá está ela com a esposa de Corbin, pressionada contra o vidro com a atenção no gelo e em nenhum outro lugar. Elas estão conversando, mas não tenho ideia sobre o quê. Dou uma segunda olhada porque o cabelo de Scottie está preso em um rabo de cavalo, e ela está usando um laço como uma líder de torcida. Depois de olhar para as outras esposas, vejo que todas estão usando o mesmo.

Rio baixo.

Scottie realmente desempenhou bem seu papel, já se tornando melhor amiga das outras esposas da liga.

Talvez eu possa usar isso a meu favor quando jogar a bomba nela de que ela terá que ir ao evento de caridade comigo, que estará lotado de mídia observando cada movimento nosso como marido e mulher.

O apito soa, e eu saio do transe. Movendo-me para desviar minha atenção, mas não antes que o olhar dela encontre o meu. Ela me dá um leve aceno com um inclinar dos lábios, e sabendo o quanto ela entende de hóquei, sei que ela não está fingindo a esperança em seus olhos de que venceremos.

É meio fofo que ela esteja torcendo tanto por nós.

O disco escapa para a esquerda, e os Knights conseguem o primeiro toque, enviando-o voando para o centro deles. Dobro as pernas e fico na minha posição de direito com a atenção totalmente no pequeno biscoito preto.

Scottie aparece na minha cabeça no último segundo.

Tudo o que consigo imaginar é ela com aquele maldito biscoito, mergulhando-o no café da manhã e lambendo os lábios depois.

Porra, saia da minha cabeça.

Sacudo a cabeça com força, e uma onda de adrenalina voa para as pontas dos meus dedos quando camisas vermelhas e amarelas desfocam na minha frente. Para os torcedores, o jogo é rápido. Os jogadores correm de um lado para o outro na pista como uma manada, mas para mim, tudo está em câmera lenta. Já tenho a sensação de que eles vão marcar, porque as coisas estão ficando bagunçadas e desleixadas, mas serei amaldiçoado se perdermos de novo.

Meus companheiros de equipe melhoraram seu desempenho em comparação com o último jogo, e agora é meu trabalho apoiá-los e enfiar o disco na garganta do outro time.

— Cai fora — resmungo, fazendo um meio espacate e esticando o braço para a direita. O disco bate na minha luva, e sorrio para mim mesmo, prendendo-o contra o gelo.

A multidão enlouquece, e Malaki voa em minha direção com um sorriso atrevido.

— Esse é o nosso garoto.

Dou a ele um olhar porque não sou um garoto, mas mesmo assim, entrego o disco e volto para minha posição. Há mais duas tentativas de gol dos Knights, e a cada vez, congelo o disco na tentativa de dar ao meu time a chance de passá-lo para Rhodes.

O técnico me dá o sinal no final do terceiro período quando olho para o relógio e vejo que estamos empatados. Praticamos o exercício várias vezes, e sei que eles vão me chamar para o banco no último

segundo para que possamos aumentar nossas chances de marcar com outro homem no gelo.

Assim que temos a posição, patino o mais rápido que posso e pulo sobre a lateral da parede. As lâminas de Kane tocam o gelo, e ele faz jus ao apelido de ser um animal. Ele é agressivo, e embora Rhodes não suporte sua atitude, ele sabe que ele é bom, então trabalham juntos e enviam um disco voando para a rede.

Fico de pé nos meus patins, e assim que vejo o disco acertar o canto superior esquerdo, minha boca se curva em um leve sorriso.

— Isso sim é trabalho em equipe.

O técnico dá um tapa no meu ombro, e pela primeira vez, Rhodes desliza até o resto do time e bate no meu peito com o punho. Ele está tentando esconder de todos o quão satisfeito está, mas para mim, olhar para Rhodes é como olhar no espelho.

— Isso é um sorriso que estou vendo?

Ele bate a mão enluvada no meu peito novamente, mas aperta a mandíbula para agir como se não estivesse afetado pelas mudanças que já estamos vendo no time.

Entre nós dois, vamos levar esse time ao topo, e não seremos mais o motivo de risadas entre os profissionais.

Arranco meu capacete e sorrio. Rhodes resmunga baixo e segue para o vestiário após o gelo estar liberado. Paro no último segundo quando vejo que ele está olhando para as arquibancadas.

Scottie está sorrindo radiantemente com suas bochechas rosadas e olhos azuis brilhantes. Atrás dela está a filha de Rhodes, empoleirada em suas costas em um passeio de cavalinho. O laço que ela estava usando agora está no cabelo de Ellie, e ela parece feliz.

Como se pudesse sentir que estou olhando, os olhos de Scottie são atraídos para os meus. Ela me dá um olhar estranho e depois se vira e sorri para Ellie.

Rhodes xinga baixo após saudar Ellie, que faz o mesmo para ele.

— Juro por Deus, aquela babá é melhor estar na área VIP com minha filha.

Quase tenho certeza de que ela não está, porque acho que acabei de ter uma conversa silenciosa com minha esposa... o que significa que somos mais marido e mulher do que eu pensava.

Trinta e Três

Scottie

— Vamos buscar seu papai — digo para Ellie, ajeitando o laço em seu cabelo. Os olhos dela brilharam no segundo em que viu todas as esposas usando um. Nola também tinha um, embora o laço fosse maior que o rosto dela, e seu rabo de cavalo tivesse talvez três fios de cabelo.

Depois que a babá de Ellie foi ao banheiro e nunca voltou, sentei-a entre minhas pernas e trancei seu cabelo antes de prender o laço na ponta.

Despeço-me das esposas, que estão todas olhando para Ellie com um toque de empatia nos olhos. Ela está quieta enquanto caminhamos para o nível inferior da arena, passando por todos os torcedores barulhentos que estão indo na direção oposta para voltar aos seus carros. Menininhas da idade dela não deveriam sentir o peso do abandono como ela está sentindo no momento.

Não sei o que aconteceu com a mãe dela, e sei que Rhodes está fazendo o melhor que pode, mas há uma tristeza em Ellie que reconheço. Ela carrega isso bem pelo que testemunhei, mas é uma tristeza que conheço muito bem.

É um daqueles sofrimentos invisíveis ao olho nu, mas se você já passou por isso, pode vê-lo imediatamente.

— Papai tem que falar com os repórteres hoje — Ellie diz baixinho, me arrastando em direção aos vestiários. Sou grata por ela saber o caminho, porque eu com certeza não sei.

— É mesmo?

Ela acena, me puxando para acompanhar seu ritmo.

— Sempre gosto de assistir porque ele fica nervoso.

Rio baixo. Acho que ela está confundindo *nervoso* com irritado.

Meu telefone vibra no bolso traseiro enquanto permito que uma criança de cinco anos me guie por um corredor escuro. O segurança deu uma olhada em Ellie e nos deixou passar, o que é bom saber que não estão deixando mulheres aleatórias entrarem aqui.

Mulheres aleatórias? Afasto a chama de ciúmes, porque é totalmente desnecessário.

Emory *Rhodes está preocupado. Ellie está com você?*

Scottie *Sim, estamos a caminho de você... acho? Estou deixando Ellie liderar o caminho, e embora ela seja uma coisinha determinada, não tenho ideia de onde estamos.*

Emory *Ela sabe o caminho.*

Envio um emoji de joinha, e antes que eu perceba, Ellie e eu estamos atrás de um grupo de repórteres com microfones, fones de ouvido e câmeras. Puxo-a um pouco para trás para que ela não fique no centro das atenções, mas quando ela vê seu pai, ela se estica desesperadamente na ponta dos pés para ver melhor.

Meu coração aquece.

Meu Deus, ela é igual a mim.

Rhodes é o mundo inteiro dela, como meu pai era o meu.

Rezo para que ela não o perca.

Perder um dos pais já foi difícil o suficiente, e mesmo que minha mãe ainda esteja fisicamente viva, ela não é minha mãe há muito tempo. Perder dois pais foi simplesmente cruel.

Colocando Ellie nas minhas costas novamente, suas mãozinhas descansam nos meus ombros, e observamos Rhodes responder perguntas sobre o jogo sem uma gota de emoção no rosto.

— Viu? — Ellie sussurra seu hálito de pipoca no meu ouvido. — Eu disse que ele estava nervoso.

Rolo os lábios para esconder minha diversão.

— Seu pai não fica nervoso — Emory acrescenta, fazendo-me pular. As mãos de Ellie apertam meus ombros enquanto ela começa a discutir com Emory. Ela o coloca no lugar dele, e acho isso hilário.

Ele levanta as sobrancelhas após ela terminar seu argumento. Quando ela volta a assistir ao pai, Emory captura meu olhar. Percebo seu sorriso mesmo que ele tente escondê-lo.

— Bom jogo. — Mantenho minha voz suave, soando entediada. Não posso ser *muito* legal com ele. Ele pode ter a ideia errada e pensar que vou acabar na cama dele sem calcinha novamente.

Meu estômago dá um salto. Toda vez que peguei Emory me encarando desde que acabei na cama dele, um calor corre para todas as partes silenciosas do meu corpo, e minha mente se enche com os pensamentos mais inadequados.

É uma doença, e a única cura até agora é evitá-lo, então voltei para o sofá mesmo que ele estivesse abertamente descontente.

— Você acabou de me elogiar?

Ellie mantém a atenção no pai, mas se intromete.

— Ela elogiou, e também, a maioria das pessoas diz obrigado quando alguém as elogia. Meu pai disse que é rude não dizer obrigado.

Uma risada escapa da minha garganta, e quando os dentes brancos de Emory aparecem por trás de seus lábios, acho que todos sentem a mudança no universo, porque de repente, as câmeras giram para ele.

Ele rapidamente se coloca na minha frente e de Ellie, protegendo-a das câmeras.

Rhodes escapa do caos, e eu faço o mesmo. Coloco Ellie no chão entre nós dois, e com Emory no centro das atenções, ela está escondida.

— Oi, *printessa* — ele sussurra para a filha em russo.

— Você estava com dor de barriga nervosa, papai?

Ele grunhe.

— Algo assim.

Ele está bravo, e quando olha para mim, dou a ele um olhar que espero que diga que entendo.

— Ela deu alguma desculpa? — ele pergunta.

Ele está se referindo à babá, presumo.

— Banheiro.

Ellie intervém.

— Acho que ela caiu lá dentro.

Rio alto, enquanto Rhodes xinga baixo antes de apertar a nuca com a mão grande.

— Obrigado por cuidar dela.

Coloco minha palma no braço dele, mesmo sabendo que ele não é do tipo que gosta de toque. Há algo nele e na filha que ressoa comigo, e acho que ele sabe que não há nada por trás quando dou um aperto.

— Vou cuidar dela a qualquer hora. É só pedir para Emory entrar em contato comigo, ok?

— Aqui está seu laço. — Ellie tenta tirar o laço da trança, puxando o cabelo.

Eu a paro.

— Esse é seu, boba.

Ela sorri radiantemente. O pai a pega no colo e sai pelo corredor, salpicando-a com beijos para fazê-la rir.

Quando me viro para Emory com um sorriso suave nos lábios, vejo várias câmeras apontadas na minha direção. Meu sorriso cai imediatamente, e os olhos de Emory estão arregalados com um pedido de desculpas, como se estivesse tentando me avisar.

Meu Deus.

— Lá está ela... Sra. Olson!

Merda. *Merda*. *Merda*.

Posso ter assinado um contrato para ser a esposa de Emory, mas em nenhum lugar do contrato dizia que haveria câmeras e repórteres esportivos enfiando um microfone na minha cara.

Com meu olhar fixo no de Emory, mordo o interior da bochecha e caminho lentamente para o lado dele.

Não sou material de esposa na vida real. Fotos, eu consigo lidar. Filmagens reais? Me mate agora.

— Não podemos deixar de notar sua dedicação a esse time, Sra. Olson. Ouvimos você gritando mais alto que o técnico Jacobs.

Uma rajada de ar sai dos meus pulmões com uma risada falsa. Dou de ombros e olho para Emory brevemente antes de voltar para a repórter.

— Cresci assistindo hóquei, então é natural que eu seja tão fã.

— Fã de assistir seu marido, presumo? — A repórter pisca as sobrancelhas e ri de forma irritante.

Com um sorriso de lábios fechados, aceno. Emory se intromete, e não sei se ele faz isso para me salvar ou para salvar *nós*, mas sou grata de qualquer forma.

— Ela cresceu me assistindo. Acho que pode estar cansada de mim agora.

É verdade. Quase esqueci que Emory e eu temos uma história que vai além de eu prendê-lo em um banheiro e tentar explorá-lo.

A repórter ri novamente.

— Duvido muito. Chicago está ficando obcecada pelo seu mais novo goleiro dos Blue Devils. — Ela se vira para mim novamente, e quero morrer. Inclino-me em Emory, e ele me segura pela cintura, me equilibrando. — Acho que estão ficando obcecados por vocês dois, na verdade. Não só estão investidos no jogo, mas também no seu novo casamento e na maior torcedora do time.

Graças a Deus dei o laço dos Blue Devils para Ellie. Caso contrário, eles poderiam me dar pompons e me fazer atuar nos intervalos.

— Bem — Emory se mexe desconfortavelmente —, pensamos que era hora de parar com os rumores para que todos possam focar no

jogo em vez da minha vida pessoal.

— Eles definitivamente ainda estão investidos na sua vida pessoal — a repórter argumenta. — Especialmente depois de verem como sua esposa é adorável. Sem mencionar, apoiadora.

Há uma parte de mim que quer rir porque se a imprensa soubesse que mantenho o goleiro estrela deles acordado à noite porque ele continua me checando — algo que ele acha que não sei. Se eu não fosse tão teimosa e dormisse na cama com ele, ele não teria que fazer isso, mas não confio em mim mesma nem um pouco, e já estou envergonhada o suficiente por ele ter testemunhado meu estado instável para começo de conversa.

— É ela — Emory diz alegremente, o que é uma clara indicação de que ele está mentindo por entre os dentes. Ele envolve meu braço com mais força, fazendo um show para a câmera. — Minha esposa é apoiadora além do imaginável. Ela mantém a casa arrumada, faz café da manhã nos meus dias de folga, massageia meus músculos doloridos depois de um treino matador, prepara um banho quente, passa meus ternos...

As bochechas da repórter combinam com as minhas.

Esperando que a câmera não veja, pego meu cotovelo e o enfio no estômago de Emory. Ele solta uma risadinha baixa sem sequer mexer a boca. Se ele acha que vou fazer qualquer uma dessas coisas, está completamente louco.

— Tenho que fazer uma pergunta antes de deixar vocês irem. — Ela gesticula para a câmera. — Pedimos ao público que enviasse perguntas para seus jogadores favoritos, e você ganhou disparado. — Quero bufar porque isso vai ser *ótimo* para o ego já enorme dele. —

Uma das perguntas mais feitas foi se vocês têm apelidos um para o outro.

Sem dar a Emory a chance de me jogar aos lobos como algum tipo de piada doentia, falo imediatamente.

— Oh, sim, Emory tem um apelido para mim. Não é, querido? — Viro e sorrio para ele. Ele me chama de Rogue diariamente, então isso será moleza.

O olho dele treme, e tenho uma súbita vontade de empurrar o cabelo ainda suado do rosto dele para vê-lo melhor.

— Uh, sim. — Ele se inclina no microfone e diz: — Biscotti.

Biscotti?!

Meu rosto empalidece. Espero que a câmera esteja focada em Emory em vez de mim.

Isso foi o que ele inventou? Um biscoito? O que aconteceu com Rogue?

— Biscotti? — a repórter repete, claramente divertida.

— Sim. — Emory me puxa para perto e alcança para apertar minhas bochechas como se eu fosse uma criança. — Ela é minha pequena Scottie Biscotti. — No último segundo, ele se vira para a câmera. — Mas da próxima vez, me perguntem algo sobre hóquei. — Ele pisca antes de pegar minha mão para me levar embora, sabendo muito bem que estou fervendo.

Trinta e Quatro

Emory

— Scottie *Biscotti*?!

A mandíbula dela cai, e eu gostaria de ter um biscotti para enfiar na boca dela. Viro as costas quando tenho outro pensamento de enfiar algo diferente na boca dela e me ocupo enchendo minha bolsa com todo o meu equipamento. O vestiário está completamente vazio, pelo que sou grato, considerando que Scottie entrou pisando forte pela porta e me seguiu até meu armário sem dar a mínima se algum dos meus colegas de equipe estava aqui.

— O quê? Eu poderia ter dito *Cherry*. — Dou de ombros timidamente. — E você gosta de biscotti, não é?

Nesse momento, meu telefone começa a vibrar no armário, ricocheteando no metal. Pego-o e quase aperto o botão de recusar. Apostaria meu testículo esquerdo que Ford está ligando só para me zoar pelo que acabei de fazer na TV, mas com o diagnóstico de diabetes da minha irmã, sempre atendo suas chamadas.

Assim que aperto o botão verde, tudo o que ouço é risada.

Pelo amor de Deus.

— Sco–Scottie... — Mais risadas. — Scottie Bisc—Não consigo nem dizer.

— Você precisa de algo, ou só está ligando pra ser babaca? — retruco.

— Scottie Biscotti—Eu... *Não consigo* parar de rir. Nunca te vi tão em pânico quanto naquele momento.

Rosno e olho para Scottie, que está no meio do vestiário com os braços cruzados sobre o peito empinado, claramente irritada. Suas sobrancelhas perfeitamente arqueadas se erguem como se dissesse: "*Viu*?!"

— Você chamou sua esposa de biscoito, o que é hilário por tantas razões.

Ford está me tirando do sério.

— OBRIGADA! — Scottie grita. — Até ele sabe como isso é ridículo.

Não. De jeito nenhum. Não vou deixar ela ficar em bons termos com Ford, porque, apesar de ainda faltarem muitos meses do nosso casamento, ela não vai se aproximar das pessoas de quem mais gosto.

Ela não pode se inserir ainda mais na minha vida do que já fez.

Viro-me para ela.

— Você me jogou na fogueira! Então é isso que você ganha, Biscotti.

— Pensei que você ia dizer Rogue!

Há um barulho alto do telefone, e olho para baixo para ver o rosto da minha irmã. Os lábios de Taytum estão apertados, e no segundo em que ouço a risada de hiena de Ford ao fundo, Taytum explode em gargalhadas.

— Tenho que visitar para ver você atuar como um marido apaixonado na vida real. — Há um brilho de diversão nos olhos da minha irmã, e estou prestes a desligar. — Pagaria para ver isso de

perto. Assistir pela câmera não é suficiente. — Ela está se segurando para não rir.

Minha mandíbula se aperta.

— Você age como se eu não tivesse um osso de afeto no corpo.

— Emory — ela argumenta, ficando séria. — Me diga uma vez em que você foi carinhoso. Preciso de pelo menos uma vez em que você foi atencioso ou meloso. Só uma. Porque o que me lembro da faculdade é você pegando uma garota nova a cada fim de semana.

— Já tive uma namorada antes — resmungo, olhando para Scottie novamente, que ainda está com os braços cruzados. Foi no meu penúltimo ano do ensino médio, e durou três semanas, mas mesmo assim.

Taytum ri.

— Minha pergunta ainda está de pé.

Minha irmã está certa.

Não sou o tipo de cara que quer mimar uma mulher e agir além do escopo normal de atração, mas odeio que ela esteja certa, então murmuro baixo.

— Cai fora.

Scottie solta um riso sarcástico, e eu lanço um olhar fulminante para ela.

— Vou desligar — digo à minha irmã.

— Espera! — ela grita. Há um olhar travesso no rosto dela que já vi várias vezes. — Deixa eu falar com a Biscotti. Quero conhecê-la.

— Não—

De repente, meu telefone desaparece da minha mão, e minha *esposa* está se afastando com ele, falando com minha irmã e cunhado como se fosse da família.

Como todo mundo, eles parecem fascinados por Scottie imediatamente, e estou irritado.

— Me dá isso. — Arranco o telefone enquanto a sigo rapidamente e aperto o botão de encerrar a chamada.

Scottie estreita seus belos olhos com um bufar. Ignoro-a e continuo me ocupando com meu equipamento. Há uma parte de mim que quer me vingar por ela ter me jogado na fogueira na frente da repórter e por agir de forma tão amigável com minha irmã.

Sempre que escorrego um pouco e me pego admirado por ela ou encantado pelo sorriso em seu rosto, fico bravo depois, e a única maneira que conheço de lidar com isso é equilibrar o jogo.

Então, com um diabinho no meu ombro, viro-me e começo a tirar a roupa.

As sobrancelhas dela se juntam.

— O que você está fazendo?

Dou de ombros.

— Trocando.

— Na minha frente? — A voz dela fica mais aguda, e eu me deleito no controle que ganhei.

— Você é minha esposa... — Meu lábio se curva. — Claro.

Scottie olha ao redor, surpresa. Parece que ela está surpresa por estar no vestiário, como se tivesse me seguido até aqui com uma única coisa em mente, e era me repreender pelo apelido.

Depois que a surpresa desaparece do rosto dela, ela parece voltar ao modo lutadora. Seus braços se cruzam, e ela joga os ombros para trás. Meu sorriso se aprofunda, esperando o próximo movimento dela.

Adoro mexer com ela.

— Pode parar com a encenação. Não tem ninguém aqui.

Ela é tão tentadora quando está brava. O jeito que seu nariz franze e como seu queixo fica desafiador. Me pego me aproximando dela para apagar o espaço entre nós. Digo a mim mesmo que é para fazer sua independência vacilar um pouco, mas sei que não é verdade.

Não é por ela.

É por mim.

Quero tocá-la mesmo que continue negando.

Na verdade, quanto mais nego, pior fica.

— E se eu te dissesse que tem alguém aqui? — provoco, mantendo minha voz o mais nivelada possível. Há uma leve rouquidão que espero que ela não ouça, porque vai revelar meu disfarce. Estou acostumado a tomar o que quero, e embora ela seja tecnicamente minha, não deveria ir por esse caminho.

— Não tem — ela retruca.

Me aproximo mais e sinto a hesitação vindo dela em ondas. Antes que ela possa ter um segundo pensamento, envolvo meu braço em sua cintura e a puxo para perto.

Estou sem camisa e grato por ter mantido a parte inferior coberta, porque estou prestes a exibir algo que não posso esconder.

Como se pudesse invocar um anjo, ouço algo do corredor. Sei que estamos prestes a ser interrompidos por alguém, e tomo isso como minha deixa para levar isso um pouco mais longe.

Meu coração dispara quando passo a mão pelo corpo dela e seguro a lateral de seu rosto. Uma excitação corre pelo meu corpo quando ela não se afasta.

— O que você está fazendo? — ela sussurra.

Sinto ela relaxar no meu aperto, e meu estômago despenca. Suas pálpebras caem preguiçosamente enquanto acaricio sua bochecha com a ponta do polegar.

Ela gosta das minhas mãos nela?

— Sendo seu marido — digo com naturalidade. O tom de provocação que eu tinha sumiu, e agora, estou completamente envolvido.

O jeito que ela me encara por entre os cílios tremulantes me dá um soco no peito. Quero beijá-la tão desesperadamente e por todas as razões erradas.

Pelo canto do olho, vejo a porta se abrindo, então ajo rapidamente.

Beijo-a com força, e é tão avassalador quanto da primeira vez.

Não consigo respirar, e meu coração para, porra.

Minha língua roça contra a dela, e sei que não estou imaginando quando ela imita o movimento. O aperto que tenho em sua cintura se intensifica, e eu trago nossos corpos para ficarem colados.

Eu deveria parar, mas não consigo.

Aprofundo o beijo e abro os olhos para observar. Quando meus dentes afundam em seu lábio inferior carnudo, os olhos dela se

abrem, e não consigo mais negar o desejo que tenho de torná-la minha. Quando finalmente solto sua boca, ambos nos viramos para olhar nosso público.

É a equipe de limpeza.

Agradeço silenciosamente por eles terem entrado e me dado um motivo para beijar minha esposa falsa, porque *porra*, foi tão bom, e não consigo encontrar em mim nenhum arrependimento.

— Desculpe-me por isso — digo a eles, sem estar nem um pouco arrependido. — Pensei que estávamos sozinhos.

O homem segurando um esfregão acena, e as mulheres coram.

Scottie se afasta imediatamente, mas não antes de seus olhos descerem para ver minha ereção.

Parece que não consigo esconder minha atração, afinal.

Suas bochechas ficam com um tom fofo de rosa, e ela gira rapidamente.

— Te vejo em casa.

Ela passa correndo pela equipe de limpeza e manda um pedido de desculpas antes de desaparecer completamente.

Enquanto termino de me vestir e encho minha bolsa com meu equipamento, sorrio para mim mesmo.

Você pode correr, Scottie, mas não pode se esconder.

Olho para baixo, para minha ereção.

Aparentemente, ele também não.



A casa está escura quando chego. Reprimo uma risada enquanto subo os degraus da frente correndo, ignorando Shutter e seu olhar furioso em minha direção.

Não faço nenhuma tentativa de ser silencioso ao entrar pela porta da frente, sabendo muito bem que ela não está realmente dormindo. Meu telefone toca pela quinquagésima vez desde que saí da arena — aparentemente, não é só Ford que achou minha entrevista engraçada.

Está em todas as redes sociais.

Até meus ex-colegas de equipe da faculdade estão me mandando mensagens.

Ford criou um grupo com Theo e Aasher, e eles continuam criando memes da minha entrevista que sei que vão aparecer na internet.

Estou acostumado a estar no centro das atenções, mas esta é a primeira vez que é por uma razão que não seja minha prisão ou um encontro que nunca aconteceu, então não estou bravo com isso.

Esse era o objetivo de tudo isso, afinal. Ter Scottie ao meu lado era para silenciar as coisas negativas na mídia, e até agora, está funcionando.

— Sei que você não está dormindo.

Rio baixo quando o monte no sofá não se move.

Provavelmente é bom que ela esteja fingindo estar dormindo e me evitando.

Não sei se confio em mim mesmo neste momento, então, em vez de provocá-la mais, subo para meu quarto. Deixo a porta entreaberta, algo que comecei a fazer depois que ela teve aquele

pesadelo louco, só por precaução, caso algo aconteça enquanto ela está lá embaixo no seu *sofá*.

Pretendia contar a ela sobre a cama reserva, mas ainda não fiz isso.

Gosto de pensar que é porque sou teimoso, mas depois de olhar para meu pau ainda meio duro, sei que não é esse o motivo. *Quero ela na minha cama*.

Entro no chuveiro e tento ao menos ignorar a sensação da língua dela se movendo contra a minha no vestiário. Afasto a imagem mental dela me olhando por entre seus longos cílios, exibindo olhos cheios de desejo que são cativantes demais para não notar.

Encosto a cabeça na parede do chuveiro. Ambas as mãos pressionam a pedra dura enquanto tento limpar minha mente.

Para de pensar nela.

Finjo que estou de volta ao jogo, bloqueando discos. Reviso as jogadas e visualizo meus companheiros de equipe enquanto voam pelo gelo, mas então aparece Scottie, gritando meu nome nas arquibancadas com minha camiseta, e de repente estou segurando meu pau.

Porra. Sai daqui.

Movendo a mão para cima e para baixo, imagino o rosto dela e a visão perfeita da buceta dela na outra noite.

Não posso negar que ela é irresistível.

É o beijo.

Está fodendo com tudo.

E os shortinhos minúsculos que ela usa, ou as camisetas longas que parecem não ter nada por baixo.

Como seria fácil para mim levantar a barra um pouco e tocá-la entre as pernas.

Meu pau está duro como pedra, e quanto mais penso nela, mais rápido minha mão se move.

Se ao menos ela estivesse de joelhos na minha frente e eu pudesse puxar aqueles fios de cabelo cor de sol.

— Droga — xingo baixo com gotas de água caindo da ponta do meu nariz.

Meus olhos se abrem, e me viro do aperto que tenho no meu pau. Tento me recompor e pensar em alguém que não seja a única mulher que mal consegue me olhar nos olhos sem fazer cara feia.

Mas isso vai ser extremamente difícil, considerando que ela está me encarando através do vidro ligeiramente embaçado.

Trinta e Cinco

Scottie

Desvie o olhar.

Preciso desviar o olhar.

Scottie, *desvie o olhar*!

Meu Deus, não consigo.

Palavras não existem mais, e meu estômago despenca com desejo. Tento me equilibrar contra a pia, empurrando-me cada vez mais até que ela corte minhas costas. A pasta de dente mentolada que estava nas cerdas da minha escova caiu no chão, e estou suspensa no tempo.

Era para ser algo rápido, entrar e sair.

Emory deixou seu toque em mim depois do vestiário, e isso me abalou.

Olhando para um minuto atrás, pensei que meu plano de agir com naturalidade e entrar no banheiro para pegar pasta de dente, sabendo que ele estava tomando banho, era uma forma inteligente de retaliação.

Ele quis atuar como marido e mulher ao tirar a roupa na minha frente no vestiário? Como se isso fosse normal para nós? Então *ok*. Vou fazer o mesmo e invadir o banheiro enquanto ele está no chuveiro para mostrar que seu peito nu e olhos de quarto não me afetam nem um pouco.

Que erro colossal.

No segundo em que ele se vira e me vê, deixo minha escova de dentes cair.

Ela despenca no chão, mas nenhum de nós se move para olhar.

A água pinga de sua mandíbula tensa até o chão do chuveiro, e cada um de seus músculos está travado. Quanto mais nos encaramos, mais o vidro da porta embaça.

Aperto minhas pernas, e meu pulso acelera.

Emory Olson é mais que atraente.

Ele sabe disso.

Eu sei disso.

E meu corpo sabe disso.

Meus lábios formigam com o pensamento da boca dele na minha, e toda vez que ele me toca, seja para mostrar ou não, encontro-me tendo que ignorar o nó no meu estômago que persiste por tempo demais.

— Gostando do show? — A voz dele é grave e rouca.

Como seria sentir seu sussurro áspero roçando minha pele?

Não sou tocada há tanto tempo.

Honestamente, não sei se já fui tocada da forma que sei que Emory Olson toca alguém.

Há uma possessividade em seu aperto que poderia enganar qualquer mulher a pensar que ele faria qualquer coisa para mantê-la.

E eu desejo isso.

Desejo tanto que minhas pernas tremem.

Posso ver seus músculos tremeluzindo mesmo que me recuse a olhar para o que a mão dele está fazendo. Ele alterna os olhos entre os meus, esperando minha resposta.

— Só precisava de pasta de dente. — Um calor me cobre da cabeça aos pés. Minha voz sai como um sussurro suave, e quando meus dentes afundam sem querer no meu lábio inferior, os olhos de Emory se iluminam.

Viro-me, deixando minha escova de dentes refém. Dou um passo, mas paro quando a voz dele flutua pelo banheiro cheio de vapor.

— Não vá agora — ele grunhe. — Está ficando bom.

Meu Deus.

Vai, Scottie.

Ele está te tentando de propósito!

Meus pés estão colados no chão, e finjo que não ouço os pedidos do meu subconsciente através dos sons roucos de Emory.

Isso é tão ruim.

Não vou conseguir olhar nos olhos dele amanhã de manhã.

Mas juro que sinto seu aperto em mim se intensificar.

Viro-me hesitante, e ele imediatamente fica dez vezes mais atraente enquanto se toca.

Ele lentamente levanta a sobrancelha para mim, como se estivesse surpreso. Ergo o queixo, e é tarde demais para sair agora. Se eu correr, ele saberá o quanto ele me afeta.

Se ele me tocar, também saberá.

— Quer saber no que estou pensando, Scottie? — ele pergunta, sem fôlego.

Tenho medo de saber.

Estou sufocada pela tensão quente entre nós toda vez que estamos juntos, mas é difícil saber se ele sente o mesmo. Pelo que sei, Emory está se divertindo me enganando para pensar que me acha atraente. Ele *ama* me irritar.

Minha respiração passa de ligeiramente errática para curta e rápida. Estendo a mão para trás e agarro a borda da pia para me equilibrar depois que ele esfrega o antebraço contra o vidro embaçado. Há uma pulsação entre minhas pernas que bate com cada batida do meu coração. O suor formiga meu pescoço, e sei que Emory notou o quão cativada estou.

— Você quer saber, não é? Posso dizer pelo olhar no seu olho.

Normalmente, eu discutiria com ele. Diria que ele não sabe nada sobre mim, mas ele está certo.

Quero saber se ele ainda está pensando na outra noite como eu estou.

— Sim — respondo roucamente, tirando-o do curso.

Há um brilho de surpresa ali que não vejo com frequência, e a mão dele começa a se mover mais rápido. Dou uma espiada e absorvo toda a umidade do ar. A mão de Emory é grande, mas não o faz parecer pequeno de forma alguma.

— Você.

A resposta dele puxa minha atenção, e meus seios ficam pesados. Ele olha para meu peito, e odeio que não estou usando sutiã, porque

quando sua mandíbula relaxa, não preciso olhar para baixo para ver meus mamilos apontando através do algodão da minha camiseta.

— Porra — ele geme. Seu olhar sensual volta ao meu rosto. — Você gosta de saber que estou imaginando você, não é?

Engulo em seco e tento me forçar a sair do banheiro.

— Estou imaginando minha esposa de joelhos, me chupando até que eu não aguente mais.

Minha esposa.

Por que amo o som disso?

É como se ele pudesse descobrir os segredos presos na minha cabeça.

Ele sabe como apertar meus botões e o que me levará ao limite.

— Você pode enganar todo mundo com esse sorriso doce e o rubor bonito nas suas bochechas, mas eu te conheço melhor do que você pensa.

Estou ofegante, e embora ele esteja falando, não consigo parar de olhar para seu aperto firme e movimentos rápidos.

— Me diga o que você gosta, Scottie. Quero saber se estou certo.

Ele está.

Ele está *muito* certo.

Respondo, incapaz de me puxar de volta à realidade.

— Esposa — digo. — Gosto quando você me chama de sua esposa.

Eu realmente acabei de admitir isso? Minhas bochechas estão quentes, e quero retirar o que acabei de dizer, mas então ele faz um som sexy, e minhas pernas fraquejam.

— Eu também — ele geme, lutando para falar. — Gosto de te chamar de minha esposa porque isso significa que ninguém mais te tem.

Caio contra a pia, esperando que ela me mantenha de pé.

— Não se preocupe. Seus segredos estão seguros comigo.

A cabeça dele voa para trás, e o som abafado que ele faz é o som mais quente que já ouvi.

Caramba.

O olhar que ele me dá depois que termina poderia parar meu coração se eu deixasse.

— Sua vez... *esposa*.

Trinta e Seis

Emory

O vapor do chuveiro continua embaçando a porta de vidro, e eu passo a mão novamente, ansioso para ver o que Scottie vai fazer.

A euforia ainda não passou. Ainda estou duro como pedra por encará-la através do vapor ondulante.

Ela começa a balançar a cabeça com olhos enevoados de desejo, e eu abro a porta do chuveiro, incapaz de me conter. Não estou pensando no amanhã, na próxima semana ou nos próximos meses que terei que passar tocando-a em público e dividindo uma casa com ela. A única coisa em que penso é o quão sexy ela ficará quando gozar.

— Pensei que você gostasse de jogar — digo, pegando uma toalha no gancho.

Ela acompanha cada movimento meu enquanto envolvo a toalha na cintura e apago o espaço entre nós. Percebo o branco dos nós dos dedos dela enquanto ela se agarra à pia com força, e se eu tivesse que adivinhar, ela está contando com isso para se manter firme.

Sem me importar se ela protestar, agarro-a pela cintura e a levanto do chão. Coloco-a na beira da bancada do banheiro e puxo a camiseta larga dela para cima para ver mais de suas pernas lisas.

Irresistível.

Quando estamos assim tão perto, ela me tem pela garganta, e ela não faz a menor ideia.

É fácil manter a distância quando estamos separados.

Mas quando estamos juntos? É difícil focar.

— O que você está fazendo? — ela sussurra, me encarando com seus olhos suaves.

Xingo baixo quando passo as mãos pelo interior de suas panturrilhas, roçando lentamente sua pele macia até os joelhos. Sem desviar os olhos dos dela, abro suas pernas e me aproximo.

— Eu disse, é a sua vez.

Ela balança a cabeça.

— Eu... não deveria. — Apesar de sua negação, ela arqueia as costas e alonga o pescoço, como se estivesse me instigando ou algo assim.

Se eu olhar de perto o suficiente, aposto que poderia ver seu pequeno pulso batendo através da pele tão rápido quanto o meu.

Minhas mãos se movem para a parte externa de suas coxas, e eu as arrasto para cima até sentir a barra de sua calcinha. Deslizo os dedos por baixo da seda, e ela inspira de forma entrecortada.

— Cadê minha esposa confiante? — provoco. — Aquela que adora me deixar louco e sempre quer ter o controle?

Há uma pequena ruga entre suas sobrancelhas, e estou confiante de que tenho o que é preciso para fazê-la ceder.

— Hmm? — insisto, puxando sua calcinha.

Mantenho minha atenção grudada na dela quando ela se ergue ligeiramente, permitindo que eu tire sua calcinha até que esteja em uma poça aos meus pés, bem ao lado de sua escova de dentes.

— Só acho que você me tocar não é uma boa ideia — ela admite, me encarando com olhos cheios de desejos escondidos. Quero realizar cada um deles até o fim do nosso casamento.

Um riso rouco escapa de mim.

— É por isso que *você* vai se tocar.

A ruga entre suas sobrancelhas se aprofunda.

— Na sua frente? Eu—

As palavras desaparecem na ponta da língua dela quando agarro seu pulso e o seguro refém. Ela aperta o punho, e eu ardo por inteiro quando o empurro entre suas pernas. Seus nós dos dedos roçam o interior de sua coxa, e observo maravilhado enquanto arrepios explodem em sua pele.

Ela gosta disso muito mais do que está disposta a admitir. Amo sua resistência. Isso me mantém na ponta da cadeira.

— Como eu disse — repito —, seus segredos estão seguros comigo. Quem vai saber que você entrou no meu banheiro tarde da noite e me viu me masturbar pensando em você de joelhos e depois se masturbou em cima da minha bancada?

As bochechas de Scottie ficam com um tom adorável de rosa, e amo tanto apertar os botões dela, porra.

— Você nem precisa me dizer no que está pensando enquanto se toca. — Dou de ombros com confiança. — Já sei que sou eu.

Há um olhar travesso em seus olhos, e empurro sua mão mais para cima até sentir o calor roçar contra minha pele.

Meu Deus.

Bastava um pequeno movimento para a direita, e eu saberia exatamente o quão molhada ela está. Minha curiosidade cresce

quando sinto seu pulso se mover um pouco no meu aperto, e é preciso tudo em mim para não levantar a camiseta dela mais alto para ver o que ela está fazendo.

— Não seja tímida. — Minha voz é baixa e rouca. — Sou seu marido, lembra? Não há nada de errado em você se tocar.

Sem conseguir aguentar, solto seu pulso e cubro parte de sua mão com a minha. Percebo que deve ser assim ser cego, mas tenho que admitir, não saber o que ela está fazendo consigo mesma e apenas sentir sua mão se mover me deixa hipnotizado. Meus calcanhares pressionam o chão enquanto me equilibro. Uma respiração trêmula escapa do pequeno espaço entre seus lábios, e tenho o impulso de mergulhar minha língua dentro de sua boca para provar o desejo.

O dedo dela se move em círculos, e quanto mais rápido fica, mais duro eu fico. Agarro sua coxa com a mão livre e abro suas pernas ainda mais. Sem conseguir manter o controle, olho para baixo, e minha visão embaça.

Ela tem a boceta mais bonita que já vi.

O dedo dela roça contra seu clitóris, e ela faz um som que eu adoraria ter em repetição.

Quando pressiono seu dedo com o meu, os olhos dela se abrem, e ela se conecta diretamente comigo.

Nossos olhares colidem, e ela mal consegue manter o dela firme enquanto pressiono mais, fazendo seu dedo desaparecer dentro dela.

Deus.

Vou ter que me masturbar de novo.

Pressiono a palma dela contra seu clitóris e movo seu dedo para dentro e para fora, sabendo que quanto mais lento for, mais molhada ela ficará.

— Isso mesmo — sussurro. — Veja como trabalhamos bem juntos quando estamos no mesmo time.

As respirações dela ficam mais entrecortadas, e meu coração para quando ela começa a mover os quadris.

Porra.

Desviando a atenção de entre suas pernas, foco em seu rosto cheio de prazer.

Macio nos lugares certos com um toque de rosa nas maçãs de suas bochechas.

Quando seus dentes brancos afundam em seu lábio inferior, deixo-a assumir o controle. Minha mão permanece firme sobre a dela, mas ela sabe o que é bom, e estou aqui apenas para aproveitar o show.

Um pequeno som travesso escapa dela, e ela joga a cabeça para trás. Conheço um orgasmo quando vejo um. Minha outra mão agarra seu pescoço delicado, e quando ela geme, eu engasgo.

Nunca mais poderei olhar para ela da mesma forma.

Também não sei se conseguirei manter minhas mãos longe dela.

Depois que Scottie termina de cavalgar sua onda, puxo seus dedos de entre suas pernas e os seguro entre nós.

— Bom jogo — digo, piscando para ela.

Minha boca saliva com o pensamento de como ela tem gosto, mas em vez de lambê-la, limpo seus dedos na minha toalha e dou um

passo para trás, deixando-a com um olhar devastado, relaxado e um tanto irritado ao mesmo tempo.

Porra, o que acabei de fazer?

Abaixo-me e pego sua calcinha e escova de dentes.

O pulsar do meu coração é tão alto que mal ouço suas respirações rápidas quando me inclino sobre ela. Ela não se move, e não sei se ela está tentando manter a fachada de agir como se eu não a afetasse ou se ela realmente está imperturbável.

O que começou como uma rápida lavagem após o jogo virou orgasmos para nós dois, e estou atordoado. Tento ao menos fingir que não estou nem um pouco afetado, enquanto ela parece completamente *bem*.

Depois de enxaguar a escova de dentes dela e aplicar mais pasta, saio de seu espaço. Balanço sua calcinha no meu dedo mindinho e entrego a escova. Um lampejo de incerteza cruza suas feições antes que ela arranque a calcinha e pule para baixo para vesti-la. Sem piscar, ela se vira e começa a escovar os dentes na *minha* pia, e juro que ela está empinando a bunda de propósito.

Começo a pensar que Scottie pode me vencer no meu próprio jogo.

Trinta e Sete

Scottie

O aroma de café recém-passado me tira da noite de sono mais repousante que tive desde que me mudei para a casa de Emory. Minhas narinas se abrem enquanto inspiro o cheiro novamente, e quando meus cílios se abrem, fico surpresa ao ver a sala de estar banhada em luz solar.

— Alguém está com sono esta manhã.

Sento-me rapidamente, fazendo o cobertor cair no meu colo. Meu coração salta do peito e aterrissa no chão com um baque, bem ao lado dos pés descalços irritantemente atraentes de Emory. Ele está de pé sobre mim como um esquisito, e quando inclino o pescoço para vê-lo tomando café, sou atingida pela memória da última noite.

Meu Deus.

Não é de se admirar que dormi tão bem.

A vergonha voa para minhas bochechas, e numa tentativa de escondê-la, jogo o cobertor das pernas e fico de pé. Tão teimoso quanto ele, Emory dá um passo para trás e sai do meu caminho. Marcho para a cozinha em busca de café porque, de repente, estou me sentindo *muito* irritada.

O que eu estava pensando?

A noite passada foi uma experiência extracorpórea. Tudo o que consigo imaginar é Emory de pé sobre mim com a mão entre minhas

pernas, me incentivando a me tocar.

É como se eu estivesse entregando munição para ele usar contra mim quando quisesse.

Ainda não esqueci os problemas de confiança dele com mulheres, assim como não esqueci suas ameaças antes de concordar em me tornar sua esposa.

Quando estou prestes a disparar algum comentário sobre esquecer que a última noite aconteceu, paro no meio da cozinha.

No centro da bancada está minha caneca favorita de *Eu-fodi-sua-irmã* com vapor subindo da borda. Ao lado, há uma sacola branca com o logotipo *Chicago Bakes* estampado na frente.

Ele...?

Puxo a caneca quente para mim. É exatamente o tom de bege que gosto, e não tenho ideia de como ele conseguiu colocar a quantidade certa de leite de aveia. A sacola branca faz barulho quando a abro hesitante e olho dentro. Minha boca saliva quando notas de baunilha e amêndoa flutuam em direção ao meu rosto.

Fico sem palavras.

Meu humor irritado desaparece enquanto oscilo entre confusão e satisfação.

Pela minha vida, não consigo lembrar a última vez que alguém fez algo gentil por mim sem segundas intenções.

Além de William me fazer PopTarts todas as manhãs, apesar de eu dizer que não gostava deles, não consigo recordar um único evento em que alguém me preparou algo para comer ou, melhor ainda, me serviu uma xícara de café.

Meus olhos embaçam, e quase derrubo minha caneca.

Com uma mão trêmula, coloco a caneca de volta na bancada e aperto os lábios até ouvir Emory limpar a garganta.

— Come, Scottie Biscotti.

Em vez de ficar brava com o apelido idiota que ele me deu na televisão nacional, o menor dos sorrisos aparece nos meus lábios.

— Você tem planos. — Ele soa alegre demais.

Lá se vai meu sorriso.

Puxo a caneca de volta para o peito, deixando o calor penetrar através da minha camiseta fina de algodão. Quando me viro lentamente, pego o olhar rápido de Emory nas minhas pernas nuas saindo debaixo da barra. Borboletas tomam conta do meu estômago, e amaldiçoo cada uma delas.

Limpo a garganta, assim como ele fez. Quando ele arrasta o olhar de volta ao meu rosto, ele vira a caneca para trás e engole o resto do café.

— Planos? — Fico imediatamente apreensiva. *Juro* que se ele mencionar a última noite ou algo sobre limpar a pia do banheiro, vou jogar o biscotti na cabeça dele.

— Você precisa de um vestido.

Paro.

— Como é?

— Esqueci de mencionar o evento de caridade que você é esperada.

Minhas sobrancelhas se erguem.

— Você quer dizer o evento de caridade que *você* é esperado. Você é a estrela do hóquei. Eu sou apenas...

— Minha esposa.

O olhar de possessividade rústica que toma conta de seu rosto é completamente desnecessário. O que também é desnecessário é a emoção que sinto quando o ouço me chamar de esposa naquele tom. Ele está fazendo isso porque admiti que gostei?

Seguro o biscotti na mão e o aponto para ele.

— É por isso que você me trouxe um biscotti? Está tentando me subornar para ir ao evento de caridade com você?

A risada profunda de Emory vai direto entre minhas pernas, e eu xingo silenciosamente.

— É meio fofo que você ache que tem escolha.

Meu nariz franze, mesmo sabendo que ele está tecnicamente certo. Esses são os tipos de coisas que concordei em fazer quando assinei o contrato e me tornei sua esposa.

Emory entra na cozinha, e me recuso a sair do caminho quando ele se aproxima. Sua caneca de café tilinta contra a bancada, e quando ele levanta as sobrancelhas, sei que ele espera que eu discuta.

Abro a boca para fazer exatamente isso, mas Emory rapidamente agarra o biscotti na minha mão, e isso me pega desprevenida. Ele o enfia na minha boca e sussurra no meu ouvido:

— E não. Não foi por isso que te trouxe um biscotti. — Ainda estou chocada quando ele se vira e segue para as escadas. Ele grita por cima do ombro antes de subir os degraus: — Te trouxe um biscotti porque sei que você ama eles.

Quero ficar irritada com ele.

Mas com o gosto de amêndoas doces na minha língua, uma boa noite de sono e um corpo saciado, não consigo encontrar em mim

forças para disparar um insulto.

Em vez disso, como meu biscotti silenciosamente e tomo meu café com um sorriso genuíno nos lábios que prometo garantir que ele não veja.



Depois de pesquisar lojas de vestidos na área e mandar mensagens no grupo que Hattie criou, descobrindo o que as outras esposas planejam usar no evento, estou pronta para ir. Emory gritou pela casa que estava saindo para o treino, algo que ele nunca fez antes, então não desperdiço minha energia aperfeiçoando minha carranca enquanto caminho em direção ao vestíbulo.

Minha primeira parada será no meu antigo complexo de apartamentos para pagar o restante do meu aluguel. Não toquei na minha conta desde que comprei meu vestido de casamento de 25 dólares na loja de segunda mão, mas com o primeiro pagamento de Emory na conta e sendo o primeiro do mês, preciso fazer uma visita a Gerald.

A última coisa que preciso é que meu antigo senhorio me denuncie para uma agência de cobrança. Ele provavelmente está sentado do lado de fora em uma cadeira de jardim, esperando que eu apareça para me atormentar e pegar meu dinheiro por um apartamento horrível que abriga baratas.

Olho para a mesinha ao lado da porta que *deveria* ter minhas chaves, mas, em vez disso, há uma nota com as chaves de Emory por cima.

Com receio, pego o papel de caderno rasgado e leio a nota.

Scottie Biscotti- *Peguei seu carro para o treino porque vou mandá-lo para a revisão. Estou cansado de ver as pessoas se abaixarem quando você liga ele. P.S. Certifique-se de comprar um vestido vermelho. Gosto de você de vermelho... me lembra seu alter ego, Cherry.*

As chaves de Emory cravam na minha palma enquanto bufo de irritação. Abro a porta e olho para Shutter.

— As pessoas não se abaixam quando ligo meu carro — murmuro, passando a mão pelo seu pelo macio.

Ele mia, e acho que ele pode estar discutindo comigo.

— Não se abaixam — digo, sabendo o quão louca estou por discutir com um gato.

Depois de finalmente descobrir como ligar o carro de Emory, fico surpresa com a potência que sinto vibrar pelos meus dedos a partir do motor.

Nossa, isso é bom. Bom demais para eu dirigir.

Acomodo-me no assento dele e ignoro o cheiro fresco de sua colônia enquanto coloco o carro em movimento.

Depois de algumas freadas bruscas, sorrio para mim mesma e costuro pelo tráfego, indo muito mais rápido que meu carro consegue.

Estou na rodovia quando o nome de Emory pisca na tela. Atendo com um movimento do dedo.

— Sim? — digo, muito mais animada que o normal.

— Para de acelerar no meu carro, Biscotti.

Com um revirar de olhos, piso mais fundo no acelerador.

— Não estou.

— Você está a cento e trinta. Desacelera.

Como ele—

— Eu tenho o aplicativo. — Pelo tom dele, diria que está irritado. — Ele me diz tudo sobre meu carro, incluindo a velocidade atual.

Claro que ele tem.

— Você é quem deixou suas chaves. — Diminuo a velocidade lentamente, mas provavelmente não o suficiente para o gosto dele.

— Estou bem ciente. Para de acelerar.

Um som sarcástico escapa de mim.

— Não gosto do jeito que você está mandando em mim.

Ele suspira alto.

— E eu não gosto do jeito que você está constantemente na minha cabeça. Você está me distraindo no treino, então pare.

O carro dá um solavanco. *Na cabeça dele*?

Em pânico, movo-me para desligar, mas vejo que ele já encerrou a chamada.

Aumento o volume da música para abafar meu coração acelerado e penso em todas as maneiras que Emory me irrita em vez de todos os pequenos gestos que a maioria chamaria de doces.

Não perca o foco, *Scottie*.

Agarro o volante e continuo me repreendendo.

Podemos estar legalmente casados, mas o casamento em si é de mentira. Emory e eu não somos nada além de um conto de fadas fictício, e não posso esquecer disso.

Ao chegar ao complexo de apartamentos, estou quase envergonhada de sair do carro de Emory.

Que ridículo deve parecer para meus antigos vizinhos e senhorio me verem em algo tão caro quanto isso quando, há menos de dois meses, eu estava encolhida no meu sofá com macarrão instantâneo e jogando sapatos nas baratas que gostavam de brincar de esconde-esconde.

Felizmente, Gerald não está sentado do lado de fora em sua cadeira de jardim, mas assim que ele me vê entrar no prédio, ele se levanta com dificuldade atrás da janela de *plexiglass* amarelada.

— O que você está fazendo aqui? — ele dispara.

Seu lábio superior está meio que em um rosnado enquanto me olha de cima a baixo com desgosto.

— Pagando meu aluguel, como disse que faria.

As rugas no rosto dele se aprofundam com sua confusão, e meu coração despenca.

— Você me denunciou para uma agência de cobrança, não foi? Eu disse que pagaria, Gerald! — Cruzo os braços, e meus ombros se tensionam. — Ignorei todos os problemas deste complexo de apartamentos idiota que são completamente contra o código e ainda ofereci pagar o resto do meu aluguel, e você me denuncia para uma agência de cobrança? — Fecho os olhos e tento respirar através da frustração.

— Não te denunciei para nenhuma agência de cobrança. Paga logo — ele resmunga.

Abro os olhos lentamente e posso ver através de suas feições suaves e voz calma. Dois segundos atrás, ele estava me olhando como se eu tivesse dado um tapa nele, e agora está me olhando como um filhotinho querendo um petisco.

— Pare de mentir, seu idiota — diz uma voz atrás de mim.

Viro-me e vejo minha antiga vizinha, a única que oferecia um sorriso gentil de vez em quando. Ela é velha demais para estar trabalhando, mas ainda sustenta seus filhos e netos, sempre dando a eles o que sobra de seus cheques.

Betty se segura no corrimão com uma mão, e a outra está apontando para Gerald.

— Você sabe que aquele homem veio e pagou o que ela devia. Pare de tentar tirar mais dinheiro dela.

Meu coração literalmente se move dentro do meu peito.

Olho ao redor do prédio sujo, tentando entender o que acabei de ouvir.

Gerald chama Betty de bruxa velha, e ela mostra o dedo do meio para ele antes de se virar para subir as escadas. Corro atrás dela, quase tropeçando nos cadarços do meu Converse.

— Espera, o que você quer dizer? — Caminho ao lado de Betty e pego sua bolsa para carregá-la. Ela para por um segundo e esfrega o ombro dolorido antes de continuar subindo para o terceiro andar.

— Aquele homem. O alto que vi ajudando você a tirar suas coisas.

O alto? Eu rio. Não é a palavra que a maioria das pessoas usa para descrever Emory, mas ela não está errada. Ele é alto.

Absurdamente lindo também.

Insanamente atlético.

Tem uma confiança irresistível.

Sem mencionar suas habilidades de beijo que param o mundo.

Meu Deus. Cala a boca.

— O nome dele é Emory — digo.

Ela acena, parando para tomar fôlego.

— Ele veio e pagou todas as suas dívidas há um tempo. Pouco depois que você se mudou.

Meus lábios se abrem. O menor dos sorrisos aparece nos lábios enrugados dela, e ela puxa a bolsa da minha mão, mas não antes de dar um aperto rápido na minha.

— Se ele não te contou, isso significa que ele é dos bons. Ele não fez isso por qualquer outro motivo além de tirar um peso de você.

Betty começa a subir as escadas novamente enquanto tento processar o fato de que Emory veio aqui sem meu conhecimento e pagou o restante do meu aluguel.

— Betty! — Corro os degraus restantes atrás dela e tiro um pouco do dinheiro que ia usar para o aluguel. — Aqui.

Os olhos dela caem sobre o dinheiro na minha mão, e ela começa a balançar a cabeça, mas eu o coloco dentro da bolsa dela mesmo assim.

— Gosto de retribuir.

Eu deveria guardar isso para as custas legais, mas às vezes, você tem que cuidar das pessoas que nunca esperam por isso.

Trinta e Oito

Emory

Sou o último a entrar no vestiário, sempre esperando o resto do time entrar primeiro. Tiro meu capacete enquanto o suor escorre pelo meu rosto e pinga no chão. Os caras estão quietos quando entro, o que imediatamente me deixa desequilibrado.

Encontro Rhodes afastado, meio despido, com um sorriso debochado no rosto.

Estou tenso.

Nenhum dos caras disse uma única palavra sobre meu apelido de *Biscotti* da outra noite, o que é estranho. Estive esperando que um deles me zoasse como Ford fez, mas é como se nem tivessem visto a entrevista.

— O quê? — disparo finalmente.

Malaki solta um riso abafado antes de seus ombros começarem a tremer. Estreito o olhar e marcho até meu armário — é exatamente quando percebo por que todo o time está agindo como um bando de idiotas.

E lá está.

— Sério? — retruco.

Ali, no banco, bem na frente do meu armário, está uma bandeja prateada com uma pilha de biscotti embrulhados individualmente.

Fico olhando para os biscoitos, e Scottie entra na minha cabeça pela décima quinta vez desde que a deixei esta manhã.

— Vocês acham que são hilários, não é? — Viro-me, mostrando o dedo do meio para cada um deles. Uma onda de risadas atravessa o vestiário como uma avalanche. Até os técnicos saem do escritório e riem também.

Normalmente, eu ficaria irritado por ser o alvo atual do time, mas com as constantes brigas e competições pessoais que eles parecem ter no gelo, trabalhando uns contra os outros, isso está beirando camaradagem. Claro, eles estão se unindo para zombar de mim, mas estão se conectando mesmo assim, e isso é um passo na direção certa.

— Para nosso benefício, não foi ideia nossa — Corbin veste uma camiseta, mas assim que ela passa pela cabeça, vejo seu sorriso torto.

Malaki ri.

— Mas, caramba, foi uma boa ideia. Assisti à entrevista trezentas vezes desde que foi ao ar.

Dou a ele um olhar.

— Você precisa de uma namorada para ocupar seu tempo.

— Se ao menos eu pudesse encontrar minha própria Scottie Biscotti.

— Será que ela tem gosto de biscotti também?

Ok, *esse não é engraçado*. Viro minha atenção para Kane, e ele levanta as mãos com inocência, mas ainda reconheço seu sorriso arrogante.

— Estou brincando!

Xingo baixo e desembrulho um biscotti, dando uma mordida. A boca de Scottie tem um gosto melhor, mas escolho não reconhecer o pensamento.

— Tudo bem — digo entre mordidas. — Quem é o culpado? De quem foi a ideia?

— Bem, sabe, recebi uma ligação. — Malaki ri.

Sei na hora.

Pego meu telefone e ligo para Ford.

Ele atende após um toque.

— Ei, mano.

— Você não é engraçado pra caralho.

Ele faz um barulho antes de explodir em uma gargalhada alta.

— As risadas que consigo superam todas as vezes que você me disse essa frase, então discordo.

Meus companheiros de equipe riem atrás de mim, mas os ignoro e começo a me despir enquanto Ford continua falando no viva-voz.

— E foi ideia da sua irmã.

— Sem surpresa — murmuro. — Ela está com você há tempo demais.

Ford ignora o comentário e começa a falar sobre seu próximo jogo. Durante todo o tempo que ele fala, há um pensamento incômodo na minha cabeça com olhos azuis e uma boca atrevida. Tenho uma necessidade súbita de saber onde ela está.

— Espera, antes de você ir...

Olho para meu telefone e espero que Ford diga algo estúpido.

— O quê? — Estou impaciente.

— Seus pais estão a caminho da sua casa. Tchau.

A chamada termina, e fico olhando para o telefone por tempo demais.

Espera, o quê?

Ligo de volta, mas ele recusa porque é um babaca.

Porra.

Sabia que mais cedo ou mais tarde minha mãe descobriria que não conheceu Scottie. Sou um idiota por pensar que poderia passar um ano inteiro sem ela conhecer minha família, mas estava disposto a tentar.

Ignoro meus companheiros de equipe enquanto eles pegam um biscoito da bandeja no banco, e mando uma mensagem para Scottie depois de verificar sua localização.

Emory

Encontrou um vestido?

Scottie

Não. Odeio todos. Não vou.

Aposto que ela fica bem em todos.

Verifico a localização dela novamente e franzo a testa.

Emory

Que loja?

Scottie

...uma boutique.

Amplio o mapa, e meus ombros caem.

Emory

Scottie, isso é uma loja de segunda mão.

Scottie

É uma boutique para alguns.

Por que ela me faz querer sorrir?

Emory

Me encontre aqui.

Envio o endereço de uma loja de vestidos que a internet diz ser a mais popular no centro de Chicago. Sei que ela vai protestar, então digito outra mensagem rápida.

Emory

Tenho um biscotti comigo.

Scottie

Para de tentar me subornar.

Depois de tirar uma foto dos biscotti que meu time devorou, envio para ela. Ela responde na hora.

Scottie

Estarei aí em vinte minutos.

Sorrio e guardo o telefone. Antes de me vestir, sigo para os chuveiros com um pouco de adrenalina impulsionando meus movimentos.

Deveria estar frustrado que Scottie e eu teremos que agir como um casal apaixonado na frente dos meus pais, que estão tentando me surpreender, mas, em vez disso, estou ansioso.

O que é completamente louco.



O sino toca quando entro na loja. Fecho a porta rapidamente, irritado por ter uma plateia do lado de fora. Culpo o carro de Scottie e o ronco do escapamento que ainda ressoa pelas ruas movimentadas, apesar de estar na oficina a manhã toda.

— Bem-vindo à Bodice e... — Minha comitiva de boas-vindas tropeça quando me vê.

Nossa, que vergonha.

Antes que eu possa ajudá-la, ela se levanta com as bochechas vermelho-rosadas.

— Desculpe-me, eu... não estava esperando um homem. — Os olhos dela caem no meu dedo anelar, e ela sai de seu transe. — Você está aqui para comprar um vestido para sua esposa ou...?

Fico relaxado quando ouço uma voz familiar. O atrevimento dela está no auge, e não consigo evitar sorrir. Sem mencionar, ela estava se escondendo de mim?

— Não, ele não está. — Scottie é tão boca suja, e isso é viciante.

Ignoro minha esposa e caminho até a arara de vestidos.

— Sim, estou procurando um vestido vermelho. Algo que combine bem com uma mulher que tem um toque de rebeldia.

Scottie bufa, e eu sorrio com o som.

Ouço ela pedir à jovem vendedora um momento a sós, e quando a garota se afasta rapidamente, finalmente viro e dou minha atenção a Scottie.

Seus braços estão cruzados, com aqueles seios perfeitamente proporcionados empinados. Ela sopra uma mecha de cabelo loiro do rosto e joga o quadril, apoiando seu Converse desgastado no chão.

— Esta loja é cara demais.

Respondo com uma pergunta minha.

— Você estava se escondendo de mim? — Ela está bem perto de uma arara de vestidos, e começo a pensar que ela se abaixou quando me viu entrar no prédio.

— Não, você só não me notou aqui.

Uma risada rápida escapa de mim.

— Impossível.

Algo cruza o rosto dela antes que ela marche até mim e agarre meu braço. Olho para sua mão pequena antes de encará-la com um olhar.

— Vamos — ela insiste. Suas sobrancelhas sobem até a testa, e tenho o impulso de alisar suas linhas de preocupação novamente. — Não vou pagar seiscentos dólares por um vestido que usarei uma vez.

Nas últimas semanas, me acostumei com os modos frugais de Scottie. Não nasci em uma família com dinheiro ilimitado, e sei em primeira mão o que significa lutar. Na verdade, há apenas alguns anos, meus pais quase venderam nossa casa para pagar a bomba de insulina da Taytum.

É óbvio, pelas condições de moradia de Scottie e pelo fato de que ela estava disposta a me chantagear, que ela tem sérias dificuldades

financeiras. Mas, por algum motivo, encontro-me *querendo* comprar um vestido para ela nesta loja de vestidos sofisticada onde ela parece desconfortável.

Há duas semanas, eu não ligaria de onde ela pegasse um vestido, contanto que conseguisse um. Agora, minha carteira está dando cambalhotas no meu bolso para gastar até o último centavo com ela.

Não que ela ficaria impressionada com isso.

Scottie não é esse tipo de mulher.

Ela não se deixa encantar por dinheiro — não da maneira que alguém gostaria de encantá-la, pelo menos.

Se eu tivesse que adivinhar, ela é mais cativada por pequenos gestos, como um biscotti fresco esperando por ela de manhã.

Meu peito aperta com o pensamento, porque, porra, eu estava tentando impressioná-la?

— Vamos. — A mão de Scottie me agarra com mais força, mas em vez de deixar que ela me arraste para a saída, caminho na direção oposta. Algumas mulheres comprando vestidos nos olham de lado, e isso me faz querer puxar Scottie ainda mais para mim.

Seu sopro irritado de ar me atinge por trás enquanto a puxo para uma arara com vestidos longos. Ford e eu acompanhamos Taytum quando ela ia comprar vestidos de formatura, então, infelizmente, sei o que estou fazendo em uma loja de vestidos.

Começo a pegar alguns vestidos — todos vermelhos, só para irritá-la. Não preciso olhar para ela para saber o tamanho, porque tenho cada uma de suas curvas memorizadas.

— Aqui. — Seguro três vestidos diferentes e pisco para ela, esperando algum comentário atrevido. Exceto que ela não reage

como espero.

Seus braços caem para os lados, e ela fica ali, olhando para os vestidos como se eu estivesse oferecendo um órgão.

— Scottie — resmungo. — São só vestidos. Você deixou eu colocar um anel no seu dedo, mas não pode aceitar um vestido?

— Não é isso! — A voz dela sobe, e sua mandíbula pequena se aperta.

Meus dedos cravam no tecido dos vestidos com o impulso de estender a mão e tirar o cabelo do rosto dela para que eu possa vê-la melhor. A noite passada realmente mexeu comigo. Estou sentindo coisas que tornam extremamente difícil manter minhas mãos quietas.

E não pelos motivos pervertidos que eu esperaria.

Eu só... quero tocá-la.

— Então o que é? — pergunto, suavizando meu tom. Ela pode pensar que estou tentando proteger minha voz para manter nossa conversa privada porque a funcionária da loja já apareceu algumas vezes, mas sei que não é por isso.

Scottie olha para seus sapatos gastos enquanto morde o lábio inferior.

— Por que você pagou meu aluguel?

Minha testa franze.

— Como você sabe disso?

Ela finalmente encontra meu rosto, e meu estômago aperta com o brilho lustroso cobrindo seus olhos azuis-bebê.

— Você acha que vou deixar você pagar — ela se inclina e olha o preço do primeiro vestido e bufa — oitocentos dólares por um vestido

quando você pagou o resto do meu aluguel?

— Paguei muito mais que isso pelo anel no seu dedo — retruco.

Ela revira os olhos.

— Isso é diferente! — Ela olha ao redor para o número crescente de compradores antes de se aproximar e sussurrar: — Vou devolver isso.

Ela que se dane.

A sala gira com o pensamento chocante.

Limpo minha cabeça e agarro a mão dela, arrastando-a para o provador.

— Emory! — ela reclama.

Puxo a cortina e dou uma olhada no rosto dela antes de perceber que não posso confiar que ela realmente experimentará algum dos vestidos. Quando ela passa na minha frente com outro suspiro irritado, sigo-a. Os anéis da cortina arrastam lentamente contra a barra, e quando Scottie se vira, ela pula.

— O que você está fazendo aqui?!

Ela está chocada, e eu amo isso pra caralho.

— Vire-se — ordeno.

O tom da minha voz transborda possessividade, e com o pequeno brilho de fogo em seu olho, acho que ela meio que gosta disso.

A boca de Scottie se abre.

— Você está falando sério? — ela pergunta. — O que você vai fazer? Me despir até ficar de sutiã e calcinha e colocar o vestido em mim?

Sorrio e dou um passo em direção a ela.

— É exatamente o que vou fazer.

Trinta e Nove

Scottie

Sinto-me como uma criança, o que é apropriado porque estou agindo como uma também.

— Vire-se, Biscotti.

O som do meu pé batendo no chão do provador faz o lábio de Emory se curvar. Lanço meu olhar atrás de sua grande estrutura, e ele dá um passo à frente.

— Não tem saída, então apenas vire-se e acabe com isso.

Ele está certo.

Eu teria que passar por ele e correr como o vento se realmente quisesse evitar experimentar um desses vestidos caros e sofisticados, então desisto e me viro. Pego seu olhar no espelho e reviro os meus com a expressão triunfante em seu rosto. Ele se inclina para a frente, mas arranco minha camiseta antes que ele tenha a chance.

— Não preciso da sua ajuda.

Foco no rosto dele. Seus olhos azuis estão mais selvagens que o normal.

— Engraçado, você precisou ontem à noite — ele murmura.

Meu corpo inteiro se inunda de calor. Viro-me usando nada além de jeans e sutiã.

— Não vamos falar da noite passada.

Emory se encosta na parede e cruza os braços. Ele é tão atraente que preciso desviar o olhar. Evitei intencionalmente a imagem dele no chuveiro da minha cabeça, mas com ele compartilhando o pequeno espaço comigo, é tudo em que consigo pensar.

— Bom, porque acho que palavras não descreveriam a noite passada.

Meu Deus.

Mordo o interior da bochecha e desabotoo meu jeans, fingindo que seu olhar sensual acompanhando cada movimento meu não faz diferença.

A noite passada foi um breve lapso no tempo em que momentaneamente perdi o equilíbrio. O fato de ele ter me trazido um biscotti, levado meu carro para a revisão e pago secretamente o restante do meu aluguel é gentil e tudo mais, mas não muda nada.

— Experimente esse primeiro. — Emory aponta para o vestido vermelho brilhante, então me certifico de pegar um diferente.

Ouço sua risada profunda quando jogo o cabide no chão, só para marcar um ponto. Quando o olho pelo espelho enquanto entro no vestido sedoso, meu estômago dá um salto. Seus lábios beijáveis estão ligeiramente entreabertos enquanto ele me encara por trás. Meu coração pula, o que nunca é um bom sinal. Tento rapidamente puxar o vestido por cima dos quadris, mas ao final de tentar vesti-lo, estou um desastre trêmulo e atrapalhado.

Emory permanece colado à parede, me observando, e sei que pareço um caos. Sou o caos, enquanto ele está lá, completamente relaxado em harmonia.

Estendo a mão para trás e tento puxar o zíper, rezando para que consiga fazer isso sozinha, mas depois de quase quebrar meu cotovelo, Emory se afasta da parede e desliza atrás de mim. Sua presença é pesada. O cheiro de sua colônia enche o pequeno provador, e de repente sinto como se estivesse em transe.

Concentre-se, Scottie.

Nossos olhos se encontram no espelho. A energia vibrando entre nós é inegável. Meu corpo está a segundos de me trair, mesmo com minha habilidade pragmática de negar que algo está acontecendo entre nós. Tenho uma necessidade súbita de recuar contra ele só para sentir seu calor corporal se misturar ao meu, mas não faço isso.

Fico completamente imóvel e tento suavizar minhas feições para que ele não saiba que, desde que ele me beijou naquele clube, semanas atrás, não estou exatamente a mesma.

Seu dedo roça minha espinha enquanto puxa o zíper para cima, e eu paro de respirar. Por que seus toques de repente parecem sedutores?

A noite passada foi um erro.

Isso fica claro pelo fato de que não consigo respirar direito com ele atrás de mim.

O som do meu sutiã sendo desabotoado chega aos meus ouvidos, e eu fico atenta.

— Você não pode usar sutiã com este.

Ele está certo, mas um aviso teria sido bom.

Talvez então eu pudesse dizer aos meus mamilos para não se destacarem, me denunciando.

Uma alça cai até meu cotovelo, depois a outra. Um arrepio desce pela minha espinha, e sei que Emory percebe. Surpreendentemente, ele não diz nada. Ele olha para meu sutiã depois que o descarto no chão, então seu olhar preguiçoso se move para o espelho.

Numa tentativa de esconder meus seios traidores, coloco as mãos ali para segurar o vestido.

É um vestido lindo, e a sensação da seda contra minha pele nua me diz que vale a etiqueta de oitocentos dólares. A cor também fica boa, mesmo que Emory estivesse tentando me irritar ao pegar todos os vestidos vermelhos das araras.

Embora não seja um vestido decotado, ainda é sexy. É elegante com um corpete justo cheio de renda bonita que mostra um pouco da minha pele por baixo. Ele flui graciosamente ao redor dos meus quadris e até o chão. Quando as mãos de Emory caem na minha cintura, o movimento puxa um pouco do tecido para o lado. Ambos olhamos para a fenda na frente que dá uma visão clara da minha perna.

É difícil me ver em algo assim.

Não fui ao baile de formatura. Nunca tive a oportunidade de usar um vestido além do momento em que coloquei um para nossas fotos de casamento, e este me faz sentir… desejável.

— E então? — ele pergunta.

Olho para qualquer lugar, menos para o espelho.

Emory dá um passo para trás, e no segundo em que tira as mãos, quero elas de volta.

Limpando a garganta, dou de ombros.

— Está bom.

— Está bom? — ele repete.

Ainda mantendo meu olhar fixo no cabide no chão, aceno.

Sinto ele se aproximar de mim, e não consigo evitar encontrar seu rosto no espelho.

Seus olhos claros escurecem como uma tempestade, e sua linha de sobrancelha pesada se aprofunda.

— É mais que bom.

Numa tentativa de desviar o olhar, abaixo o queixo, mas ele está lá para segurá-lo.

Seus dedos o apertam suavemente, e seu sussurro roça meu ouvido.

— Ninguém nunca te disse o quão irresistível você é?

Encaro seus olhos e me recuso a reconhecer o calor fervendo sob minha pele com seu toque.

— O que posso dizer para fazer você ver o que eu vejo quando olho para você?

Engulo meu orgulho. Se ele está sendo sincero, acho que também serei. Abaixo minhas defesas, e um riso quieto e triste escapa de mim.

— Tenho quase certeza de que toda vez que você me olha, você se lembra de como nos conhecemos. Provavelmente não vê nada além de desespero e egoísmo.

— Queria que fosse isso que eu visse — ele admite.

Seus dedos calejados e ásperos descem pelo meu pescoço e sobre minha clavícula até aterrissarem na minha cintura. Tremi no seu aperto, e amaldiçoo meu corpo por me denunciar. Ele deseja o contato entre nós, e ele sabe disso.

De repente sentindo que preciso ganhar algum tipo de controle, tomo a iniciativa e faço minha própria pergunta, em vez de apenas permitir que ele as faça.

— O que você vê, então?

— Vejo um anel no seu dedo.

Olho para o diamante brilhando sob a luz suave do provador.

— Um anel que diz que você é minha.

Vou protestar, mas então a mão de Emory começa a agarrar o tecido sedoso do vestido. Minha perna fica totalmente exposta, e ambos somos atraídos para ela. Meu pulso acelera, e meu coração dispara.

O que ele está fazendo?

Seu sussurro quente envia calor entre minhas pernas.

— A única coisa desesperada que vejo é o quanto você está desesperada para que eu te toque novamente.

Negue isso.

— Você só deveria me tocar quando há pessoas por perto. — Minha voz é ofegante. — É o que diz o contrato.

— Há muitos clientes andando por aí. Sem mencionar a vendedora de vestidos que passou várias vezes.

A mão de Emory roça a pele nua da minha perna, e a sala gira. Meus olhos se fecham, e minhas pernas ficam instáveis. Encosto-me no peito dele, ignorando a vozinha na minha cabeça que me diz para escapar da armadilha.

— *Emory*. — Seu nome é mais um gemido que um sussurro. — A noite passada foi um erro, e você sabe disso.

— Paro se você quiser. — Ele agarra minha coxa, passando um dedo até o interior do meu joelho e subindo novamente. — Mas acho que essa é a única maneira de fazer você entender que você é irresistível pra caralho, Scottie, apesar do quão boca suja você é quando se trata de mim.

— Então você está me tocando porque quer que eu acredite em você? — Meus quadris me traem e se inclinam para a frente numa tentativa de puxar a mão dele mais para cima.

Scottie, concentre-se.

— E se eu te dissesse que só estou te tocando porque todo mundo fora deste provador precisa acreditar que somos um casal feliz que não consegue manter as mãos longe um do outro?

Abro os olhos, e quando vejo o desejo gravado em suas feições de aço, eu cedo.

— Então digo que é melhor você continuar, porque, afinal, esse é o meu trabalho, não é?

Quarenta

Emory

Não me importo com o que ela chama isso.

Com ela me olhando como se eu pudesse pendurar a lua, eu faria praticamente qualquer coisa que ela me pedisse.

— Você não gostaria de ser demitida — digo, arrastando meus dedos pela coxa dela. Scottie relaxa ainda mais contra meu peito. Encaro seus lábios e tenho o impulso de beijá-la com força.

Estaria disposto a fazer todo tipo de coisa para enfiar minha língua na boca dela por mais um gosto.

Não era isso que eu planejava fazer quando a segui até aqui, mas não há como eu sair deste provador sem que ela tenha a confiança que merece enquanto está nesse vestido.

Se eu perguntasse diretamente, ela negaria.

Mas seus pequenos movimentos pélvicos e o pulso acelerado a denunciam. Ela está muito excitada, e dane-se o fato de que ela não quer cruzar a linha novamente. Se eu tiver que usar a desculpa de que os clientes nesta loja de vestidos estão prestando muita atenção em nós, que seja.

Meus pais estão na minha casa, esperando — algo que Scottie não sabe —, mas o mundo poderia estar acabando, e eu não conseguiria me afastar até que o trabalho estivesse concluído.

Um trabalho.

É isso que isso é.

— Me diga o que você quer. — Meu nariz roça o pescoço dela, e eu a inspiro como se ela fosse minha tábua de salvação.

Ela tem um cheiro tão doce, e de repente me sinto calmo pela primeira vez hoje.

O cheiro de gelo fresco costuma ser meu conforto, mas ultimamente, começo a temer que seja ela.

— Uh... — a palavra é mais um suspiro saindo dos lábios dela.

Minha mão desaparece entre as pernas dela, escondida pela seda do vestido que vou comprar para ela de um jeito ou de outro. O calor se acumula ali, e por mais que eu queira prolongar isso, já houve muitos passos do lado de fora do provador. Com minha sorte, serei preso por indecência pública.

— Aqui? — Deslizo meus dedos por baixo de sua calcinha molhada.

Ela parece um anjo, mas o som que acabou de fazer veio direto do diabo. Fecho os olhos com força porque observá-la no espelho vai me fazer perder a noção de onde estamos.

— Eu poderia te devorar bem aqui. — Pressiono minha boca no pescoço dela, e o pulso dela bate contra meus lábios. Antes que eu possa me conter, mordo sua pele delicada e chupo. Scottie curva os quadris para me encontrar no meio do caminho, e eu deslizo outro dedo, movendo-me lenta e deliberadamente.

Ela é tão boa contra meus dedos que *quero* torná-la minha. Jogarei de faz de conta todos os dias da minha vida se for assim tão bom.

Acho que minha esposa falsa acabou de se tornar meu vício.

O calcanhar da minha palma pressiona contra o clitóris dela, e ela geme.

Meus olhos se abrem.

— Shh.

A euforia pinta o rosto dela, e um gole quente desce pela minha garganta. O sangue pulsa pelas minhas veias, e estou cativado. Minha esposa perfeita e angelical, com uma atitude que poderia rivalizar com qualquer um que conheço, está completamente imersa no prazer que estou dando a ela em público.

Movo minha boca para o ouvido dela.

— Abra os olhos e olhe para si mesma.

Os olhos de Scottie se abrem lentamente, e juro por Deus, eles estão brilhando.

A boceta dela aperta meus dedos no exato momento em que ela olha para minha mão entre suas pernas.

Mmm, queria que ela não tivesse feito isso.

— Você gosta de me ver te tocar, não é? — pergunto.

As bochechas dela ardem de calor quando ela começa a se mover contra minha mão. Pressiono um ponto que a faz inspirar com força e espero pelo final.

— Não se preocupe, eu também gosto de assistir. — Meus dentes afundam no lóbulo da orelha dela, e eu dou um bom puxão. — Você é linda quando está à minha mercê. — Ela ofega, e todo o corpo dela treme. Sua boceta prende meus dedos, e em vez de vê-la gozar, viro o rosto dela para o meu e engulo seus gemidos.

O beijo é profundo e tão quente pra caralho que mal consigo suportar.

Silencio cada um dos gemidos suaves dela, não desperdiçando nenhum.

O orgasmo dela termina, mas eu vou por mais porque não consigo me controlar. Ela é viciante e esteve na minha cabeça demais desde a noite passada. Talvez, se eu me saciar dela, consiga me concentrar no jogo de amanhã.

— Está tudo bem aí dentro?

Scottie interrompe nosso beijo com olhos arregalados e bochechas coradas.

Baixo o olhar para meus dedos ainda dentro dela e vejo, pelo espelho, os sapatos da vendedora de vestidos bem do lado de fora da cortina.

— Sim. — Minha voz soa completamente tranquila, mas estou no oposto. — Acho que encontramos o vestido — adiciono, arrastando meus dedos de entre as pernas de Scottie. Eles estão encharcados, e amo ver cada gota, especialmente enquanto os roço contra a camada inferior do tecido do vestido dela.

Scottie, ainda com o rosto vermelho e olhos brilhantes, fica boquiaberta.

Sorrio enquanto abro o zíper do vestido dela.

— Acho que agora realmente temos que comprá-lo, não é?

Ela me olha como se eu fosse louco, e estou quase certo de que sou.

Enquanto segura o vestido contra o corpo, ela balança a cabeça para mim. Há um brilho em seu olho que não estava ali antes.

— Tudo isso só para forçar minha mão a deixar você comprar o vestido?

Abaixo-me para pegar o sutiã dela e o seguro para ela antes que ela o arranque.

— Isso é só um bônus.

Depois que Scottie se veste rapidamente, evitando contato visual comigo o tempo todo, ela solta o cabelo e tenta arrumá-lo no espelho. Observo cada movimento dela, incapaz de desviar os olhos, mas então vejo algo que ela vai *odiar*.

— Quer saber o que mais é um bônus?

Além de ela gozar na minha mão, claro.

Ela hesita.

— O quê?

Meus dedos se perdem no cabelo dela enquanto empurro as mechas para trás de seu ombro. Pressiono suavemente seu queixo e aponto para o chupão que dei a ela.

— Isso.

A mão dela voa para a pequena marca vermelha, e sua boca se abre.

— Meu Deus.

— Não se preocupe — provoco. — Só vai provar para a mídia que não consigo tirar as mãos de você. — Faço uma pausa. — E para meus pais.

Scottie agora me encara com raiva.

— O quê?

De costas para ela, digo:

— Ah, esqueci de mencionar isso? — Olho por cima do ombro porque sinto que ela vai tentar jogar algo em mim em um segundo. —

Meus pais estão nos esperando na casa.

Quarenta e Um

Scottie

— Eu poderia ter sido presa! — sibilo baixo enquanto sigo Emory para fora da loja. Evito contato visual com todos na loja de vestidos porque estou mortificada.

Mas estou mesmo?

Mostro os dentes para meu subconsciente. *Cala a boca*.

Emory coloca os óculos de sol no rosto e levanta a sacola do vestido para que não toque o chão quando nos encontramos na rua movimentada. É a primeira vez que ele e eu estamos juntos em público sem que seja algo relacionado ao hóquei, e estou notando cada vez mais olhares de estranhos aleatórios.

Ele ri baixo com minha irritação.

— A cadeia não é tão ruim. Pode acreditar em quem já esteve lá.

O comentário dele é um tapa na cara. Sei que ele está brincando, mas me atinge de uma maneira que não atingiria a maioria. Recuo com o pensamento em William e lembro por que estou nessa situação em primeiro lugar.

Emory dá um passo à frente e agarra meu braço, tirando-me dos meus pensamentos. Quando ele levanta os óculos, seus olhos saltam entre os meus.

— Estava só brincando — ele diz. — Por que você ficou pálida de repente?

Uma onda de ansiedade percorre meu estômago com o fato de que, em menos de um ano, Emory e eu não seremos nada além de uma memória, e estarei entrando e saindo do escritório do advogado novamente, gastando cada centavo que ele me deu em mais custas legais.

— Ei. — O rosto de Emory entra em foco, e acho que nunca o vi parecer preocupado antes de agora. Ele nem parecia tão preocupado quando o encurralei com uma foto editada de nós que poderia ter destruído ainda mais sua carreira. — Eu não deixaria ninguém te algemar.

Por algum motivo, acredito nele de verdade.

Seu sorriso gentil se torna travesso após mais um segundo me encarando.

— Se alguém vai te algemar, sou eu.

Então ele pisca, e tenho vontade de rir, mas, em vez disso, reviro os olhos de brincadeira e estendo a mão.

— Me dá minhas chaves.

— Não — ele argumenta, colocando o braço em volta dos meus ombros para caminhar pela rua. Sabendo que estamos em público, coloco meu braço lentamente em volta da cintura dele, e caminhamos um pouco pela calçada antes que ele explique por que não me dará minhas chaves. — O que meus pais vão pensar quando chegarmos em casa em carros separados?

— Que *devemos* estar em um casamento de contrato, obviamente. Não tem como estarmos fazendo algo sem o outro, certo? — Estou cheia de sarcasmo, e ele ri.

— Você está cheia de piadas agora, mas espera até estarmos na minha casa e na frente dos meus pais.

Paro quando chegamos ao carro dele.

— O que isso significa?

Emory destranca o carro e abre minha porta. Quero fazer uma piada sobre como ele está sendo cavalheiro, mas quando ele levanta os óculos e me perfura com aqueles olhos azuis, meu estômago dá um salto.

— Significa que é melhor você colocar sua cara de jogo. Não quero que meus pais saibam que estamos em um casamento falso.

— Por que não? Certamente eles não iriam para a mídia. — É uma suposição, claro, porque sei melhor do que ninguém que não escolhemos nossos pais. Não tenho ideia de que tipo de pessoas eles são.

Entro no banco do passageiro e olho para ele, esperando sua resposta. Seu braço descansa no topo do carro, e ele balança a cabeça.

— Claro que não...

Ele desvia o olhar, e há um puxão nas cordas do meu coração. Sento-me sobre as mãos porque quero estender a mão e confortá-lo, o que é... muito confuso.

— Eles se preocupam demais — ele finalmente diz. — Com o diagnóstico de diabetes da minha irmã e depois meu recente tropeço com a mídia... só não quero que eles fiquem preocupados com isso. Eles não aprovariam. — Ele balança a cabeça rapidamente. — Não aprovariam um casamento falso, quero dizer. Não estou falando de você.

Minhas feições suavizam. Essa pode ser a primeira coisa *real* que Emory já me disse sobre si mesmo. Parece que ganhei na loteria quando ele contorna o capô e entra no carro. Ele está quieto, e me pergunto se está bravo por ter me deixado ver uma camada dele que ninguém mais viu.

Quando estamos na rodovia e o silêncio voltou a um silêncio confortável, tomo a decisão de dizer algo que não quero mais guardar para mim — não agora, pelo menos.

— Sua irmã estava errada. — Sinto o olhar dele, mas continuo olhando para a linha amarela borrada da rodovia.

— Sobre o quê?

— Ela disse que você não era carinhoso ou afetivo. — Engulo meu orgulho antes de olhar para ele. — Mas acho que você é. Mesmo que escolha esconder isso por trás desse rosto rabugento seu.



— Pronta? — A mão de Emory cai na minha, e subimos os degraus da varanda da frente. Suas calosidades roçam contra minha palma macia quando me abaixo para acariciar Shutter. Para minha surpresa, ele não faz nenhum comentário rude sobre como meu gato de lixão é uma verdadeira ameaça à sociedade.

— Devemos apresentá-lo como o primeiro neto deles? — pergunto, agindo completamente séria.

Emory ri, mas vejo o humor persistente quando ele me puxa para cima.

— Você é ridícula — ele sussurra.

Dou de ombros.

— Você se casou comigo.

Nossos olhos se encontram por um breve segundo antes que ele estenda a mão e solte meu cabelo do prendedor. Minhas mechas loiras caem ao redor do meu rosto, pousando sobre meus ombros.

— Escondendo sua marca? — Há um tom mordaz na minha voz. — Não acredito que você me deu um—

— Surpresa!

Emory se vira e, felizmente, não esconde sua reação de *não* estar surpreso.

Fico sem palavras quando percebo que a mãe dele é o que os contos de fadas são feitos. Sou imediatamente envolvida em um abraço quente, e ela cheira a açúcar e farinha. Ela se afasta após alguns segundos, e suas mãos vão para meus ombros.

— Você é ainda mais bonita pessoalmente.

Um sorriso suave aparece nos meus lábios porque ela é tão *genuína*. Até Shutter, que não gosta de ninguém além de mim, esfrega seu pelo preto e sedoso nas pernas dela.

Emory resmunga.

— Acho que esse gato tem algo contra homens.

Naquele exato momento, o pai de Emory, que é quase tão alto quanto ele, se abaixa e faz um carinho nas costas de Shutter. Shutter ronrona, e eu aperto os lábios.

Ele se levanta e sorri para o filho.

— Não, ele só não gosta de você.

Eu rio alto, e Emory se vira com o som vindo de mim. Minha mão cobre imediatamente minha boca. Ele aperta os olhos de brincadeira.

— Você tem sorte que eu a amo — ele diz a Shutter —, ou então você teria que encontrar uma nova varanda para morar.

Eu disfarço bem, lembrando a mim mesma que isso tudo é falso.

Mas o brilho dentro do meu peito parece terrivelmente real, como se eu pudesse alcançá-lo e tocar seu calor.

— Ford te contou, não foi? — A mãe de Emory pergunta, colocando as mãos nos quadris. Ela estala a língua e se vira para voltar para dentro. O marido a segue, sorrindo gentilmente para mim. Emory pega meu sorriso antes que eu possa apagá-lo, e vejo sua boca se curvar também.

Questiono se ele está sorrindo por encenação, ou porque está orgulhoso de como acabamos de atuar na frente dos pais, ou se está realmente… feliz.

Não importa muito, no entanto, porque, de qualquer forma, temos que jogar o jogo.

Quarenta e Dois

Emory

— Isso é novo. — Pego o prato molhado das mãos ensaboadas de Scottie para secá-lo.

Ela coloca uma mecha clara de cabelo atrás da orelha e olha para mim. Seu nariz se franze.

— O que é?

O canto da minha boca se ergue, e me inclino para perto para que meus pais não ouçam.

— Te ver na cozinha.

Scottie faz uma careta para mim e começa a lavar o próximo prato com um pouco mais de agressividade do que antes.

— Se você quer uma esposa que te prepare uma comida caseira todas as noites e limpe a cozinha depois, acho que deveria ter colocado isso no contrato. — Sua voz é baixa, mas consigo ouvi-la perfeitamente.

Sem pensar muito, pego um pouco da espuma da pia e passo em sua bochecha.

— Gosto da minha esposa do jeito que ela é.

Surpresa pisca em suas feições como uma lâmpada. Ela não tem ideia de como lidar com meu flerte incessante. Estive fazendo isso a noite toda com meus pais como plateia.

Cada vez que Scottie tenta me responder com atrevimento em particular, eu corto rapidamente com algum ato de provocação seguido por um toque sutil em sua pele ou uma piscadela. Ela leva um momento para se recuperar a cada vez, e eu adoro isso.

— Então, Scottie... — Meu pai tamborila os dedos na bancada enquanto termina sua sobremesa.

Não foi surpresa para mim que minha mãe preparou para Scottie e para mim uma comida caseira seguida de sobremesa, mas Scottie ficou completamente confusa quando viu o que minha mãe conseguiu fazer em apenas algumas horas.

— Seus pais conheceram Emory? Ou você está escondendo ele da sua família, como ele estava com você?

Viro minha atenção para Scottie, esperando ouvir sua resposta. Não houve nenhuma conversa sobre a família dela, e tenho certeza de que isso é intencional. Quando um prato escorrega da mão dela e cai na pia, alcanço dentro da água morna e aperto sua palma.

— Nunca vou superar isso, vou? — digo por cima do ombro. — E eu não estava escondendo ela. Scottie só não gosta de atenção, então estávamos mantendo nosso relacionamento e casamento em segredo até sentirmos que era o momento certo. Se vocês não notaram, ganhei certa atenção da imprensa.

Os ombros de Scottie visivelmente relaxam, e ela solta um pequeno suspiro. Ela se vira ligeiramente com nossas mãos ainda unidas na água. Quando ela sorri docemente para meu pai, foco no chupão que dei a ela mais cedo.

Porra.

Estendo a mão com a outra mão e puxo seu cabelo para a frente. O gesto carinhoso vai surpreender meus pais a ponto de não questionarem *por que* fiz isso. Scottie sabe, no entanto.

— Espero mesmo que meu filho tenha pedido sua mão ao seu pai. — Meu pai me lança um olhar, como se ficasse desapontado se eu não tivesse.

Notícia: *Eu não pedi.*

— Na verdade... — Scottie esvazia a água da pia e se ocupa enquanto responde ao meu pai. — Meu pai faleceu quando eu era muito jovem.

Eu deveria saber disso.

— Oh, querida. Sinto muito. — Minha mãe lhe lança um olhar suave antes de dar um tapa no braço do meu pai.

Uma risada doce escapa de Scottie.

— Tudo bem. Se eu não falar dele de vez em quando, temo que ele será esquecido. — Ela dá de ombros de um jeito triste, e não gosto disso. — Ele teria gostado de Emory, no entanto.

O orgulho incha, e não posso fingir que isso não é completamente louco.

Seus olhos bonitos permanecem no meu rosto por alguns segundos antes de ela voltar a olhar para meus pais. Começo a me ocupar secando os pratos e finjo desinteresse, mas estou preso a cada palavra dela.

— Meu pai era um grande fã de hóquei. Ele é a razão pela qual me interessei por hóquei, na verdade. Ele conseguia ingressos para a temporada, e íamos juntos a todos os jogos dos Blue Devils. Ainda tenho a camiseta dele com o antigo logotipo do time.

Como eu não sabia disso? Sinto-me um idiota.

— Então ele estaria nas nuvens se soubesse que me casei com o goleiro deles. — Ela e meus pais riem enquanto fico parado ali com um nó no estômago.

— E sua mãe? Ela conheceu Emory?

Scottie imediatamente enrijece. Não é perceptível para meus pais, mas sinto como ela se fecha na hora. Não sei quando isso aconteceu, mas de alguma forma agora sei o que ela está sentindo.

— Ok, chega, vocês dois. — Viro-me e dou um olhar para meus pais. — Tenho um jogo amanhã, então minha esposa e eu vamos para a cama.

A cabeça de Scottie quase cai dos ombros.

Se seus olhos fossem armas, eu estaria morto.

Quase posso ouvir sua réplica silenciosa.

Meu pai se levanta e bate as mãos.

— Certo, certo! Vão para a cama. Estou aqui para te ver vencer, não perder. — O jeito que minha mãe aperta os lábios para meu pai é algo que vi um milhão de vezes antes.

— Tudo está igual como vocês deixaram no quarto de hóspedes. Roupa de cama suja e tudo mais. — Rio baixo.

Minha mãe coloca as mãos nos quadris novamente.

— Emory Olson! Eu te ensinei melhor que isso.

Dou de ombros.

— Você é a única que dorme lá. Por que lavar a roupa de cama depois de uma noite de sono?

O calor vindo de Scottie me queima. Estou preparado para a repreensão enquanto a arrasto para longe, dando um boa-noite rápido aos meus pais. Eles prometem nos ver de manhã e dizem a Scottie que mal podem esperar para que ela se sente com eles no jogo.

Ela é tão boa em agir como minha esposa que sei que eles não suspeitam de nada fora do comum.

Não é até estarmos no meio da escada que sinto a raiva fluindo de seu corpo pequeno e tenso.

— Você é um babaca! — Ela tenta me acertar no estômago, mas aproveito a oportunidade para rapidamente pegá-la nos braços e jogá-la sobre meu ombro.

O suspiro dela me atinge nas costas, e eu rio para mim mesmo, subindo o resto da escada. No momento em que a coloco no chão, ela faz uma careta e dispara pelo corredor como uma criança.

— Que diabos você está fazendo? — Rio baixo, indo atrás dela.

Ela empurra a porta no final do corredor e se vira com os braços cruzados.

— Você tinha uma cama de hóspedes esse tempo todo? — Ela está furiosa, e preciso me esforçar para não rir às custas dela.

— Sim, e daí?

— Estive dormindo no sofá! — ela sibila.

Meu lábio se curva, e ela me encara antes de me empurrar para o lado para marchar pelo corredor. Sigo seus quadris balançantes até meu quarto. Quando viro e fecho a porta, ouço o trinco do banheiro clicar.

— Sério? — digo através da porta. — Vai ficar aí a noite toda e ficar brava? — Rio baixo. Ela é impossível, mas tão divertida pra caramba.

— Não acredito que você tinha uma cama de hóspedes e me forçou a dormir no sofá!

Agarro a maçaneta e dou uma torcida. Está trancada, mas isso não me impediu de tentar. Falo através da porta.

— Não te forcei a fazer nada. Praticamente implorei para você dormir na cama comigo. Suas coisas já estão no armário. Por que não dormir aqui também?

— Bem, eu não posso fazer isso! — ela retruca.

— E por que não? — provoco, sabendo muito bem por quê. — É porque você não confia em si mesma na cama comigo?

Silêncio.

Espero mais alguns minutos, e quando fica claro que Scottie está sendo seu eu teimoso de sempre, afundo no chão e encosto as costas na porta. O chuveiro liga, e *odeio* que a porta esteja trancada. Estendendo a mão, dou outra torcida na maçaneta só por diversão.

— Você é tão teimosa — digo, sem saber se ela pode me.

— Bem, você se casou comigo! — ela grita de volta.

Meu peito vibra com uma risada. Acho que nunca ri tanto quanto quando ela está por perto. Fico plantado contra a porta durante todo o tempo que ela toma banho, odiando que tudo o que consigo imaginar é ela nua ali, com água rolando pelas curvas de seu corpo perfeito.

Juro, ela toma um banho extra longo, e quando a água desliga, esqueci completamente nossa pequena discussão verbal. Acalmei

meu pau o suficiente para relaxar no chão. Puxo as pernas e descanso os antebraços sobre os joelhos.

— Você se saiu bem na frente dos meus pais — digo, sabendo muito bem que ela está ouvindo tão atentamente quanto eu.

— Eu sei.

Meu lábio se curva no canto.

— Pode se apressar? Tenho um jogo amanhã.

Naquele exato momento, Scottie abre a porta com força, e eu caio para trás.

Ela olha para mim com uma expressão satisfeita no rosto, e o competidor em mim age rápido. Agarro seus tornozelos e me deslizo mais para dentro do banheiro, até estar bem entre suas pernas.

— Que bela visão — comento, olhando por baixo da toalha dela. Ela é absolutamente perfeita em todos os sentidos, e sua buceta não é exceção. Minha boca saliva quando ela dá um gritinho.

— Emory Olson! — Scottie pula para longe, e fico rindo no chão com o pau meio duro.

— Scottie Olson! — ecoo.

Levanto-me rapidamente.

— Você nunca vai vencer quando se trata de mim, Biscotti.

Tenho o maior impulso de agarrar a toalha dela e deixá-la nua quando ela passa por mim pisando firme, mas me contenho. Em vez disso, dou a ela privacidade e me tranco atrás da porta do banheiro.

O fato de que tenho um jogo amanhã cruzou minha mente várias vezes, e se eu não me controlar, posso estar tão desfocado quanto estive no treino hoje.

Depois de me enxaguar rapidamente e escovar os dentes, saio para o quarto, esperando vê-la na minha cama, mas ela não está lá. Nem os travesseiros extras.

Caminhando um pouco mais para dentro do quarto, paro quando vejo dois pés adoráveis no chão. Olho por cima da lateral da cama.

— Você está falando sério? Você é tão teimosa assim?

Scottie, vestida com nada além de uma das minhas camisetas — só para me provocar — olha para mim com cabelo úmido e rosto limpo. Ela é bonita demais sem uma gota de maquiagem.

Me pergunto se ela sabe disso.

Ela puxa o cobertor extra até o queixo.

— Obviamente não posso confiar em mim mesma com você. — Ela desvia o olhar, desapontada, como se estivesse no limite com ela mesma. — Você está certo.

Irritação sobe pela minha espinha. Suspiro antes de me ajoelhar. Pego-a nos braços e deixo o cobertor cair no chão.

— Emory, estou falando sério! — Ela empurra meu aperto, então a jogo na cama.

Um pequeno gritinho escapa dela, e eu lanço um olhar sério.

— Você não vai dormir no chão.

A mandíbula de Scottie se aperta.

— Não vou te tocar. — Odeio o que acabei de prometer. — Mas minha esposa não vai dormir no chão, porra.

Meu tom parece ressoar com ela. Ela permanece quieta, mas sei que quer dizer algo.

Depois de pegar um travesseiro do chão, entrego a ela. Ela o pega com um aperto hesitante, mas eventualmente se acomoda na beirada da cama. Se ela se virar no meio da noite, vai cair, mas pelo menos está na cama.

Depois de apagar a luz, subo do meu lado sem dizer uma palavra a ela.

Normalmente, durmo cedo nas noites de jogo, mas estou ligado com ela tão perto. O toque constante, olhares rápidos e momentos sutis que compartilhamos na frente dos meus pais estão me alcançando.

Sem mencionar o provador.

O maldito provador.

— Você está dormindo? — O sussurro dela só me deixa excitado.

— Não.

— Ok.

Um suspiro escapa de mim.

— Por quê? Você ia sair da cama ou algo assim?

O riso suave dela me enche até a borda.

— Não. Eu só...

Mais uma vez, estou preso a cada palavra dela, porra.

— Só queria dizer obrigada.

Seu tom tímido me atinge nos lugares errados.

— Pelo quê?

— Pelo vestido.

Fico surpreso, considerando que ela era tão contra eu comprá-lo. Mas depois de saber sobre o pai dela e vê-la entrar em pânico

quando perguntaram sobre a mãe, estou começando a entender que Scottie não está acostumada com alguém cuidando dela, ou melhor ainda, comprando coisas caras para ela.

Limpo a garganta.

— De nada.

Quero estender a mão e agarrá-la da pior maneira, mas prometi que não a tocaria, então, em vez disso, permaneço imóvel.

Nós dois ficamos deitados em silêncio pelo que parece horas.

Felizmente, ela é a primeira a quebrar o silêncio.

— Você está dormindo agora? — ela pergunta em um tom suave.

Não consigo evitar rir.

— Não.

— Não consigo dormir — ela admite.

— Posso ajudar com isso — digo, completamente brincando.

— *Emory*. — Meu nome soa como uma repreensão, e eu sorrio para mim mesmo.

— Tire sua mente da sarjeta. O orgasmo que te dei mais cedo não foi suficiente?

Ela exala alto, e eu gostaria de estar mais perto para sentir sua respiração no meu rosto.

— Estou brincando, Biscotti. — Estendo a mão e cutuco o lado do torso dela para aliviar o clima. Mantenho minhas mãos sobre as cobertas porque, embora ela ache que *ela* não pode confiar em si mesma... sou eu. Eu sou o que não pode ser confiado. — O que você costuma fazer quando não consegue dormir? — pergunto.

Quase engasgo com a pergunta.

Se ela disser que se masturba, terei que me trancar no banheiro.

— Você vai rir — ela diz com uma voz quieta.

Um zumbido vibra da minha boca.

— Tente.

— Eu assisto hóquei.

Minha testa franze.

— Você assiste hóquei para relaxar?

— Sei que é estranho, mas—

— Não é estranho. — É adorável pra caramba.

Esticando-me até a mesinha de cabeceira, pego o controle remoto, e o quarto brilha com a luz da tela plana. Encontro um jogo de hóquei e viro para olhar para ela.

Luzes azuis piscam contra suas maçãs do rosto altas enquanto ela se senta um pouco mais ereta na cama. Seus ombros relaxam, e há um pequeno sorriso em seus lábios.

Engulo com força.

Nossa, ela é... *perfeita*.

O calor enche meu estômago quanto mais eu a encaro. Meu coração começa a bater um pouco mais rápido, e tento pensar em um momento em que já senti isso antes.

Não há uma pessoa, ou mesmo uma situação, que se aproxime.

Nunca quero sair desta cama com ela aqui.

Seus olhos se arregalam quando os Hawks marcam.

Ela está absorta no jogo, e eu estou absorto nela.

O que é um problema enorme pra caralho.

Quarenta e Três

Scottie

— Olha só eles — reclamo.

As luvas estão fora, os capacetes jogados de lado, os punhos nus estão cerrados com força.

Emory se ajusta na cama, mas mantenho meus olhos fixos na TV.

— Só mais um dia na pista. Provavelmente muita provocação no gelo. Isso nos irrita.

Suspiro, sentindo-me mais sonolenta quanto mais encaro a tela.

— Não houve muitas brigas nesta temporada para vocês, no entanto.

— Isso é porque o time ainda não está na mesma página.

Viro-me ligeiramente para dar uma rápida olhada em Emory. Ele está encostado na cabeceira, sem camisa. Seus músculos abdominais ondulam a cada respiração enquanto ele observa a briga se desenrolar na tela.

Todos os jogadores profissionais de hóquei são obcecados pelo jogo, e Emory não é exceção. Ele está assistindo à tela como se estivesse estudando para uma prova, e se sua testa franzida e foco intenso são alguma indicação, ele passará com louvor.

Volto a olhar para a TV rapidamente para que ele não me pegue encarando.

— O que você quer dizer? Vocês têm jogado melhor a cada partida. Os defensores também ficaram muito mais fortes. Malaki se sai muito bem na parede. Notei no último jogo que os passes dele estão mais precisos. Honestamente, diria que ele está se tornando um dos melhores patinadores nas três zonas.

Paro no meio da frase quando sinto Emory me encarando. Fazemos contato visual, e há o menor sorriso brincando em seus lábios.

Meu rosto esquenta.

— O quê?

— É meio fofo que você saiba tanto sobre hóquei.

Aperto os lábios e me enfio mais fundo sob as cobertas. Ele acha que estou irritada por ele me chamar de fofa, mas o pequeno elogio faz as borboletas voarem tão rápido que preciso colocar a mão sobre o estômago.

Emory continua falando sobre o jogo.

— Quando o time faz algo assim — volto a olhar para a tela e vejo que a maioria dos jogadores de hóquei está brigando agora —, significa que eles se apoiam. Estão trabalhando como um time e têm um vínculo que vai além de fazer boas jogadas. — Emory passa a mão pelo rosto barbado. — É meio o que estou tentando fazer os Blue Devils se tornarem. Quando vocês confiam uns nos outros, jogam melhor.

Não digo nada porque tenho medo do que sairá da minha boca. Não nos faria bem se eu dissesse o que realmente estou pensando, porque, na verdade, acho que Emory Olson é um dos melhores jogadores de hóquei da liga.

Ele é calculado quando está entre os postes da rede. Em várias ocasiões, o vi reunir seus companheiros de equipe e dar uma palestra motivacional também.

Emory não cuida apenas de si mesmo no gelo.

Ele cuida do time.

— Posso te perguntar algo?

Ele inclina o queixo com um aceno.

— O que aconteceu na noite em que você foi preso?

Não sei por que faço a pergunta ou por que isso importa. Mas há algo no silêncio do quarto com os sons suaves do jogo de hóquei na TV que me deixa confortável.

Emory agarra a nuca e dá um aperto rápido. Quando penso que ele não vai me responder, ele começa a falar.

— Eu me envolvi em uma briga aquela noite — seu tom baixa, como se estivesse desapontado. — Mas não fui eu quem começou ou nem mesmo tive qualquer conexão com isso além de estar no lugar errado na hora errada.

Continuo encarando o lado do rosto dele quando ele faz uma pausa. Sua têmpora está piscando para frente e para trás, e se eu não tivesse me proibido de tocá-lo, provavelmente estenderia a mão e agarraria sua mão para acalmar a angústia.

— Nelson começou a falar merda. Ele é boca suja no gelo e ainda pior fora dele. Uma coisa levou à outra, e ele começou uma briga. Eu estava tentando separar os dois quando virou uma confusão. A próxima coisa que sei, havia uma garrafa de cerveja quebrada no meu pescoço, e agi rápido. No meio disso, de alguma forma causei a maior parte do dano, embora estivesse apenas tentando sobreviver.

Meus companheiros de equipe fugiram, com medo de que isso arruinasse a imagem deles e os expulsasse do time. O treinador Berkley tinha tolerância zero para essa merda.

Emory se vira para mim, e o azul de seus olhos é tão brilhante que é difícil não me perder neles. Ele desvia o olhar após um segundo, e sei que é para esconder o que realmente está sentindo.

— Acho que eles estavam certos em ficar quietos.

A raiva alimenta minha resposta.

— Não. Eles estavam errados por deixar você levar a culpa. Só covardes fazem isso. — Ele não tem ideia de quão furiosa estou de verdade. A mesma coisa aconteceu com William, exceto que ele não entende bem.

O lábio de Emory se curva para cima, e ele meio que sorri para mim. Quando volta a olhar para a TV, murmura baixo:

— Acho que tudo acontece por uma razão. Se eu não tivesse entrado naquela briga, teria perdido outras coisas.

Quero perguntar que outras coisas ele teria perdido, mas não faço isso porque sei que não há como ele estar se referindo a se casar comigo, mesmo que, no fundo, uma parte muito quieta de mim deseje que ele estivesse.

Estou claramente ficando louca.

O silêncio passa entre nós enquanto assistimos ao resto do jogo em silêncio. Meus olhos começam a ficar pesados no final do terceiro período, e Emory está totalmente relaxado do seu lado da cama. Dou algumas olhadas furtivas para ele aqui e ali, e a cada vez, ele assiste à tela com intensa concentração, acenando ocasionalmente quando Maier bloqueia o disco.

Assim que minhas pálpebras começam a fechar, ouço a TV desligar.

Eu me tensiono. Emory deve sentir meu movimento, porque ele é rápido em ligá-la novamente.

— Você precisava disso para dormir? — ele pergunta baixo. Seu rosto sonolento suaviza, e não consigo evitar perder o fio dos meus pensamentos.

Balanço a cabeça e puxo as cobertas mais para cima.

— Tem certeza?

Quero dizer a ele para parar de ser tão gentil comigo. Preciso que ele volte a ser como um colega de quarto irritante que gosta de me provocar em vez de agir tão doce — como quando segurou minha mão na cozinha quando meus pais perguntaram sobre minha família.

Quando ele desliga a TV novamente, o quarto fica cheio de silêncio. É um silêncio calmo, no entanto. Confortante de certa forma... até ele se enfiar sob as cobertas, e posso sentir seu calor do outro lado da cama. Cada uma de suas respirações soa mais alta que a anterior, e estou positivamente louca por pensar tal coisa.

De repente, tudo parece intensificado, e estou deitada na cama do meu marido falso, tentando pensar em todas as maneiras que ele me irritou desde que começamos nosso pequeno jogo de casamento para não pensar em outras coisas.

— Ei.

A excitação irrompe do meu peito quando sua voz suave enche o quarto.

— Sim? — *Eu soo ansiosa. Deus.*

— Posso te perguntar algo agora?

Sorrio para mim mesma.

— Tecnicamente, você tem uma pergunta por dia, lembra?

Ele faz um barulho que parece muito com um suspiro sarcástico.

— Por que você se fechou quando meus pais perguntaram sobre sua mãe?

Meu corpo começa a suar.

Ele notou?

— Você não precisa responder.

— Ah, então eu tenho escolha? — brinco em um sussurro.

— Desta vez? Sim. — O tom de Emory é suave e firme, o que *deve* ser o motivo pelo qual estou considerando contar a ele sobre ela. Não pode haver outra razão além disso.

— Vou te contar. — *Merda, o quê*?

— Vai? Eu tinha certeza de que você resistiria.

Estou tão surpresa quanto ele.

Viro-me de costas para ele, como se isso diminuísse o pavor que sentirei ao falar dela em voz alta.

Começo com o básico.

— Ela está viva.

Emory fica quieto, e digo a mim mesma que ele nem está no quarto — não que eu pudesse acreditar nisso. Sinto sua presença como sinto meu próprio batimento cardíaco.

— Mas a mulher que eu conhecia não é mais uma mulher que reconheço. — Minha garganta começa a ficar apertada e coçando. — Não gosto de falar sobre ela, e é mais fácil dizer às pessoas que ela

está morta, mas parece errado fazer isso. Como se isso desse a ela uma saída fácil.

Houve momentos em que desejei que ela estivesse morta, e não estou orgulhosa disso, mas o abandono faz você se tornar amarga às vezes.

— Se ela não está morta, onde ela está? — Emory se mexe sob as cobertas, e por um segundo, me pergunto se ele vai se aproximar de mim.

Mas ele não faz isso, então continuo.

— Agora? — pergunto. — Provavelmente na esquina da 1st com a Mcallister.

Ele repete o que eu disse, arrastando as palavras com uma familiaridade que duvido muito ser verdadeira.

— Com que frequência você vai lá para distribuir casacos e comida? Você vai para vê-la?

Paro.

Argh.

Viro-me de costas e olho para o lado dele da cama. Meus olhos se ajustaram ao quarto escuro, e encaro seu perfil forte.

— Você nunca me disse como sabia disso.

Ele se vira, e sei que está me olhando.

— Eu te segui uma noite, antes de te pedir em casamento.

Meu rosto queima de mortificação. Vê-la pessoalmente me faz sentir incrivelmente vulnerável, e odeio que ele tenha testemunhado isso.

— Eu precisava saber mais sobre você.

— Para ver se queria se casar comigo? — pergunto.

— Não — ele responde com confiança. — Eu só... — Ouço ele se virar, e de repente estou vendo seu peito subir e descer no escuro. — Só queria saber mais.

Meus dentes afundam no meu lábio antes de voltar a encarar o teto. Não voltei lá desde aquela noite. É uma parte da minha vida que quero manter privada, especialmente da mídia. Não faria nada além de fazer as pessoas perguntarem, e isso levaria a mais especulações, e antes que eu percebesse, todos estariam questionando nosso casamento.

Emory sabe agora, no entanto.

Mas ele não sabe sobre William, e isso é algo que prefiro manter trancado a sete chaves. Caso contrário, temo que ele me diga exatamente o que todos os outros me disseram — que tentar tirá-lo da prisão por um recurso é uma causa perdida.

Vários minutos de silêncio passam entre nós, mas quando penso que ele está dormindo, sua voz suave e calma preenche o vazio.

— Desculpe-me, Biscotti.

Ele soa tão genuíno.

Tão crível.

— Pelo quê? — pergunto com um toque de irritação no tom. Ele está sendo compassivo novamente, e não sei o que fazer com isso. — Você não teve nada a ver com ela escolher o caminho que está.

— E que caminho é esse? Por que ela é sem-teto? É por isso que você precisa de dinheiro?

— Não — respondo rapidamente. — Parei de dar dinheiro a ela há muito tempo.

Virando-me, meu estômago se enche de pavor. Odeio falar sobre ela porque isso traz pensamentos e sentimentos indesejados que prefiro enterrar.

— Ela está doente.

— Doente?

Ele não entende, e não posso esperar que ele entenda.

— Ela é viciada em drogas. — As quatro palavras saem da minha boca e ecoam no quarto tão rápido que não tenho certeza se ele me ouviu.

— Oh.

Ele está surpreso, o que também é compreensível.

Nem todo mundo considera seus entes queridos doentes quando estão viciados em drogas. Há muitas coisas às quais os viciados em drogas são chamados, e estar doente não é uma delas. Mas é diferente quando você é quem é afetado por isso.

— Se eu não pensar nisso como uma doença, vou odiá-la, e simplesmente não tenho mais isso em mim para odiá-la. — Meu coração começa a bater um pouco mais rápido quanto mais me abro. — Eu costumava odiar — esclareço. — Mas acho que isso é só uma parte de crescer. Não concordo com as decisões ou comportamento dela, mas entendo que ela está doente.

Emory não hesita nem por um segundo.

— Estou começando a perceber que você cresceu muito mais rápido do que deveria. Não é à toa que você é irritantemente independente.

Me pergunto o que ele pensaria se eu dissesse que também tenho cuidado do meu irmão com doença mental.

— Irritantemente? — Tento fazer uma piada, mas tenho quase certeza de que ele pode ouvir o tom desolado na minha voz. — Rude.

Sua risada profunda enche o quarto novamente antes que ele se vire para o lado.

Quando penso que ele vai dormir, depois de eu ter acabado de revelar um dos meus segredos mais profundos e sombrios, o quarto é iluminado por um brilho azulado novamente. O hóquei preenche a tela, e quando dou uma olhada para ele, ele está me olhando diretamente.

— Podemos assistir um pouco mais, ok? — ele pergunta.

Viro-me para esconder o brilho nos meus olhos que está lá desde o momento em que ele perguntou sobre ela.

Aceno e me acomodo ainda mais na cama, aproveitando o pequeno conforto que ele está me dando.

Quarenta e Quatro

Emory

Estou com calor, mas não sinto cobertores em cima de mim.

Aperto os olhos para o brilho suave que filtra pela janela. Fecho-os novamente, sentindo-me completamente confortável. Meus dedos se esticam antes de os colocar de volta em algo sedoso e macio. Meu pescoço estala ao me inclinar para a direita, e quando inspiro, fico completamente acordado.

Porra, ela tem um cheiro bom.

Minha mão está na coxa dela, e essa coxa está descansando sobre minha perna.

Muito lentamente, olho para baixo, para sua cabeça em meu ombro. Suas respirações suaves acariciam minha pele nua, e nunca me senti tão satisfeito em toda a minha vida.

Há algo no toque dela que acalma meu mundo, e o impulso de puxá-la para mais perto fica pior a cada dia que passa.

Queria poder tirar uma foto para que ela visse como parece contente enroscada em mim na nossa cama.

Minha cama.

Não minha, *nossa*.

A tensão puxa todas as minhas cordas, e entro em pânico baixo com os pensamentos irritantes que continuam me acertando nos momentos errados. *Que porra está acontecendo*?

Scottie se mexe no sono, subindo a perna ainda mais sobre a minha. Praticamente engulo minha língua quando o interior da coxa dela roça meu pau.

Prometi a ela que não a tocaria, mas isso é obviamente obra dela. Estou no exato lugar onde estava quando adormeci horas atrás, depois de admitir que a observei como um maldito pervertido com o jogo de hóquei já terminado e o brilho da TV passando por suas feições.

Minha cabeça não parava de girar.

Continuei perseguindo todas as coisas negativas que pensei sobre ela semanas atrás, desejando que pudesse fazer elas serem verdadeiras, mas simplesmente não são.

Ela pode ser boca suja e desafiadora com uma veia de independência correndo por ela que muitas vezes parece condescendente, mas não posso negar que ela é uma boa pessoa até a alma. Ela é doce quando se torna vulnerável. É gentil com a comunidade sem-teto, doa roupas e comida, verifica sua mãe viciada em drogas que ela deveria odiar, resgata gatos idiotas, cuida da filha de Rhodes sem hesitação, e Jack me contou como Scottie embalou a filha dele para dormir durante um dos jogos porque a esposa precisava de um descanso.

Scottie é bondosa demais para estar presa em um casamento arranjado comigo, e é irritante que eu ainda não saiba por que ela precisa do dinheiro.

Não vou pressioná-la a me contar, no entanto.

Pressionei demais ontem à noite. Me arrependi no segundo em que vi seus olhos bonitos se encherem de lágrimas não derramadas.

Scottie se ajusta no sono novamente, e minha mão aperta. Meu pau está sensível ao toque, então, numa tentativa de manter minha palavra pela primeira vez desde que a conheci, tento deslizar minha palma para longe. Mas então... ela faz um som.

Minha mandíbula relaxa.

Ela não quer cruzar mais linhas.

Tenho que respeitar isso.

Admito, provoquei-a de propósito e toquei-a em todos os lugares certos porque gosto de mexer com ela, e anseio por ver o corpo dela reagir, mas agora algo parece diferente.

Fiz uma promessa a ela, e embora eu não diga que sou um santo, não vou quebrá-la.

Não agora.

Ela se mexe novamente, e não consigo respirar.

Quando tento tirar minha mão da perna dela pela segunda vez, sua palma macia pousa em cima e me prende.

— Scottie — digo seu nome em voz baixa.

Posso ter todas as boas intenções, mas meu corpo não.

Meu pau está mais duro do que nunca, e a pele dela é quente ao toque. Ela faz um som ofegante ao empurrar minha mão para cima em sua perna, e é o teste mais difícil que já tive que enfrentar.

— Scottie. — *Acorde*.

— Hmm? — ela meio geme no sono.

Me pergunto se ela está molhada.

Aposto que o corpo dela está reagindo à minha mão sem que a cabeça dela saiba.

O que eu não daria para descobrir.

Ela se aproxima mais, e fecho os olhos.

— Para de me testar — disparo, incapaz de me controlar por mais tempo.

O peito dela começa a subir mais rápido, e ranjo os dentes. Estou pronto para jogá-la para longe de mim, mas então um suspiro suave escapa dela. Nossos olhos se encontram, e com seus lábios macios entreabertos e olhos de corça, estou perdido.

— Se você não quer ser tocada, preciso que saia da nossa cama.

Porra, *disse de novo*.

— Você quer dizer sua cama? — A voz dela é rouca, e adorável. *Merda*.

Aperto os olhos.

— Não. Quis dizer exatamente o que disse.

Não vá.

O olhar sonolento de Scottie salta entre os meus, e juro que vejo o menor sorriso ameaçando aparecer em seus lábios. Engano-me pensando que ela gosta da ideia de ser nossa cama, em vez de apenas minha.

De repente, estou pensando em planos para fazer meus pais ficarem por mais uma noite para que ela não volte para o andar de baixo ou para o quarto de hóspedes quando seu suspiro trêmulo preenche o espaço apertado entre nós.

— Preciso te dar uma contagem regressiva? — pergunto.

Não sei se ela acha que estou brincando, mas se ela não sair dessa maldita cama, vou enfiar minha língua na garganta dela e

garantir que ela não durma em nenhum outro lugar além de ao meu lado daqui para frente.

A Scottie de rosto sonolento e inocente muda bem diante dos meus olhos. Sua perna se move, e a atenção dela cai imediatamente no meu colo. Ouço o jeito que sua boca se abre com surpresa, e espero que ela saia da cama assim que sentir o quão duro estou, mas, como sempre, ela me mantém alerta e me surpreende.

— 3. — Agarro a coxa dela e viro a cabeça mais para ela.

O peito dela sobe e desce, e cada respiração que ela dá me puxa para mais perto.

— 2. — Testando as águas, arrasto minha palma pela coxa nua dela. *Não consigo parar de tocá-la*.

Arrepios voam para sua pele, e xingo baixo.

Quando nossos olhos se encontram novamente, coloco as coisas às claras.

— Se você não quer que eu cruze linhas, pare de desenhá-las, porque você está me tentando, e sou um homem que guarda toda a sua contenção para o gelo.

— Você tem um jogo hoje à noite — ela diz, como se eu tivesse esquecido.

O que esqueci.

Porque quando ela está na minha linha de visão, tudo o que penso, porra, é nela.

— Mais uma razão para eu reservar meu autocontrole. — Encaro sua boca, e a minha saliva. — Então, ou saia da nossa cama ou venha aqui e aja como minha esposa.

— Sua cama — ela corrige novamente, movendo a perna contra mim.

Solto um suspiro rouco e encaro o teto.

— *Nossa*. — Quando viro de volta para ela, foco em seus dentes brancos brilhando cravados em seu lábio inferior carnudo, e todas as contenções se quebram. — *1*.

Os olhos de Scottie crescem, mas se ela quer escapar agora, terá que implorar por isso.

Viro em cima dela com uma velocidade ágil. A perna que estava brincando comigo cai para o lado, e de repente estou pressionando contra ela com minha pélvis. Ela ofega e empurra seu peito sem sutiã contra meu rosto. O calor se espalha por todos os músculos do meu corpo.

— Me corrija se eu estiver errado — sussurro enquanto pego suas mãos e as prendo acima de sua cabeça. Mechas loiras de cabelo se espalham ao redor dela, e juro que ela parece um anjo. — Eu te dei tempo de sobra para sair desta cama. — Suas narinas se abrem, mas ela acena brevemente. Com seus pulsos presos, arrasto minha outra mão por suas curvas, memorizando cada uma ainda mais do que já fiz.

Puxo o algodão de sua camiseta oversized para cima e exponho a calcinha de seda que ela está usando.

Levo minha boca ao ouvido dela e inspiro seu cheiro.

— Eu te avisei também. Certo?

— Certo. — A palavra é ofegante.

Pressiono contra ela um pouco mais forte com meus quadris, e a cabeça dela voa para trás no travesseiro.

— Não sei se você está me testando de propósito, mas não estava brincando quando disse que estava guardando meu autocontrole para o jogo.

Minha virilha formiga.

O único autocontrole que praticarei hoje à noite durante o jogo é não imaginar ela usando nada além da minha maldita camisa de jogo.

— Eu estava testando a mim mesma — ela admite.

Afasto-me para olhar para ela.

Quero transar com ela tão intensamente que dói.

— Testando a si mesma?

Seus dentes afundam em seu lábio novamente, e desejo que ela pare de fazer isso, porra. Estendo a mão por instinto e o liberto. Seus cílios tremulam.

— Eu falhei.

Deslizo minha mão pelo lado de sua barriga até parar bem na base de seu seio. Ela é *viciante*. A maneira como sua respiração acelera quando a toco lentamente e como seus olhos se enchem de desejo, mesmo que ela tente ao menos escondê-lo.

— Você é uma mulher. — Esfrego meu dedo sobre seu mamilo, e quando ele endurece, eu queimo. — E você tem necessidades. Por que não me deixar cuidar de você?

Cuidar dela?

Quando foi que eu disse isso a uma mulher?

Mas é exatamente o que quero fazer. Quero fazê-la gozar várias e várias vezes até que aquele tom perfeito e lindo de rosa pinte suas

bochechas, e meu nome não seja nada além de um suspiro desejoso em seus lábios.

Poderíamos perder o jogo esta noite, e eu ainda me sentiria um vencedor sabendo que volto para casa para isso. *Para ela*.

Meus pensamentos estão girando.

Meus toques estão se prolongando.

Minha boca implora para estar na dela.

— Porque não somos reais — ela finalmente diz. — Isso não é real.

Pressiono-me contra ela novamente, e ela ofega. A única coisa que me impede de torná-la minha é a fina seda de sua calcinha e minha calça de moletom. Pego seu queixo com a mão quando ela inclina a cabeça para trás com prazer. Foco em sua boca e faço disso meu trabalho mostrar a ela que o que está acontecendo neste momento é tão real quanto possível.

— Isso é totalmente real, querida.

Pressiono minha boca na dela, e de repente, tudo parece *certo*.

Ela está tão ansiosa quanto eu. Suas pernas se abrem quando nossos lábios se tocam, e ela me dá a permissão silenciosa para explorar cada centímetro de sua boca. Nossas línguas se entrelaçam, e nosso beijo se aprofunda. O gemido mais suave e sexy se move dentro do nosso beijo, e não consigo manter minhas mãos quietas.

Continuo beijando-a, parando apenas para tomar um fôlego rápido, e puxo sua calcinha pelas pernas. Suas mãos caem em meus bíceps, e eu flexiono sob seu aperto porque apenas o toque dela contra mim me deixa em um frenesi dos infernos.

— Isso... — gemo, enfiando um dedo dentro dela — é real.

Ela curva o corpo, e eu levanto sua camiseta. Seus seios são perfeitos. Soprei em um mamilo, e quando ele enruga, dou uma lambida rápida com a língua.

— Emory.

— Sim, esposa? — Estou sem fôlego.

Ela aperta contra meu dedo. *Merda*.

— Você estava dizendo a verdade. Você gosta quando eu te chamo de *esposa*.

O corpo dela se move contra minha mão, e estou maravilhado, observando-a se soltar completamente na minha frente. É hipnotizante. Torná-la minha parece muito com ganhar a Stanley Cup.

— Você é linda assim. — Digo isso sem nem registrar o quão íntimo soa. As bochechas de Scottie ficam em um tom ainda mais escuro de rosa, e me inclino para beijá-la de novo e de novo até que ela não consiga mais se segurar.

Minha mão cai sobre sua boca quando ela grita, porque, embora a única coisa em que consigo pensar é como quero viver neste momento para sempre, lembro que meus pais estão no corredor.

— Linda pra caralho — murmuro, observando seus cílios tremularem.

O azul de seus olhos é eletrizante, e juro que quando ela baixa a atenção para minha boca, eles ficam selvagens.

— Você queria que eu agisse como sua esposa, certo? — ela sussurra, ainda se movendo contra minha mão para prolongar seu êxtase.

Há um toque de ousadia em sua voz que é sexy pra caralho. Um aceno rápido com o queixo é tudo o que dou a ela. Fico paralisado quando ela alcança entre nós e lentamente puxa minha mão de entre suas pernas. Meu dedo está coberto por ela, e estou obcecado por isso.

Louco, até.

— Bem, vá em frente, então — ela sussurra, deitada ali para ser tomada. — Me trate como sua esposa.

Quarenta e Cinco

Scottie

Vou me arrepender disso.

Eu sei.

Quando tudo isso terminar e chegarmos ao fim do nosso contrato, vou sentir falta do jeito que ele me faz sentir. Vou sentir falta do fogo em seu toque quando ele roça a mão pelo meu braço. E especialmente vou sentir falta da ânsia em seus olhos quando ele está cuidando de mim.

Não apenas dessa forma.

Mas de outras maneiras também.

— Você quer que eu te trate como minha esposa? — A linha da sobrancelha de Emory se aprofunda, e sua mandíbula aperta. — Tem certeza disso? — ele pergunta.

Claro que não.

Provavelmente vou me arrepender disso no segundo em que ele não estiver em cima de mim com aquele olhar de desejo obsessivo em seus olhos, mas, meu Deus, o que eu não daria para saber como é ser sua esposa no sentido real da palavra.

Chame isso de curiosidade.

Ou autossabotagem.

De qualquer forma, quero saber como é ceder a Emory Olson.

— Quero saber como é ser uma esposa. — Lambo os lábios.

O sorriso quente de Emory faz meu estômago dar cambalhotas. Tropeço nos meus pensamentos quando ele se senta e olha para mim como se eu fosse tudo o que ele vê. Sua mão calejada desliza pelo meu braço nu, e ele me lança um olhar que rouba meu fôlego.

— Você quer saber como é ser *minha* esposa, quer dizer.

Tento engolir, mas tudo trava. Aceno, mesmo que haja uma parte super vulnerável de mim que continua amarrando meus nervos.

— Então fique de joelhos, e deixe-me te mostrar o que você faz comigo.

A fome que sinto para agradá-lo é algo que *nunca* senti antes.

Nunca tive um homem falando comigo assim, e se tentassem, eu teria mostrado o dedo do meio.

Mas há um puxão delicioso no meu estômago, e acho que surpreendo nós dois quando me sento lentamente, passo as pernas pela cama e me planto no chão.

Emory inspira lá de cima.

Sua mão cai no meu queixo.

— Você continua me surpreendendo, porra. — Abro a boca ligeiramente quando seu polegar esfrega meu lábio inferior. Minha língua sai sozinha, e ele xinga baixo antes de encarar o teto.

Cansada de esperar por ele, deslizo meus dedos sob a cintura de sua cueca e libero seu pau. Sua mão pousa na minha cabeça, e ele recua antes de me lançar um olhar safado. Levanto uma sobrancelha, como se tivesse algo a provar, e o agarro com força.

Ele sibila, e fico excitada.

Ver Emory — tão másculo quanto é — tentar se conter é viciante.

Quero fazer seus joelhos cederem como ele faz comigo, mesmo que ele esteja mais disposto a admitir isso do que eu.

— Sua esposa está ao seu serviço — brinco de baixo, envolvendo minha mão em torno de seu comprimento duro.

Seus dedos se enroscam no meu cabelo, e ele me encara.

— Não diga coisas assim para mim, Biscotti.

Não consigo evitar, sorrio. Passo a mão pelo seu comprimento e recuo, olhando para ele.

— Ou o quê?

Com um olhar de pura paixão no rosto, ele puxa meu cabelo, e minha cabeça vai para trás.

— Abra.

Abaixo a mandíbula, e assim que ele está na minha boca, o calor jorra de entre minhas pernas. Emory entra e sai da minha boca, e quando o olho de joelhos, ele me encara como se estivesse em transe. Nunca vi nada mais quente do que ele perdendo o controle.

Vê-lo se masturbar no chuveiro foi uma coisa.

Sentir ele encher minha boca junto com o puxão no meu cabelo está em um nível completamente novo.

— Você de joelhos para mim é o auge do nosso casamento. *Porra*. — Seus quadris se movem mais rápido e mais fundo, e eu aceito cada pedaço do que ele está me dando. — Para de me olhar assim.

Não sei do que ele está falando, mas pelo jeito que ele mal consegue falar, acho que ele gosta do jeito que estou olhando para ele.

— Você... — Ele sai por um segundo, e meus lábios estão molhados e inchados. — Você parece tão inocente, mas está tão envolvida nisso, não está?

Aceno.

A mandíbula de Emory é afiada como uma faca. Um rosnado fraco sai de sua garganta quando ele puxa meu queixo. Abro a boca novamente, e quando ele está dentro, sinto o leve toque salgado na ponta de seu pau.

— Espero que você saiba que é minha depois disso — ele murmura. — Sei que todos já pensam que você é minha com esse anel no seu dedo, mas preciso que *você* saiba disso. — Ele pressiona seu pau contra o fundo da minha garganta mais uma vez, e é quando abro mais e deixo ele despejar cada um dos seus pensamentos desejosos sobre mim pela minha garganta até que ele termina e sai.

Passo as costas da mão nos lábios brilhantes, mas meu braço cai rapidamente quando Emory me agarra pelo bíceps e me puxa para meus pés. Minhas costas pressionam para trás com sua palma sendo a única coisa entre mim e a parede.

— Me diga — ele exige.

Seus olhos perfuram os meus, e eu pisco várias vezes.

Meu corpo se curva em direção a ele quando ele me puxa para mais perto e engancha uma das minhas pernas em sua cintura.

Não consigo respirar com a sensação dele pressionando contra mim.

Como seria fácil para ele apenas deslizar para dentro e *realmente* me tornar sua.

— Dizer o quê? — pergunto, ligeiramente confusa com o quão rouca está minha voz.

— Que você é minha. — Os olhos de Emory saltam entre os meus, e estou presa entre admitir isso e ter muito medo de dizer em voz alta.

Porque nós dois sabemos que não sou.

Nós dois viramos para o barulho vindo do corredor.

Meu Deus. Os pais dele.

Ofego, e ele é louco, porque minha surpresa na verdade o faz sorrir.

— Meu Deus. Seus pais estão aqui. E se eles nos ouviram?

— Meus pais... que também são seus sogros... — ele adiciona com um toque de humor.

Ele acha que esqueci que estamos casados? Depois de *tudo aquilo*.

— Não se preocupe — ele coaxa, passando as mãos pelo meu cabelo. — Claro que eu estaria aqui enfiando meu pau na sua garganta. Você é minha esposa. — Ele pisca para mim e vai se afastar, mas não antes de eu dar um tapa leve em seu peito. Ele pega minha mão, e eu tropeço em seu corpo duro.

— Precisamos descer. Fiz um pedido de biscotti para ser entregue esta manhã quando soube que eles estavam vindo visitar.

Surpresa faz com que eu perca o fio dos meus pensamentos, e meus ombros tensos relaxam. Ele solta minha mão, e eu corro para chegar ao banheiro antes dele para me tornar apresentável em vez de parecer que acabei de ser fodida na boca pelo filho deles.

Pela porta fechada, ouço Emory dizer:

— Nossa conversa não terminou, a propósito.

Com o pouco de distância entre nós, balanço a cabeça e vou discutir, mas já ouço a porta do quarto dele abrindo e seus passos descendo pelo corredor.

A conversa está absolutamente encerrada.

Porque o que acontece quando ele descobrir toda a bagagem que vem com me ter por perto?

Quarenta e Seis

Emory

— O que deu em você? — Malaki arremessa um disco em minha direção durante o aquecimento, e eu me exibo com ele. Pego o biscotti e dou uma pirueta no gelo como se tivesse sete anos em vez de vinte e seis.

É mais como *no que eu entrei* em vez de algo ter entrado em mim, mas compartilhar qualquer coisa sobre esta manhã com alguém parece, de alguma forma, uma traição à confiança de Scottie.

Nunca fui muito reservado antes quando se tratava de ficar com alguém. Conversas de vestiário são tão antigas quanto o tempo, mas isso é diferente. Não quero que ninguém saiba o quão obcecado estou pela minha esposa, porque, quando tudo estiver dito e feito, quem garante que não vão tentar conquistá-la com jantares e levá-la para a cama deles?

Arremesso outro disco pelo gelo, e Kane gira, patinando em minha direção.

— Esse disco fez algo contra você? Meu Deus.

Não. Só o pensamento de alguém tocando minha esposa perfeita fez.

— Oh, toda a família assistindo hoje, hein? — Malaki aponta com o taco para meus pais e Scottie sentada entre eles com o cabelo em

um rabo de cavalo alto, exibindo seus olhos brilhantes e foco afiado no gelo.

— Não toda a família. — Kane sorri sob sua máscara. — A irmã dele e o melhor amigo não estão aqui.

— Nem comece. — Minha voz soa entediada porque toda essa história de o melhor amigo dos Olson ter transado com a irmã dele já está batida. Não me incomoda mais, mesmo que Ford discorde.

Os Falcons entram na pista, e voltamos nossa atenção para a posição deles no gelo. Eles começam a arremessar discos e nos encaram do outro lado com um olhar de intimidação.

— Vocês estão prontos para o River? — Observo o principal ponta deles, que já jogou pelos Blue Devils. Ele foi trocado na mesma época que eu, e embora seja habilidoso no gelo, sua atitude e comportamento não compensam isso, segundo o que meus colegas de time disseram durante o treino ontem.

Como goleiro, preso entre os postes, não tenho muitas evidências para respaldar minhas afirmações além de boatos, então quem sabe se é verdade. Sei melhor do que ninguém que a verdade pode ser distorcida.

O aquecimento está chegando ao fim, e a multidão começa a se acomodar com suas cervejas. Meus colegas de time estão soltos e focados, e quando olho para Scottie, sei que também estarei.

Exceto que ela não está lá. Desvio minha atenção para outro lugar e quase patino até meus pais para perguntar onde ela foi, como se ela não tivesse permissão nem para usar o banheiro sem minha autorização.

Porra, se acalma.

Percorro o estádio com os olhos mais uma vez, procurando por uma beldade loira com meu nome nas costas. Olho para os assentos de camarote onde estão as outras esposas, mas não vejo ninguém. É quando Rhodes patina para o gelo com os ombros tensos e o rosto mais bravo do que o normal. Ele dá uma volta antes de ir para o banco, que por acaso fica perto de onde meus pais estão sentados.

É quando a vejo.

Ela está de pé atrás do banco de penalidades, e Rhodes está falando com ela com raiva. Quanto mais ele fala, mais perto ela fica. Quando a mão dela pousa no braço dele, o ciúme me engasga. Sabendo que temos alguns minutos até o jogo começar, patino até eles com o olhar fixo neles.

A multidão ruge, e ouço meu nome. Não é comum que o goleiro deixe seu posto, mas não consigo ficar lá sem saber o que está deixando minha esposa e meu colega de time tão próximos.

Quanto mais me aproximo, mais percebo o quão louco estou.

Por que diabos estou com ciúmes?

Meus pulmões gritam por oxigênio quando finalmente chego até eles. Encosto-me na lateral da pista, e quando Scottie se vira para me olhar, consigo respirar novamente.

Suas sobrancelhas estavam franzidas enquanto falava com Rhodes, mas no momento em que me vê, suas feições tensas suavizam. Não sei se ela está jogando o jogo de ser minha esposa ou se é genuíno. De qualquer forma, estou obcecado por isso.

— O que está acontecendo, querida?

Surpresa passa por suas feições, mas ela se recupera rapidamente.

Você gostou disso?

— Ellie está se recusando a ficar com a nova babá. — Scottie olha para Rhodes. — Só peça para ela vir sentar comigo. Está tudo bem.

Rhodes resmunga.

— Por que é tão difícil pra caramba encontrar uma babá para me ajudar com ela?

As crônicas de Rhodes e suas babás me esgotam.

— Vá buscá-la — digo a Scottie.

Viro-me para Rhodes.

— Minha esposa pode lidar com isso. Entre no gelo e foque.

Ele não aceita ordens de outros colegas de time com frequência, mas, surpreendentemente, após alguns segundos de debate, ele pula no gelo e corre para arremessar alguns discos na rede.

Antes que Scottie possa se virar e ir buscar Ellie, ajo por impulso.

— Espere.

Ela se vira, e seus lábios bonitos se entreabrem com uma respiração.

— Sim?

Troco o taco de mão e estendo o braço para envolver sua cintura. Há alguns "awnns" dos fãs nas fileiras próximas, mas eles desaparecem no segundo em que ela está pressionada contra mim.

— Gosto de te ver com minha camisa de jogo — sussurro. — Quase tanto quanto gosto de ver esse anel no seu dedo.

Scottie me encara com incredulidade antes de olhar para os espectadores. Ela se aproxima mais.

— Você fez aulas de atuação? Está agindo muito como marido. — Ela ri baixo pelo sussurro, e de repente não consigo respirar novamente. — Quase acreditei em você.

Ela me tem na palma da mão e literalmente não faz ideia.

Não sei se eu tinha alguma ideia também.

Meu aperto em sua cintura se intensifica, e me inclino mais para baixo. Minha boca cai sobre a dela, e é o suficiente para me acordar para que eu possa jogar outro bom jogo. Quando me afasto, ela está olhando para mim.

— Não estava atuando.

Deixo-a com uma piscadela e me movo para entrar em posição no gelo. Sigo seus movimentos até que ela desaparece na multidão para buscar a filha de Rhodes. Quando olho para meus pais, eles estão se olhando com confusão e um pouco de maravilha.

Posso estar tão surpreso quanto eles.

Agir como se estivesse apaixonado por Scottie está ficando cada vez mais fácil, e pelo jeito que meu coração bate forte no peito até vê-la se acomodar entre meus pais novamente com a filha de Rhodes sentada em seu colo, estou bastante certo de que a parte de atuação é inexistente.

Quarenta e Sete

Scottie

— Não é surpresa que nosso filho encontrasse alguém tão apaixonada por hóquei quanto ele.

Viro-me para o pai de Emory e sorrio.

— Você sabe como ele é. Ele ama o jogo.

Meu estômago revira, e volto a olhar para o gelo. Não sei se estou me referindo ao hóquei ou ao *nosso* jogo, mas acho que ele gosta de jogar os dois.

Ellie pula com o cabelo recém-trançado e o laço dos Blue Devils balançando na ponta.

— Vamos lá, papai!

Naquele momento, Rhodes usa o ombro, e um jogador voa para o gelo, perdendo o taco no processo. A multidão vaia, e Ellie cruza os braços. Ela se vira para nós.

— Ele está sendo um pouco valentão.

Dou de ombros.

— Às vezes isso é necessário no hóquei.

Ellie suspira.

— Bem, eu não gosto de valentões.

— Nem eu. — Não consigo evitar pensar em William e todas as vezes que tive que derrubar alguns caras ou envergonhá-los de alguma forma por mexerem com ele. — Você tem um valentão, Ellie?

De repente, seu rosto empalidece. Ela vira as costas para mim. A mãe de Emory e eu trocamos olhares. Os lábios dela se achatam, e eu aceno. Faço uma nota mental para dizer algo a Rhodes, mas não hoje à noite — se eles não conseguirem se organizar, todos estarão de mau humor mais tarde.

O ataque aproveita que Rhodes está no banco de penalidades, e os discos continuam voando em direção a Emory. Ele os bloqueia, mas se Rhodes não voltar ao gelo para equilibrar o jogo, continuarão vindo atrás do nosso goleiro, e isso me irrita mais do que deveria.

Um dos jogadores rouba o disco de Malaki, e eu rosno baixo.

— Joguem como time, caras! — grito, lembrando do que Emory e eu conversamos ontem à noite.

Eles não podem me ouvir, e eu não sou o treinador.

Mas o jogo desperta algo em mim que não consigo esconder.

Culpo isso ao meu pai e sua paixão pelo hóquei que, obviamente, passou para mim.

Rhodes olha para Ellie antes que a porta do banco de penalidades se abra, e ele volta ao gelo. Nós duas suspiramos de alívio, mas Rhodes vai direto para o cara que ele acertou com o ombro antes, e juro que estão trocando palavras.

Um disco passa voando, e Emory o perde por um triz.

— Tudo bem! — Sou rápida em adicionar. Ele não pode me ouvir, mas me sinto melhor dizendo em voz alta.

— Algo está errado — o pai de Emory murmura. — Os Devils parecem tensos lá fora.

Aceno.

Eles congelam o disco, e há uma breve pausa no jogo. Acho que os fãs, eu inclusa, respiramos fundo coletivamente. Estou encarando o foco no rosto de Emory em seu posto quando ouço um dos Falcons dizer um nome familiar.

— Cherry?

Viro-me por reflexo.

Reconhecimento brilha em seu rosto vermelho, e rapidamente quebro o contato visual.

Merda.

Olhando para os pais de Emory, eles parecem indiferentes. Exalo.

Mas nada passa por Ellie. Ela me encara com confusão.

— Cherry?

Dou de ombros.

— Talvez ele goste de cerejas?

Ela pensa por um segundo.

— Eu não gosto delas.

Finjo estar divertida.

— Nem eu.

Mal sabe ela o quão verdadeira é essa afirmação.

O jogo está lentamente chegando ao fim com um empate de 2-2. Estou tensa em todos os lugares errados, e não consigo tirar minha atenção do número onze.

Sei exatamente quem ele é.

Ele jogava pelo Chicago até ser trocado. Não sei os detalhes do motivo da troca, mas sei que quando ele ia ao clube de strip, era um

bêbado desleixado e extremamente abusivo com as mãos.

Não que Russ se importasse.

Mas eu sim.

Não tenho ideia de como ele me reconhece, já que estava sempre bêbado e eu parecia muito diferente do que agora, mas ele reconhece, e isso não me agrada nem um pouco.

Quanto mais penso nisso, mais meu estômago aperta. De repente, quero desaparecer das arquibancadas e ir para o banheiro me esconder até o fim do jogo.

No meio dos gritos dos fãs, encaro meus sapatos. Estou com muito medo de olhar para o gelo e vê-lo me encarando novamente. Meus pensamentos irracionais mergulham de cabeça e começam a girar todo tipo de coisas absurdas. Imagino um sussurro se espalhando pelas arquibancadas, e todos sabendo que sou uma fraude. Saberão que não sou material de esposa e que Emory só se casou comigo como uma jogada para fazer todos pensarem que ele está se redimindo com sua reputação.

Até, claro, todos descobrirem a verdade.

Nesse caso, a reputação dele será ainda mais destruída.

— Vamos lá, filho! Não caia nisso.

Minha cabeça vira, e meus olhos travam em Emory.

Inspiro com dificuldade quando o vejo se levantar lentamente sobre os patins com o capacete meio colocado. Seu olhar de aço, que ele geralmente reserva para o gelo, está fixo no número onze.

Não.

Justo quando penso que Emory vai mostrar a todos que os rumores são verdadeiros e que ele é apenas um goleiro cabeça-

quente, ele puxa a máscara para baixo e volta à posição.

Graças a Deus.

Exalo lentamente, e um calor flui por mim quando a mãe de Emory pega minha mão por um segundo rápido e dá um aperto. Sorrio suavemente para ela, mas viro-me rapidamente quando meus olhos se enchem de lágrimas.

Como seria curador ser aceita em uma família como essa?

Assim que ela solta minha mão, todos nós pulamos para trás. Um Falcon é esmagado contra o vidro bem na nossa frente, e Kane de repente joga suas luvas para o lado e empurra Rhodes para fora do caminho para dar um soco no número onze. Coloco rapidamente as mãos nos ouvidos de Ellie. Há muitos palavrões inadequados enchendo a atmosfera, e quando ouço a palavra Cherry, meu estômago revira com uma onda de náusea.

De repente, os dois times estão na garganta um do outro. Emory se aproxima e tira parte de seu equipamento, jogando-o para o lado.

Em vez de dar socos, no entanto, ele está puxando seus colegas de time para trás e enviando a eles um olhar gelado. Quando chega a Kane, ele puxa sua gola e o envia na direção oposta. O árbitro agarra Kane e grita para ele entrar no banco de penalidades. Seu sorriso doentio está cheio de sangue, e eu bufo.

Esses homens!

Volto a olhar para o gelo e observo enquanto Emory patina até River. Todo o estádio congela ao meu redor. Não vejo nada além do meu marido com um olhar calmo, porém intimidador, no rosto. Ele murmura algo para ele antes que River vá para o banco de penalidades oposto. Emory pega sua máscara do gelo e olha para

mim a caminho de seu posto. Seus lábios se curvam ligeiramente para cima, e ele pisca para mim.

O pavor e a preocupação que senti momentos atrás desaparecem em um segundo.

Uma calma flui por mim, e de repente consigo respirar novamente.

Ainda mais quando olho pelo gelo e encaro meu marido, que está começando a encher minha cabeça com todo tipo de pensamentos loucos — como o quanto eu realmente desejo que este casamento fosse real.

Quarenta e Oito

Emory

— O que vocês têm a dizer por si mesmos? — O treinador Jacobs está encostado na porta do seu escritório com uma expressão indecifrável no rosto. É difícil saber o que ele está pensando, especialmente porque não estou com esse time há tanto tempo.

Ele é um tipo de treinador estoico. Do tipo que gosta de refletir sobre seus discursos antes de nos dar uma bronca, mas, na minha opinião, embora tenhamos sido derrotados, não acho que foi uma perda total.

Levanto-me do meu banco, e todo o time se vira para me olhar.

— Não vou falar em nome do time — começo. — Mas com nosso capitão já fora, vou tomar a iniciativa.

Rhodes saiu no momento em que descemos do gelo, provavelmente sabendo que demoraria um pouco até podermos ir para casa por causa deste momento aqui. Uma das razões pelas quais Rhodes está neste time é porque o treinador nunca coloca limitações sobre ele quando se trata de sua filha e colocá-la em primeiro lugar.

— Bem, continue — o treinador late.

Olho-o diretamente no rosto com confiança.

— Não acho que foi uma perda total.

Suas sobrancelhas se abaixam.

— Pela primeira vez desde que a temporada começou — viro minha atenção pelo vestiário para os rostos vermelhos e cabelos suados dos meus colegas de time —, agimos como um time.

Alguém faz um barulho ridículo, e alguns o imitam.

— Um dos caras — olho diretamente para Kane, que parece estar fervendo no banco pela derrota — se meteu em uma briga, e em vez de deixá-lo tomar um soco na cara, todos vocês entraram e lutaram ao lado dele.

É a mesma coisa que expliquei para Scottie. Quando um time é realmente um time, eles trabalham juntos. É uma das regras mais antigas do hóquei, porra. Eles brigam, nós brigamos. Eles caem, nós caímos. Isso se chama ser um time.

— Claro. — Dou de ombros. — Não foi sobre o disco da vitória ou o último bloqueio. Não teve nada a ver com o jogo em si, mas nós trabalhamos juntos pela primeira vez desde que entrei neste time. — Olho de volta para o treinador. — Você já parou para observar os times no topo da liga e olhou além do óbvio? Eles trabalham juntos, dentro e fora do gelo. — Aponto para ele. — Isso é importante.

Sinto-me ficando muito envolvido na conversa do time. Meu coração bate, e uma paixão que eu não sabia que tinha me impulsiona a continuar.

— Meu último time me ferrou — admito. — Levei a culpa por algo com o qual não tinha nada a ver, e nenhum dos meus colegas de time piscou um olho. Isso me deixou com uma opção. — Olho ao redor para todo o azul nas paredes. — Aqui.

Deixo-me cair de volta no banco e me encosto no meu armário.

— E estou orgulhoso pra caramba. Estou orgulhoso de estar em um time que apoia um ao outro, e nos unirmos assim no gelo significa uma coisa. — Encaro o treinador Jacobs, e fico surpreso ao ver orgulho em vez de raiva. — Somos imparáveis agora, porra.

O vestiário explode em caos. Meus colegas de time batem palmas e uivam como idiotas, mas é óbvio que todos concordam.

O treinador acena para mim antes de se virar e bater a porta do escritório.

Orgulho incha no meu peito.

As coisas estão se encaixando, e a única pessoa que consigo pensar é Scottie.

E isso não tem nada a ver com o fato de que River estava falando dela.

A raiva e o ressentimento que carreguei desde a última primavera desapareceram, e eu nem tinha percebido até este momento.

Sinto-me satisfeito, e esse sentimento se aprofunda ainda mais quando coloco meu anel de volta no dedo e me viro para ir para casa, para minha esposa boca suja e linda, que está me ensinando mais sobre mim mesmo do que eu jamais soube.



Shutter me encara preguiçosamente em sua cama improvisada que Scottie fez para ele na varanda, usando *minhas* camisetas velhas.

A casa está silenciosa quando abro a porta.

As luzes estão apagadas, exceto pelo brilho suave vindo da cozinha.

Há algo no meio da ilha, e quando me aproximo, vejo uma nota escrita com uma caligrafia feminina.

Esquentei as sobras do jantar que sua mãe fez depois de deixá-los no aeroporto.

Está no micro-ondas.

xo

Abro o micro-ondas e sorrio para mim mesmo. Olha ela, agindo toda esposa sem nem ser forçada a isso. Depois de fechar o micro-ondas porque de repente estou com fome de outra coisa, olho para a sala de estar. Espero que ela esteja deitada lá, fingindo estar dormindo como costuma fazer depois de um jogo, mas o sofá está vazio.

Caminho casualmente até as escadas e subo, passando pelo meu quarto e indo direto para o quarto de hóspedes.

Se ela acha que vai voltar a dormir em um quarto separado de mim, está completamente louca. Já estou preparado para implorar e fazer promessas de não tocá-la — que não quero cumprir — quando empurro a porta do quarto de hóspedes e vejo uma cama vazia com a roupa de cama retirada.

Olho pelo corredor.

O pulsar do meu coração acelera a cada passo em direção ao meu quarto. Quando entro, já sei que ela está aqui sem nem precisar vê-la.

Eu a sinto antes de vê-la.

Meu coração dispara quando vejo que ela está na minha cama. Seu corpo silencioso está coberto, e ao contrário de ontem à noite, ela não está na beira do colchão.

Não perco um único segundo.

Escovo os dentes e tiro a camisa. Subo na cama com o peito apertado e os músculos implorando para tocá-la. Ela exala suavemente, e embora eu não queira nada além de puxá-la para perto e beijá-la até perder o juízo, não faço isso. Fico do meu lado do colchão e decido dar a ela as rédeas.

Se ela quiser me encontrar no sono, estarei aqui esperando.

Há uma voz abafada na parte de trás da minha cabeça que não consigo esconder, e embora seja difícil para mim entender, eu a escuto.

Esperarei por Scottie para sempre.

Eu disse a ela antes de tudo isso começar que não perderia.

Não percebi na época, mas essa afirmação tinha um duplo significado: não quero perdê-*la*, e nem sei se realmente a tenho.

Quarenta e Nove

Scottie

Meus olhos se abrem de repente, e o nome de William está na ponta da minha língua.

Encaro o teto, esperando meus olhos se ajustarem. Estou tremendo. Não consigo lembrar do que estava sonhando, mas sei que tinha a ver com ele porque, durante o jogo, ele ligou, e eu perdi a chamada.

Estive tão distraída com Emory e nosso jogo de casamento que nem retornei a ligação para o advogado. Não pensei no futuro de forma alguma — a menos, claro, que esteja sonhando acordada com o futuro meu e de Emory.

É um pensamento ridículo e um que tenho que parar.

Emory está deitado de costas com um braço acima da cabeça e o outro estendido pelo colchão, como se estivesse alcançando por mim.

Meu Deus, para com isso.

Forço-me a desviar o olhar quando meu rosto esquenta. Respiro fundo.

Estou agindo como uma garota de treze anos com sua primeira paixão.

É ridículo, mas não no mesmo fôlego. Quando eu tinha treze anos, estava ocupada demais limpando as bagunças da minha mãe e

tentando manter nossa casa em ordem para que os serviços sociais não aparecessem e separassem meu irmão e eu.

O doce sabor do primeiro amor foi algo que nunca experimentei.

Quando tive minha primeira aventura real com o sexo oposto, nem mencionei que era virgem. Apenas mergulhei de cabeça e precisava que fosse rápido para que pudesse seguir com minhas responsabilidades.

Mas com Emory, é diferente.

Quando ele me olha, não consigo pensar direito.

Quando ele me toca, perco o equilíbrio.

Quando ele me beija, sou *dele*.

Nunca quis estar na mente de alguém como quero estar na de Emory.

Estou obcecada com o pensamento dele precisando me tocar.

Como se ele não pudesse respirar sem isso.

É assim que ele me faz sentir, mas é assustador demais para admitir em voz alta, então, em vez disso, apenas me aproximo um pouco para sentir seu calor através dos cobertores e fecho os olhos.

Um momento depois, seu dedo roça meu braço.

Meu coração pula uma batida, mas finjo que estou dormindo. Meu corpo relaxa com cada movimento de sua junta contra minha pele. Sem querer, me aproximo ainda mais. Há uma necessidade profunda no meu estômago, e meus pulmões se expandem com um segredo que temo contar se me mover um centímetro que seja.

Mas então sua mão cai na minha coxa.

O calor corre para o local.

Emory inspira e puxa minha perna mais para cima. Eu a coloco sobre suas coxas fortes. Movendo o joelho ligeiramente, sinto um roçar rápido de seu desejo, e é demais para ignorar. Não preciso agir, mas com certeza não posso fingir que não está lá. Cada terminação nervosa está desgastada com a química fervilhando entre nós.

O silêncio é ensurdecedor.

A escuridão me cobre como proteção, e essa é a única razão pela qual me permito agir sem reservas.

Meu toque contra sua pele tem dúvidas óbvias, mas o dele contra a minha parece proposital. Estou agindo com hesitação, enquanto ele age com posse.

— Para de se conter — ele sussurra, agarrando o lado do meu rosto. Sua mão calejada arranha minha bochecha, e quando seus dedos se enterram no meu cabelo, faço o que ele diz. Pela primeira vez, inicio o beijo.

Sou imediatamente levada embora.

Começo devagar, beijando-o com cautela, mas assim que ele me puxa para cima dele, aprofundo o beijo e me perco.

Minhas pernas caem para os lados dele, e eu pressiono para baixo. Estou usando nada além de uma das camisetas dele e minha calcinha. A cada arrastar sutil de suas mãos pelas minhas coxas, beijo-o com mais força. Minha língua roça contra a dele, e um pequeno gemido me escapa quando seus dedos cravam nos meus quadris.

— Isso mesmo — ele incentiva, agarrando-me com força enquanto me esfrego contra ele. — Estamos muito avançados para nos conter agora, Scottie.

Quanto mais me movo, mais duro ele fica. Ele xinga baixo, e eu formigo. Minha pele está em chamas, então agarro a barra da camiseta e a tiro do meu corpo.

A mão dele sobe pelas minhas costas, e ele me pressiona em direção à sua boca. Ofego quando sua língua roça meu mamilo.

— Me mostre que você me quer tanto quanto eu te quero — ele diz, dando atenção ao outro seio.

É um pensamento viciante e que me faz passar direto pelas minhas preocupações. Esfrego-me contra ele, e ele agarra meus quadris para me pressionar com mais força. A sensação me suga, e me vejo levantando para que ele possa tirar minha calcinha.

Suas calças de moletom vão em seguida, e eu o toco por todo lado, passando minhas mãos curiosas pelas ondulações de seus músculos duros.

— Você quer? — ele pergunta, mordiscando meu lábio.

— Hã? — digo, respirando com dificuldade.

— Você me quer tanto que não consegue pensar direito? Porque é assim que me sinto quando se trata de você. — Ele me beija com força e rapidez, como se tivesse medo de que eu vá negar.

Não posso.

Não assim.

— Sim — digo sem hesitação.

Quero você tanto que estou aterrorizada.

De repente, sou virada de costas, e minhas pernas estão bem abertas. Emory paira sobre mim, equilibrando-se em seus antebraços fortes.

— Deixe-me fazer você minha. — Sua súplica roça meus lábios. — Aqui mesmo. Assim.

Paro. Não há volta se eu der o ok.

— Por favor, Scottie — ele implora, esfregando-se contra mim.

Estou acabada.

— Faça-me sua, Olson.

— *Porra* — ele sussurra rouco.

Ofego com prazer quando ele se empurra para dentro.

— Meu Deus, você foi feita pra mim, porra — ele geme.

A cada impulso lento, subo mais e mais alto. Meus quadris se abrem mais, e estou encantada com a forma como meu corpo perde o controle.

— Emory — gemo.

Ele salpica meu pescoço com beijos antes de voltar aos meus lábios e engolir meus gemidos.

Eu me desfaço quando seus beijos se tornam febris, e seus impulsos ficam mais profundos.

Ele tira a boca da minha, e nem ligo que ele esteja me observando sucumbir ao prazer. A viagem é demais. Estou em um transe de luxúria, e cada parte do meu corpo canta.

— Minha — ele range antes de bombear em mim mais uma vez.

Quase faço biquinho quando ele sai, mas então sinto seu gozo derramar na minha barriga, e meus dentes afundam no meu lábio inferior.

Meu Deus, isso é quente.

Ele desaba de costas, e eu sorrio para mim mesma quando ele diz, "*Nossa*," baixo.

Porque... sim, nossa.

Cinquenta

Emory

Nunca quis tanto chegar em casa quanto quero agora. Meu corpo está exausto, e embora tenhamos vencido e nos recuperado da derrota em casa, o time está agitado desde que voltamos ao avião. Tudo o que quero é estar em casa com Scottie.

Nunca ansiei por me arrumar com um terno desconfortável e passar a noite em um evento de caridade, fazendo conversa fiada com homens e mulheres de negócios com bolsos mais cheios que a maioria do país, mas o fato de ter Scottie ao meu lado naquele vestido vermelho sexy faz com que eu conte os segundos até aterrissarmos na pista.

Assim que a luz do cinto de segurança apaga e estamos voando estáveis em direção a Chicago, levanto-me do assento e sigo para a parte de trás do avião, onde é mais silencioso. Alguns dos meus colegas de time me chamam de avô, mas continuo andando com o dedo do meio erguido.

Todos riem. Até o treinador Jacobs dá uma risadinha. Quando chego à última fileira, afastado da maioria deles, pego meu celular e agradeço silenciosamente ao programa aéreo da National Hockey League por colocar Wi-Fi nos aviões.

É um jato compartilhado entre os times, por isso temos que decolar logo após o jogo para que outra equipe possa usá-lo, mas

pelo menos temos Wi-Fi e não precisamos voar em voos comerciais com fãs fingindo não tirar fotos espontâneas de nós.

Emory

Você está acordada?

Scottie

Sim. Bom jogo, Olson.

Onde você está?

Sorrio.

Emory

A caminho de casa, para você.

Por que isso me deixa tão excitado pra caramba, e por que sinto falta dela? Estive com ela há menos de dez horas. Nunca senti falta de alguém como sinto dela.

Emory

Por quê? Sentiu minha falta?

Espero como uma criança na manhã de Natal com o celular na mão. Tenho vinte e seis anos e estou pendurado em cada palavra de uma mulher por mensagem de texto.

Quem sou eu?

Scottie

Não admitiria se sentisse.

Rio enquanto digito.

Emory

Vou tomar isso como um sim.

A próxima mensagem dela me surpreende.

Scottie

Você sente minha falta?

Não tenho problema em admitir que sinto falta dela.

Emory

Sinto sua falta mesmo estando do outro lado do quarto.

Não é mentira. É a verdade, mesmo que eu ainda não tenha dito isso em voz alta.

Scottie

Você não sente.

Não me surpreende que ela não acredite. Juro que algo aconteceu na vida dela que a deixou insegura. O que a faz pensar que eu não sentiria falta dela? Sinto falta de tudo nela. Aposto que qualquer um que tenha cruzado com ela sente falta da presença dela no segundo em que ela se vai. Scottie deixa sua marca em todos, mesmo sem perceber.

Emory

Sinto falta de tudo em você. Sinto falta das suas respostas sarcásticas que me mantêm alerta. Sinto falta do jeito que você revira os olhos para mim quando acha que estou de costas. Sinto falta de ver você morder um biscotti e como seus lábios se envolvem na borda da caneca de café pela manhã.

Aperto enviar, e meu coração bate tão alto que nem ouço o ronco do motor do avião.

Fico irracionalmente irritado quando releio a mensagem dela. Estou prestes a fazer do meu único propósito mostrar a ela o quanto sinto sua falta após cada jogo fora de casa.

Inferno, talvez eu mostre o quanto sinto falta dela mesmo estando apenas no treino por algumas horas.

Emory

Espere até eu chegar em casa. Vou te mostrar o quanto sinto sua falta.

Scottie

Não sei se isso é uma ameaça ou não.

Uma linha de desejo desce até minha virilha, e me ajeito nas calças de moletom. Rapidamente saio das mensagens e abro o aplicativo da câmera. Navegando por todos os ângulos da câmera, finalmente a encontro na nossa cama com uma das minhas camisetas. Há um monte de papéis e envelopes ao lado, e a TV deve estar ligada, porque vejo o brilho da tela piscando sobre seu rosto.

Rapidamente deslizo o vídeo dela para o lado e compartilho a tela com as mensagens.

Emory

Bela camiseta.

Ela sorri no início, mas então seu sorriso desaparece, e ela lança o olhar para a câmera.

Scottie

Você está sendo um pervertido.

Emory

Não a menos que você comece a fazer algo safado. Talvez eu esteja apenas sendo protetor. Garantindo que você está bem.

Olho para meu pau. Sua aparência rígida não tem nada a ver com isso.

Scottie

Já cuidei disso.☺ E estou perfeitamente segura dentro de casa. Shutter vai me proteger.

Engulo a saliva grossa e me afundo mais no assento para que nenhum dos caras lá na frente possa olhar para trás e ver o desejo no meu rosto.

Emory

É melhor que você não tenha cuidado disso. E sou o único que vai te proteger.

Protegerei Shutter também, já que ele significa tanto para ela.

Aperto meu pau para fazer ele parar de pulsar.

Emory

Sou o único que vai cuidar de você também.

Poderia ser mais possessivo? Porra, Cristo.

O pensamento de alguém cuidando dela me leva ao limite, no entanto.

O que é completamente desequilibrado.

Scottie

Quem disse?

Arrasto minha atenção para o pequeno vídeo ao lado das mensagens e aperto a mandíbula. Os cobertores estão jogados para o lado, e todos os papéis e envelopes que estavam espalhados ao redor dela sumiram. Suas pernas me chamam, e quando ela puxa a camiseta para cima, quase morro.

Emory

Para com isso.

Scottie

Parar o quê? Certamente não está me dizendo que não posso tocar meu próprio corpo.

Juro por Deus.

Ela vai se arrepender disso quando eu chegar em casa.

Com a camiseta puxada o suficiente para que eu possa ver sua calcinha, começo a suar.

Scottie

Você sabe que não gosto de receber ordens.

Emory

Sabe de uma coisa? Acho que você gosta. Aposto que você está molhada pra caramba só de pensar que estou te observando pela câmera. Quer que eu te diga o que fazer também?

Por favor diga sim.

Olho para o relógio. Trinta minutos até aterrissarmos. Quinze minutos de ônibus até meu carro.

Então, uma hora no máximo até chegar a ela.

Sou um homem paciente. Posso esperar.

Scottie não responde, e desejo tanto ligar para ela para ouvir suas respirações quentes, mas com outros ouvidos um pouco próximos demais para meu conforto, isso terá que bastar.

Emory

Tire essa calcinha. Deixe-me te ver.

Minha boca seca quando ela segue meu comando. Essa mulher me surpreende todos os dias. O que eu não faria para agarrar suas mechas loiras e puxar sua cabeça para trás para beijá-la.

Quando a calcinha está de lado, envio outra mensagem.

Emory

Boa garota.

Os dentes de Scottie afundam em seu lábio, e xingo baixo.

Emory

Se abra para mim.

Ela hesita. Observo seu olhar voar para a câmera quando seu lábio inferior escapa dos dentes.

Emory

Não seja tímida. Sou seu marido. Deixe-me ver como você é perfeita.

Porque ela é. Me pergunto se ela sabe disso. Certamente quem quer que tenha estado com ela antes de mim disse isso a ela.

Um puxão de posse me agarra pela garganta, e de repente estou digitando mais rápido do que nunca.

Emory

Se abra mais. Se eu estivesse aí, estaria empurrando o interior da sua coxa antes de correr meu dedo para tocar esse clitóris pulsante.

Observo com total atenção enquanto ela arrasta o dedo pela perna e para bem no seu ponto doce. A outra mão dela desaparece sob a camiseta, e sei que ela está brincando com o mamilo, exatamente como eu quero fazer com meus dentes.

Emory

Estaria dentro de você em segundos, se estivesse aí, para provar que sou o único que pode cuidar de você assim.

Meu núcleo se contorce com necessidade quanto mais a observo. Digito outra mensagem com dedos trêmulos.

Emory

Não goze.

Sou egoísta pra caramba. Daria minha vida para senti-la sob mim, contorcendo-se de prazer. Quero ser o único a fazê-la gozar. Quero que meu nome seja o único em seus lábios quando ela estiver cheia até a borda.

Scottie olha preguiçosamente para a câmera, e se eu pudesse dar zoom em seu rosto, aposto que seus olhos estão cheios de luxúria e embaçados.

Emory

Estarei em casa em trinta minutos. Esteja pronta.

Desligo o celular.

Se eu olhar para ela por mais tempo, temo gozar bem aqui, e que me dane se não transar com minha esposa hoje à noite e provar a ela que ela é *minha*.

Cinquenta e Um

Scottie

Quanto mais o tempo passa, mais minhas pernas pulsam.

Tentei me convencer a descer do êxtase que estou sentindo após reler as mensagens de Emory, mas nada está funcionando. Corri escada acima e abaixo, joguei água no rosto, e agora estou na cozinha, engolindo água como se não tivesse bebido nada em dias.

Minha boca está seca com o pensamento de me negar o simples prazer de ver seus olhos azuis me devorando. Eles são sempre tão sérios e taciturnos, mas ultimamente, quando estamos sozinhos, estão cheios de outra coisa.

Não sei o que é.

Desejo?

Anseio?

Saudade?

Cada vez que ele me toca, parece que está tentando provar algo, e não posso fingir que não estou começando a acreditar nele.

Meu copo de água bate no balcão quando ouço a porta abrir.

O calor corre até meus pés, e de repente, meus joelhos estão fracos.

Emory murmura algo que parece um xingamento para Shutter, e eu rio silenciosamente.

Na ponta dos pés, sigo para a despensa com meu celular na mão. Quando ouço sua bolsa cair e seus passos ficarem mais fracos, digito uma mensagem.

Scottie

Sempre fui boa em esconde-esconde.

É verdade. Não discuto *por que* eu era tão boa em esconde-esconde, mas houve momentos em que me escondia a noite toda — muito depois que meus piores pesadelos paravam de procurar.

Encaro o teto quando ouço seus passos pararem. Rolo os lábios até sentir o zumbido do meu celular.

Emory

Você sabe que não gosto de perder.

Scottie

Você não pode ser um vencedor o tempo todo.

Emory

Quando se trata de você, posso.

O calor se espalha, e meu estômago palpita. Mordisco o polegar com um sorriso escondido atrás da mão. É uma sensação desconhecida. Estou leve e arejada pela primeira vez na minha vida, e não sei como lidar com isso.

Só sei que não quero deixar isso escapar.

Meus sentidos se aguçam quando ouço seus passos se aproximando. Afasto-me da porta e pressiono minhas costas na prateleira cheia de massas.

Emory

Quanto mais você me faz esperar, mais tempo eu te faço esperar.

Ouço sua junta bater contra o balcão, e minhas pernas tremem. Uma explosão de nervos flertantes sobe pela minha garganta.

Scottie

Parece algo que um perdedor diria.

Emory

Você está pedindo por problemas novamente, esposa.

Scottie

Acho que você terá que me punir.

Congelo quando a porta da despensa se abre lentamente. Vejo sua mão grande primeiro, empurrando a madeira com as pontas dos dedos. No escuro da cozinha, ele é nada além de uma sombra imponente, mas sei que é ele só pela largura de seus ombros.

— Você gosta de brincar, não é, esposa?

Seu tom baixo me faz deixar o celular cair. Estou com os joelhos fracos e tonta com um desejo que nunca experimentei antes. Se ele me pedisse para tirar a roupa aqui mesmo, eu o faria sem hesitação.

Ele se aproxima, dando apenas alguns passos até estar bem na minha frente. Olho para ele da minha posição mais baixa e quase caio em seu peito quando ele agarra minha cintura e me puxa para a cozinha.

Minha língua sai da boca para lamber meu lábio inferior, e o som que escapa dele vai direto entre minhas pernas.

— Você quer ser punida, querida? — Nunca ouvi o tom que ele está usando comigo agora. Minhas respirações estão entrecortadas, e estou praticamente ofegante. Flores de prazer correm para meus seios a ponto de o algodão da camiseta enviar formigamentos quentes por todo lado.

— Talvez — respondo.

O ambiente gira quando ele me vira. Sinto sua boca contra meu ouvido quando ele me agarra com mais força pela cintura.

— Mãos no balcão.

Não gosto de receber ordens.

Ele sabe disso.

Eu sei disso.

No entanto, faço exatamente o que ele diz.

Minhas mãos trêmulas caem na borda do granito. O deslizar da camiseta sendo puxada contra minha pele me excita. *O que estamos fazendo*? A parte obstinada de mim está murchando por dentro, mas a forma como suas mãos se sentem no meu corpo supera cada respiração nos meus pulmões, quanto mais cada pensamento voluntarioso.

A palma de Emory roça minhas curvas ao mesmo tempo em que seus dentes puxam o lóbulo da minha orelha. Minha cabeça voa para trás, e agarro o balcão para não escorregar.

— Sem calcinha? Você quer ser punida.

Engulo em seco antes de soltar uma respiração trêmula.

— Segure firme, querida.

Ofego quando ele bate na minha bunda. Viro a cabeça, ainda segurando o balcão, e encontro seus olhos selvagens. A luz sobre o

fogão brilha na lateral de seu rosto, e ele está tão quente que esqueço que ele acabou de me dar um tapa.

Isso me cega tão ferozmente que nem percebo o quanto meu corpo gostou disso.

Emory sorri enquanto desliza a mão pela frente do meu corpo e entre minhas pernas.

Ele geme.

— Ah, porra. Você *gosta* de ser punida.

Minha cabeça cai na curva de seu pescoço quando ele sente o quão molhada estou. Quero ficar envergonhada porque nunca mostrei esse lado de mim para ninguém — não a esse ponto, pelo menos. Mas me sinto tão segura com ele que mostraria tudo de mim, até as partes feias.

— Só gosto de você — admito.

Amo o jeito que ele me toca, como se soubesse exatamente do que preciso e quisesse me dar isso.

A mão de Emory desaparece, e ele me gira novamente, mas desta vez, estou de frente para ele. Sou colocada no balcão em um piscar de olhos, e ele invade meu espaço assim que abre minhas pernas. Ele age tão rápido e confiante. Amo cada segundo disso.

— Mas sou seu marido — ele sussurra, abaixando-se até os joelhos. — Você deveria me amar.

Se ele continuar assim, talvez eu ame.

Ele me puxa até a borda do balcão, e minhas palmas caem na pedra fria para me apoiar. Sua boca quente desaparece entre minhas pernas, e estou instantaneamente à beira da loucura.

As lambidas de sua língua me fazem mover os quadris contra seu rosto, e um gemido escapa dos meus lábios quanto mais ele me lambe. Não consigo pensar direito. Não sinto nada além de prazer e ele, o que é uma mistura muito perigosa.

— Emory — respiro seu nome como se fosse desmaiar. *O que ele está fazendo comigo*?

Meu corpo se contorce, e meu coração também.

Ele se afasta e me encara com paixão. Sua boca quente está coberta por mim, e quando nossos olhos se conectam, sinto meu pulso disparar.

— Diga ao seu marido o quanto você o ama, e talvez eu te tire dessa miséria.

Paro quando a vozinha na minha cabeça diz isso sem hesitação.

Estamos ambos envolvidos no momento, então, se eu disser em voz alta, ele pensará que é só porque estou excitada e não posso negar.

Certo?

Ele levanta uma sobrancelha para mim enquanto se levanta, e eu cedo.

— Tudo bem — digo. — Eu te amo.

Eu amo. Realmente acho que amo.

O olho de Emory pisca, e sua mão sobe pela minha perna. Meu cabelo cai pelas costas quando minha cabeça se inclina com prazer. Ele se move contra meu clitóris, e isso me faz girar.

— Diga que é minha, Scottie. — Sinto sua voz rouca contra minha pele quando ele se inclina mais perto do meu ouvido. Ele é tão possessivo comigo, e parece tão *real*.

— Sou sua, Emory.

— Diga meu nome. — Seu dedo entra em mim, e ele pressiona o ponto que me faz sentir como se estivesse voando.

— Biscotti — digo, tentando recuperar um pouco do controle.

— Não brinque comigo. — Sua palma raspa contra meu clitóris. — Diga meu nome.

Aperto-me toda.

— Sc-Scottie... *Meu Deus*.

Meus quadris se movem contra sua mão, e não me importo que isso cruze todas as linhas que tracei entre nós. Não me importo que ele esteja me vendo nesse estado vulnerável e que esteja me pedindo para dizer coisas que eu não diria de outra forma.

— Scottie o quê? — Ele está tão impaciente quanto eu. Se eu não estivesse enganada, pensaria que ele gosta de me ver desmoronar com seu toque tanto quanto eu gosto de mostrar a ele.

— Scottie Ols–Olson.

— Essa é minha garota — ele coaxa, adicionando outro dedo dentro de mim.

Desmorono em seu aperto como vidro se quebrando.

Ele engole meus gemidos e lambe cada gemido que cai dos meus lábios.

Mal estou descendo do meu êxtase quando Emory tira a mão de entre minhas pernas e me coloca de pé. Ele me vira, e meu mundo gira.

— Minha — ele range.

Abro minhas pernas trêmulas, ansiosa por mais.

Uma rajada de ar me esfria quando ele abaixa as calças. Ele se posiciona por trás e agarra meus quadris como se fossem sua salvação antes de empurrar para dentro.

— Porra, Scottie.

Minhas mãos se espalham no balcão, e eu empurro contra ele para obter um ângulo melhor. Quanto mais fundo ele vai, mais eu sucumbo.

— Você é incrível pra caramba.

Gemo a cada vez que ele atinge um certo ponto. Sua mão cai sobre a minha para nos estabilizar, e quando nossos dedos se entrelaçam, meus joelhos fraquejam.

— Eu te seguro — ele sussurra, me levando mais fundo com a outra mão envolvendo minha cintura. — Se entregue para mim novamente. Vou te segurar todas as vezes.

Meu corpo treme, e minhas pernas sacodem. Ele me agarra com mais força, e caio do precipício novamente com seu nome caindo dos meus lábios.

— Diga que é minha novamente — ele geme, bombeando em mim cada vez mais rápido.

— Sou sua — gemo, apertando ao redor de seu pau.

— Porra, você tem um domínio sobre mim, querida.

No meio de um gemido, os dedos de Emory cravam nos meus quadris, e ele sai de mim. Um jorro de líquido quente atinge minha lombar, e o som que ele faz é o barulho mais quente que já ouvi.

Ficamos lá por tanto tempo que seu gozo escorre pela curva da minha bunda e cai no chão da cozinha. Sua testa descansa contra

minha pele suada até que nossas respirações roucas estejam calmas o suficiente para nos movermos novamente.

O farfalhar do tecido chama minha atenção, e quando olho por cima do ombro, Emory está sem camisa. Ele amassa a camiseta e limpa a bagunça entre minhas pernas e costas antes de me virar lentamente. Ele entrelaça os dedos no meu cabelo emaranhado e encara meus olhos.

Minha cabeça está uma bagunça.

Fica ainda mais bagunçada quando ele pressiona a boca na minha e me deixa sem fôlego com um beijo que termina com uma sensação inesquecível.

Cinquenta e Dois

Emory

Ajusto minha gravata borboleta no espelho pela terceira vez, e ainda é cedo demais para sair de casa. Estive contando as horas até o evento de caridade, mas apenas porque é quando verei Scottie novamente.

Ela saiu naquele carro veloz dela há horas para ir à casa de Vivian, com o vestido a tiracolo e um rubor bonito espalhado pelas bochechas, resquício do que estávamos fazendo logo antes.

Não me canso dela.

Não sei o que isso significa, e não quero questionar.

Tudo o que sei é que, de alguma forma, entre o momento em que ela me encurralou no banheiro da arena e agora, ela se tornou minha coisa favorita no mundo.

Encaro as cobertas bagunçadas na nossa cama, amando que estejam todas desarrumadas porque a tive ali há poucas horas. Sorrio com o pensamento de quão inútil é arrumá-la novamente quando sei muito bem que vou tirar aquele vestido que comprei para ela assim que chegarmos em casa, mas me movo para fazê-lo mesmo assim.

Passando a mão para pegar um travesseiro do chão, algo estala sob meu sapato. Abaixo-me, tanto quanto minhas calças de alfaiataria permitem, e deslizo o papel com o pé até que ele fique visível.

Levantando-me, seguro o envelope e o examino rapidamente. Franzo a testa enquanto releio o cabeçalho.

Deacon Law Firm.

É tentador. Realmente é.

Há um mês, eu o teria aberto sem me importar com o que Scottie sentiria.

Mas agora?

Tenho dúvidas. É uma traição à privacidade dela.

Coloco o envelope em cima da cômoda, deixando-o à vista. Se Scottie souber que o vi e ainda assim não oferecer algum tipo de explicação, então a questionarei.

Afinal, sou o marido dela. Supostamente, devemos compartilhar coisas um com o outro, certo?

Paro e olho para meu dedo anelar.

Isso é um padrão duplo vindo de mim.

Se devemos compartilhar coisas um com o outro, então eu provavelmente deveria parar de ser tão covarde e contar a ela como realmente me sinto.

Suspiro e pego minhas chaves na cômoda, indo para o evento cedo demais. Mas ficar aqui discutindo comigo mesmo sobre contar ou não à minha esposa que não quero mais que nosso casamento seja uma farsa parece contraproducente.



— Olson. — O treinador Jacobs acena para mim enquanto gira um líquido âmbar em seu copo de cristal.

— Treinador — digo, acenando de volta.

Estamos todos vestidos impecavelmente, ele com um terno azul-marinho, eu com um preto. Alguns dos caras estão com outras cores. Malaki está com um terno rosa empoeirado, que a princípio achei ridículo, mas, de alguma forma, com sua confiança, ele consegue fazer funcionar.

— Quero dizer algo a você — o treinador baixa a voz, o que é uma mudança do grunhido que costumo ouvir no vestiário. Ele gesticula para uma mesa de coquetel vazia, e eu o sigo.

Olho para a multidão, esperando Scottie e as outras mulheres entrarem como se fossem donas do lugar. Estou inquieto sem ela ao meu lado, o que é incomum para mim.

— Quero te agradecer.

Viro-me para o treinador e lanço um olhar incrédulo.

— Pelo quê?

Ele toma um gole de seu uísque.

— Você tem sido um ativo para este time. Não tinha certeza, quando te contratamos, se era a decisão certa. O conselho ficou debatendo a decisão. — Ele coloca o copo na mesa. — Especialmente depois de trocar alguns... agitadores.

Solto uma risada nasal quando o rosto de River vem à minha mente.

— Essa é uma maneira gentil de dizer.

— Com seu histórico, eu estava hesitante porque você parecia ser um também.

Aperto a mandíbula.

— Não sou.

— Fico feliz que você tenha provado que eu estava errado. — Ele se vira, e eu encaro a lateral de seu rosto. O treinador Jacobs é jovem para um técnico de hóquei. A maioria está na casa dos cinquenta, mas ele mal chegou aos quarenta e poucos, e não posso deixar de notar que ele não usa um anel como eu.

Ser um homem casado faz você pensar diferente.

— A propósito... — Ele olha para a multidão crescente. — Você não precisava de um casamento falso para consertar sua reputação. Você fez isso sozinho com sua liderança no gelo.

Ele se vira para me olhar, e eu estreito o olhar.

— Não sou tão ingênuo, Olson. Vocês acham que não sei nada sobre vocês além das estatísticas, mas isso não é verdade. Faço uma verificação completa de antecedentes de todos os homens antes de deixá-los entrar no meu domínio. Também sei que ela trabalhava no Cat House.

Meu coração bate forte no peito, e não consigo decidir se é raiva, posse ou proteção que estou sentindo. Com a pressão arterial subindo, acho que pode ser os três.

Tenho um impulso repentino de provar a ele que meu casamento com Scottie é real, embora, no fundo da minha mente, saiba que não é.

Pelo menos, não desde o início.

Agora, não posso evitar sentir que é.

Ele ri.

— Sem surpresa.

— O quê? — Minha voz está no limiar da raiva, e embora ele seja meu treinador, vou colocá-lo no lugar dele, porra, se for necessário

quando se trata dela.

Ele se vira.

— Não é surpresa que você tenha se apaixonado pela sua esposa falsa.

Silêncio.

Não digo nada.

Não nego.

Apenas fico quieto.

— Conheci o pai dela. — O treinador bate os nós dos dedos na mesa antes de pegar seu copo. — Era um bom homem. Sabia de hóquei, isso é certeza. — Ele pigarreia. — Ela se parece com ele.

Sinto o ciúme fervendo, o que é absurdo pra caramba. Só porque ele conheceu o pai da minha esposa não significa que sabe mais sobre ela do que eu. No entanto, isso me impulsa a descobrir cada detalhe sobre Scottie. Quero saber *tudo* o que há. Sua infância, suas memórias favoritas, suas piores memórias, seus objetivos, seus medos. Tudo.

— Melhor ir buscá-la — ele diz, se afastando. — Ela está chamando muita atenção com esse vestido. — Sua risada profunda chama minha atenção. — O pai dela a arrastaria daqui tão rápido se estivesse aqui.

Viro-me, e meu estômago despenca.

Tenho visão de túnel, e a única coisa que vejo é ela.

Meu Deus.

Ela é minha.

O salão parece girar ao redor dela, e quanto mais me aproximo, mais meu pulso acelera. A mão dela está envolvendo meu coração, e ela aperta a cada piscar de seus cílios.

Estou grato por ela não ter exagerado, porque, para ser honesto, Scottie não precisa de maquiagem para ser bonita. Ela é deslumbrante nos modos mais sutis — traços suaves sem uma única falha, olhos azuis-bebê que te sugam com um único olhar, e o tom de seus lábios já está chamando todos os homens no salão.

Seu riso doce capta minha atenção através do burburinho do ambiente depois que Georgia sussurra algo para ela. Matthew surge atrás de sua noiva e a inclina para trás para um beijo rápido. Os olhos de Scottie brilham, e ela sorri.

Eu me aproximo.

Seu leve suspiro preenche o espaço entre nós, e surpresa passa por seu rosto.

— Oi, querida — digo suavemente.

Ela pisca várias vezes e inspira. Suas costelas se expandem no meu aperto.

— Oi. — Ela expira, e é o aroma mais doce que já senti.

Sem pensar muito, arrasto minha mão até seu rosto e seguro sua bochecha. Minha boca cai sobre a dela, e sorrio para mim mesmo quando ela cede imediatamente. Seu corpo relaxa, e seus lábios se entreabrem. Ela me deixa reivindicá-la na frente de todos, como se não pudesse imaginar me negar.

Depois que me afasto e o salão volta ao meu campo de visão, olho para ela.

— Você está linda.

Meu estômago se enche de nervos, mas são desconhecidos. Não são os mesmos que sinto antes de entrar no gelo. Esses são frágeis, como se fossem capazes de fazer muito mais do que me dar uma sensação duradoura de raiva ou decepção por jogar mal. Esses podem me destruir.

— Nossa — ela sussurra no meu ouvido. — Isso foi muito convincente. Está tentando provar algo para alguém?

— É melhor que seja convincente. Foi real.

Ela revira os olhos de brincadeira, e eu a seguro mais firme pela cintura.

— E sim, estou tentando provar algo.

Mal sabe ela, estou tentando provar algo para ela.

Cinquenta e Três

Scottie

Ele vai despedaçar meu coração.

Pela primeira vez na vida, ele parece cheio. Sinto-me completa e segura. Não consigo lembrar de um momento em que já me senti assim, nem mesmo com William por perto.

É como se eu tivesse o mundo nas mãos, quando, na realidade, não tenho.

Na verdade, a única coisa que tenho na mão é a do meu marido falso, com um anel no dedo que não é permanente.

Emory sussurra no meu ouvido:

— Quer uma bebida?

Balanço a cabeça. Da última vez que bebi, entrei em uma espiral. Não vou fazer isso de novo.

— Que tal um biscotti?

Minha boca se contrai.

— Não têm biscotti aqui.

— Têm, sim. — Um sorriso malicioso aparece em sua boca. — E ela tem um sabor extra doce.

— *Emory* — sussurro em advertência.

Ele dá de ombros, e, por algum motivo, estou cheia de borboletas. Meus pés se arrastam contra o chão brilhante, e sorrio

para os rostos familiares que vejo até estarmos ao lado de Rhodes, com seus ombros tensos e postura taciturna.

— Cadê minha garota? — Malaki pergunta a ele quando entramos na conversa.

Rhodes grunhe.

— Em casa com uma nova babá.

— Outra babá nova?

Rhodes encara Malaki.

— Se você disser uma palavra sobre transar com a babá, vou te derrubar com um soco.

Malaki parece horrorizado com a afirmação.

— Eu nunca faria isso.

— Sim, você faria — Emory adiciona.

Eu rio, e Emory sorri para mim.

Malaki bufa antes de pegar minha mão e beijá-la.

— Você está deslumbrante, Scottie.

Sorrio.

— Obrigada.

Emory puxa minha mão e a entrelaça com a dele.

— Isso é Sra. Olson para você.

— Para com isso — repreendo, apertando sua mão.

Todos riem, e até Rhodes dá uma risadinha abafada.

Emory não cede, no entanto, e me pergunto o que deu nele. Ele está exagerando esta noite. Na verdade, não parou de me tocar desde que entrei no evento, o que aprecio, porque, para uma garota como eu, isso é intimidador.

Sinto-me como um peixe fora d'água, como se tivesse *lixo branco* estampado na testa, ou como se um cheiro me seguisse, dizendo a todas as pessoas ricas neste prédio que não sou deste mundo e que nem pertenço aqui.

O vestido parece caro demais envolvendo meu corpo, e Emory está atraente demais para ser meu.

— No que está pensando? — Emory sussurra no meu ouvido, ignorando a conversa entre Malaki, Kane e Rhodes. Embora Rhodes mal esteja falando.

Engulo uma mentira e digo a verdade.

— Honestamente? — Olho para ele e foco na pequena ruga entre suas sobrancelhas. — Estou pensando em como não pertenço a este mundo.

Algo semelhante a raiva passa por seu rosto.

— Como assim?

— Emory, vamos lá — sussurro, erguendo uma sobrancelha antes de acenar para a multidão se misturando. — Olhe para eles, e depois olhe para mim.

Mesmo quando estava me arrumando com as garotas, não pude evitar me sentir deslocada. Elas estão acostumadas com essa vida e não tiveram problemas para deslizar em seus vestidos elegantes, ainda mais luxuosos que o meu. Os homens estão todos bem-arrumados com suas gravatas borboletas e licor âmbar em copos de cristal. É um evento maravilhoso, arrecadando dinheiro para o câncer infantil, mas, vamos encarar, eu não pertenço. Na verdade, eu mesma sou um caso de caridade, e Emory é o doador, porra.

— Oh, eu estou — ele afirma. — Na verdade, não consigo olhar para outro lugar.

Emory puxa minha mão, e eu o sigo, sorrindo para Hattie e Angela enquanto elas tomam coquetéis sofisticados.

— Aonde estamos indo?

Emory acelera o passo, acenando para alguns colegas de time aqui e ali. Quando desaparecemos em um corredor silencioso revestido de papel de parede elegante, ele me empurra gentilmente contra a parede e inclina meu queixo para trás.

— Não quero ouvir você dizer isso nunca mais.

— Dizer o quê? — pergunto, bufando. — A verdade?

— A verdade? — As sobrancelhas de Emory se franzem, e ele percorre meu rosto com o olhar. — Scottie, você provavelmente é a única pessoa neste evento que realmente pertence.

Reviro os olhos, sentindo-me subitamente constrangida, mas irritada ao mesmo tempo.

— Emory, eu sou um caso de caridade, porra. Eu *não* pertenço aqui.

Ambas as mãos dele seguram minhas bochechas. Ele fala tão baixo que mal posso ouvi-lo.

— Você é a pessoa mais justa que já conheci.

Tento desviar o olhar, mas ele aperta meu rosto gentilmente.

— Quero que você me olhe enquanto te elogio, porque é disso que você precisa. — Ele faz uma pausa. — Especialmente do seu marido.

— Mas você não é—

Seus olhos brilham por uma fração de segundo.

— Não estou fazendo um bom trabalho como marido se você pensa qualquer coisa menos de si mesma.

Meu coração bate forte.

É difícil pensar direito quando Emory está tão perto.

Ele torna tudo o que diz tão crível que me vejo ficando quieta e ouvindo.

— Você é gentil, generosa e empática. Parece imperturbável por coisas que sei que te incomodam — como quando está frio lá fora e te pego levando um cobertor extra para o Shutter e embrulhando-o como um burrito enquanto ele ronrona. — Minhas bochechas ficam quentes, mas mantenho meus olhos nos de Emory. — Você cuida das crianças do time quando ninguém te pede, e fica feliz em fazer isso. — Emory ri profundamente, como se estivesse incrédulo. — Você é tão altruísta pra caramba que *se casou* comigo por dinheiro, e aposto minha vida que você não precisa do dinheiro para si mesma.

Engulo em seco, mas não nego.

— Você tem um coração de ouro.

Meu queixo tremula.

— Você foi abandonada quando criança e deixada para se virar sozinha, mas não tem um pingo de ódio pela sua mãe.

Meus olhos ficam embaçados, e dessa vez, eu desvio o olhar.

Os polegares de Emory esfregam suavemente minhas maçãs do rosto, trazendo meu foco de volta aos olhos dele.

— E só para deixar claro, não há ninguém por perto agora. Isso não é para mostrar, Scottie. Quero dizer cada palavra.

Minhas mãos começam a tremer quando Emory agarra meus quadris. Nossos olhos se encontram, e ele olha diretamente para minha boca.

— Quando te toco... — Suas palavras se dissipam enquanto ele arrasta as mãos para baixo, segurando-me pela bunda. — Seja na frente de uma multidão ou dentro da nossa casa...

Nosso lar.

Meu Deus, amo o som disso.

— É porque quero.

Emory puxa minha perna lentamente para fora da fenda alta do meu vestido e a envolve ao redor dele. Curvo meu corpo para ficar mais perto. O calor cobre minha pele com a sensação de sua palma deslizando mais perto. Ele está me provocando, e nem sei se é intencional.

— Trinta minutos a mais, e estamos indo embora.

Ele me encara intensamente antes de deslizar lentamente o lado da minha calcinha de renda.

— E então vou tirar esse vestido de você e garantir que acredite em cada palavra que acabei de dizer.

Mal posso esperar.

Meus olhos se fecham quando ele puxa o material de renda para o lado e sente o quão molhada estou.

— Quer que eu te toque agora? — ele murmura, beijando a lateral do meu pescoço.

Estou desesperada, e é patético. Nem pretendo assentir, mas o faço, e acompanho com um:

— Mm-hm.

Ele estala a língua.

— Que tipo de marido eu seria se negasse minha esposa?

Seu dedo afunda dentro de mim, e eu ofego. Toda vez que ele me chama de *sua esposa*, meu coração despenca.

— Boa garota — ele murmura, puxando o lóbulo da minha orelha com os dentes. Ele me penetra mais fundo, e eu me movo contra sua mão mais rápido, mostrando o quão boa garota posso ser para ele.

Agarro seus ombros para me estabilizar. Meus joelhos tremem, e eu gemo.

— Gosto de ser uma boa garota para você — admito timidamente.

Não sei o que deu em mim, mas com o olhar de pura posse em seu rosto, sei que ele gostou de ouvir isso.

— Não vou esperar até chegarmos em casa.

— O qu—

Emory solta minha perna e me puxa com ele em direção ao banheiro. Ele é um homem em uma missão, e quem sou eu para detê-lo?

— O banheiro masculino? — pergunto, em pânico.

Ele abre a porta, e há um cavalheiro mais velho lá dentro. Ele nos olha e sorri antes de nos deixar sozinhos.

Assim que a porta se fecha e Emory a tranca, ele se vira com seus olhos azuis mais escuros que o normal e a mandíbula flexionando com necessidade.

— Você gosta de ser minha boa garota?

Assinto timidamente e me encosto na pia.

— Bom — ele afirma, pendurando o paletó na maçaneta trancada.

Meu coração dá um salto triplo quando ele enrola as mangas da camisa social branca até os antebraços. Suas veias saltam, e juro por Deus, ele fica dez vezes mais quente.

— Então você vai ser minha boa esposa e deixar que eu te foda neste banheiro.

Cinquenta e Quatro

Emory

Estou fodendo minha esposa no banheiro masculino, e a estou tratando como se ela fosse uma vadia, mas, porra, acho que ela gosta disso.

Ela está encharcada, e meu pau desliza facilmente, dando a nós dois o alívio que estamos desesperados para sentir. Eu a pego por trás e a empurro para baixo até que ela esteja completamente contra o balcão. Entro e saio, obcecado com o quão bom é. Mantive a calcinha dela porque estava ansioso demais, mas agora quero ver tudo dela. Arranco-a, puxando as tiras de renda até que caiam sobre meus sapatos de gala.

— Olhe para você — digo, puxando-nos para a posição vertical.

Ela está corada por inteiro, e suas bochechas estão brilhando com prazer.

— Olhe para você, me deixando te tomar em um banheiro como se fosse uma vadiazinha suja. — Sua boceta se aperta, e eu entro com mais força. *Meu Deus*.

— *Emory*. — Ela diz meu nome como se fosse sua salvação, e eu amo isso.

Aperto a mandíbula para me impedir de gozar.

— Você é vadia só para mim, no entanto...

Um gemido escapa dela, e eu fecho os olhos. *Meu Deus*, *ela gosta quando falo sujo com ela*.

— Diga.

— Sou vadia só para você. — Ela é tão obediente quando a tenho assim. É o equilíbrio perfeito.

Assim que ela diz isso, ela explode. Ela aperta meu pau, e seu corpo tenso se move contra mim enquanto uma onda de prazer a sacode.

— *Porra*. — Faço um barulho que acho que nunca fiz antes. Rapidamente saio dela e a movo para o lado, jorrando meu gozo na pia.

Estamos ambos ofegantes e agarrando o que podemos para nos mantermos de pé por tanto tempo que há uma batida na porta.

Scottie inspira fundo e rapidamente ajusta o vestido contra o corpo. Pego a calcinha dela e a coloco no bolso antes de encará-la.

Estou apaixonado por ela.

Estou completamente apaixonado por ela, porra.

Deslizo minha mão na dela quando há outra batida. Dou uma piscadela para ela.

— Relaxa, querida.

Sou eu. *Eu sou o que precisa relaxar*, *porra*.

— Relaxar? — ela apressa. — Emory! Acabei de deixar você me foder neste banheiro, e provavelmente há uma fila de homens lá fora que vão pensar que sou uma vadia.

Pego meu paletó, e com a mão na maçaneta, olho para seu rosto preocupado.

— A única coisa que eles vão pensar é como sou sortudo por ser seu marido. — Suas sobrancelhas franzidas relaxam ligeiramente. — Você pode ser uma vadia para mim, mas nunca para eles.

Ela cora.

Objetivo alcançado.

Quando abro a porta, não fico surpreso ao ver apenas um homem parado ali. Homens não vão ao banheiro em grupos como as mulheres.

Ergo as sobrancelhas para Scottie. *Viu*?

Mas ela não está olhando para mim.

Ela está olhando para ele.

E realmente não gosto da expressão em seu rosto.

Viro-me para o homem e o avalio rapidamente.

Ele está usando um terno elegante, e considerando que conheço praticamente todos os afiliados à liga, ele provavelmente é um dos doadores.

— Com licença — digo com um tom elevado.

Puxo Scottie para o outro lado de mim porque sou egoísta e não quero os olhos dele nela, especialmente com o olhar de familiaridade que está acontecendo entre os dois.

Sua risada desliza pela minha espinha, e eu paro com as costas para ele. Scottie puxa minha mão, mas ignoro o puxão. Olho por cima do ombro, e ele tem um sorriso malicioso no rosto que precisa ser apagado, porra.

— Os rumores são verdadeiros? — ele pergunta.

— O rumor do nosso casamento? — Tenho certeza de que ele não está se referindo a isso, mas garanto que ele saiba que é. — Sim.

— Não. O de que ela tem gosto de cereja.

Scottie rosna baixo antes de dar um passo à frente.

— Não gostaria de saber? A resposta ainda é *não*.

Puxo minha esposa ousada e de boca afiada para trás de mim com um pouco de orgulho inchando no meu peito. Ela não precisa de mim para lutar suas batalhas, mas eu as lutarei com prazer mesmo assim.

— Você deve frequentar o Cat House.

Ele parece orgulhoso, mas dou um passo à frente para acabar com isso imediatamente.

— Emory — Scottie avisa.

Viro-me e pisco para ela por cima do ombro. *Relaxa*.

— Quer saber como ela é? — O homem me encara com suspeita. Estou a um golpe de distância, o que significa que poderia nocauteá-lo se tentasse, mas não o faço porque sou um homem adulto, e não há nada mais humilhante do que descobrir que a mulher mais quente deste evento não é sua. — Ela tem meu gosto.

O choque passa por seu rosto, e eu sorrio com confiança.

— Seria melhor se você se lembrasse disso.

Viro-me e olho diretamente para o sorriso escondido de Scottie. Minha mão encontra a dela antes de dizer por cima do ombro:

— Ah, e se você falar com minha esposa, é melhor que seja com respeito, porra.

Scottie e eu entramos no evento e agimos como se nada tivesse acontecido. Sempre que compartilhamos um olhar que dura mais de um segundo, eu sorrio, e ela cora. Continuo chamando sua atenção quando ela está com as esposas, só para ver o rosa se espalhar por suas bochechas. Bato no bolso na próxima vez que ela olha para mim, e ela revira os olhos com um brilho neles.

Quando uma mulher mais velha se aproxima das esposas e começa a conversar com elas, volto a ficar em silêncio com Rhodes.

— Isso é uma atuação impecável, Olson.

Coloco um dos aperitivos na boca e ignoro o brilho de conhecimento de Rhodes.

— Já disse a ela que está apaixonado por ela? — ele pergunta.

Dou de ombros. Não há necessidade de explicar para ele. Um homem tão quieto e estoico quanto ele? Ele vê tudo.

— Não exatamente.

Ele suspira.

— Pensei que você fosse mais esperto que isso.

Me encosto na mesa de coquetel e o vejo se afastar antes de voltar minha atenção para Scottie. Minhas mãos ficam suadas com o pensamento de dizer a ela que a amo, porque nunca disse a ninguém que os amava, além da minha família.

Não é uma frase que uso com frequência, e definitivamente não é uma frase que uso sem pensar.

Mas talvez eu devesse.

As três palavras estiveram na ponta da minha língua mais de uma vez, e tive que descartá-las todas as vezes.

Levanto-me da mesa quando Scottie começa a vir na minha direção. A maior parte do time já foi embora agora, e com o treinador Jacobs saindo pela porta após Rhodes, é a nossa deixa para ir também.

— Pronta? — pergunto ansiosamente.

Scottie pisca algumas vezes e olha para a mulher com quem estava conversando momentos antes.

— Hm...

— O que foi? Ela disse algo sobre você ter gosto de cereja também? Porque vou colocá-la no lugar dela também, se precisar.

Uma explosão de risada escapa dela, e é genuína.

Eu sorrio.

— Acha que estou brincando?

— Você está sendo terrivelmente possessivo — ela provoca. — Claro que não preciso que você coloque aquela mulher no lugar dela. — Ela não consegue esconder o sorriso, e eu não consigo parar de encará-lo. — Você pode precisar me colocar no lugar, no entanto.

— Por quê? — Envolvo meu braço em sua cintura e puxo seu cabelo cacheado para o lado enquanto seguimos para a saída. — A foda rápida não foi suficiente?

Ela engasga com um suspiro. Cutuco sua lateral para fazê-la rir novamente.

Estou flertando com ela, e nem é intencional.

— Ela... quer que eu tire fotos para a empresa dela.

Paro-nos bem na saída do evento.

— Espera, o quê?

Scottie morde o lábio, e eu me concentro nisso.

— Sim, ela disse que viu nossas fotos de casamento. — Ela dá de ombros. — Postei mais algumas outro dia porque... simplesmente gosto muito delas. Estou orgulhosa delas.

Eu também.

— Enfim, ela é dona de uma butique de alto padrão no centro, e perguntou se eu poderia tirar fotos de algumas modelos com os vestidos para o site dela e algumas revistas.

— Scottie. — O orgulho me engole por inteiro. — Isso é...

— Loucura. Certo? — Ela joga as mãos para o ar. — Não sou uma fotógrafa chique. A bateria da minha câmera é uma porcaria, mal dura vinte minutos. Não tenho o equipamento certo, e sou...

Eu termino o pensamento por ela.

— Talentosa pra caramba.

Scottie para de falar e me encara com ceticismo.

— Você disse sim?

Ela morde o lábio novamente, e eu rapidamente estendo a mão para libertá-lo para que ela saia desse transe.

— Bem, sim. — Ela fala tão rápido que mal consigo entendê-la. — Mas tenho que ligar para ela e dizer que não posso fazer isso. Não sou uma fotógrafa profissional. Não posso...

— Por que não pode? — Agarro seus braços, e ela fecha a boca.

Ela alterna seus olhos azuis preocupados entre os meus.

— Porque... — Ela olha para outro lugar. — Não é prático. Leva anos para construir uma clientela respeitável e criar um portfólio

sólido. Não é financeiramente estável para alguém como eu, com responsabilidades e... — Ela se interrompe, e eu não entendo.

— E o quê? — pergunto.

Vejo-a se fechar imediatamente. Ela balança a cabeça e começa a caminhar em direção à porta. Se ela acha que vou deixar isso passar, não me conhece tão bem quanto pensei. Está na hora de Scottie e eu colocarmos tudo às claras. Ela é minha esposa, e quero saber tudo sobre ela — até seus medos.

Sigo-a.

— Você sabe que moramos juntos, certo? Só porque você se afasta não significa que a conversa termina.

Meu tom provocador desvanece quando a alcanço. Todo o seu corpo fica tenso, e ela dá um passo para trás. Vejo a cor sumir de seu rosto.

— Scottie.

Seus olhos caem para a calçada, e eu faço o mesmo. A raiva queima minha pele com um aperto na mandíbula.

— Solte minha esposa — exijo, flexionando o punho.

As narinas de Scottie se abrem, e ouço suas respirações ofegantes. Ela puxa a mão, e o homem sem-teto crava os dedos sujos em seu pulso.

A única razão pela qual não o joguei para trás é porque não quero assustar Scottie. Lembrando do que Scottie me contou sobre sua mãe, suspeito que há algo enterrado aqui que não sei exatamente.

— Vou pedir mais uma vez para soltar minha esposa antes que eu remova sua mão fisicamente.

O homem sem-teto resmunga baixo. Ele finalmente solta Scottie, e ela tropeça para trás. Vejo Kane olhando das portas do evento, e ele está ao nosso lado antes que eu possa sinalizar para ele. Ele segura Scottie pela cintura. Ela está tremendo como uma folha, e eu poderia vomitar com a visão. Viro-me para ameaçar o homem, mas paro quando o vejo murmurando para uma mulher deitada de lado em cima de uma caixa de papelão logo atrás dele.

A percepção de quem ela é me atinge.

Merda.

Viro-me e vejo que Kane se colocou na frente de Scottie. Malaki começa a se aproximar, e ele dá uma olhada na situação antes de se alinhar com Kane. Não dou uma segunda olhada na mãe dela enquanto sigo direto para minha esposa.

Entro entre ela e Kane e passo os dedos pelo seu cabelo para que ela me olhe. O brilho embaçado corta fundo.

— Vamos para casa, querida.

Seu lábio inferior tremula, mas Scottie é resiliente. Observo enquanto ela se repreende silenciosamente antes de colocar a mão na minha e me deixar levá-la até o carro.

Nenhum de nós diz nada quando o motor liga.

Coloco a mão em sua coxa enquanto ela olha pela janela, silenciosamente deixando-a saber que estou aqui se ela precisar de mim.

Exceto que não estou totalmente certo de que ela realmente precisará de mim.

E se precisar, não acho que ela admitirá.



Estou entrando e saindo de um sono inquieto, acordando a cada hora em ponto.

Um bocejo sai da minha boca enquanto estendo a mão para ela, garantindo que está bem.

Scottie não disse uma palavra, exceto um "*Estou bem*" seco. Depois que tomamos banho, ela subiu na cama comigo, e eu podia ouvir seus pensamentos conturbados como se fossem meus.

Não pressionei nem a forcei a falar comigo.

Envolvi meu braço em sua cintura e esperei sua respiração acalmar antes de adormecer também.

— Ei — digo rouco. — Você está bem?

Algo macio roça meu braço, e eu abro os olhos.

Que diabos?

Levo um segundo para me ajustar ao quarto escuro. Encaro o lado dela da cama, mas em vez de Scottie, vejo dois olhos brilhantes me encarando de volta.

Sento-me imediatamente.

— Shutter?

Para minha surpresa, ele solta um miado alto. O gato do lixo caminha até mim e cutuca minha mão antes de morder suavemente meu polegar.

Ele pula da cama e desfila até a porta aberta do quarto.

Olho ao redor do quarto.

— Scottie?

Shutter mia novamente, e ele me encara do limiar.

Meu coração dispara quando ele volta para o cobertor e me fuzila do pé da cama.

Ele mia novamente, e dessa vez, é mais alto.

Jogo as cobertas das pernas, e Shutter corre para chegar à porta antes de mim.

— Scottie? — repito, olhando ao redor do quarto mais uma vez.

Shutter mia e passa correndo pelas minhas pernas, competindo comigo até as escadas.

Sigo-o com uma inquietação sustentando cada passo.

Onde está ela, e por que Shutter está dentro?

A casa está envolta em escuridão, e há um frio no ar que sei que vem de fora.

Encaro a porta da frente aberta, e um medo como nunca senti envolve minha garganta e me sufoca.

— Scottie? — Meu tom é firme.

Shutter roça contra mim e morde meu tornozelo. Puxo a perna para trás e o encaro. Assim que ele me vê olhando, desfila até a cozinha e para na frente da porta da despensa. Ele a arranha algumas vezes antes de eu caminhar até lá e puxá-la lentamente.

O choque me faz cair de joelhos quando a vejo. Puxo-a para meu colo e rapidamente solto seus dedos do aperto firme no cabo da faca. Ela desliza para o chão com um estalo.

— Querida, o que você está fazendo? — Tento manter meu tom normal.

Todo o seu corpo treme no meu aperto, e quando nossos olhos se encontram, não tenho certeza se ela me reconhece, o que me assusta pra caramba.

Cinquenta e Cinco

Scottie

Não consigo respirar.

Minha mão dói, e o quarto vira de lado.

— Scottie.

Meu coração bate rápido demais. Pressiono a palma no centro do peito para fazer parar, mas não para.

— *Merda*. Querida.

Por que o quarto não para de girar, porra? Estou presente, mas não estou. A dor na minha mão me ancora na realidade, mas a profunda pontada de medo obscurece tudo até que eu esteja em uma espiral.

Mas então, para.

De repente, o ar enche meus pulmões, e os pensamentos evaporam.

Até a dor aguda subindo pelo meu braço desaparece.

Seus lábios são calmantes, e o gosto dele contra minha língua é como um remédio. Quando o quarto se endireita, encaro os olhos preocupados de Emory, com medo demais de desviar o olhar, mas envergonhada o suficiente para querer fazê-lo.

— Quem é William? — ele sussurra, limpando minhas bochechas molhadas.

— O... quê? — Meu corpo aquece. Estou suada, mas também gelada até os ossos.

— Merda. — Emory puxa minha mão para perto de seu rosto e a inspeciona. — Sua mão.

Ele me levanta do chão, e a confusão me segue até que ele me coloca no balcão da cozinha ao lado da pia. Seu aperto nunca me deixa. Mesmo enquanto alcança o pano de prato e o molha sob o jato de água, ele mantém a mão na minha perna.

— Vem aqui — ele murmura suavemente, puxando minha mão para mais perto. Um a um, ele solta meus dedos e revela minha palma cortada. Eu me contraio com o toque do pano frio. Um silvo escapa entre meus dentes pela ardência, mas desaparece quando Emory desliza a mão pelo meu pescoço até que seus dedos estejam enterrados no meu cabelo.

— Quem é William? Ele entrou na casa?

— O quê? — Balanço a cabeça com o pensamento absurdo. — Não.

— A porta estava aberta — ele argumenta, alternando os olhos entre os meus. Há uma linha de preocupação entre eles, e odeio que eu seja a razão disso.

Estou mortificada e envergonhada. Faz anos que não faço isso. Mal consigo olhar Emory nos olhos porque ele provavelmente acha que sou louca.

Meu lábio inferior tremula pela segunda vez em menos de vinte e quatro horas.

— Desculpe-me tanto. — Engulo o nó apertado na garganta. — Não há ninguém na casa.

Inclino-me ligeiramente para frente e olho para meus pés para ver se estão cobertos de terra.

Graças a Deus, não estão.

— Scottie, a porta está aberta. Tem certeza de que ninguém entrou?

Assinto, totalmente confiante de que fui eu quem abriu a porta.

— Desculpe-me tanto. Tive um pesadelo... — Uma lágrima escorre pela lateral da minha bochecha, e eu me viro para escondê-la.

Foi porque a vi.

Para de chorar.

— Não faça isso. — Emory fala tão suavemente que mal o ouço.

Pigarreio após engolir o nó apertado na garganta.

— Não faça o quê?

Estou fazendo o meu melhor para parecer imperturbável, mas sei que é uma tentativa patética.

— Não me exclua. Deixe-me estar aqui para você.

Meu queixo tremula enquanto considero correr pela porta da frente e nunca olhar para trás, mas sou realista, e sei que não chegaria nem à saída da cozinha sem que Emory me puxasse para trás.

— Estava tentando te dar espaço antes. — Ele segura meu queixo e me faz olhar para ele. — Mas você não precisa de espaço. — Ele faz uma pausa. — Você precisa de mim.

A primeira coisa que vem à mente é que não preciso de ninguém.

Mas quanto mais encaro seus olhos calmos e mais seu polegar roça meu queixo, mais sinto que estou balançando.

Não tem nada a ver com confiança.

Confiei nele no momento em que o encurralei no banheiro e tentei explorá-lo.

É sobre eu ter medo de precisar de alguém, por mais que não queira admitir isso.

Emory puxa meu rosto para mais perto do dele, e nossas testas descansam uma contra a outra.

— Para o melhor ou para o pior, Scottie. Fiz votos. Dê-me uma chance de mantê-los.

Afasto-me e encaro seus olhos. Não me preocupo em não chorar, porque exige muito esforço, e se vou fazer isso, vou precisar de toda a força que me resta.

— Antes de te contar tudo, preciso que me prometa algo — minha voz falha.

— Qualquer coisa.

É surreal ver um homem tão forte e obstinado se tornar tão suave e genuíno. É difícil acreditar que ele quer ser assim comigo.

— Não quero que você tente consertar isso. — Suas sobrancelhas se franzem, mas continuo antes que ele me interrompa. — Prometa-me que nada vai mudar. Você e eu temos um acordo, Emory. Depois que o ano acabar e o contrato terminar, é quando você me paga. Nada muda.

Do contrário, é fácil demais. Não importa quem Emory seja para mim, isso não é responsabilidade dele. Começamos isso com termos simples, e não vou voltar atrás porque ele sente pena de mim.

Ele parece querer discutir, mas, em vez disso, assente.

— Tudo bem.

Shutter pula no balcão, e espero que Emory o enxote para fora, mas ele não presta atenção, nem mesmo quando ele sobe no meu colo e esfrega o rosto na parte de trás da minha mão machucada.

— William é meu irmão — começo com a coisa mais importante. — E ele está na prisão.

Os ombros tensos de Emory relaxam, e eu franzo as sobrancelhas.

— Por que você parece... aliviado?

Ele suspira baixinho.

— Pelo jeito que você disse o nome dele, eu sabia que ele significava algo para você. Tive medo de que fosse um ex.

O menor dos sorrisos aparece nos meus lábios, mas dura apenas um segundo.

Emory afasta o pano antes de pressioná-lo de volta. Ele me pega nos braços e nos leva até a porta. Ele a fecha com o pé, e enquanto nos leva em direção às escadas, vejo Shutter seguir com patas silenciosas.

— Você sabe que Shutter ainda está aqui, não é?

— Sim. — Emory nos coloca na cama, mas me mantém em seu colo. — Ele pode ficar.

Estou chocada. Olho para ele enquanto ele observa Shutter se deitar em um lugar confortável ao pé da cama.

— Pode?

— O gato do lixo subiu até aqui e me acordou. Depois me levou até você. — Emory me puxa mais forte. — Então, sim, querida. Ele fica. Agora me diga por que seu irmão está na prisão e por que você está escondendo uma pilha de cartas de advogados debaixo da nossa

cama. Diga-me o que te deixou tão perturbada no sono que você achou que precisava de uma faca.

— Você encontrou aquelas?

Ele assente contra minhas costas.

— Não abri, mas sim. Vi o cabeçalho.

Uma respiração trêmula escapa da minha boca, e Emory coloca um beijo suave no meu ombro.

— Vá com calma — ele me tranquiliza. — Não vou a lugar nenhum.

Ele nos ajusta na cama, e isso faz Shutter nos olhar. Ele sibila para Emory.

— Aparentemente, ele também não — Emory observa.

O toque de um sorriso roça meus lábios, e eu relaxo contra seu peito firme.

— Começou quando meu pai morreu.

Sinto o aperto de Emory aumentar contra mim.

— Minha mãe sempre foi a caótica dos meus pais. Ela gostava de festejar e sair com os amigos, o que deixava meu pai em casa comigo muito tempo.

— Você era próxima dele?

Assinto.

— Depois que ele morreu e minha mãe ficou responsável por mim, acho que ela se tornou ressentida. Uma coisa levou à outra, e ela acabou grávida de William — pai desconhecido. Não percebi na época porque era muito jovem, mas ela não cuidou do corpo como deveria.

A mão de Emory desliza pela minha perna para frente e para trás de maneira extremamente reconfortante.

— Como assim?

— Ela bebia enquanto estava grávida. Provavelmente usava algumas drogas. — Dou de ombros. — William é tecnicamente não diagnosticado, mas depois de anos cuidando dele e pesquisando, tenho certeza de que ele tem efeitos duradouros. — Escolho não detalhar toda a definição médica para Emory porque ficaríamos aqui a noite toda discutindo as deficiências cognitivas do meu irmão. Em vez disso, sigo o caminho mais fácil. — Resumindo, ele não toma as melhores decisões. É facilmente influenciado, impulsivo, e não capta sinais sociais. Foi uma luta durante toda a adolescência dele, e assim que fez dezoito anos, se meteu em uma confusão.

Respiro fundo.

— Ele foi pego invadindo e roubando. Também adicionaram incêndio criminoso à sentença dele. — A frustração sobe pela minha espinha. — Ele nem foi quem fez isso. Foi culpado, e aceitou a culpa porque, novamente, é facilmente influenciado e simplesmente... não entende.

Emory permanece em silêncio por alguns minutos, e começo a me sentir ansiosa.

Não é até que sua mão descanse contra meu lado e ele dê um aperto rápido que eu relaxo novamente.

— Então você está tentando ajudar a tirá-lo de lá. Essa é a razão das cartas do advogado e por que você precisa de dinheiro. — Não é uma pergunta, então não respondo. — Você tem cuidado dele toda a sua vida, não é?

Meu lábio desliza sob meus dentes, e eu assinto.

— Foi disso que se tratou seu pesadelo? Proteger William? Foi por isso que você tinha uma faca?

Fecho os olhos na esperança de que isso me dê confiança para responder.

— Sim. — Engulo em seco. — Não cresci no melhor lar, e depois de ver minha mãe, isso trouxe algumas memórias indesejadas.

Emory me puxa contra seu peito e beija o topo da minha cabeça. Seguro minhas lágrimas, mas a emoção me sufoca mesmo assim.

— Você está segura comigo, Biscotti.

Eu sei.



Faz quatro dias desde que confiei em Emory, e a cada dia, sinto-me um pouco mais leve. Cada manhã que ele ainda está deitado ao meu lado com um sorriso preguiçoso no rosto é outra manhã em que ele não me entrega papéis de divórcio por perceber o quanto de bagagem eu carrego.

Não tinha certeza do que esperar depois de contar a ele sobre a condição de William e a situação que o levou à prisão. Para a mulher que deveria ajudar sua reputação, tenho um passado bem fodido que vai contra tudo o que a mídia disse sobre mim até agora.

Nem Emory nem eu pensamos que receberíamos *tanta* atenção, mas depois que postei nossas fotos de casamento e a entrevista *Scottie Biscotti* dele se tornou viral, fomos idolatrados. Os Chicago

Blue Devils estão projetados para estar na briga pela Stanley Cup, e isso vem com ainda mais cobertura da mídia.

Se vazar que sou uma ex-stripper do Cat House que Emory conheceu um dia e se casou no outro, junto com o passado da minha mãe e o fato de que meu irmão está na prisão, bem... digamos que nem toda publicidade é boa publicidade.

Shutter ronrona de algum lugar que parece o topo da minha cabeça. Abro um olho, e sua cauda me acerta no rosto.

— Sério? — gemo. — Bom dia para você também.

Viro-me para Emory, mas em vez de vê-lo deitado ali, há uma caixa em seu lugar.

Sentando-me em meu estado grogue, lentamente estendo a mão e puxo a caixa para meu colo. Rio suavemente quando vejo pequenas marcas de dentes na lateral da caixa, de Shutter.

— Achou que isso era para você? — pergunto, dando-lhe um olhar.

Ele suspira e vira a cabeça, como se estivesse chateado por não ser.

Depois de abrir a tampa da caixa, congelo.

Há um pedaço de papel de caderno rasgado com a caligrafia bagunçada de Emory.

Essa bateria deve durar mais de vinte minutos.

Boa sorte hoje.

Meus olhos ficam embaçados.

Ele me deu uma câmera nova?

Sem nem pensar, pego meu celular e ligo para ele.

— Bom dia, Biscotti.

Ele está sem fôlego do condicionamento, mas ainda assim atendeu.

— Você está falando sério? — pergunto.

Meu celular faz um barulho, e eu reviro os olhos quando vejo que ele está tentando mudar para o FaceTime. Rapidamente passo os dedos pelo cabelo e pisco algumas vezes para que ele não veja meus olhos lacrimejantes. Assim que seu rosto preenche a tela, meu estômago se enche de borboletas.

— Mortalmente sério — ele diz.

— Emory. Isso é demais.

Mas eu amo.

Ele passa a mão nas costas para enxugar o rosto após engolir água. O suor pinga em sua bochecha, e é insanamente quente.

— Considerando o que quero fazer? Não é.

Ele está se referindo a pagar as taxas legais agora, em vez de seguir nossos termos. Mas eu o fiz prometer, e ele não é de quebrar promessas.

Dou-lhe um olhar, e a única coisa que isso faz é aprofundar seu sorriso. Isso me deixa louca, e de repente, encontro-me sorrindo também.

— Olhe só — ele coaxa. — Minha esposa está sorrindo na nossa cama com nada além dessa camiseta fina.

O calor se acumula no meu estômago, e meus dentes afundam no meu lábio inferior.

— Fique bem aí. — Emory se move pela sala de musculação, e eu observo em silêncio enquanto ele entra no vestiário silencioso, longe

de seus colegas de time. — Estou voltando para casa.

Eu rio.

— Para com isso.

Ele faz uma pausa.

— Você para com isso.

— Parar o quê? — pergunto, rindo novamente.

A flertação de Emory desvanece. Meu coração bate mais forte quando ele abre a boca, mas então a fecha antes de abri-la mais uma vez.

— Para de me fazer me apaixonar por você.

Deixo o celular cair.

Ele escorrega da minha mão e cai na cama.

Olho para ele e repito o que ele acabou de me dizer dentro da minha cabeça.

Ele disse?

Emory ainda está me encarando quando pego o celular novamente. Em completa negação, respiro fundo e pergunto baixinho:

— Quem está com você?

— Nenhuma alma — ele diz, encostando-se no armário.

— Mostre-me — desafio, incerta se acredito nele.

A câmera faz um giro pelo vestiário vazio, e minha boca fica seca. Quando seu rosto volta à vista, ele ergue uma sobrancelha para mim.

— Não disse isso para ninguém além de você, Scottie.

— Você não está se apaixonando por mim — digo.

Ele assente.

— Você está certa.

Aperto minha coxa para me distrair da completa e total decepção que sinto. Mas então ele sorri.

— Já estou apaixonado.

Minha boca se abre, e algo quente se enterra no meu peito.

— Olson! Volte para suas repetições!

A atenção de Emory se desloca, e ele acena com o queixo para o treinador antes de olhar para mim.

— Te vejo depois. Boa sorte hoje, e essa câmera é um presente. Não tem devolução.

Emory se levanta e começa a se mover pelo vestiário.

— Espera! — grito.

As sobrancelhas de Emory disparam até seu cabelo úmido.

— Eu também te amo. — As quatro palavras saem da minha boca sem esforço, mas não estou surpresa.

Sei que o amo há muito mais tempo do que estou disposta a admitir.

E com o olhar que ele me dá, acho que ele também sabia.

Cinquenta e Seis

Emory

— Scottie não veio? — Afasto a mão da minha mãe enquanto ela tenta tirar uma mecha do meu cabelo úmido do rosto. — Estava esperando que ela viesse.

Eu também.

— Ela não pôde. — Estou ansioso para me gabar de Scottie, mesmo que seja apenas para meus pais. — Ela teve que trabalhar.

— Trabalhar? Não sabia que ela tinha um emprego. Embora, ainda não conversamos muito sobre isso. Você tem sido tão reservado sobre ela, e seu pai já a deixou desconfortável, então não quis pressionar.

Meu pai para de falar com Rhodes para interpor:

— Eu não a deixei desconfortável.

Rhodes só veio me avisar que o ônibus estava saindo em dez minutos para o aeroporto, mas caiu na armadilha de Jay e MaryAnn, e agora está mergulhado em uma conversa com meu pai sobre reformas domésticas.

— Deixou, sim — minha mãe retruca. Ela se vira para mim, e está claro que quer saber mais sobre Scottie.

— Scottie é fotógrafa. Uma incrível.

Logo após ser chamada para fotografar para a loja de roupas, Vivian pediu que ela tirasse fotos de Nola, e Georgia está implorando

para que ela faça as fotos de noivado dela e de Matt, além de cobrir o casamento. Como Scottie se recusa terminantemente a deixar que eu ajude com as taxas legais do irmão dela, venho incentivando-a a aproveitar todas as oportunidades que aparecem, mesmo que ela não se sinta uma "profissional" — palavras dela, não minhas.

Meu pai intervém novamente:

— Fotógrafa? Talvez ela possa nos colocar nas fotos do seu casamento com Photoshop, já que você não pensou em convidar a família.

Pelo amor de Deus.

— Vamos ter outro casamento com todos os nossos amigos e família. Que tal, pai?

Ele acha que estou sendo sarcástico, mas a ideia de ter um casamento de verdade com Scottie caminhando pelo corredor é muito atraente. Vamos precisar de uma lua de mel também — onde ela quiser.

Conhecendo Scottie, será algum lugar simples.

O que está ótimo para mim.

— Temos que ir — Rhodes interrompe. Ele dá um adeus seco aos meus pais e sai rapidamente.

— Esse não fala muito, não é? — Meu pai observa, olhando para meu capitão.

— Não. — Balanço a cabeça. — Mas você deveria conhecer a filha dele. Ela é o completo oposto.

Minha mãe se aproxima para um abraço, e eu envolvo os braços em seu corpo reconfortante. Quando ela se afasta, há um brilho em seus olhos.

— Você acha que você e Scottie terão filhos?

Ela definitivamente vai carregar meu bebê um dia.

O pensamento me atordoa.

Nunca estive tão certo de algo em toda a minha vida.

Pensar em Scottie carregando meu filho na barriga? É uma euforia que eu não sabia que poderia alcançar. Eu nem tinha pensado em filhos. Antes de Scottie, nem pensava em casamento.

— Para com isso! Você fez a mesma coisa com Taytum e Ford outro dia, e os assustou também.

Minha mãe dá um tapa leve no peito do meu pai.

— Correção. Assustei Taytum. Não Ford. Ele ficou encantado com a ideia.

Penso comigo mesmo enquanto meus pais discutem sobre Taytum e Ford. Agora entendo o que meu melhor amigo sentiu quando decidiu perseguir minha irmã pelas minhas costas. Ele disse que não conseguia evitar, e agora tudo faz sentido.

Após abraçar meu pai, me despeço dos meus pais e digo à minha mãe que a ligarei quando souber um bom momento para eles virem nos visitar novamente. A única razão pela qual vieram ao jogo esta noite foi porque era a poucas horas de casa. Caso contrário, eles me assistem na TV e encerram a noite.

Uma vez acomodado no ônibus, abro meu celular e envio uma mensagem para Scottie.

Emory

Quer ter filhos um dia?

Parece que passam horas até ela responder, mas foi apenas um minuto, se tanto.

Scottie

É isso que você me manda depois de jogar um jogo absolutamente incrível? Era nisso que você estava pensando enquanto bloqueava aqueles discos?

Emory

Estou sempre pensando em você. Agora responde minha pergunta.

Scottie

Estou tentando decidir qual resposta vai te assustar menos.

Emory

A verdade. Sempre a verdade.

Uma bolha de texto aparece enquanto ela digita, e eu bloqueio as conversas dos meus colegas de time enquanto espero nervosamente. Se Scottie não quiser filhos, tudo bem. É até compreensível. Ela tem cuidado do irmão por grande parte da vida, afogada em estresse, e há muito trauma remanescente da própria mãe. Scottie seria a mãe mais incrível do mundo. Observei-a silenciosamente com Ellie e Nola, e não amaria nada mais do que vê-la com nosso filho. Mas, novamente, se ela não quiser um filho próprio, tudo bem. Ainda estou atônito por ela ter confiado em mim, mas há também um orgulho nisso. Quero estar lá por ela, e estou orgulhoso pra caramba por ela ter se permitido intencionalmente ser vulnerável na minha frente.

Scottie

Quero um filho um dia. Apenas um.

Meu estômago tenso relaxa, e solto um suspiro pesado. Não percebi o quanto estava nervoso esperando por sua resposta. Isso foi pior do que perguntar se ela seria minha esposa falsa.

Scottie

Você quer filhos?

Emory

Com você? Sim. Não amaria nada mais do que te ver carregando meu bebê.

Scottie

Para de me fazer corar. Além disso, quem disse que vou te deixar me engravidar, Olson?

Emory

Não brinque comigo.

Ela responde com um emoji rindo, mas não respondo até estarmos acomodados no avião e esperando pela decolagem. Agora que a tenho esperando por mim em casa, essas viagens de avião parecem demorar cada vez mais.

Emory

Por que apenas um?

Entro em pânico após enviar e digito outra mensagem.

Emory

Estou bem com o que você quiser. Só estou curioso. E, sério, para de brincar. Se você vai ter o bebê de alguém, é o meu.

Uma forte dose de posse me domina. Sou ganancioso pra caramba quando se trata de Scottie. Nem quero que outro homem a olhe.

Scottie

Me sinto culpada por admitir isso, mas quero apenas um porque, se algo acontecer comigo, não quero que a responsabilidade da paternidade caia sobre meu primogênito como aconteceu comigo e com William. Cuidei dele pelo tempo que me lembro, e agora que sou adulta, sei que isso realmente não foi justo.

Meu peito dói. Leio sua mensagem algumas vezes antes de tentar aliviar sua culpa e medo.

Emory

Não foi justo. Você está certa. Mas William é sortudo pra caramba por ter você, e nunca quero que você se preocupe com algo assim quando se trata do futuro. Você pode não ter tido a família que desejou ao crescer, mas tem agora. Você tem a mim, Scottie. Na verdade, você me tem tão envolvido no seu dedo mindinho que tudo o que consigo pensar é em voltar para casa para você sempre que estamos separados.

Solto outro suspiro quando outra onda forte de emoções me atinge.

Emory

Vai dormir. Estarei em casa de manhã. Te amo.

Scottie

Te amo também. Se cuida. Xo

Acomodo-me no assento e sorrio. Quem diria que um simples casamento de conveniência com uma mulher ardente que tentou me explorar no banheiro da arena se tornaria *isso*?



Meu ombro dói depois de bloquear o disco de Kane. Aquele homem tem um swing e tanto, porra.

— Porra, cara — digo quando ele passa patinando. — Esse doeu.

Ele bufa.

— Posso fazer doer mais se você quiser.

Eu zombo.

— Talvez se você não estivesse de ressaca, conseguisse.

Ele me lança um olhar feio, e eu rio baixo. Ele é um espetáculo, e todos na liga concordam. Temos sorte de tê-lo no time, mas ele tem um pouco de amadurecimento a fazer.

Talvez ele devesse encontrar uma esposa também.

— Olson. — Viro para olhar o treinador Jacobs no banco, mas ainda consigo bloquear o próximo disco que Kane envia na minha direção.

Deixo-o cair no gelo e sorrio de forma enjoativa para ele.

— Fraco — digo antes de patinar para o lado.

O treinador Jacobs acena para que eu o siga, então entrego meu taco e o acompanho até o vestiário. Quando estamos no escritório dele, meu coração começa a bater um pouco mais rápido.

— Há uma emergência?

O treinador não interrompe o treino com frequência, e instantaneamente penso que algo está errado. Tenho flashbacks da faculdade, quando recebia ligações sobre Taytum e sua diabetes.

— Não. — Ele se senta à mesa. — Não exatamente.

— Não sei se gosto do som disso.

Ele levanta o dedo e aperta um botão no telefone.

— Tudo bem, Joseph. Ele está aqui.

Joseph? Meu agente?

Sento-me mais ereto e começo a tirar parte do meu equipamento. O suor escorre pelas minhas costas, e eu encaro diretamente o treinador.

— Você está me transferindo?

Ele ri alto.

— Absolutamente não.

— Então o que estou fazendo aqui com meu agente na linha em vez de treinar?

— Emory. — Joseph pigarreia, e meus olhos caem para o telefone. — Temos um pequeno problema. Vamos precisar fazer um controle de danos.

Que porra isso significa?

— Provavelmente uma coletiva de imprensa? — O treinador pergunta, dirigindo a questão a Joseph.

— Para quê? — pergunto.

Certamente ninguém apareceu dizendo que tentei transar com eles novamente. Estou casado, pelo amor de Deus.

— Para isso... — O treinador diz, virando o monitor do computador.

Há várias fotos de Scottie.

Ou deveria eu dizer, *Cherry*.

Meu coração bate forte no peito.

Começo a tremer na cadeira.

Os ossos das minhas mãos estalam.

— Tire essa merda do ar agora — digo entre dentes.

Joseph bufa.

— A foto da sua esposa falsa é o menor dos nossos problemas.

Desvio meu olhar do telefone e olho para o treinador. *Ele contou a ele, porra*?

Ele balança a cabeça, sabendo o que vou perguntar. Em vez de responder, ele aponta para o título do terceiro artigo.

O Fiasco das Mídias Sociais de Olson - Um Casamento Encenado com uma Stripper

Estou mais preocupado com Scottie do que com qualquer outra coisa neste momento. Eles a estão chamando de stripper, como se isso fosse tudo o que ela é. Fico nauseado com os títulos que leio.

Uma Revelação Perturbadora sobre a Esposa do Goleiro Estrela, Emory Olson

Sra. Olson ou Apenas Mais Uma Coelhinha de Disco?

Scottie Monroe e Seus Laços com a Prisão

— Que inferno. — Bato a mão na mesa e grito no telefone. — Tire tudo do ar agora, Joseph! Eles a estão fazendo parecer algo que ela não é.

— É melhor do que fazerem você parecer o vilão — ele diz.

Ele está demitido, porra.

Levanto-me e sigo para meu armário. Ouço o treinador me seguir, e no meio da troca de roupa e de pegar meu celular, ele coloca a mão no meu ombro e dá um aperto forte.

— Esta é a única vez que aceitarei você saindo do treino. Entendido?

Assinto e pego minhas chaves. No caminho para o carro, ignoro todas as mensagens e notificações por causa do vazamento. Meu único foco é Scottie.

Ligo para o número dela do carro, rezando para Deus que ela não tenha visto as notícias.

Ela não atende, e o buraco no meu estômago poderia me engolir por inteiro.

Cinquenta e Sete

Scottie

Deixei meu celular no balcão e mantive as costas voltadas para a câmera da sala de estar propositalmente, para que Emory não visse a devastação total no meu rosto quando descobrisse que fui embora e olhasse as imagens.

Jogue jogos estúpidos, ganhe prêmios estúpidos.

É a única coisa que consigo pensar enquanto estou sentada no meu carro estacionado e encaro o acampamento de sem-teto que sei que minha mãe frequenta.

Acho verdadeiramente patético que o primeiro lugar para onde vou quando estou em um poço de desespero é aqui, mas às vezes gosto de fingir que a mulher que me deu à luz e me contava contos de fadas antes de dormir, enquanto meu pai se encostava na porta, ainda está lá em algum lugar.

Meu coração dói a cada batida.

Limpo o rosto novamente quando outra lágrima escapa. Shutter olha para cima do meu colo quando a gota cai em seu pelo brilhante, mas ele volta a descansar um momento depois.

Olhando para o relógio, sei que Emory já está em casa do treino.

Tenho certeza de que ele soube. Provavelmente leu todos os artigos e está tentando consertar as coisas ou, conhecendo-o,

tentando descobrir quem descobriu sobre nós... *sobre mim*... e revelou à imprensa.

Uma mulher ciumenta?

Talvez outro jogador de hóquei com vingança contra os Blue Devils e seu recente sucesso?

Realmente não importa.

Há evidências demais e muitas teorias da conspiração circulando pela internet como uma praga para negar tudo.

Coloco o carro em marcha após colocar Shutter no cobertor no banco da frente. Tenho um pensamento na cabeça, e é como vou antecipar Emory.

A mídia pode pensar que somos uma farsa, e começamos assim, mas as coisas mudaram.

O que não mudou é que me inscrevi para fazer um trabalho, e *não* sou de desistir.

Emory Olson se casou comigo para que eu consertasse sua imagem, e é exatamente isso que vou fazer.

Assim que paro no Cat House, Shutter mia.

— Não se preocupe. — Sorrio suavemente para ele. — Não vou te deixar aqui.

Ele sai do carro atrás de mim e fica bem ao lado do pneu enquanto sigo para a porta. Há apenas alguns carros no estacionamento, e preciso fazer isso rápido porque a determinação de Emory é profunda, e ele virá me procurar.

Abro a porta e sigo para os fundos, esperando evitar meu ex-chefe.

Quando entro no vestiário, Chastity está aplicando seus cílios. Com metade deles colados, ela se vira e me envolve em um abraço caloroso.

— Sabia que você apareceria aqui — ela sussurra, afastando-nos para me olhar de cima a baixo. — Você está bem?

— Você soube? Mas você nem assiste hóquei.

Meu rosto aquece. Meu Deus, o mundo inteiro sabe?

Ela dá de ombros, e não consigo parar de encarar o cílio dela pendurado por um fio. Pego a cola dela e inclino seu queixo para consertar.

— Tem a ver com o Cat House. Russ estava fazendo um grande alarde sobre isso.

— Ótimo — murmuro. — Ele está bravo? Devo ir antes que ele me veja.

Devolvo a cola para Chastity, e ela ri.

— Está brincando? Ele está exultante. Ele disse, e eu cito, "*Alguém traga Cherry de volta*! *Ela precisa de um aumento*."

Sinto uma quantidade insana de pavor com o pensamento.

— Nesse caso, tchau.

Chastity ri novamente e empurra levemente meu ombro.

— O que você precisa, querida? Sei que não está realmente pensando em voltar a trabalhar aqui. — Ela olha para meu dedo, e meu estômago despenca.

— Seu celular — digo. — Por cinco minutos, no máximo.

— Você pode usar. — Ela corre descalça e pega o celular.

— Volto já.

Antes de sair, ela segura minha mão.

— Ei, estou falando sério. Você está bem?

Não.

Nunca estive tão *não bem* na minha vida, e isso diz muito, considerando.

— Estou bem. — A mentira sai facilmente da minha língua.

Meu coração bate mais forte a cada passo que dou em direção à sala dos fundos.

Quando fecho a porta e entro nas redes sociais de Emory, esvazio minha mente e começo a trabalhar.



Betty ronca. Alto.

Com seus roncos profundos e Shutter perseguindo baratas a noite toda, não durmo há dias.

Sem celular, não chequei a internet. Não tenho ideia de quanto tempo levou para Emory ver o que postei ou se viralizou como tudo o mais relacionado a nós.

Estive vivendo os últimos dias no piloto automático. Quando apareci na casa de Betty, foi porque não tinha mais para onde ir. Entrei sorrateiramente sem que Gerald me visse, e desde então, ele não notou a garota e seu gato vivendo no apartamento de sua inquilina rabugenta — nem mesmo quando acompanho Betty ao trabalho para ajudá-la a limpar casas.

Tudo o que consigo pensar enquanto limpo janelas e passo pano no chão é Emory. Mas cada vez que ele aparece na minha cabeça,

fujo dele, apenas para pensar no meu irmão um momento depois. Será que ele me ligou ou deixou mensagens?

Tudo parece confuso e caótico — mesmo enquanto deito no sofá áspero e vejo Shutter brincar de esconde-esconde com um inseto.

Betty ronca novamente, e isso nem me afeta enquanto alcanço o controle remoto. Um toque de medo rola pela minha cabeça quando a TV ganha vida. Estou meio com medo de ver meu rosto na tela como notícia de última hora, mas minha vida não significa muito para o mundo real.

Só significa algo para Russ, pela popularidade que está trazendo ao seu clube de strip, e para os gurus do hóquei. Os rostos dos pais de Emory aparecem na minha cabeça, e eu os afasto rapidamente também.

Desligo tudo até não sobrar nada.

Estou entorpecida.

É uma habilidade que aprendi muito cedo na minha vida.

Se algo te machuca, fique longe disso.

E pensar nos últimos meses, e no que poderia ter sido, é uma faca nas minhas costas.

Meu dedo aperta o controle remoto repetidamente enquanto deito sem pensar no sofá, com medo demais de me permitir pensar.

Não sei qual é o caminho para cima ou para baixo.

Não sei o que o futuro traz ou como vou pagar as taxas legais que prometi a William que cuidaria.

Há algum dinheiro na minha conta do que Emory me paga mensalmente e das fotos que tirei para Serena Sinclair, mas até que ela as terceirize para revistas, é tudo o que tenho. Considerando que

as esposas do hóquei agora sabem que sou uma fraude, provavelmente posso riscá-las da minha lista de clientes.

Rio sarcasticamente.

Que merda de confusão.

Meu dedo congela quando o hóquei enche a tela. Um nó apertado se forma na minha garganta quando vejo as camisas azuis e pretas no gelo.

Mude de canal, Scottie.

Com Emory, senti como se tivesse tudo.

Eu tinha o mundo nas mãos.

Tínhamos um plano. Eu podia ver um futuro que não era tão... assustador.

Mas agora, tudo se foi. Sei que fiz a coisa certa ao me pronunciar e dizer aos tubarões das redes sociais que foi tudo ideia minha e que chantageei o goleiro estrela deles. Emory Olson é um bom homem, e ele não merece ser visto como qualquer coisa além disso.

Começamos jogando um jogo tão inocente, mas eu perdi, e é uma perda difícil de aceitar.

Cinquenta e Oito

Emory

Entro no vestiário com o coração na manga.

Não consigo fazer contato visual com quase ninguém, e quando o faço, parece um olhar fulminante. Não é intencional, e eles não se ofendem.

A maior parte do meu equipamento está posta, e pareço pronto para o jogo, mas não estou. Meu celular está na mão, e eu ignoro as mensagens dos meus pais e sua preocupação constante, verificando se há alguma mensagem aleatória. Continuo esperando que Scottie entre em contato comigo de alguma forma, já que deletei a conta de rede social que ela usou a seu favor, mas ela não o fez.

Doía pra caramba quando finalmente descobri a senha: *Emorysbiscotti*.

Isso não foi um soco no estômago nem nada.

Depois de jogar o celular de lado, levanto-me do banco e sigo para o gelo sem fazer muita conversa fiada com meu time.

Os aquecimentos estão quase terminados, e este é o primeiro jogo que disputo desde que a notícia sobre Scottie e eu veio à tona, o que significa que estou sendo observado de perto.

Os fãs de hóquei amam o jogo.

Eles amam ainda mais quando emoções estão envolvidas. Estamos com ingressos esgotados esta noite, e seria ingênuo pensar

que isso não tem nada a ver com as recentes revelações sobre minha vida pessoal.

Eles estão esperando uma briga.

Todos estão prevendo que o goleiro prodígio vai perder a cabeça por causa do *trauma* pelo qual passou. Eles acham que ela me chantageou e forçou minha mão, porque foi isso que ela admitiu online.

O que, sim. Ela tentou fazer exatamente isso.

Mas o que ela não terminou de contar a eles foi que desistiu porque seu coração é grande demais para este mundo.

Ela não pode me evitar para sempre, no entanto.

Estamos legalmente casados, pelo amor de Deus.

É melhor ela sair do esconderijo logo, porque ela não sabe até onde irei por ela.

Um pequeno grupo de jogadores começa a circular no gelo, e já posso dizer que estão querendo começar sua provocação e entrar na minha cabeça. *É melhor que eles não digam uma palavra, porra.*

Aperto meu taco e me concentro.

Rhodes, que já tem uma presença enorme no gelo com sua atitude, intensifica isso com seu olhar fixo no nosso adversário e sua voz grave vibrando pela arena.

— Se afaste, porra — ele rosna para eles.

Kane passa patinando e murmura algo para Rhodes, e então ambos saem, deixando as camisas amarelas com uma ameaça silenciosa.

Jogamos duro e rápido.

Malaki está concorrendo a MVP do ano, e ele está cortando e deslizando no gelo como se sua vida dependesse disso. Mas nossos caras estão cansados, e estamos empatados em 1-1.

Kane esteve na caixa de penalidades três vezes, e Matthew duas, o que não é comum para ele. Mas quando jogamos contra um time tão bom assim, é inevitável que haja alguns erros.

Scottie aparece na minha cabeça.

Tantos erros foram cometidos.

Eu deveria ter dito que a amo muito antes do que disse. Ou expressado o quanto a amo.

Talvez então, ela teria ficado, e poderíamos ter resolvido isso juntos.

Em vez disso, ela fugiu e tentou consertar sozinha porque é isso que ela está acostumada a fazer.

Estar sozinha.

Concentro-me no disco preto que vem zunindo diretamente para o canto superior esquerdo da rede. Eu o bloqueio com o ombro, mas o alívio desaparece quando sou jogado para trás, batendo meu capacete no gelo.

Merda do caralho.

— Seus filhos da puta! — Kane grita, pulando em cima de vários outros jogadores comigo na base da pilha.

Jesus Cristo, porra.

Os árbitros e companheiros de time intervêm e tentam separar todos. Punhos voam, e estou preso deitado sob eles. O número sete sorri maliciosamente para mim.

— Eu também deixaria aquela garota me chantagear.

Sei que ele está tentando me provocar.

O velho Emory jogaria as luvas para o lado, e o babaca arrogante estaria no chão com a mandíbula quebrada em segundos.

Mas não vou estragar o trabalho que Scottie acabou de fazer para me fazer parecer um bom homem.

Ela me faz querer ser o cara que ela pintou na mídia. Quero mostrar a ela que bom marido posso ser, sem a ameaça do nosso estúpido contrato de casamento pairando sobre nossas cabeças.

Porra.

Tenho que consertar isso.

Nada parece importar para mim, a menos que eu a tenha.

— Kane! — grito. — Ele está te provocando.

— Ele está te provocando! — ele grita de volta, afastando a mão do árbitro de sua proteção.

— E eu não estou caindo nisso. Coloque sua cabeça no jogo, porra.

Eu deveria seguir meu próprio conselho, mas há outro jogo na minha cabeça, e logo após ganharmos este, vou ganhar aquele também.

— Olson. — O treinador Jacobs parece irritado. — Eles querem você para a coletiva de imprensa esta noite.

Eu sabia que me quereriam, então não estou surpreso.

— Você pode recusar. Será multado, mas acho que ninguém vai te culpar.

Ainda estou com meu uniforme, sem o capacete. Passo pelo treinador e dou tapinhas nas costas de alguns companheiros de time

porque vencemos, e foi tudo porque trabalharam juntos como um time.

Kane voltou à ação depois que o repreendi, e embora tenha havido alguns outros comentários aqui e ali, e algumas penalidades, conseguimos sair com a vitória.

— Tem certeza de que quer fazer isso? — Rhodes parece genuinamente preocupado pela primeira vez.

Assinto, e ele ergue uma sobrancelha.

— Tenho que ver isso — ele diz, tentando esconder um sorriso.

— Estou surpreso que você não esteja correndo para pegar Ellie. Me sinto meio especial por você estar esperando para me ver na coletiva de imprensa.

Ele se vira e dá de ombros.

— Ela está com a babá.

— A mesma ou uma nova?

— A mesma.

— Isso é um recorde. Quanto tempo essa durou? Uma semana? — pergunto.

— Cala a boca — ele retruca, abrindo a porta. — Não xingue ninguém se perguntarem sobre Scottie.

— Se? — Olho por cima do ombro. — Você quer dizer quando.

Se ninguém mencioná-la, eu mesmo o farei.

O silêncio toma conta da sala quando entro. A única coisa que ouço são alguns cliques de câmeras, que só me lembram de Scottie.

Sento-me, e, estranhamente, sinto-me calmo.

Mais calmo do que jamais me senti diante de uma câmera — a menos, claro, que Scottie estivesse por trás dela.

Aceno para uma repórter na frente porque ela parece ser a que traria à tona o drama recente. Ela fala alto e com confiança, mas, para minha surpresa, só pergunta sobre o jogo. Respondo à sua pergunta fluentemente e aponto para outra mulher, mas no momento em que ela abre a boca e solta um guincho, sei que não é ela. Após respondê-la, examino a multidão e paro em um homem. Ele parece ter coragem suficiente para me fazer a pergunta que todos acham que não quero responder.

— Agora que ouvimos seu lado sobre o jogo, você se importa de nos dar seu lado sobre as recentes acusações sobre seu casamento?

Bingo.

Recosto-me na cadeira e sorrio.

— Pensei que você nunca perguntaria.

Há um leve burburinho de risadas e sussurros. Olho para Rhodes, e ele balança a cabeça. Dou de ombros e volto-me para o repórter.

— É verdade — começo. — Scottie Monroe tentou me chantagear. — Inclino-me para a frente. — Quero que todos sublinhem a palavra *tentou*. — Após me satisfazer que todos fizeram o que pedi, bato os dedos na mesa. — Ela não me chantageou. Ela é justa demais para algo assim. Mas isso me fez pensar.

Rezo a Deus que Scottie esteja assistindo.

E se não estiver, vou ter que encontrá-la.

Irei até a prisão e esperarei até que ela visite seu irmão, se necessário.

— Foi ideia minha.

Há alguns suspiros, e meu agente provavelmente está jogando a TV pela sala agora.

— Eu fiz um contrato. Ela se casaria comigo para ajudar a consertar minha imagem — já que muitos de vocês repórteres queriam espalhar rumores de que eu era apenas um goleiro raivoso e arredio que colocou um cara no hospital, e correr com as fofocas de mulheres dizendo que fiz coisas que nunca foram verdade — e eu a pagaria quando o trabalho estivesse concluído.

— Então, ela *é* uma interesseira? — um dos homens pergunta.

Lanço um olhar para ele, e ele imediatamente fecha a boca.

— Fale assim da minha esposa novamente, e você vai precisar de uma nova profissão.

Um novo conjunto de dentes também.

— Scottie se casou comigo por dinheiro, sim, mas para respeitar sua privacidade, não vou dizer para onde esse dinheiro iria. Mas a última coisa que essa mulher deveria ser chamada é interesseira.

Tudo o que precisariam fazer é ver o carro que ela dirige para saber disso.

Se conhecessem o coração que ela esconde tão bem de todos, também não diriam isso.

— Estou aqui para esclarecer a história. Meu casamento começou como uma jogada. Eu estava tentando consertar minha reputação e silenciar os rumores constantes, mas não foi ideia dela. Se a liga quiser me banir por extorsão, é direito deles. Mas não posso jogar mais um segundo de hóquei com todos pensando que Scottie

Olson é qualquer coisa além de uma mulher altruísta, abnegada, gentil, por vezes ardente e compassiva, por quem estou apaixonado.

Levanto-me e saio, com o coração sangrando pelo meu uniforme de hóquei.



A arena está vazia, e o estacionamento está quase deserto. A equipe de limpeza me pediu hesitante para sair depois que tentaram limpar o vestiário ao redor de mim e do meu equipamento, então finalmente juntei tudo e saí sem dizer uma palavra.

Silenciei meu celular porque já sei que minha entrevista pós-jogo está em todos os lugares, e a maioria das pessoas que conheço a viu.

A única que precisa vê-la é Scottie, no entanto, e não tenho como descobrir se ela o fez.

Não até que ela saia de onde quer que esteja escondida.

Verifiquei todos os lugares que consegui pensar há vários dias.

Não há muitos lugares para onde ela possa ir, mas não consigo encontrá-la.

Uma forte rajada de ar frio gira ao meu redor enquanto sigo para meu carro. Clico no chaveiro algumas vezes para iluminar a área e paro quando vejo algo no topo do meu carro.

Que porra é essa?

Quanto mais me aproximo, mais consigo distinguir.

Dois olhos brilhando me encaram, e minha primeira reação é repreender o gato por estar em cima do meu carro, mas é quando

vejo a coleira azul que lutei para colocar em Shutter no dia antes de Scottie partir.

— Você deixou ele subir no meu carro? — pergunto, esperando pra caramba ouvir a voz dela me responder.

Por favor.

Ouço seu Converse desgastado pisar no cascalho solto. Quando ela aparece do outro lado do meu carro, o ar deixa meu corpo.

Graças a Deus.

— Ele insistiu — ela diz baixinho, como se tivesse medo de falar.

Tudo o que quero fazer é estender a mão e agarrá-la, mas jogo com segurança. Caminho mais perto da porta do motorista e estendo a mão para acariciar Shutter. Ele está em pé no capô entre Scottie e eu e, surpreendentemente, deixa-me acariciá-lo.

— Vamos ter uma batalha pela custódia de Shutter? — brinco, tentando quebrar a tensão.

Ela cruza os braços sobre aquela camiseta surrada dos Blue Devils que agora sei que era do pai dela.

— Por que você fez isso?

Tiro meu moletom e o deslizo pelo capô do carro. Ela o encara por um segundo antes de afastá-lo de Shutter e puxá-lo sobre seu corpo esguio.

— Por que fiz o quê? Falei a verdade?

— Esse não era o acordo — ela sussurra. — Tínhamos termos.

— Foda-se os termos — digo, como se fosse óbvio.

Ela suspira baixinho.

— Então, qual era o ponto?

— O ponto? — *Foda-se isso*. Contorno a frente do meu carro, e isso a atordoa. Ela tenta se afastar, mas para quando entro no seu espaço. Coloco um braço ao redor de sua cintura e seguro seu rosto com o outro. — Você — retruco. — Nós. — Balanço a cabeça e encaro seus olhos. — Esse é o ponto.

Ela abre a boca para argumentar.

— Não. — Aperto meu aperto nela, e ela me encara com tanta esperança escondida que quase engasgo. — Você se lembra quando te disse que cuido das pessoas que amo?

Ela assente lentamente.

— Eu te *amo*, Scottie.

Seu queixo tremula, e eu odeio pra caramba vê-la chorar. Nunca odiei nada mais na minha vida.

— Nada mais importa a menos que eu tenha você. Nem o jogo. Nem o time. Nem minha reputação, porra. — Dou de ombros. — Meu agente poderia me ligar agora para dizer que a liga está me suspendendo indefinidamente por admitir que explorei uma pobre mulher inocente, e eu não me importaria.

— Você se importaria, sim.

— Se isso provasse para você que você é a coisa mais importante na minha vida? Não, eu não me importaria.

Ela desvia o olhar antes de voltar seus olhos para os meus.

— Não tenho nada a te oferecer — ela admite.

— Tudo o que preciso é de você — digo.

Um suspiro ofegante escapa de seus lábios, e eu me apaixono por ela novamente.

Somos só nós dois, parados em um estacionamento vazio, exatamente como foi quando começamos toda essa coisa.

— Para o melhor, para o pior — sussurro, aproximando-me de sua boca. — Para mais rico, para mais pobre. — Uma lágrima escorre por sua bochecha. — Na saúde e na doença. — Afasto a lágrima.

Ela se aproxima de mim.

— Para amar e valorizar.

Puxo sua boca para a minha e sussurro contra seus lábios:

— Até que a morte nos separe, querida.

Scottie se ergue na ponta dos pés para selar nosso beijo, e meus joelhos fraquejam. *Graças a Deus*.

Quando nos separamos, minha voz é mais um sussurro rouco.

— Vamos para casa.

Encaro sua boca bonita quando um pequeno sorriso aparece. Ela espia ao meu redor.

— Ouviu isso, Shutter? Vamos para *casa*.

Cinquenta e Nove

Scottie

Ele quer tirar todos os meus fardos, mas o melhor que posso fazer é apresentá-lo ao meu irmão.

— Aceite ou deixe, Olson. — Ergo a sobrancelha do banco do passageiro com a cerca de arames farpados pairando atrás dele pela janela.

— Por que você não me deixa cuidar de você? — ele pergunta.

Franzo os lábios e quase me perco em seus olhos sonhadores antes de me recompor e dar minhas razões — *novamente*.

— Você cuida de mim. — *Toda vez que me olha*. — Mas não é sua responsabilidade cuidar de William.

Dias após o vazamento da notícia e Emory trazer Shutter e eu de volta para casa, tivemos uma longa conversa.

E por longa conversa, quero dizer que sentei Emory, bati na mão dele quinhentas vezes enquanto ele tentava me distrair me tocando por todo lado, e o coloquei a par dos meus planos para o futuro. Pensei que isso mostrava grande crescimento, considerando que sou *irritantemente* independente, segundo ele, mas ele ainda lutou comigo com unhas e dentes.

Expliquei que não queria mais que ele me pagasse os $100.000, o que, naturalmente, ele discutiu imediatamente. Ele chegou ao ponto de tirar o contrato e ameaçar envolver seu advogado.

Então, chegamos a um meio-termo.

Ele paga o restante do que devo ao advogado para quitar as dívidas passadas, e eu cobrirei as novas taxas legais para apelar o caso de William com o que ganhar tirando fotos. Apesar de todo o drama que se formou quando a notícia vazou, as coisas tomaram um rumo dramático após Emory fazer sua declaração na coletiva pós-jogo.

Ele foi rotulado como um romântico, e eu fui rotulada como a queridinha da liga.

Não demorou muito para que os pedidos se acumulassem para que eu oferecesse minhas habilidades fotográficas.

Estou reservada pelos próximos meses. Casamentos, noivados, fotos de família, você escolhe.

Hattie e o resto das esposas me forçaram a sentar com elas no próximo jogo também. Pensei que elas quereriam manter distância de mim, considerando tudo, mas elas provaram que eu estava errada.

Georgia implorou para que eu ainda tirasse as fotos de seu casamento, e ao final do primeiro período, eu estava com Nola aninhada em seu cobertor dos Blue Devils enquanto Vivian torcia pelo nosso time com o rosto colado no vidro.

As coisas não são perfeitas.

Mas estou feliz.

— Mas... — Emory tenta discutir novamente sobre as taxas legais, mas eu coloco um fim nisso inclinando-me sobre o console central e plantando meus lábios nos dele. Minha mão, por acaso, cai em seu colo perto do lugar que sei que fará seus pensamentos se espalharem por um segundo.

— Não é justo — ele diz contra meus lábios. Sua mão cai na minha bunda, e ele dá um bom aperto antes de voltar para outro beijo quente.

Eu gemo acidentalmente. Ele nos separa, e seus olhos brilham com algo extremamente atraente.

— Ops — digo.

— Saia do carro antes que eu acabe atrás das grades por foder minha esposa em público à luz do dia.

Lá estão elas. Minhas palavras favoritas: *minha esposa*.

— Não me olhe assim, Biscotti. — Emory sorri, e meu estômago dá um salto. — Ou então, na primeira vez que encontrar seu irmão, estarei escondendo uma ereção.

Faço uma careta e olho para a prisão atrás dele.

— Provavelmente não é o melhor lugar para ter uma dessas, não é?

Emory ri.

— Vamos lá, querida. Vamos.

Ele sai do carro, esperando que eu o siga, mas não o faço.

Observo enquanto ele contorna o capô até meu lado, e quando abre minha porta, ele só precisa olhar para meu rosto para entender o que estou sentindo.

Ele se agacha e estende a mão para a minha.

Um aperto e eu o encaro.

— Nervosa?

Aperto os dentes e assinto.

— Só não gosto de vê-lo assim. Aqui.

Emory dá outro aperto na minha mão.

— Quer ir embora?

Balanço a cabeça e mordo o interior da bochecha.

Seu polegar começa a esfregar minha pele da maneira mais reconfortante.

— Estou aqui, tudo bem? Estou com você, e você pode se apoiar em mim quando as coisas ficarem... demais.

Meu estômago ainda está em nós, mas alguns se desfazem apenas pela devoção inabalável em seu olhar. Estou feliz que ele esteja aqui comigo, e pela primeira vez na minha vida, não estou sozinha. Não tenho que fazer isso sozinha.

Emory endireita o anel de casamento no meu dedo e espera até que eu o encare novamente.

— Vamos lá, Biscotti. — Ele sorri. — Estou pronto para conhecer meu cunhado.

Sorrio hesitantemente e saio do carro. Nossas mãos se entrelaçam enquanto seguimos para o portão da prisão como *marido e esposa*.

Epílogo

Emory

Meu quintal não se parece em nada com o que era esta manhã.

Luzes de corda quentes e brilhantes estão penduradas nas árvores, e há uma pista de dança improvisada no meio do quintal que sei que Ford estará ocupando em questão de minutos.

É uma noite de primavera amena com uma brisa agradável, mas o terno que estou usando ainda é sufocante. Sei que essa sensação desaparecerá no momento em que Scottie sair pelas portas francesas, porque é assim que funciona quando coloco os olhos nela.

Ela é tudo o que vejo e penso.

— O que achou? — Taytum se aproxima ao meu lado e aponta para as decorações.

Passo o braço ao redor da minha irmã.

— Scottie vai adorar.

— Assumo total responsabilidade. — Ela sorri.

Sua melhor amiga, Claire, se afasta do peito do marido.

— Ei! Eu ajudei.

Theo a puxa de volta para ele com um sorriso no rosto.

Estou cercado por amigos e familiares, companheiros de time, e provavelmente a pessoa mais importante — William.

Ele está encostado em uma árvore com as mãos nos bolsos, parecendo ansioso enquanto encara as portas francesas.

Eu entendo.

Também me sinto ansioso quando Scottie não está por perto.

Não demorou muito para tirá-lo da prisão, considerando que as evidências que o colocaram lá eram completamente distorcidas. Infelizmente, segundo o novo advogado que se apresentou voluntariamente após tomar conhecimento da mídia, William foi um alvo fácil, e os investigadores do caso seguiram adiante mesmo com lacunas na história que levou à sua condenação.

O que pensaram ser uma confissão fácil transformou-se em um pesadelo pouco após um recurso ser apresentado.

Scottie lutou como nunca para conseguir a ajuda que William precisava logo após sua libertação. Com o apoio dos fãs que estavam totalmente investidos em nossas vidas após o drama, William conseguiu uma assistente social, e ele está a caminho de ser um membro bem-sucedido da sociedade, apesar de seu diagnóstico.

Ele até tem seu próprio lugar com algumas outras pessoas que também estão sob os cuidados da assistente social.

— Cadê o Ford? — pergunto à minha irmã. Ele foi o mais acolhedor com William.

Porque, bem, esse é o Ford.

Taytum parece estar tramando algo.

Olho para nosso pai, que está conversando com o treinador Jacobs. Minha mãe está brincando com Ellie enquanto Rhodes fica desajeitadamente ao lado da babá, por quem ele finge não estar obcecado.

A maioria do time está obcecada por ela, na verdade, fazendo piadas a cada dois treinos sobre como querem convidá-la para sair,

apenas para Rhodes ameaçar jogá-los contra um armário um momento depois.

As portas francesas se abrem, e todos nos viramos para olhar. Meu coração bate forte no peito, e um silêncio percorre o quintal.

— Pelo amor de Deus — murmuro, vendo que *não* é minha esposa.

Taytum não consegue se conter. Uma risada começa a escapar de seus lábios, e antes que eu perceba, a maior parte do quintal explode em risos.

— Biscotti, alguém quer? — Ford abana os braços à sua frente, exibindo a fantasia absolutamente ridícula de biscotti que está usando.

— Onde diabos ele conseguiu uma fantasia de biscotti?

Taytum se vira para mim e sorri.

— Foi ideia sua? — pergunto. — Muito engraçado.

Ela balança a cabeça e sorri.

— Nossa pequena Scottie Biscotti tem suas piadas.

É claro. Balanço a cabeça. Sei exatamente por que Scottie armou isso.

Minha garota não gosta de atenção, e ao mandar Ford sair primeiro — com uma fantasia de biscotti, nada menos — ela acha que todos estarão distraídos e não a notarão.

Como ela está enganada, no entanto.

Quando me viro e a vejo, meu mundo se inclina.

Minha esposa linda, compassiva e de língua afiada entra lentamente no quintal com seus Converse brancos aparecendo por

baixo do vestido de seda simples, de comprimento até o chão. Ele tem um decote baixo na frente, e com o cabelo preso em um coque solto, não consigo evitar de gaguejar sobre meus pensamentos.

Caminho até ela, e todos os outros desaparecem, até mesmo Ford com sua fantasia de biscotti.

— Meu Deus — murmuro, envolvendo um braço ao redor de sua cintura. Ela me olha com seus olhos tímidos, e observo o rosa se espalhar por suas bochechas. — Você está linda.

— Para com isso — ela sussurra, tentando esconder um sorriso.

— Posso cancelar a festa? Todos já sabem que estamos casados. Prefiro te levar de volta lá para cima.

— Nem pensar. Você sabe o quanto foi difícil colocar Ford naquela fantasia?

Eu rio.

— Boa jogada. Achou que estaríamos tão distraídos com ele que não te veríamos, não é?

Ela morde o lábio brilhante.

— Você me conhece bem demais.

— E amo cada parte.

Seu sorriso me aquece. Entrelaço nossos dedos e encaro a multidão. Levanto nossas mãos unidas, e Ford grita da pista de dança, falando ao microfone:

— Vamos aplaudir o Sr. e a Sra. Emory Olson, pessoal!

Uma salva de palmas chega aos nossos ouvidos, e eu gentilmente puxo minha esposa em direção aos meus pais, que estão esperando para nos abraçar. Observo enquanto William se afasta da árvore e

vem em nossa direção. Me movo para ficar de lado, mas ele me pega de surpresa e estende a mão para mim.

— Obrigado, Emory — ele diz, apertando minha mão. — Por tudo.

Assinto uma vez e observo enquanto ele abraça sua irmã. Meu peito aperta, e meu coração faz esse movimento estranho que só acontece quando sei que Scottie está feliz. Como se não pudesse bater direito se ela não estiver.

Scottie se afasta e sorri para William. Seus olhos brilham, e há um gloss brilhante enchendo-os quanto mais ela encara os olhos dele.

Mas então, uma mãozinha puxa o vestido de Scottie, e ela olha para Ellie, cuja babá está ao lado, observando toda a interação. Scottie se abaixa e fica no nível dela. Ellie sussurra em seu ouvido, e de repente, quero saber do que se trata a conversa delas.

Após se levantarem, ela e Ellie caminham até mim, e eu ergo as sobrancelhas.

— Contando segredos, é?

Ellie estende algo para eu pegar com um olhar esperançoso nos olhos. Eu me abaixo para inspecionar mais de perto.

— O que é isso? — pergunto, observando-a balançar uma pulseira com contas azuis e pretas na frente do meu rosto.

— Fiz uma pulseira para você.

— Para mim? — pergunto, incapaz de esconder minha surpresa.

Ela assente.

— Bem, fiz uma para Scottie, mas então percebi que você também precisava de uma. É um presente de casamento.

Com um pai tão rabugento quanto o dela, não tenho ideia de como ela pode ser tão doce pra caramba.

Scottie estende seu pulso delicado, e eu baixo a cabeça com uma risada. A palavra *Biscotti* está cercada por contas douradas e azuis. Tenho a sensação de que isso tem a ver com Rhodes e sua maneira silenciosa de fazer piadas.

Estendo meu próprio pulso, e Ellie desliza uma pulseira nele.

Amador de Biscotti.

— Boa jogada. — Pisco para Ellie, e ela ri.

Eu a pego no colo, e uma risadinha alegre sai de sua boca.

— Quer ir mostrar a Scottie como se dança?

Ellie assente com entusiasmo.

Capturo o sorriso bonito de Scottie, e todos nós seguimos para a pista de dança para celebrar sermos Sr. e Sra. Olson, de uma vez por todas.

Notas

[←1]

Puck Bunny, são as coelhinhas de disco, as mulheres que procuram jogador de hockey com interesse sexual. Seria o mesmo que o termo usado no futebol, para as Marias Chuteiras.

[←2]

Significa trapaceira ou rebelde em inglês.